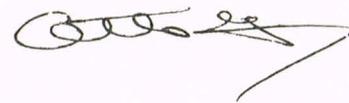


PHELIPPE GUERRA E THEOPHILO GUERRA

**SECCAS CONTRA
A SECCA**

(Terceira Edição)

Coleção Mossoroense
Volume XXIX



Secças contra

a secca

Rio Grande do Norte

Secças e invernos. Açudagem, irrigação. Vida, costumes sertanejos.



CNPq

CONSELHO NACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO
CIENTIFICO E TECNOLÓGICO

A presente publicação foi co-patrocinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, através de seu Programa do Trópico Semi-Árido.

APRESENTAÇÃO

Nascido neste Estado, no Municipio do Triumpho, hoje Augustô Severo, retirei-me cedo, aos seis annos de idade, em companhia de meo Pae, para Minas Geraes, onde na velha Ouro Preto, residimos onze annos.

Nessa antiga capital fiz todos os «preparatorios».

Voltei depois ao sertão de minha terra; ahi residi um anno em férias; pois meo Pae, cheio de pezares pela morte de um meo irmão que acabava de formar-se em S. Paulo, já tendo perdido anteriormente o seu primogenito que cursava uma Academia, mostrava desejos de que eu abandonasse os estudos academicos. De passagem digo que essa má sorte que roubou a meo Pae seus mais queridos e mais esperançosos filhos, ainda opprimiu, depois de sua morte, a nós outros que ficamos, fazendo desapparecer do numero dos vivos, outro filho que com brilhantes esperanças, já havia encetado sua vida publica e cursava o quinto anno da Academia de Direito do Rio de Janeiro.

Estive pois, ao voltar de Minas, um anno inteiro no Sertão. Esse anno—1885—foi de pessimo inverno.

Não podia ser maior o contraste: de Ouro Preto ao Sertão Secco... Isto é, da terra dos nevoeiros, da garôa, da geadã, do meio das «alterosas montanhas» onde não se concebe que um rio, um regato, uma fonte, seja susceptivel de deixar de correr; para a velha «Timbaúba» nos limites da Parahyba com o Rio Grande do Norte.

Passêi o anno em férias, aliás pouco divertidas: o povoado mais proximo achava-se a cerca de seis leguas da fazendã.

Percorria caminhadas de uma ou duas leguas a pé, em caçadas pela serra, sob ardentissimo sol, voltava logo á casa obrigado por intensa sêde.

Em todo o percurso pela serra não era encontrado vestigio denunciador d'aguã.

Para o fim do anno a agua necessaria a todos os usos domesticos era buscada a uma distancia de um quarto de legua.

Qualquer nuvem, qualquer relampago, cujo pestanejar era apenas vislumbreado na orla de longiuo horizonte, eram recebidos com alegria e com esperanças. A observação desses factos feria a minha descuidosa imaginação. O primeiro sentimento que experimentei foi o de medo. Medo de achar-me em pleno Sertão, com o porto mais proximo a trinta leguas de distancia, por caminhos que a minha phantazia figurava intransponiveis. Depois, mais habituado, com os nervos mais calmos, invadiu-me profunda compaixão pelo povo sertanejo, com seus soffrimentos, ameaçada a sua existencia por tão extranha situação, que suppunha condemnal-o a perpetua miseria, em adusto e resequido solo, inapto, pensava, para desenvolvimento da vida social.

Com o correr dos tempos, mais conhecedor da vida sertaneja, observando a indole forte e bondosa do povo, conhecendo melhor suas aptidões, sua inclinação para uma vida de sociedade; vontade de aprender, (não é excepcional vêr-se rude e quasi analphabeto professor, pelas fazendas leccionando primeiras letras) vi que esse povo tinha a fibra dos fortes e energia para vencer. Aquelles sentimentos, transformaram-se em admiração.

Si um povo ao abandono era capaz de tal resistencia, si um povo completamente inculto era capaz de aninhar idéas de progresso material e de elevação moral, si esse povo em vez de barbarizar-se, procurava quasi instinctivamente melhorar, de que não seria capaz quando a sua cultura o tornasse apto a pensar conscientemente e a agir com a intelligencia esclarecida?! D'ahi a idéa constante que me tem preoccupado desde annos, de empenhar meu fraco esforço em prol dessa população. No Congresso do Estado, na imprensa, em palestras, nunca descurei desse proposito.

Em todos os lugares em que tenho residido proponho-me a leccionar, fazendo papel de mestre-escola, quasi sempre gratuitamente. D'ahi varios artigos publicados pela imprensa; e como meio de despertar espiritos já adultos, a propaganda sobre a açudagem.

E' claro, e nem precisaria dizel-o, essa propaganda, principalmente sobre açudagem, iniciada e sustentada teimosamente, por um só, distincto pela fraqueza para arcar com pesado fardo, audacioso em rebater os golpes que a sua incapacidade provocava, não podia produzir abundantes fructos.—Certamente não tenho a pretensão de ser o iniciador da idéa de açudagem no Sertão e muito menos da instrucção.

Desde annos havia sido iniciada a pequena açudagem sertaneja; julgo, porem, no Rio Grande do Norte, ter sido o primeiro a levar a idéa a exame do poder publico, e a encetar-a insistentemente pela imprensa.—Por mais de uma vez já tenho sentido o consolo e o prazer de ouvir: «Segui o seu conselho; fiz um açude, e graças a elle atravessei muito regularmente a crise».

«Os seus escriptos, escreveu-me intelligente e insuspeito patricio da zona do Seridó, coronel Felinto Elisio, guardo-os para educação de meus filhos» «... parabens pelos seus bellos trabalhos sobre regiões interessantissimas deste Estado. O collega permittirá esta expontanea manifestação de sympathia porque é sincera. Não são muitos os que escrevem com tão elevado e criterioso ponto de vista.»

Expressões estas excessivamente bondosas que da Capital do Estado dirigiu-me o Dr. Curvello de Mendonça, o conhecido autor da «Regeneração» e que abrilhanta as columnas do «O Paiz» do Rio.

De varios artigos esparsos resolvi publicar o presente livro. As referencias, para mim honrosissimas, que acima faço, não significam sentimento de vaidade; fazem o papel de apresentação do presente livro: é muito desculpavel a quem, pouco confiante em si, procura padrinho capaz de amparar-lhe a fraqueza. E esses que ahí ficam não foram procurados; si lhes sobra capacidade para proteger a minha fraqueza, não lhes falta a mais fidalga generosidade.

Sei que cheio de faltas e de incorrecções acha-se este livro.

Conheço o estilo barbaro e matuto de suas paginas; perfeição porem não pode offerecer titulado matuto que nem tempo nem dinheiro tem tido para aperfeiçoar conhecimentos.

Não visa porem renome, nem almeja fazer obra litteraria a publicação desta modesta obra. O seu fim é trabalhar pela propaganda da instrucção e da açudagem.

Si, com certeza, não são idéas novas para o Estado—tão pretencioso não seria eu— são ideas tão capitaes á vida sertaneja que exigem ininterrupto alerta!

A idéa creadora da presente obra já foi manifestada e em resumo não é mais do que um preito de admiração que rendo aos humildes, corajosos e soffredores filhos da minha terra. Para estes é especialmente escripta. Sei que elles comprehenderão meus intuitos.

A parte historica, se assim é possível chamar a ligeiras chronicas, contem copia de antigo manuscripto de um meu antepassado; seguem-se apontamentos colhidos por meu irmão Theophilo Guerra, a maior parte em escriptos de meo Pae; e depois constam de observações e escriptos do meu referido irmão. Foram escriptas em epochas diferentes, e em diversos lugares. Cada uma leva o cunho da sua epocha, e do auctor. A carta junta explica a forçada collaboração de meu irmão.

Os meus artigos obedecem á ordem chronologica: vão conforme as datas de sua publicação, alem de alguns não publicadqs ainda.

E' possível que algum facto esteja apreciado de modo diverso do que hoje o faria. Tive mesmo em um ou dous artigos que modificar um certo tour, que, para quem não está a par de circumstancias da occasião, poderia parecer aggressivo. E' muito difficil aparar golpes sem atirar golpes.

Não me exprimo assim a cata de desculpas, que não as quero, pois não me julgo culpado. E' apenas para explicar alguma pequena differença entre um ou dous artigos já publicados e aqui exarados.

Ahi está a obrinha, filha da minha vontade de ser util. Aos doutos peço benevolencia e rogo não a julguem antes de se armarem de coragem e de paciencia para lê-la toda. Aos meus patricios manifesto minha gratidão pelo auxilio prestado para a sua publicação. Seria manifesta ingratição esquecer o «Diário do Natal» e o «Commercio de Mossoró», pelo auxilio material e pelo ensinamento com que sempre me ampararam.

Mossoró, 26—Maio—1909.

PHILIPPE GUERRA.

Ph. Guerra

Meu caro Theophilo

Recebi os cadernos, e mais notas que me enviou relativas ao historico das seccas.

Conforme v. já sabe, eu resolvi publicar os escriptos de propaganda sobre açudagem, reunindo em um só volume tudo o que se acha esparso em jornaes, em folhetos. Tencionava juntar a esses artigos uma chronica das seccas destes Sertões. Para isso já possuia a velha chronica escripta por nosso bisavô e que já fiz publicar; e tambem umas notas que v. fez publicar até o anno de 1898, inclusive; então para obter até hoje soccorri-me a v., pois sabia que possuia as notas até o presente. Entretanto depois da leitura de suas notas, acheia-as tão boas que resolvi publicar-as conforme v. m'as enviou, fazendo assim uma collaboração forçada na obrinha que publicarei.

Desculpe-me esse abuso de confiança; seria um acto de improbidade de minha parte, lançar mão de seu trabalho; e depois... (isso desmancha um pouco a figura de meus escrupulos) poupa-me bastante trabalho, e eu não o faria melhor.

Fiz—desculpe-me—uma pequena alteração resumindo e omitindo certos casos e apreciações suas

A hypochrisia social ainda nos obriga a reservas...

Fallando sobre as experiencias que v. expõe em suas notas e nas tabellas dos annos que organisou, diz que taes cousas não merecem as honras da publicidade, pois poderia parecer dar credito, e até alimentar preconceitos e crendices populares, pouco razoaveis...

Eu não penso assim. V. bem sabe que uma das preocupações dos sertanejos é aventurar vaticinios sobre o inverno esperado.

D'ahi o sem numero de *prophecias* que annualmente apparecem sobre a proxima estação.

Essas *prophecias* são fundadas naquillo que em nosso meio chamamos *experiencia do anno*. As taes *experiencias* ba-

seam-se umas no aspecto que a atmosphera apresenta em certos e determinados dias.

Para muitos tem grande valor essas observações. Na sua chronica, nos annos de sua observação pessoal, vem todas ellas notadas; é facil destacal-as. Entre as acceltas pelo sertanejo, penso eu, as principaes são: o dia 1.º do anno limpo, com sol claro, é signal de bom inverno; chuvoso—indica máo inverno ou secca. O mesmo com o dia 2 de Fevereiro. Chuvas parciaes em Outubro, raras, relampagos para cima, bom signal; chuvas em Novembro, máo signal. Chuvas em Dezembro, raras, babugens, relampagos para cima, optimo signal.

Houve relampagos vespera da Conceição? Excellente signal. O dia 24 de Dezembro apresentou signaes de inverno, chuvas ou mesmo simples relampagos para cima? Pode comprar garrotes sem medo, pois o inverno virá. Choveu domingo de Carnaval; a semana santa foi chuvosa? Bom inverno. Dia de S. José, 19 de Março, foi limpo, ainda soprou o vento da secca? Pode contar com a secca.

Alguns baseiam as previsões em factos certos e determinados que acompanham o anno.

Esses são os que se apresentam com ares de sufficiencia, são os que se julgam mais scientistas; inspiram-se muito no celebre «Lunario Perpetuo» que dizem interpretar; e que tem para muitos sertanejos, ainda a força das «Escripturas Santas». São por isso conhecidos, esses, por «Lunaristas», e suas *experiencias* dizem respeito principalmente aos calendarios. Em que dia principia o anno? Veja o planeta desse dia o que *diz*, o que *promette*, pois será elle o regulador do anno. A Paschoa é cedo ou tarde?

Qual «o aureo numero»?

Qual o *cyclo* solar? A letra dominical?

As *experiencias* do povinho paseiam-se naquillo que elle facilmente encliega.

No fim do anno, as formigas de roça procuram situar-se nas baixas, no leito dos riachos ou dos rios? Não haja duvida: o anno será secco.

Parece que as abelhas de ferrão têm desaparecido? Ninguém as vê? E' secco o anno. Em Novembro ou Dezembro, mesmo em Outubro, em plena secca, os olhos d'agua e as fontes perennes, mostram sensível augmento de aguas? Bom signal.

O joazeiro, a oiticica, a carnaúbeira, brotam cedo?

Bom prenuncio. O peixe está ovado, no fim do anno? Signal favoravel. Emfim, v. sabe, ha innumeras *experiencias*, conforme a phantasia de cada um.

Acho muito interessante pela originalidade, e por ninguém saber em que se baseia, a—«*experiencia* de Santa Luzia» a que o sertanejo liga muita attenção. Todos a conhecemos; consiste em collocar na noite de 12 de Dezembro, vespera de *Santa Luzia*, em um prato, seis pedrinhas de sal, e expol-as ao sereno; as pedrinhas serão dispostas em uma certa ordem; a 1.ª representa Janeiro, a 2.ª Fevereiro, a 3.ª Março, a 4.ª Abril, e assim por diante. Ao amanhecer o dia 13, antes do sol, vai se examinar o estado das pedrinhas de sal, que devem ter passado a noite expostas ao relento; aquellas que estiverem humedecidas indicam inverno, mais ou menos intenso, segundo o estado de humidade da pedrinha, no mez que representa. Si houver alguma *derretida*, indica *invernão*, inundações, no mez correspondente.

Cortam que um gaiatô, vendo uma velha collocar as pedrinhas em certo lugar, foi ás occultas e deitou uma gota d'agua em cada pedra. Pela madrugada a velha ficou aterrorizada e alarmada ante a perspectiva de seis mezes de inundações. Si as pedras apresentarem-se seccas, enxutas, conte com a secca.

As *experiencias* de Santa Luzia ainda estendem-se pelos dias seguintes: o dia 14 de Dezembro apresentou signaes de chuva? Janeiro será chuvoso. Nada houve, nem relampago se viu? Janeiro será secco. E assim por diante; 15 representa Fevereiro; 16 Março; 17 Abril, etc. Ora, nós sabemos que essas *experiencias*, quer de devotos, quer de *lunaristas*, quer de «naturalistas» são muito falliveis. Muitas vezes todos os indícios são promettedores; inexperadamente ali apparece uma falha, sopra o *vento da secca*, suspende-se o inverno: vem a secca. Pode succeder tambem o contrario: todos os signaes são desanimadores; regularisa-se porem a estação e ha um bom inverno.

Infelizmente esta ultima hypothese é mais rara, pois as condições climatericas do sertão propendem mais para secca do que para o inverno.

Até mesmo os dados fornecidos pela tradição, pela historia das seccas, que parecem determinar uma certa repetição periodica do phenomeno, não são rigorosamente seguros. Essa periodicidade não é facto que mereça ser despre-

zado ; merece a maxima attenção, algumas vezes porem tem falhado.

E a *estrella*? Muitos julgam que Venus apparecendo, durante os mezes proprios da estação invernosa, pela madrugada, ao Nascente, é signal de bom inverno ; o anno será secco ou máo, de inverno escasso, etc., si a *estrella* não apparece pela madrugada. Tambem não é segura essa *experiençia*. Assim em 1896 o inverno foi fraco, e a *estrella* foi matutina desde Janeiro até Julho. Em 1898, conhecida secca, desde 15 de Fevereiro Venus foi matutina. Em 1902, muito fraco inverno ; a *estrella* esteve no nascente desde Fevereiro em 904 ainda escasso, desde Janeiro Venus foi matutina ; o mesmo em 907. Coincidencia com as manchas solares... Rodolpho Theophilo, o benemerito Cearense, analysando uma opinião do barão de Capanêma, mostra o desacordo entre factos e numeros positivos, que não apoiam a pretensão a taes coincidencias.

Parece-nos haver uma muito regular correlação entre as seccas do norte do Brazil e semelhante phenomeno que flagella tambem certos paizes da Asia, notadamente a India Inglesa.

Emfim todas as experiencias quer sejam de simples e ingenua credence popular, quer baseadas em phenomeos athmosphericos, são como todas as prophcias, falliveis, capazes porém de interpretações accomodaticias que satisfazem plenamente aos interpretes, e aos que desejam crer.

Em um artigo publicado na «Lavoura» da Sociedade Nacional de Agricultura, de Fevereiro de 1908, lemos : «O phenomeno primordial no seio da athmosphera é a temperatura.

Aqui para nós, parece o phenomeno primordial que influe sobre secca e inverno é o vento ; pelo menos é esse o phenomeno apparente, regulador do anno ; a temperatura é quasi invariavel ; o calor que se experimenta na estação da secca é quasi o mesmo que se experimenta na estação das chuvas ; nesta ultima ha apenas mais humidade ; o frio da estação da secca não é muito differente do frio da madrugada da estação chuvosa. Em ambas as estações ha noites quentes, noites frescas, manhãs quentes, e manhãs frescas « Como é possível, diz ainda o citado artigo, determinar qu chove em tal dia em um dado ponto, quando pode haver um vento que tudo desvie, e este é o resultado da differença de temperatura entre as camadas da athmosphera ?

Sobre o assumpto refere Flammarion, o grande astronomo, exemplos da falta de previsão do tempo, synthetisando nestas palavras a sua opinião : « As certezas astronomicas são absolutas ; sabemos o que se dará d'aqui a 100 annos até 1000 ; mas ninguem sabe o tempo que fará amanhã ». Nos paizes antigos e bem orientados é tomada a média de 50 annos e mais de observações dos postos methereologicos, para que sirva de guia aos seus habitantes em suas necessidades quotidianas ; não passa de uma approximação que, fóra de duvida, já adianta. E neste intuito é que foram estabelecidos em S. Paulo os postos pelos portos mais convenientes do Estado ; e eis ahí indicada a sua utilidade. Taes serviços são de vantagem, principalmente para a agricultura, mas não immediata ; dependem de longo prazo para ser colhido o provento. »

Seja como for, pode-se dizer que não ha sertanejo que se furte á influencia das experiencias ; o meio em que elle vive o tem predisposto. O ambiente de duvidas, de incertezas, de vacillações, em que vive, a permanente ameaça em que se encontra, podendo de um momento para outro ser atirado de um relativo conforto aos crueis dissabores da miseria, esse estado de cousas secundado por sua fraca cultura e por principios religiosos que recebeu, tudo isto arrasta o espirito a uma especie de fatalismo, phantastica ao mesmo tempo, contando sempre com o imprevisto em todos os seus calculos e planos de acção.

E' digno de nota que apesar de uma vida tão causada, accidentada e cheia de soffrimento, o sertanejo seja em geral optimista ; espera sempre que o imprevisto venha de accordo com os seus desejos. Imprevidencia de um povo culto ? Coragem e teimosia das raças fortes que vencem afinal, amparadas e guiadas pelo seu valor que instinctivamente sentem ? Não sei. O sertanejo tem lutado ao desamparo ; sem auxilio, sem guia, principalmente : ás cegas. Não tenhamos duvida porem : elle vencerá ! Por mais de uma vez aquelles que davam guial-o e amparal-o, lhe têm sugerido o abandono do seu torrão. Elle não o abandonará. Vencerá.

Ha exemplos nas chronicas sertanejas de achar-se o sertão sob a triste pressão de uma ameaça de crise, pois o inverno tem tardado a apparecer, o negocio está feio, o gado já morre ; as aguadas falham, o ceu é limpo, o sol abrazador, inclemente, o vento sopra.

Lá para a tarde, ao declinar de ardente dia, a athmos-

phera está paralisada ; o chão escalda. Sente-se o ar levemente abalado, percutido por um som tremulo e longinquo, mal percebido pelo ouvido attento : ainda não é possível determinar de que ponto do horizonte parte esse som, som que produz no espirito do sertanejo o effeito de ar oxygenado em pulmões oppressos. Uma, duas horas depois começam a assomar ao nascente, nuvensinhas brancas ; avolumam-se, azulam a côr; immensa muralha, sem solução de continuidade dilata-se para o norte, para o sul ; alteia-se.

Assemelha-se o ar agora, abalado por descargas de fuzilaria cerrada, muito longe, repetidas. O sol ainda escalda em busca do Occaso, illuminando a scena. O fragor augmenta. Dir-se-hia o mar em furia sobre rochedos ; o sonoro e homicida bronze da artilharia em afastado canhoneio ; o rugido de monstro feroz ! Nada disso : é a voz forte e potente e amiga, do trovão que em successivos lauces, envolve a triste plaga das seccas em sonora tela, que ao mesmo tempo acaricia, infunde coragem, reanima. O sertanejo bem conhece aquelle som ; e comprehende-lhe a linguagem, e' a voz da natureza amiga que lhe incute esperança, é a nota do clarim que reanima a energia abatida... É a muralha de nuvens desdobrada, envolve todo o horizonte que escurece ; o relampago fuzila... Ao amanhecer do dia seguinte abundantes aguaceiros enchem os campos, os corregos, os riachos, os rios...

E' a vida que se reanima ; é a esperança que se acende ; é o inverno que começa !

Lembra-se de um passeio que fizemos em um Março ainda sêcco, a Timbarcha ? A velha e hospitaleira fazenda de nosso bom tio, achava-se em plena sêcca. As cavalgadas da viagem haviam seguido para cima da serra, unico logar onde haviam restos de pastagem. Fazia-se em familia singello novenario a S. José, o santo precursor do inverno sertanejo.

Ao cahir da tarde, o ceu limpo, ouve-se o trovão. Antes de findar a reza da noite, o aguaceiro caía forte, denso, o relampago illuminava o alvo cortinado de chuva que encobria o vulto da serra..

Dentro de duas horas vozes alegres annunciavam : «O riacho da serra desceu ; o açude está tomando agua, o açude está meio.» Eu que havia chegado do Rio, admirava o estranho contentamento provocado por um simples aguaceiro...

Hoje comprehendo.

As *experiencias* sertanejas não fazem mal, e muitas vezes

reanimam um espirito attribulado por ingrata luta : trazem contentamento, passageiro embora ; já é valioso serviço. O sertanejo nellas acredita, nellas confia, mas sempre muito desconfiando.

Qual o sertanejo que não se alegra, que não sente-se desanuviado, ao contemplar, longe ou perto, bella fuzilaria de relampagos enquanto espera a *missa do gallo*?

Diz-me V. que talvez não convenha publicar as *tabellas* que me enviou, pois nenhuma base offerecem de observação regular. Meu caro, eu tambem penso como V. que a maior parte dessas *experiencias* pouco valor têm mas da observação e do estudo de factos muitas vezes julgados sem importancia e até ridiculos, ha decorrido ensaíamentos que figuram como verdades entre a contemporanea sciencia.

As ingenuidades da alchimia guiaram descobertas da clinica moderna.

Nada ha de positivo ainda para previsão de phenomenos productores das sêccas. Sentimos os maleficos effeitos do flagello ; applicemos esforços para minorar suas consequencias ; não desprezemos porém a observação popular por mais ingenua ou cavillosa que nos pareça, já que não temos outro regulamento organizado de accordo com as modernas luzes da meteorologia. A astronomia, a meteorologia não tiveram outras bases.

Publicarei pois, tudo o que V. me enviou. Será mesmo a parte mais valiosa dessa obra de propaganda que atiro á publicidade.

Mossoró, 2º-1909.

Do mano

Philippe.

Esses apontamentos historicos que seguem, foram copiados de antigo manuscripto de meu bisavô paterno Manoel Antonio Dantas Corrêa. Procurei conservar sua forma original. Faltam algumas palavras, que não me foi possível decifral-as. O original, que pertenceu a meu Pae, achava-se em meu poder.

Um velho de 79 annos, natural da freguezia do Seridó, provincia do Rio Grande do Norte, é descendente do coronel Caetano Dantas Corrêa, natural da cidade da Parahyba do Norte, que nasceu na era de 1710, e na idade de 17 annos, não existindo já seus paes, subiu em companhia de um seu irmão mais velho chamado Antonio Dantas Corrêa, para o sertão de Piranhas; e ali ficou sendo seu vaqueiro de gado pelo espaço de 25 annos; e depois deste se transportou para este Seridó, conduzindo já bom principio de bens; e na idade de 43 annos aqui se casou com uma mulher de idade de 16 annos; e vivendo com ella vida marital tiverão do seu matrimonio 9 filhas e 10 filhos; gerando ao ultimo destes na idade de 70 annos; os quaes filhos (á excepção de dois que falleceram ~~paralíticos~~) cresceram e educaram-se por si nos dogmas da religião catholica e regras do bem viver; e sendo elle coronel do regimento de cavallaria milliciana, e achando-se em avançada idade de 80 annos, pediu sua demissão, que foi attendida, por ter exercido o seu posto sempre com honra, terminou os seus dias na idade de 87 annos, ainda com alguma robustez de corpo, e de suas faculdades intellectuaes; deixando uma numerosa descendencia, e de si saudavel memoria, não só aos seus descendentes, como tambem aos mais moradores do lugar de sua residencia.

Ora, este velho sertanejo, seu descendente, passa a dar ao publico uma noticia das seccas mais notaveis e suas consequencias, que têm havido nestes sertões do Norte, adjacentes ao Equador; não só as vistas e passadas por si, como tambem das anteriores.

Por tradição verdadeira sabe que no principio do seculo passado houveram dois annos de sêcca successivos, que foram os de 23 e 24, sendo tambem de poucos annos a sua povoação de gados, não sendo a morrinha muito consideravel; e a fome no povo tambem foi soffrivel, por ser ainda pouco; e mesmo por estar ainda o sertão inculto, havia abundancia de caça, e mel silvestre.

Prosperaram os tempos, multiplicaram o gado e o povo não tanto á proporção, que medeiando 20 annos na era de 44 houve segunda sêcca; nesta morreram os gados a acabar, e

a fome no povo foi consideravel de sorte que meninos que já andavam tornaram ao estado de engatinhar ; e que os moradores do rio Piranhas se viram na precisão de desmanchar as redes de dormir para a pesca do peixe, sendo este tão magro que só tinha a escama e a espiulha e sem outra mistura que agua e sal ; que fraco sustento !

Melhoraram os tempos, multiplicaram os gados, e o povo quasi á proporção, que medeiando 22 annos, succedendo na era de 66, terceira sêcca ; e nesta tambem houve bastante morrinha nos gados, e alguma fome no povo, por haver pouca industria no mesmo povo.

Ora, vamos ás vistas e passadas por si. A primeira foi na era de 78, em sua infancia, medeiando d'aquella só 12 annos ; e foi a morrinha nos gados tão excessiva neste Seridó que havendo proprietarios que já recolhiam quinhentos a mais bezerros, vindo o anno seguinte só recolheram quatro bezerros ; e os mais fazendeiros á proporção ; a fome no povo não foi consideravel por ainda não ser então grande numero ; e mesmo já haver alguma industria.

Prosperaram os annos ; multiplicaram-se os gados, e o povo já á proporção ; de sorte que medeiando só treze annos veio a de 91, que só este Seridó não choveu, havendo proprietario que recolhia 600 bezerros, e findando os mezes de inverno do costume alguns criadores retiraram seus gados para os agrestes da beira mar ; outros os retiraram para os sertões visinhos ao Poente ; e os gados que ficaram no pasto, logo no mez de Setembro feixou a morrinha que parecia acabar-se.

O povo, alguma familia mais pezada e apossada, se retiraram para beira-mar, onde com o seu ter passaram com fartura ; e os que ficaram cá não sentiram fome este primeiro anno ; mas como seguindo-se o anno de 92 em que faltou a chuva geralmente por todos os sertões, a morrinha em gados foi geral, de sorte que os que tinham botado os seus gados para os sertões visinhos, voltaram sem cousa nenhuma, deixando o que tinham conduzido, o que era de folego, morto, e mesmo o trem que haviam levado por não ter em que o carregar.

Ora, vamos ao povo.

Acabados os mezes de inverno sem nenhuma chuva, acabados os mantimentos e o gado juntamente foi um geral clamor ; ver familias inteiras a pé, em busca dos agrestes da beira-mar, distante 50 leguas, morrendo á fome pela estrada ;

enternando se pelos mattos com filhinhos e trem ás costas ; isso por decurso de mezes.

Fallar deste seu sertão : os que ficaram e não se retiraram, entraram a descobrir raizes e fructas de plantas agrestes para seu sustento ; bem como o chique-chique que é uma planta bem brava por ser cercada de espinhos, o miolo da vergonteia servindo de bom sustento, posto que alguns que o tratavam mal, findaram as vidas ; outros uzaram de couros crús, torrados ao fogo, para sustento. Chegou a fome a tanto extremo que foi visto um viandante cosinhando os nervos duros do gado que havia morrido para comer, que tanto era a necessidade que padecia.

Familias houveram que com a sua industria não soffreram o rigor da fome ; outras padeceram ; algumas morreram ; e houveram que disseram, sangradas de morcegos ; estes mesmos animaes ajudaram acabar os gados neste sertão ; os povos que se haviam retirado para beira mar alli mesmo morreu muita gente.

Finalmente continuou a fome todo o resto d'aquelle anno ; e findo o de 92 entrou de 93, que logo em janeiro entrou a chover, porem poucas e salteadas ; plantou-se lavouras ; nasceu abundancia de maxixes que logo pegaram a dar fructas ; e finalmente melancias que foi sanando a fome, que familias houveram que só com este sustento se nutriram, misturando a fructa com o massa da semente ; foram-se decorrendo os mezes de inverno com pouca chuva e pouca pastagem ; recolheram-se os gados que se haviam retirado para os agrestes, em diminuta quantidade ; e por essa razão se plantou pelos mattos lavouras de gerimús, melancias e cabaças sem haver n'ellas destruição.

Mitigou-se a fome, porque a bemfazeja Providencia fez com que tão pouca chuva, tão pouca semente de milho e feijão ajudada com o leite de cabras fizesse fartura no povo, não sendo este numeroso neste sertão, porque os que se haviam retirado, a maior parte por lá ficaram, uns mortos, e alguns de morada.

As cabras naquelle anno chegaram a um preço fóra do costume ; na serra do Teixeira (do sertão de Pinharas) houve quem desse por duas cabras de leite, duas meias dobras ; e o preço commum era quatro mil réis ; e isso para comer-se com a massa e gomma da raiz da mucunã, fazendo-se formidaveis excavações atraz da tal raiz ; e por aqui com o chamado *guardião* nas margens dos riachos, pois naquelle

anno produziu na terra abundancia de batatas, não se usando da massa por ser amargosissima; mas a gomma que dava era excellente que misturada com o leite dava manjar delicioso; e faz admirar que só naquelle anno houve abundancia das taes agrestes plantas; como tambem que o gado vaccum passou todo o verão muito gordo; e o pouco cavalhar que ficou da secca, carquejando continuamente, sem jamais decahir das carnes; que tão boa foi a reforma que fez a secca no sertão.

Entrou o anno de 94; e nelle foi favoravel o inverno; mas logo succederam trez generos de peste; o primeiro foi gafanhotos de azas que devoravam toda a sorte de folhas e fructos das plantas; mas esta peste durou pouco tempo, porque das tres horas da tarde em diante se via um enxame voando para o Nascente parecendo uma nuvem que cobria o Sol; a segunda peste foi de cobras cascaveis, e eram em numerosa quantidade, e parece que haviam estado enterradas nas cavernas; e eram bastante magras; e é de admirar que poucas pessoas fossem mordidas por ella e nenhuma morresse; a 3ª peste foi de ratos, e tão numerosos que os rastos dos outros animaes de um dia, não se viam no outro, ainda mesmo das boiadas que desciam dos sertões para as feiras, porque essa peste se estendeu pelos sertões visinhos do Poente; e que aqui serviu de sustento ao peixe traira que engordou bastante; e não pareça isto exageração, porque das que se mataram se viam algumas com os ratos inteiros no ventre.

Prosperaram os tempos; multiplicaram-se os gados, e o povo á proporção; findou-se aquelle seculo, entrou o presente sem fallencia de chuvas; mas como este Seridó seja um sertão escaldado e por sua natureza falto de inverno, vindo o anno de 8 a 9 faltaram as chuvas; mas sem haver morrinha nos gados, nem fome no povo; vindo o de 14, e neste alguma morrinha houve nos gados, pois este multiplicaram aqui mais do que em outro qualquer sertão.

Foram decorrendo os tempos com mais ou menos chuvas até que chegou o de 25; neste faltaram as chuvas totalmente; não só neste e sertões visinhos, como mesmo pelos brejos.

Acabados os mezes de inverno logo succedeu a morrinha nos gados. O povo que já era numeroso pegou a dispersar-se; uns para cima, buscando Cariry's Novos e Agrestes do Piahy; outros para os Brejos e beira mar.

Alguns criadores retiraram seus gados para os Brejos e Agrestes; uns a vendel-os; outros a refrigerar-os; e outros cuidaram em tratá-los á rama do bom chique-chique; o qual tendo servido para sustento do povo na secca de 92, nesta tambem serviu para o gado vaccum e ovellum, mais que outra qualquer rama queimando-se-lhe os espinhos; e o gado cabrum que andava montado nos mattos por instincto natural lhe deriça com os chiffres o espinho, e nelle mitiga a sêde e a fome. Desde annos que os moradores dos Brejos com qualquer fallencia de farinha saem para o sertão de Curimataú a usar do chique-chique para comer e vender.

Foi naquelle anno que se descobriu e verificou neste rio Acauã, no Seridó, um novo Nilo; e mais vantajoso que o antigo Nilo, porque este para sua producção precisava que a enchente á altura de quinze covados para que o precioso lôdo que depõe pelos campos a fazer a fertilidade d'aquelle contiiente; e o novo com poucas enxurradas com a polmosa agua que em si traz produz uma especie de poeira, e nella produz toda a sorte de sementes que nella se semeiam; tendo o antigo a primazia de ser insequeavel, e o novo pela natureza do sertão passa annos que não corre; e correndo que industrio e insano trabalho não he necessario se lucrar o que se plantou, já aguardo á cabeça, até a planta profundar a raiz, já vigiando o passaro e toda sorte de animaes que devoram os fructos.

Os povos que se haviam retirados para diversos logares grande parte pereceu á fome; e os gados da mesma especie; o que não succedeu aos que não se retiraram e cultivaram o nosso Nilo; passaram com fartura e do seu mesmo gado comeram e lhes ficou alguma semente.

Ora, tendo fallado da calamidade é justo que se diga alguma cousa da prodigiosa abundancia que logo se seguiu. Vieram os annos de 26 e 27; naquelle houve tanta abundancia de gerimús, melões, melancias que sendo a semente que o Nilo havia produzido que servia de sustento não só aos seus moradores, como para os que se regressaram dos Brejos, os quaes vinham tão costeados da fome que morriam pelas estradas antes que alcançassem o nosso Nilo; neste houve outra ainda mais prodigiosa, e foi de uma immensa quantidade de pombas rôlas á semelhança das codornizes dos tempos antigos de que fallam as escripturas; e que sendo estas aves de natureza voar de continuo de uns paizes a outros, naquelle anno existiram sem fallencia em todos os

lugares que haviam soffrido a sêcca ; apparecendo ao mesmo tempo outra prodigiosa quantidade de animaes chamados preás ; estes dois generos fizeram um avultado commercio de negocios nos Brejos, havendo pessoas que compraram escravos ; e é de notar-se que tambem appareceu outra immensa peste de cobras cascaveis que suppõe-se andar á caça dos preás, havendo caçador que matava por dia 6 a 8 que andavão na propagação, sendo rara a pessoa que foi mordida, o que parece um prodigio da Divina Providencia ; e ao mesmo tempo a não ter-se morto tantas naquelle anno, não caberiam na terra.

Prosperaram os tempos, multiplicavam os gados e o povo á proporção em grande numero ; e posto que viesse o anno de 33 e neste Seridó não houvesse chuvas, nem o rio Acauã corresse, e por consequencia não houve vazantes, e por ser um só anno de secca, não houve fome no povo, nem mesmo morrinha nos gados, por serem retirados para os sertões visinhos ao nascente e ao poente ; e logo houve quem julgasse que esse Seridó era o cume do globo terrestre porque na sua altura para o Norte á beira mar, e ao Sul a tocar em certa altura não houveram chuvas, e tem alguma probabilidade de assim ser, porque nesta altura se devidem as aguas para o Nascente e Poente.

Melhorarão os tempos, multiplicarão os gados que pareciam já não cabiam na terra; contava a porção que já se achia a terra cheia, conforme o que disse o Senhor a Noé quando sahiu da arca.

Findou a éra de 30, e entrou a de 40 sempre em bonança; veio o anno de 42 com um inverno extraordinario que as enchentes dos rios destruíram lavouras plantadas; destruíram as cercas destruindo as mesm as terras, deixando tudo em uma praia; e houve logo quem dissesse que aquella abundancia de chuvas indicava grande falta della principalmente neste Seridó pela sua natureza secco; e assim succedeu, que vindo o anno de 43 logo foi aqui falta de chuvas, e nem houve nos gados a meror morrinha, pelos restos da abundancia de 42. Entrou 44, este ainda mais escasso que aquelle; e como os sertões visinhos ao Poente não tinha havido sêcca, em 43 para alli se retiraram os gados por haver nos mesmos sertões abundancia de pastos; mas como os mesmos já se achavam bastantemente cheios, com o que entrou retirado vaccum e cavallar, fez um numero consideravel, que antes de findar o anno pegou a

morrinha nos gados naquelles sertões, não só nos retirados, como tambem nos proprios do pasto.

Neste Seridó os gados que não se haviam retirado, seus donos antes de findar o mesmo anno por experiencia propria do chique-chique entraram no insano trabalho de o queimar para remir os seus gados, e isso pelo decurso de mezes. Este anno de 44 não houve fome no povo deste e dos sertões visinhos pela abundancia de farinha que produziu a serra do Coité; e faz admirar que sendo ella no meio dos sertões, e sendo o sua extensão de Sul a Norte de tres legoas, e de Poente a Nascente uma legoa e meia pôde dar mais de quatro mil alqueires de farinha que não só dos sertões como mesmo dos Brejos, Rio Grandé, Parahyba e mesmo de partes de Pernambuco alli se vinham vêr muitos comboios, e não só este como em annos atraz, assim mesmo havia acontecido.

Findou esse anno, e entrou 45. Ah ! 45!

Neste faltaram totalmente as chuvas não só neste como em todos os sertões visinhos ao Nascente, ao Sul, Norte e mesmo nos mais remotos ao Poente.

Os gados deste sertão por serem já poucos, e mesmo por se estarem tratando acostumados a curtir fome, pouca morrinha; mas nos outros sertões onde costumava chover cedo, faltando-lhe morrerão totalmente.

Ora, findo os mezes do costume do inverno sem algum refrigerio para os gados, e para o povo. Ao mesmo tempo a Divina Providencia com mão liberal e bemfazeja, fez florescer e fructificar todos os Brejos da beira mar desde o Rio Grande ao Sul de Pernambuco; que os povos dos sertões visinhos se alvoroçaram, e mesmo dos mais remotos concorrendo para os mesmos brejos, principalmente para os de Bananeiras, Guarabira e de Areia; uns a plantar, outros a comprar mantimentos, e conduzil-os para os sertões; e faz admirar que havendo já nos mesmos Brejos numeroso povo tenha podido achar alojamento para tantos immigrados que se suppõe em maior numero, e todos acharam mantimentos a faltar, e por preços razoaveis; só os moradores deste rio Acauã, hoje freguezia e villa do Acary, só uma pesada familia de uma familia se retirou; antes para aqui concorreram varias familias de diversas freguezias a buscar abrigo para a vida, que na extensão de quatro a cinco legoas fez um povo numeroso com uma só vasente (tendo algum poço para o commercio) servindo de sustento os legumes, não só para seus donos como tambem para os viandantes que por aqui transi-

vam com suas cavalgadas; e mesmo os que d'aquí conduziram mantimentos dos Brejos, das mesmas vazantes sustentavam suas cavalgadas; havendo sempre nos Brejos abundancia de mantimentos, e por preços razoaveis, pois a bemfeiza Providencia fez com que por todo o tempo do verão houvessem novas chuvas e novas colheitas e não ser preciso virem de fóra como havia acontecido no principio de 45, sendo transportados por mar, de varios paizes, e logo que chegou a colheita de terra ficaram emprazados; toda a sorte de mantimentos que por aqui se vendia era por preços razoaveis e não houve mortandade no povo por causa da fome; o que não succedeu pelos Cariris Novos e sertões visinhos que morreu bastante povo; vendeu-se cento de rapaduras a 48\$ e mais; quarteirão de farinha a 5\$; comeu-se couro e ossos de gado seccos, feito massa, etc.

E no decurso daquelle anno não cessaram os povos dos sertões de seguir de retirada em procura dos Brejos onde acharam abrigo para remir as vidas.

Finalmente findou o anno; entrou o de 46; e quando neste se esperava bom inverno passou Janeiro, Fevereiro, e entrou o de Março, e nada de chuvas nem por aqui, nem mesmo pelos Brejos; em algum sertão houve, e succedeu que a gente má e preguiçosa assentaram consigo que deviam ficar extincto o resto de toda a sorte de gados, porque só queriam enconral-o para o matar e comer, sem se importar saber de quem fosse roubado; de sorte que naquelles sertões donde só houve um anno de secca que foi o de 45, a maior m'orrinha que teve foi de faca, e não de fome; o que não succedeu neste Seridó porque os que trataram seus gados lhe escapou, conforme a forma com que o tratara.

Entrou o mez de Março (como já disse, sem chuvas) mas o dia tres, e o povo já bem desconfiado suppondo ser tambem de secca, escaldado do que já tinha soffrido; mas o dia tres daquelle mez pegou as chuvas por todos os logares donde chegou as noticias; o povo mudou de semblante; fez-se um continuado exercicio de plantações por todos os sertões e suas serras, e os moradores do Nilo Acauã, acabando-se as vazantes com as enxurradas que deu, algumas familias mais indigentes se retiraram para os Brejos, outras pela falta de cavalgadas e mesmo diulheiro para irem vêr mantimentos aos mesmos Brejos antes que chegasse o tempo de cultivar o Nilo, voltaram para o pão ordinario, o bom

chique-chique neste Seridó; pois noutros sertões se uzam de diferentes plantas agrestes.

Os povos dos sertões de cima e mesmo de suas serras, continuaram a descer de retirada em direitura dos Brejos, inda mesmo alguns que se haviam retirado para beira mar ao Norte, alguns, deixando os filhinhos mortos pelas matos, outros escondidos pelas moitas para os não vêr morrer á sua vista (como assim mesmo havia acontecido em o anno de 25); um objecto bem notavel é que havendo tanta fome no povo e tanta rapina que até os cães tem-se furtado pelas casas, não consta que alguém tenha commettido as casas de mantimentos onde os ha, para os roubar; e nem mesmo a quem quer que venha só com sua carga pelas caminhos; tendo isso já sido praticado em outros annos, quando o povo era menos numeroso; parece isso um prodigio.

As chuvas dos Brejos não faltaram, nem os mantimentos faltaram, nem o commercio dos comboios dos sertões visinhos e remotos de 80 legoas, havendo feiras de mais de cem cavalgadas; todas sahiram carregados, e por preços razoaveis; e ainda sobrar mantimentos; parece que a grande maravilha obrada no dezerto por Jesus Christo está apparecendo em nossos dias.

Chegou o tempo de cultivar o nosso Nilo Acauã, e mesmo o Seridó por ter este anno corrido, o que não se deu em 45.

Plantaram-se as vazantes, produziram os fructos de melões, melancias, gerimús e feijão meassa; o deste genero houve uma prodigiosa abundancia que dos sertões visinhos ao Poente aqui se veio ver varios comboios; e esta abundancia durou por todo o resto do verão de 46, não deixando de descer retirantes em massa para os Brejos donde sempre continuara a fatura de toda a qualidade de viveres e por preços bem modicos, menos o genero carne que tem dado um preço supremo, originado pela rigorosa secca dos sertões; mas esta carne é gordissima, porque o pouco inverno de 46 e o pouco gado que escapou engordou extraordinariamente, de sorte que este velho ainda não tinha visto recolher-se vaccas em Fevereiro de 47, todas capazes de fazer-se linguças, pois que findo o anno de 46 entrou o seguinte no qual logo a 17 de Janeiro pegaram as chuvas geraes por donde chegam noticias; e os povos que estavam esfaimados para plantar não deixaram de fazer, isto é, os trabalhadores, que os preguiçosos não faltam.

As chuvas n'aquelle mez deram para nascer e crescer as

plantas ; mas vindo um verão de mais de um mez que em logares estas plantas morreram pelos sertões e pelas serras de perto dos Brejos, e pelas dos sertões de cima do Poente, de onde por aqui passaram familias em procura dos Brejos.

Vindo o mez de Maria continuaram as chuvas, e as plantações que estavam vivas cresceram e fructificaram, e outras se plantaram, que de tudo se vae comendo com muita fartura, ajudado do precioso leite de poucas vaccas que escaparam da secca que faz admirar a grandeza de queijos que ellas tem produzido neste Seridó ; pois que havia muito gado, nunca se fizeram tantos.

Conclue a sua historia dizendo que as sêccas nestes sertões mencionados são necessarias porque reformam os gados para viçarem ; tem feito os homens industriosos ; tem dado valor aos gados do Piahy, donde elles antes não tinham nenhum valor, porque depois da secca de 92, nesta nomeiada, se viu rematar na cidade de Oeiras em Piahy, uma boiada a oitocentos reis por cabeça ; e aqui neste Seridó, no meio do seculo passado se vendeu na feira de Goyanna um magote de gado de açongue a cinco palacas ; este mesmo velho sertanejo dois bois de 8 a 9 do seculo passado deram naquella freira, ambos, cinco mil e seiscentos reis.

Logo, torno a dizer, que as seccas nestes sertões são necessarias, muito principalmente dadas por uma sabedoria infinita que não pode errar, que tudo dispõe para bem de seus filhos,

Villa de Acari, 15 de Junho de 1847.

Snr. coronel Elias Souto

A publicação do «Documento Historico sobre as seccas» de que occupou-se, ha tempos, o «Diario do Natal» trouxe-me á lembrança enyiar-lhe estas «notas» que ahi estão, e que as tenho até a presente data a começar do anno de 1840.

Si é verdade o que affirmou Cicero: «A Historia é a mestra da vida»—deve publical-as, porque a alguém aproveitirão. Foram ellas extrahidas de outros escriptos de pessoas insuspeitas, entre as quaes dous velhos figuram, meu Pae, o Barão do Assú, e o coronel Luiz Manoel. Penso que encontrará alguma cousa que pode e deve ser supprimida ; faça, pois, o que entender, caso queira publical-as.

31—12—98.

Notas Sertanejos.

1840.—O anno foi de pouco inverno no sertão, havendo poucas e raras chuvas de janeiro até abril ; houve todavia abundancia de viveres e provimentos.

1841.—Em janeiro continua o mal triste nos gados em alguns sertões, e havia pasmosa mortandade nos gados, carestia de viveres, fome, clamores lamentosos do povo que augurava sêcca assoladora ; guerra terrivel por parte dos politicos por occasião das eleições na Provincia ; não se realizando no Campo Grande por não comparecerem os mesarios com receio da luta.

Em fevereiro melhorou inteiramente a sorte do povo com o inverno que começou a 24 do dito mez, geralmente. Em março rigoroso inverno, e notavel falta na producção dos gados. Abril quasi secco, contra a expectativa geral ; espantou a peste de lagartas que destruiam as lavouras e arvores dos campos, a ponto de que percorriam-se espaços de muitas leguas sem enxergar-se quasi folha de arvore nem hervas ; a agua do rio estava como tinta de sangue, grossa, proveniente das folhas que as lagartas deitavam abaixo ; nem se podia lavar roupa, por dias ; o que se deu no rio Upanema e no Poço do Baião, em Riacho de Porcos, onde morreu todo o peixe tingujado com semelhante agua. Contou-se que nos sertões do Acarahú as lagar-

tas fizeram com que os moradores de pequenas choupanas as deixassem e na serra do Cuité as lagartas destruíram as roças e eram tantas que quando começaram a morrer serviram de pasto a bandos de urubús que sobre ellas esvoaçavam.

Maior, nada de chuva, e continua a peste de lagartas; perda completa das lavouras, clamor do povo pela fome e carestia antecipada. Junho e julho, brada o povo contra a carestia de viveres; cada qual procura á porfia prover sua casa, não se sabe onde procurar mantimentos; falam os «serristas» e os contractos mais firmes sobre legumes. Em outubro continúa a grande carestia de viveres, e clamor do povo; os lavradores das serras regeitam soberanamente a moeda papel, e escolhem na prata, que é rara, escriptulosa e loucamente a que lhes convem; prover-se cada um de legumes é a grande questão do dia; vêm se por muitas noites relampagos ao longe, para cima, e no fim deste mez houve no Campo Grande uma boa chuva, que principiou para o lado do Assú.

1842.—O anno foi de inverno notável por grande e intenso, e com grandes enchentes.

1843.—Foi de bom inverno.

1844.—Em março faziam em algumas partes romaria com a imagem de S. José, por causa da falta de chuvas que então ameaça de sêcca; a 19 do mesmo mez viram-se os primeiros relampagos, que reanimaram o povo; e a 29 ainda do mesmo mez deu o rio Upanema uma grande cheia que constituiu um semi diluvio.

O anno foi de pouco inverno: em algumas ribeiras ou sertões quasi que houve já sêcca, como na do Seridó. Nas do Assú e Upanema houve algum pasto; mas os gados retirados para ellas do Seridó, acabaram mais depressa todo esse pasto de sorte que pelo mez de outubro começou a morrinha das criações de toda a especie; em novembro e dezembro era já uma calamidade, uma desolação geral e quasi completa.

1845.—Este anno ficou na recordação de todos pela desoladora sêcca nos sertões mais afastados do littoral, como os do centro da Parahyba, e Ceará—Rio do Peixe, Piancó, Pombal, Icó, etc.; foi maxima a desolação, incrível a carestia de generos alimenticios, chegando a dar 60\$ o alqueire de farinha que antes da sêcca custava tres e quatro mil réis; em Pombal e Icó vendeu-se o «oito» de farinha (cerca de 6 litros) a 3\$200; rapaduras, uma a 320, milho, 2\$ o «oito»; garrafa de mel de abelha, de pessima qualidade custava 320;

torravam o couro de gado, reduziam-no á massa, e vendiam essa massa a 1\$ o «oito».

A população pobre retirou-se pela fome, e era lamentavel morrerem pessoas nas viagens, faltas de tudo, á fome, á nudez, á sêde.

Os abastados viram-se em grandes apuros, e passaram pelos dissabores da indigencia muitos delles.

No Brejo de Areia, Parahyba, houve inverno; o que foi um recurso valioso que a Providencia ministrou; affluio para allí população de diversas partes; exerceu o trabalho, a plantação e a lavoura; abundaram legumes que iam para outros logares, por entre a immensa difficuldade de transporte, que foi o que mais opprimiu; dos centros em que haviam generos até em costas humanas se carregaram com incrível coragem, recurso fraco e desesperado.

A população do Seridó, laboriosa e esforçada, appellou para as vasantes do rio, cujas areias são um prodigio de producção em crises taes; dallí tiravam feijão e algumas fructas; e houve quem fizesse grande interesse com a venda disso; e com essas ramas e capim de vasantes, carregados os peixes nas cargas, venciam a viagem longa para o Assú, Mossoró ou Brejo d'Areia em procura de alimentos:

No Assú e Mossoró tudo floresceu pelo commercio vindo por mar; allí desembarcavam nos respectivos portos, todos os generos e recursos; vinham desembarcar as pessoas dos centros afastados com carregamentos que podiam trazer de Pernambuco, Ceará, etc.; vendiam parte para as despezas maritimas, de armazem, e de transporte terrestre, e com grandes sacrificios e dispendios conduziam o que podiam para suas casas. Assim em Assú e Mossoró não houve fome, e sim abundancia de generos, augmento do commercio, do numerario e de recursos; via-se, porem, allí o quadro lamentavel das pessoas que de fóra chegavam de retirada, magras, derrotadas, esfarrapadas; haviam almas generosas e compassivas que agasalhavam as familias assim desoladas, e não aproveitavam a occasião; a par disso, porem, a especulação, a uzura, a perversidade e a dureza de coração, desenvolveram-se.

Victima da fome, da indigencia e da miseria, a honra das donzellas, a fidelidade de casadas, a boa fé de muitos, e penuria de diversos que hontem eram abastados e dispunham de recursos: tudo deu pasto á uzura e á perversidade; taes especuladores houve, taes traficantes de occasião

appareceram que se locupletaram comprando por diminuto preço, e com lesão enormissima, escravos, ouro e prata em obras; houve barril de mel de furo que adquiriu escravo em paga; sacca de farinha que obteve ricos trastes de ouro e prata; houve migalha de alimento que mercadejou a virgindade e a honra, expostas á tentação.

Nos logares mais centraes das comarcas do Assú e da Maioridade, os recursos faltaram, a fome dominou, mas mesmo entre a população pobre ninguem falleceu á fome, nem succumbiu á miseria. Muito concorreu para a alimentação no Assú a notavel lagoa do Piató, que desde muitos annos não havia seccado, e que seccou neste de 45, dando capim, recursos para o cavallar, mandioca, fructas e sobretudo abundante peixe, gordo, bom e barato; e com tal copia e profusão que constituia quasi a alimentação exclusiva da população, chegando até para ser exportado, havia tambem carne de gado bem soffrivel, pois as catíngas do Upanema forneceram sempre gado.

No principio de abril appareceram relampagos e boas chuvas em alguns lugares; correo em parte o rio Upanema; e ainda deu isso boa bagagem em Riacho dos Porcos. Pareceu um principio de inverno; mas cessaram logo essas chuvas dispersas, e murcharam todas as esperanças.

Póde se dizer que em abril já tinha morrido e resechado todo o gado; mas o pouco que sobrevivia, e que talvez fosse a decima parte, não morreu mais: pouquissimo como era sustentava-se nesses raros e escassos recursos, em folhas, tratamento dos donos, e viveu quasi bem.

Em outubro as estradas estavam intransitaveis para o cavallar; nem capim havia, nem folhas verdes, excepto no rio Piranhas ou Assú, e no seu confluente Seridó, pelos quaes haviam recursos das vasantes, onde os donos em ranchos, davam pousada ao viajante que compravam-lhes capim e rama de feijão para os cavallo, e até alguma fructa, como gerimú, melão, etc.

A' noite era preciso em alguns logares, dormirem os cavallo amarrados com capim para a comida, e rodeados de fogueiras para afugentar os morcêgos, que vinham chupal-os; o que foi uma das calamidades da secca, e que acabou de matar o gado em diversas paragens e fazendas proximas ás serras, onde elles abundam.

Nem passarinhos se viam nas estradas, nos campos, que eram a imagem viva da desolação, desertado tudo que nos

annos anteriores por alli morava. Morreu muita gente á fome; houve extraordinario furto de animaes de toda especie, o que obrigava aos donos viverem com essas criações debaixo de vista, em «pastoreadores».

A população pobre e mesmo a que era abastada emigrou para os sertões de Pernambuco e Brejo d'Áreia, onde havia fartura, de legumes; e para cumulo de desgraças manifestou-se a peste de bexigas: assim findou-se o anno de 1845.

1846.—Janeiro foi ainda secco, mas depois do meiado começou-se a ver relampagos ao longe; e assim de secco e de relampagos para os sertões mais remotos succedeu em fevereiro.

A 2 de março, sem o menor ensaio e preparo, começou o inverno nestes sertões, estando já o povo em sustos pela secca precedente; em todo este mez de março continuou o inverno temperado e soffrivel, bem como em abril, maio e junho.

Em maio e junho grassa ainda vigorosa fome no povo, vestigios de 45, pois que do presente inverno ainda não chegaram os recursos.

Vê-se constante movimento no povo: uns de volta á seus lares; outros ainda sahindo delles. Domina o furto escandaloso e impudente, como em 45; o que concorreu para acabar o gado, e é uma calamidade inseparavel das seccas.

Neste annos procuram todos verificar o que lhes restou de gados da secca passada.

Muito pouco sobreviveu; as fazendas ficaram desertas e desprovidas; e geralmente ficaram todos pobres; sendo porém o cabrum o que floresceu na secca de 45, de sorte que vaqueiros de grandes fazendas de gados diziam que antes queriam sel-o de cabras; começaram todos por nova vida em aquisição de gados; tal é a sorte incerta e vacillante dos criadores de gado nestes sertões, segundo a tradição constante, e inevitaveis seccas.

1847.—Entrou o anno bem secco; mas a 18 de janeiro começou inexperadamente um brilhante inverno, chovendo com força até o fim do dito mez. Por todo o mez de fevereiro fez verão quasi geral, continuando elle absoluto e terrivel, já com desacoroamento do povo até a 22 de março, quando reapareceu inverno forte e esplendido, tomando tudo nova face e animação.

Abril continua o inverno bom, regular e temperado; desenvolveu-se no sertão uma grande peste de ratos.

Com a entrada de maio o inverno de temperado que era, tornou-se forte, podendo-se dizer que chueu em todos os dias deste mez.

Junho continua bom inverno. Julho ainda bom inverno, que continuou por todo o mez, bom, moderado, admirando a todos; e havia ainda a grande, espantosa e incrível peste de ratos, assim como uma admiravel fecundidade nos quadrúpedes e irracionaes e até mesmo nos racionaes.

Em agosto havia ainda pastagens verdes, riachos correndo, vestigios do inverno, ainda não findo em todo este mez.

Houve abundancia de legumes baratos; e o gado conservou-se sempre caro pela falta que do mesmo havia, em consequencia dos estragos de 45 e 46.

1848.—Foi um anno de inverno bem escasso, porém sufficiente por estar o sertão ainda vago de criações pela sêcca de 45, que deixou-o quasi despovoado e limpo de animaes; houve alguma fome; o gado ainda muito caro. Apareceo notavel peste de cobras.

1849.—Foi de inverno regular; muita fartura de legumes.

1850.—Houve tambem regular inverno.

1851.—Em janeiro ouve chuvas locaes. Março foi sêcco e abril foi de verão, havendo todavia algumas ramas e pequenas chuvas. O inverno neste anno foi tão pequeno e escasso que não merece o nome de inverno; foi inintelligivel—um é, não é—chuvas aqui, alli e acolá; pouco pasto mas sufficiente, geralmente; aguas raras. No mez de dezembro relampejou muito, dando-se todavia, o facto extraordinario de haverem grandes chuvas, rios «corridos» e açudes cheios, no mez de outubro, o que é pouco commum nestes sertões.

1852.—Bom inverno, começou logo em janeiro.

Houve «mal triste» no gado geralmente e outras epidemias e febre amarella no povo.

1853.—Em janeiro e fevereiro houve sustos geraes no povo, de secca, e mortandade nas criações, gados de toda especie; havendo todavia relampagos ao longe.

Começou o inverno em meados de março; continuou moderado em abril, tendo havido grande prejuizo nos gados e extensa fome no povo em geral, o que admirou, attento á pouca demora do repiquete da secca. O inverno foi muito moderado, dando em junho as ultimas chuvas geraes, que muito aproveitaram ás lavouras e criações.

O anno foi escasso, de grande carestia nos viveres, e portanto de muita fome no povo. Houve mal triste no gado, quando já estava secco o pasto. A producção no gado foi má.

1854.—Pouco inverno; muito pasto; boa producção no gado e alguma abundancia de legumes.

1855.—Pouco inverno e pouco pasto, mas esse pouco mesmo bom; legumes pelas serras que mantiveram regulares preços.

1856.—Em janeiro ha falta de chuvas; principia a morrer gados em alguns logares, havendo porém preparos para chueu.

Em fevereiro desenvolveu-se o inverno no Sertão, e continuou regular até junho, tornando o anno bom.

2857.—Em janeiro houve chuvas locaes, mas em fevereiro appareceu rigoroso verão que prolongou-se até março. Em abril rigoroso inverno. Maio, verão por todo o mez, desde o principio, parecendo mesmo estar findo o inverno, que entretanto logo continuou moderado.

Em novembro já viam-se relampagos para cima, á noite; e mesmo algumas chuvas.

1858.—Correu secco o mez de janeiro; havendo comtudo babagens em alguns lugares por chuvas anteriores. Em 31 appareceram chuvas e relampagos em grande copia, que foram até fevereiro. Em março chueu nos primeiros dias; todos os outros foram de verão.

Abril começou com chuvas, e correu todo elle com inverno moderado, maio e junho foram tambem chuvosos; dando-se por findo o inverno em julho.

Pelo meiado de agosto appareceram relampagos para diversos pontos, facto bem admiravel em tal tempo; até que a 7 e a 8 de setembro cahiram fortes e extemporaneas chuvas; causando grande estranheza esse phenomeno, anormal no sertão, pois affirmam todos, mesmo pessoas de cem annos, que jamais havia sido visto esse inverno em setembro. Prolongou-se até 17 do mesmo mez de setembro esse extranho phenomeno, que se havia manifestado com indicios de inverno commum desde o meiado de agosto sem faltar mesmo noite de rigoroso inverno, como a de 8 de setembro.

1859.—Começou o anno em sêcca, inspirando receios de prejuizos, que de facto, houve no vaccum e cavallar.

A 30 de janeiro deu a primeira chuva que fez correr

os córregos; em Fevereiro continuaram cessando a mortandade nos gados. Em março correram os rios, e o mez foi de inverno quasi rigoroso. Em abril inverno forte, abundante e de grandes chuvas, bem como maio, junho e julho ainda com inverno que prolongou-se até agosto.

1860.—Janeiro sêcco; tudo porém ainda bem quanto á alimentação da população e criação de gados. Fevereiro veio com algumas chuvas e trovoadas; bom principio de inverno. Entrou e proseguiu março com verão; com raras chuvas.

Abril continúa em verão rigoroso, produzindo receios; a semana Santa, de rigoroso verão; a Paschoa muito secca, esperançosa, com muitos relampagos, a noite de 28.

Ha carestia de generos alimenticios pelos sertões; todos procuram prover-se; continuam geraes sustos de secca, não se crendo mais em inverno.

Affluem retiradas de gados para o Pirahú, riacho do Pimenta, Campo Grande onde houve alguma chuva que produziu pouca pastagem.

A noite 30 de abril ainda foi chuvosa, de chuva fina.

Maio entrou com o mesmo aspecto de secca; ha porém quasi todas as noites relampagos ao longe, até ao clarear do dia; si apparece um dia de esperança, vem outro desilludir; pequena chuva aqui e acolá.

A carestia de generos alimenticios e por conseguinte a fome na população torna-se geral e oppressiva.

Continuam as retiradas de gados para a zona do Campo Grande. Junho entrou e proseguiu sem inverno.

Ha pouco legume pelas serras, e nenhum pelo sertão; está pois pronunciada a secca no anno. Procuram todos provimentos; os viveres estão caros. Houve melhor inverno posto que muito tarde no agreste da Provincia, e no Ceará.

O povo todo move-se e inquieta-se a procura de legumes, e de retiradas para gados; a conversa geral é secca; tudo está assustado; havendo já morrinha no gado por toda parte; apertam se os recursos da vida, havendo felizmente farinha barata nos agrestes do Ceará.

A 3 de dezembro viram-se os primeiros relampagos para o lado do Seridó, e na tarde do dia 4 principiaram chuvas e trovoadas perto.

Este mez de dezembro, contra a expectativa, foi de ensaios de chuvas, aqui, alli, acolá; a ribeira do sertão do Seridó teve rios corridos; a do Riacho de Porcos nada teve.

a do Upanema e Parahú ficaram nos mesmos recursos de ramas para os gados, e de algumas babugens em começo.

1861.—Janeiro foi de rigoroso inverno, como não havia memoria de igual, podendo-se dizer que tantos foram os dias do mez, quantos os dias chuvosos e invernosos. Succedeu que a pastagem não podia quasi nascer nem medrar com a chuva diaria. Os gados soffriam porque não tinham tempo de comer pela muita chuva; os rios todos enclheram; riachos, corregos e «taboleiros» mesmos, eram quasi um lago.

Nunca tanto inverno foi visto, e tanta chuva houve nestes sertões no mez de janeiro: confirma-se o proverbio de que todo excesso é vicioso, e tudo o que é demasia prejudica; não houve porém mortandade mencionavel; correndo afinal o inverno muito bom. Em agosto ainda os grandes riachos davam cheias; havendo grandes chuvas quasi geraes aqui pelos sertões; foi pois um inverno muito duradouro.

1862.—Em janeiro apparecem relampagos e chuvas; principio de inverno. Entrou fevereiro com muitas e geraes chuvas, quasi rigoroso inverno.

Domina o cholera no sertão; e vae fazendo muitas victimas.

Março foi tambem de favoravel inverno. Abril continúa com muito bom inverno; o cholera ainda flagella a população.

Junho prosegue o inverno mais fraco; e em julho tanto elle como o cholera dão-se por findos. Houve mortandade no gado no fim do anno.

1863.—Foi tambem de bom inverno.

1864.—Fevereiro e março foram de inverno regular, porém moderado; intenso em abril, com pequenas enchentes. Em maio prosegue moderado o inverno; e assim junho. Houve alguma morrinha no gado, pouca, no fim do anno. Abundancia de legumes nas serras.

1865.—O mez de janeiro foi secco, havendo apenas algumas noites de relampejamento muito ao longe. Ha carestia geral de viveres; e em tudo padecem desapiedadamente a bolsa dos consumidores. Ha grande morrinha de gados pelos sertões do Assú e sustos geraes da secca.

Fevereiro entrou com indícios de inverno, continuando todavia a carestia de viverese pezada mortandade; seguiu se um verão de 15 dias, reaparecendo as chuvas, com as quaes

princípios março. Em abril ainda carestia de gêneros alimentícios, havendo todavia inverno regular em algumas partes. Em julho ainda houve restos de inverno—chuvas fortes e torrencias em alguns dias.

O Natal e todo e mez de dezembro foi sem chuvas e sem relampagos; no fim do anno houve a commum morrinha nos gados.

1866.—Janeiro foi secco, sem chuvas nem esperanças d'ellas; a 31 porém houve muito relampejar, á noite, ao longe. Ha prejuizos e morrinha nos gados em todo o sertão. Em fevereiro continua a morrinha, mas já com inícios de chuvas e inverno. Março foi em geral de inverno moderado, e com enchentes de rios, somente em alguns logares. Abril foi todo de inverno forte e geral, havendo ainda fome no novo por falta de legumes novos.

Maio entrou e correu todo com rigoroso inverno, intenso e diluviano; por esta e pelas provincias visinhas Paratyba, Ceará, são constantes e geraes as noticias de enchentes, causando graves prejuizos, perdas de açudes, de casas, de plantações, etc. Junho continuou com o mesmo rigoroso inverno e intenso do anterior; e já é fóra do normal. Julho ainda foi de inverno mas fraco. Entretanto os gêneros alimentícios ainda conservam-se caros.

Neste mez generalisou-se a peste do mal triste nos gados. Em agosto domina ainda algum inverno com rios e riachos correntes.

O gado de feira e o de criar estão por excessivo preço; o anno tornou-se melhor do que se esperava quanto ao viver e ao passar da população.

1867.—Janeiro e fevereiro foram excassos de chuvas; porém fizeram recursos de ramas para a criação.

Março trouxe melhores ensaios de inverno; escasso porém alguma enchente. Em maio deu-se por findo o inverno, ficando os legumes todos sem segurarem; o povo estremece com receios da carestia de viveres, visto não ter asegurado a colheita do anno. O paiz está em apertos e ha crise politica, financeira, e da guerra com o Paraguay; é geral a penuria de moeda.

A 20 de junho apparecem de repente e inesperadamente chuvas geraes, á noite com trovoadas, o que muito servio para as criações, e ainda para as roças. O anno e a sêcca tornaram-se melhor do que se esperava quanto á ca-

restia de gêneros e recursos de vida. Não houve mortandade nem peste no gado.

1868.—Em janeiro houve chuvas quasi geraes que produziram ramas e babugens, menos pelo Riacho de Porcos.

Fevereiro foi de poucas chuvas, irregulares, salteadas chuvas de fazer apenas babugens. Março entrou com melhores feições de inverno, mas ainda irregular, e de chuvas locaes.

Abril veio com verão, contra a expectativa; a semana Santa porém foi chuvosa, mas de chuvas pouco extensas, e não geraes.

Maio trouxe verão no principio, e assim conservou-se todo: completa perda de legumes. Geraes apprehensões, prevendo carestia de gêneros e fome; ha crise forte por falta de dinheiro e de viveres.

No fim de junho, pelo S. João, appareceram relampagos e chuvas em alguns logares; e nisso ficou.

A 13 de julho houve no Assú uma bôa chuva correndo o resto do mez ali com algumas chuvas; superabundancia das chuvas e inverno que estava havendo pela zona do agreste da provincia. Ha carestia em tudo, fome geral, e crise monetaria total.

O gado muito decahiu, mas não chegou a haver morrinha.

1869.—Foi de inverno um tanto excasso e para o fim do anno houve mortandade no gado.

1870.—Continúa a secca geral e tormentosa nos sertões apresentou-se crise apertada, escassez para a população, que achou-se em graves apuros, podendo sómente prover-se a custo nos portos maritimos de Assú e Mossoró, onde a carestia chegou ao extremo, dando a farinha de mandioca importada quasi exclusivamente do Ceará e Recife, de 20 a 30 mil réis o sacco que deitava de 48 a 80 litros.

Pouco faltou para que morresse tudo á fome e de miseria. Os gados de toda especie pereceram quasi por metade e quando appareceu o inverno pelo meiado de março, aggravou-se ainda mais a morrinha dos gados nos primeiros dias; não houve quasi producção; as fazendas de 50 a 200 bezerros produziram por fim de contas de 10 a 40 bezerros

1871.—No dia 1º de janeiro houve ensaios de chuvas o mez porém correu secco, havendo entretanto relampejamentos. A secca corre regular e favoravel.

Fevereiro correu com ensaios de inverno, relampagos á noite, e chuvas parciaes.

Em março apparecimento progressivo do inverno torna-se geral e constante, chuvas moderadas; os rios com pouca agua. Abril continúa com moderado inverno. Em maio inverno moderadissimo: nada havendo ainda de colheita. A 30 de junho ainda houve relampejamento e trovoadas á noite.

Em julho houve repetição de chuvas como de inverno, o que muito servio para os legumes e plantações que se reputavam em grande parte perdidas. Em agosto ainda chove; barsteza de generos alimenticios; os dias 26 e 28 foram invernosos, com relampagos, trovões; correram rios, riachos.

A 27 de setembro ainda deu boa chuva no Assú, ainda por conta do inverno, com indício do qual correu ainda o mez. Continua a abundancia de viveres.

Em outubro ensaios e preparos de chuva. A 25 de dezembro deixou de haver «missa do gallo» fora da igreja do Assú por causa de chuva na cidade; e no mez não era essa a primeira, pois já haviam dado chuvas grandes; e os preparos e ensaios de inverno foram geraes.

Não houve morrinha nos gados; e findou o anno com abundancia de viveres baratos.

1872.—Janeiro correu todo com bons preludios de inverno, havendo nelle chuvas, babugens boas, rios corridos, etc.

Fevereiro foi já de inverno.

Março foi de inverno ^{no} e continuo: tudo prospera.

Abril continua com inverno constante; de poucas enchentes de rios: fez um desejado verão de 4 a 10; continuando de 15 já com enchentes de rios. Em maio ameaça haver epidemia na população devido a extensão e intensidade do inverno. Junho continua com inverno fino, sarna no cavallar; a 9 de julho ainda houve chuvas como de inverno.

A 25 de dezembro muito relampago á noite; e proseguem ensaios do chuva, e relampagos o resto do anno.

Não houve morrinhas.

1873.—Em janeiro houve ensaios de chuvas e mesmo de inverno em diversos logares,

Fevereiro foi de inverno geral e intenso como o anterior mez.

Em maio começou a apparecer os productos da lavoura dos roçados, para a alimentação do povo; o mez foi ainda de

inverno, e correu tudo abundante e regular. Junho foi ainda de inverno, já moderado; apparece mal triste no gado, e doenças na população. Em julho muda-se o inverno; ha abundancia de viveres; continua a peste no gado; cessando porém a febre no povo.

Má foi a producção do gado; este porém foi pouco atrazado; pois o mal triste foi benigno.

1874.—Houve inverno muito regular e conveniente, que prolongou-se até julho.

Em agosto mal triste no gado. Em outubro ensaios de chuvas.

1875.—O inverno deste anno foi notavel pelas suas grandes enchentes de rios. Em janeiro houve geraes chuvas no sertão.

Em fevereiro continuou inverno intenso e bom.

Março muito bom inverno.

Abril e maio, enchentes de rios, diluvianas, causando grandes estragos no Ceará, Parahyba e Rio Grande do Norte. A cidade de Mossoró foi inundada; o mesmo succedeu á cidade de Caicó. Em dezembro bons principios annunciadores de inverno; rios, corridos, etc.

1876.—Em janeiro houve ensaios de inverno. Em fevereiro principiou elle depois de morrinha nos gados.

Em março já havia immensa carestia de generos alimenticios, e grande fome no povo pelo escasso inverno.

Em agosto continuou a secca a devastar os sertões; fortuna será que fiquem as vidas, e que o inverno volte no tempo opportuno, anno que vem. Pelos Brejos porém, o inverno vai proseguindo com alguma vantagem, circumscripto ao agreste; o gado que não morreu, vendeu-se por pouco mais ou nada e vae sendo comido pelos donos e pelos ladrões.

1877.—Este anno de 77 jámais apagar-se-á da memoria dos sertanejos, pela sua grande secca, que foi considerada peor do que a de 45.

Janeiro foi sêcco, havendo todavia duas chuvas na freguezia de Caraúbas, uma a 25 e a outra a 27; essas chuvas fizeram correr correjos, e até maiores riachos.

Fevereiro continua sem chuvas; março foi igualmente sêcco; principiaram soffrimentos e grandes sustos para a população.

Em abril geral descrença de inverno; estava tudó na maior consternação e calamidade com a sêcca, que vai devo-

rando gados e gente ; houve porém na freguezia de Carafibas ainda uma boa chuva que fez correr os riachos a 25. Em maio continua lamentavel e aterradora a sêcca ; tudo está sendo reduzido á pobreza, á miseria, á fome, á desolação. Pelo meiado deste mez appareceram ainda algumas chuvas, quasi geraes, que se tivessem continuado, ou se as aguas tivessem sido captadas em reservatorios e açudes, muito alliviariam os males e as afflicções da terrivel calamidade. Em junho está accentuada a sêcca, e já ha muitos retirantes para o littoral. Está dado o alarma por todo o paiz. Organizam-se commissões de soccorros, e o Poder Central principia a mover-se enviando soccorros. Onde ha um norlista é organizada uma commissão,

Na capital de Minas Geraes os conselheiros Brito Guerra e Tertuliano Henriques organizam uma commissão central para a provincia de Minas.

A caridade particular em todo o paiz, não se fez esperar.

Para Mossoró e outros pontos do littoral tiram-se as familias acoçadas pela sêcca ; todos andrajosos, famintos e na maior miseria vão perecendo pelas estradas. Mossoró para os destes sertões, foi o ponto principal para onde fugiam todos.

O governo geral procurou mitigar esses males e horrores enviando para alli recursos, que pelo contrario vieram augmentar a calamidade, porque os famintos retirantes sabendo que alli distribuiam-se generos do governo, agglomeravam-se de tal forma e em tão grande numero que não tardaram epidemias : anazarca, beriberi, e por fim bexigas, reservas que apoiam e secundam os destruidores elementos da fome e da miseria.

Existiam em Mossoró, no fim de dezembro, cerca de . . . 25.000 pessoas, cuja occupação unica era terem fome, e morrerem de miseria ou de peste a tudo expunham-se para receber um litro de farinha.

Dessa população adventicia, rara era a pessoa que vestia uma camisa sã, ou vestido sem remendos ; muitos, que antes eram possuidores de media abastança, estavam agora alli esmolando de porta em porta, por haverem attingido a maxima miseria ; e vão cahindo mortos em seus casebres improvisados, ou pelas ruas e calçadas, d'onde são levados para o cemiterio, para a valla commun, por homens pagos para o transporte, e que com o cadaver atado a uma vara, sobre o

hombrão de dous carregadores, seguem a cantarolar, no desempenho da lugubre missão

O desregramento de costumes, o desprezo pelos soffrimentos, a improbidade, o avanço da lascivia, batem-se vantajosamente contra os sentimentos contrarios que tentam refrescal-os.

A sêcca foi devastadora em todos as quatro provincias: Piahy, Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba; em todas ellas ficou a população reduzida á miseria, a ruinas e a pobreza; o quadro foi horrivel, só apreciavel por quem sabe-o por experiencia; foi completa, por assim dizer, a extincção dos semoventes.

A mortandade nos ultimos mezes do anno é espantosa, por toda parte; em Mossoró o obituario accusa uma diaria de 30 a 40 pessoas.

No principio de novembro houve pelos sertões da Parahyba copiosas chuvas, correndo rios e enchendo algum açude.

1878:— Em janeiro continuam os grandes rigores da sêcca ; grande é a quantidade de victimas que tem feito, e continua a fazer, sem conta.

Em Mossoró existe ainda crescidissimo numero de retirantes, que continuam a ter fome, e a morrer de bexigas que agora assolam com mais violencia.

Os viveres conservam-se por preços fabulosos: a farinha de mandioca custa 102\$000 o alqueire de 160 livros; o milho —128\$ o alqueire; rapaduras, grandes, 64\$ o cento; feijão —192\$ o alqueire; arroz em casca 7\$ por 15 kilos.

Esses generos conservaram sempre esses preços, e eram conduzidos para os sertões, como Catolé, em cabeça de gente, recebendo cada individuo para transportar até alli, o peso de 30 kilos, distancia de cerca de 190 kilometros, cerca 32 leguas, a quantia de 4\$000. Neste mez de janeiro, logo no principio, appareceram chuvas geraes nas provincias flagelladas; a população porem descrente de inverno; falta de recursos e de sementes para plantar, temé voltar a seus lares.

Em fevereiro continuam as chuvas de modo pouco inímadador. Em março voltam os horrores, sustos e continua como d'antes a miseria, a fome; as chuvas cahidas até principio deste mez são poucos abundantes. Em abril apparecem de novo as chuvas; mais o inverno prosegue com interrupção; ha calamidade porem, de fome, mortes e miserias; sem interrupção em todo o sertão.

A pouca confiança nos recursos do inverno, a falta de medidas administrativas regularmente empregadas, o afrouxamento de costumes e de hábitos de trabalho, o desanimo da população que havia passado o anno anterior errante, fóra de seus lares, onde nada restava, tudo isso e outras circumstancias mais, occasionaram o recrudescimento da catastrophe que no presente anno ainda pesa sobre os sertões.

A população manteve-se pelo littoral... morrendo.

Em Mossoró a mortalidade duplicou, com o crescimento da população forasteira e miseravel. Quem de outros pontos ia á Mossoró, ao approximar-se do perimetro urbano, tinha o olfacto vivamente impressionado pelo máo halito que da população pestuada e immunda exhalava-se.

Neste anno o pouco gado sobrevivente de 77, manteve-se gordo, dando admiravelmente, abundante leite, alguma vacca restante. O escasso inverno do anno foi sufficiente para o muito pouco gado existente. A miseria, a desgraça, os soffrimentos, a mortalidade da população mantiveram-se durante o anno, duplicadas em relação ao anterior.

1879.—O inverno deste anno foi ainda muito pequeno mas sufficiente em pastagens, visto o pouco gado ainda existente.

A população tem-se internado para seus lares; sem recursos para iniciar o trabalho, desorganizado durante dous annos, é impossivel esperar grande abundancia de safra. A população foi muito desfalcada, quer pela cifra da mortalidade, quer pela emigração, que principiou no anno de 77.

1880.—Em janeiro houve ensaio de inverno, com algumas chuvas locais. Em fevereiro depois de serios receios de mais um anno de secca, cahiram copiosas chuvas por todo o sertão, de 16 em diante. Março continúa com abundante inverno. Abril é copioso e geral: está seguro o inverno.

Dezembro apresenta chuvas locais, e bons indícios do futuro inverno.

1881.—Em janeiro e fevereiro apparecem chuvas locais, que vão annunciando o inverno.

Abril é de muito bom inverno; mesmo promettendo algumas inundações.

Maio continúa com abundante inverno, e apparece admiravel fartura de roçados e lavouras; junho continúa com bom inverno.

Em julho e agosto ainda ha inverno quasi geral, facto

pouco commum, e que tornou-se nocivo á criação e a lavoura.

1882.—O anno foi de inverno muito regular.

1883.—Começou o inverno em janeiro, continuando regular em fevereiro; melhor em março. Em abril já havia recursos nos roçados; e assim continuou até junho. Em dezembro os rios Piranhas e Seridó tiveram agua nova.

1884.—Janeiro foi sem inverno; em fevereiro apparecem chuvas locais, prenuncio de inverno, que começou em março, depois de ter por sua demora, occasionado algum prejuizo na criação, principalmente na producção do anno.

1885.—Janeiro foi secco, de sol abrazador. Em fevereiro fracos signaes de inverno; algumas babugens.

Em março continuam chuvas locais, com pequenos recursos. Em abril foi a semana Santa de ensaios e trovoadas, com chuvas para diversos logares; entretanto nem mesmo a crise de aguadas desapareceu de todo.

Maio veio com sol ardente, calor forte, sem preparos de chuvas; tudo está dubio, vacillante, e insufficiente para a vida do sertão. Junho estava nas condições de maio; crê-se findo o inverno. Ficou do inverno, pouco pasto; em algumas fazendas—nenhum; pouca agua, em algumas fazendas, nenhuma; pois os rios não correram todos, os açudes poucos encheram, quasi nenhuma lavoura seguiu.

Em novembro continuou a secca; a fome na população é grande e geral; a esterilidade domina tudo, ha falta de aguadas para os gados, que ainda vão atravessando sem morriha. Em dezembro começou a apparecer alguns preparos de nuvens e de atmospheria, relampagos para os sertões de cima, d'onde vão chegando noticias animadoras; a 24 houve relampagos, o dia 25 foi de estação secca, e sem esperanças de inverno, a fome na população pobre continua oppressiva.

1886.—Em janeiro houve chuvas locais, fazendo rammas. Em fevereiro começou o inverno que continuou bem moderado. Em março appareceram já os pequenos recursos de inverno para as criações, não tendo porém abundancia d'agua. Abril e maio continuaram ainda de escassos recursos. Em junho dá-se por findo o inverno, que todavia foi melhor do que o do anno passado; houve rios sem correr, e açudes sem encher.

1887.—Janeiro corre regular, a estação da secca, com relampejamentos á noite, chuvas dispersas; preparativos de in-

verno, ramas, escassas babugens, e grande aperto por falta-rem aguadas.

Fevereiro entrou em condições iguaes a janeiro, o dia 1º completamente limpo, sol ardente, a 7 apparece mudança de tempo, a 8 continúa o tempo limpo e sêcco, e assim continuou até o fim. No dia 28 de fevereiro mudou o tempo: dia nublado, e esplendido de preparos para chuvas; muito relampejar e trovejar para diversos logares, parecendo que ia começar o inverno, que realmente continuou bofo, abundante e vantajoso.

Abril continuou com inverno intenso e geral, vigoroso, com rios e açudes cheios, e tudo abundante. Em maio prosegue inverno regular e favoravel. Junho prosegue com inverno moderado e fino. A 30 de julho ainda chueu, assim tambem houve uma chuva a 28 de agosto. Em dezembro prosegue estação sêcca, suave e regular, mas sem signaes promissores de futuro inverno.

1888.—Janeiro foi sêcco. Em fevereiro appareceram chuvas locais, que logo cessaram. Março continúa com o verão, a 28 reaparecem as chuvas depois de 36 dias de verão, vindo de fevereiro.

Em abril principiam a apparecer os effeitos da sêcca, pois e inverno tem sido nenhum.

Em maio continua a sêcca, que começa a opprimir a população no Rio Grande do Norte, Ceará e Parahyba. Em junho continuou o mesmo estado de cousas, não havendo porém mortandade no gado, porque ao fim deste mez para o principio de julho caíram chuvas que muito melhoraram as condições criticas da secca em algumas localidades, como na freguezia de Caraúbas onde chegou a haver um certo pastinho que fez escapar os gados do municipio, amparando até retiradas de outros.

Em dezembro appareceram chuvas locais que vieram melhorar a falta de aguadas.

1889.—Janeiro e fevereiro foram seccos. Em março appareceram relampagos ao longe, quasi todas as noites; ha noticias de chuvas locais, que vão mantendo a população, que aliás se estorce na fome e na miseria.

Ha multidão de famintos, maltrapilhos, esmolando pelas portas em Mossoró; a crise está ingrata. Os competentes esforçam-se pelo inicio de trabalhos publicos afim de dar serviço aos retirantes. Em Mossoró caiu no principio deste mez uma grande chuva com forte borrasca

A 16 caiu outra boa chuva em Mossoró, com tempestade, servindo de grande recurso e animação, porque renovou e reverdeceu a pastagem que estava a extinguir-se; melhorou as aguadas, e ainda apanhou viva alguma lavoura e plantações, deixando a terra bem molhada. A 29 manifestou-se ensaios e preparos de chuvas por diversos lugares, o que parece indicar começado o inverno. Abril entrou com verão, a miseria e a fome na população pobre prosegue no mesmo pé. Continuam ensaios de inverno e chuvas; os rios deram suas pequenas cheias, e quasi todos os açudes estão cheios. Apparece completo e rigoroso verão; nublam-se os dias nas primeiras horas, mas ao cair da tarde, de repente, ventos varrem todas as nuvens; o inverno não se tem podido firmar, a população continúa faminta. Maio entra de verão; a 3 o dia foi chuvoso, dando em Mossoró e outros pontos soffríveis chuvas, que grandes beneficios trouxeram alentando lavouras prestes a extinguirem-se; no dia 4 porém, volta o verão com sol limpo. Em Mossoró o mercado alimenticio continúa barato; a miseria na população é grande, não ha trabalho. Em Caraúbas além da macambira das seccas, ha uma tal ou qual fartura de melancias que vai sustentando a população pobre, com minguados salarios ganho no pequeno socorro enviado, com applicação em trabalhos no açude da villa, e depois no Apanha-Peixe.

A 23 correu o dia com a mesma feição dos anteriores, de verão; á tarde porém levantaram-se algumas nuvens para leste e sul, havendo á noite relampagos e trovões, chuvas, ao longe, e segundo noticias posteriores, pela zona do Martins houve chuva torrencial e abundantes, vindo o rio Umari com agua até o rio Apody que tambem *desceu*. Nos dias immediatos ainda houve animação de inverno, entretanto com essas chuvas irregulares e tardias não houve lavouras seguras; a colheita foi prejudicada quasi totalmente; a pastagem segurou a ponto de engordar o gado.

Em junho ainda apparecem dias animadores, chuvas locais, concorrendo para melhorar a situação. A miseria no povo continúa grande e ha forte corrente emigratoria para as provincias do Norte, com passagens pagas pelo Governo.

Ha fartura de carne gorda e barata, devido a depreciação do gado.

A 27 de agosto houve neblinas, e relampagos ao longe,

A salubridade publica continúa optima. Ha casos de carbunculo no gado.

Novembro continúa com a crise apertando-se os criadores por falta de pastagens para o gado. A 4 appareceram relampagos a Leste.

Em dezembro, a 3. houve, á noite, esplendido relampejamento e bonito trovejar ; foi uma esperançosa noite de inverno, bem como o dia 4. O mercado alimenticio continúa escasso e caro. A 10 e 11 houve ainda ensaios para chuva; a 13 porém mudou-se o tempo para muito limpo, e sem mais relampagos ; o que é máo presagio para as experiencias de Santa Luzia, a respeito do inverno do anno vindouro.

A 15 reaparecem os ensaios de inverno, trovões e alguns chuveiros, e o mesmo a 16.

A secca porém agrava-se ; passam retirantes famintos para o littoral ; o mercado de generos vai escasso, e a preços elevados.

Já morre gado por muito magro.

A 25 sol e atmospherá ardentes como fogo ; o povo está faminto e desanimado.

1890.—Entrou e começou o anno com a mesma feição, e nas mesmas condições de secca desastrosa com que findou o anterior, sol e atmospherá ardentes como fogo; sem esperanças de chuvas, fome e miseria na população, morrinha no gado. Tornou-se o mez depois, muito promettedor de inverno, pelo apparecimento de chuvas locais, relampagos, trovões, etc., deixando em alguns logares recursos para o gado ; a feição geral do sertão é porém, ainda a grave crise de secca.

A 1º de fevereiro apparecem relampagos ao longe ; a 6, trovoadas ; a 14 continúa o inverno dubio ; a 15 houve uma boa chuva em Caraubas, que durando meia hora, fez tomar boa porção d'agua o açude do governo ; foi uma grande esmola da Providencia. Os generos estão carissimos. A 28 sol quente, ceu limpo, sem nuvens, sem relampagos : o unico nessas condições no presente mez.

Março entrou com o mesmo desanimo ; havendo todavia relampagos ao longe, e a 5 com maior profusão : ha noticias de chuvas e bom estado de lavouras por algumas serras ; de Assú ao Apody ha falta de chuvas, bem sensivel e geralmente apezar de relampejar todas as noites, excepto um dia, desde 7 de janeiro o que constitue notavel especialidade do presente anno ; relampagos constantes, e chuvas

poucas, com inverno dubio e escasso ; dominando a crise—fome e miseria.

Ha noticias dos rios Piranhas, Seridó e Apody, com agua.

A 20 abundante relampejamento. A 22 boa chuva em Caraubas, onde havia apenas escassas babugens. Pode-se dizer que o mez foi chuvoso, mas de tal forma irregular que ainda ha localidades seccas ; assim como ha zonas de muito regular inverno, para pastagens. e mesmo para a lavoura. Abril principiou de verão com raros relampagos, a 10 principia a melhorar o tempo, apparecendo chuvas. Começam a apparecer pequenos recursos de inverno ; ha noticias de plantações seguras pelas serras. Todo este mez que aliás principiou secco, foi, depois, de inverno mais generalizado e vantajoso, deixando o sertão bem chuido, rios corridos, açudes cheios, etc.

Maió veio com inverno, como o mez anterior, até 20 ; a pastagem está segura, as lavouras das serras estão seguras, no sertão ainda houve prejuizo na lavoura. Junho entrou com verão ; a 22 apparecem trovoadas e chuvas. Julho terminou o inverno ; a população pobre teve, aqui fartura apenas de feijão e de melancias ; feijão—40 rs. o litro melancias—200 rs. a carga.

Em outubro apparecem relampagos para o poente. Em novembro continuam os preparativos para chuvas—relampagos ao longe ; houve mesmo chuvas locais, creando boas ramas, etc. Dezembro continua com os ensaios de inverno. De 13 a 20 houve mesmo muito relampejamento, e bonitas preparações que animaram a população. A 24 trovoadas, neblinas ; a 25 sol ardente, dia limpo ; reaparecem os ensaios para 27.

1891—Começou o mez e o anno com estação nublada, alguma trovoadá á tarde, sem seguimento para a noite. O mez correu secco, com ingrata e dura feição de secca ardente como fogo ; raro relampejamento ao longe. Os gados definharam consideravelmente ; os generos escasseiam e sobem de preço. Fevereiro foi secco ; relampejamento em muitas noites, algumas chuvas locais, que deixaram bons recursos.

Março entrou com fracos preparativos e ensaios de inverno ; a 1º esplendido relampejamento á noite, ao nascente, que pouco *caminhou* ; a 29 bons preparos para chuva ; de 20 a 25 bonito e esperançoso relampejamento, mas tudo com pouca vantagem posterior. De nenhum sertão dos vizinhos Estados

chega noticia de inverno : secca, fome e miseria ; não se vê uma sahida em tal aperto para a população, a não ser a confiança de que nas maiores afflicções acode Deus infinito.

Nem um rio correu ainda ; nem um açude tomou agua capaz de aproveitar.

A 1º de abril bonito relampejamento e trovões ; até o meiado do mez os ensaios e as promessas de inverno são animadoras.

Catolé, Brejo do Cruz, Pombal, na Parahyba, e outros logares, estão bem chuvidos ; o rio Piranhas esteve de nado ; os generos porém conservam-se çatos, sem alteração.

Do meiado do mez em diante cessou tudo ; volta tempo medonho e verão ameaçador ; sol ardente, dias limpos, sem nuvens, sem signal nem esperança de chuvas ; a população está desanimada, pois do que tem chuido não ha resultado a não ser tenras babugens.

Maio entrou com o mesmo aspecto de secca ; a 3 porem apparecem alguns preparos de chuvas, chegando mesmo a haver chuveiros ao longe ; correu o mez depois com algumas chuvas, boas em alguns logares, menores em outros ; e por fim neblineiros ; todavia confirmam ellas pequena e fraca pastagem ; não ha porém noticia de lavoura segura por estes sertões proximos. Dá-se por findo o inverno, que foi tão pequeno, irregular e escasso, que mal se pode chamar inverno, é muito provavel que de setembro em diante seja completa a mortandade no gado, á falta de pastagens e de aguadas ; a fome será grande, pois não *seguro* lavoura nem mesmo nas serras de producção.

De 23 a 24 de junho houve neblineiros, e mesmo chuvas em algumas localidades ; 27, completo nublamento.

A freguezia de Caraúbas não obstante o pouco inverno, ficou com um certo pastinho para o qual lançam todos os visinhos suas vistas, e effectivamente para ella retiram seus gados. Em julho passam retirantes do interior em busca de Mossoró ; ha noticias de que pelo agreste e pelos brejos da Parahyba vai bom o inverno, e ha legumes *seguros*.

Agosto continua secco ; a 24 apparecem neblineiros geraes. Os viveres estão em preço alto, menos a carne, que ainda está gorda.

Outubro correu em plena secca ; a 30 e 31 houve bonito relampejamento com chuvas locais. Em novembro houve relampejamento a 24, ao nascente. Em dezembro a mesma feição de secca rigorosa ; a 8 sol encoberto, debaixo de um

veu branco. A 13 ingratas foram as experiencias de Santa Luzia : sol, estação, atmosphera, ardentes, de fogo.

A 19 relampejamento ao Poente, muito ao longe. A 30 relampagos ao Sul, e a 31 preparações para chuvas, com trovões, neblinas, copioso relampejamento, tambem ao Sul, até a madrugada. As noticias da secca são más, e alcançam até os centros da Bahia, e do Piahy.

1892.—Janeiro foi secco, havendo todavia relampagos para os sertões de cima ; ha grande emigração de povo para o littoral ; absoluta falta de pastagens, e grande escassez de aguadas. Fevereiro continua com a mesma feição de secca ; havendo, porém, algumas chuvinhas locais, findando, porém, o mez em abrasador verão. Março continúa com fraco e dubio inverno.

Maio foi secco, pequenas chuvinhas ; não ha ainda nem pastagens nem lavouras seguras ; é geral a descrença no inverno ; os viveres estão por elevadissimos preços ; a producção do gado foi pessima, ha quasi grande falta de leite, o principal e o mais facil recurso para o povo nos invernos.

Junho ainda foi de escassas chuvas ; confirmando a terminação do fraco inverno. Julho principiou com um dia animadissimo ; houve chuvas, trovões, relampagos, etc. ; a pouca pastagem que ainda estava pouco segura, chegou a reverdecer.

Em setembro e outubro apparecem relampagos para os sertões de cima. Em novembro apparecem pequenas chuvas que alentam os gados, já muito magros, com as ramas que produzem. A 2 de dezembro houve algumas chuvas, que fizeram alguma agua ; o fim do mez foi de chuvas geraes, com rios *corridos*, açudes e lagoas cheias.

1893.—Em janeiro já ha recursos para os gados ; e apparecem chuvas.

Em fevereiro depois de verão não pequeno, reapparecem as chuvas a 13, reverdecedo os campos já murchos. Em março continúa o inverno — pastagem bem crescida e verdes os campos.

Abril continúa com regular inverno ; que assim foi até o fim. Em outubro ha relampagos ao longe. Em novembro e dezembro ha chuvas boas e geraes, chegando o rio Assú a Macau no ultimo de novembro. No fim do anno ha recursos de pastagens e aguadas por toda parte.

1894.—O inverno deste anno foi notavel por muito

grande e de muitas enchentes. Em janeiro já ha pouco inverno; e assim continuou fevereiro.

Março foi de rigoroso inverno; havendo grandes chuvas geraes nestes sertões, que tendo começado ás 4 horas da tarde durou sempre torrencial, até á manhã seguinte, produzindo geral diluvio, inundações, arrombamento de muitos açudes, grandes prejuizos em plantações, cercas, etc. O rio Apody deu immensa cheia, subindo as aguas fora do leito dez palmos, onde em 75—outro inverno celebre pelas inundações—havia attingido sete palmos; todo o mez de março assim continuou, podendo-se dizer que não houve um só dia sem chuva, os campos atolaram de tal forma a impossibilitar andar-se a cavallo.

Abril e maio foram de rigoroso inverno. Em junho ainda atolavam os campos; em julho e em agosto ainda chueu. Houve duas colheitas, e em alguns logares tres.

Dizem os antigos não haver memoria de outro inverno ao mesmo tempo tão rigoroso, e tão prolongado. A fartura foi immensa.

1825.—O inverno começou a 16 de fevereiro. Em março continúa a chuer abundantemente. Abril, maio e junho, foram de abundantes chuvas. Em julho ainda continua mais fraco o inverno, em agosto e setembro ainda houve algumas chuvas locaes.

1826.—Janeiro foi secco; o gado está muito magro. A 11 de fevereiro principiou o inverno, que não foi bom, havendo todavia alguma pastagem.

Para o fim do anno houve a secca, morrendo gados por falta de pastagens, e principalmente por epizootias.

Em dezembro houve chuvas abundantes pelos sertões, principalmente em Piancó, Pombal, Rio do Peixe, Caicó, etc, o que fez suspender a mortandade dos gados, que soffreram um desfalque de 30 %.

1827.—Em janeiro continúa a sêcca; os prejuizos são incalculaveis; apparecem, porém, chuvas no fim do mez, que suspenderam a mortandade.

Em fevereiro são geraes as chuvas, neste e no visinho Estado da Parahyba, tendo começado inverno geral a 29 do mez quando os rios correram; a alegria é geral, pois todos temiam a secca.

Em março continuam as chuvas, fracas. Em abril continúa o inverno que pode se dizer seguro nos sertões, e bom, tanto para pastagens, como para lavouras. Em maio, a 1º, chuvas

geraes depois de verão não pequeno com o qual foi muito prejudicada a colheita do milho. Em junho dá-se por findo o inverno, que aqui não foi dos melhores; sendo muito bom para o Ceará. O mez de maio foi bastante chuvoso, principalmente no Caicó, onde chueu todos os dias, havendo grande fartura.

1828.—Janeiro foi secco; houve, porém, relampagos ao longe, e até chuvas locaes, que produziram algumas ramas e recursos para a criação.

A 2 de fevereiro cahiu em Caraúbas a primeira chuva por conta do inverno do anno; foi pequena, e não fez agua.

Segue-se verão, com relampagos ao longe; e depois pequenas chuvas, locaes. O povo começa a ter sustos de secca; os generos sobem de preço.

Março torna-se notavel pelo apparecimento de onças por estes sertões, onde eram raras. Continuam os sustos de secca; o gado definha, não ha morrinha ainda; excellente produção no vaccum e no cavallar.

O céu conserva-se triste e ameaçador: limpo, claro, nem uma nuvem e se alguma apparece é logo desfeita pelo vento que continúa a soprar do Nordeste. A 18, começou mudança de tempo para melhor; nuvens, relampagos, ao nascente; houve boa chuva na freguezia do Campo Grande. A 19 a mesma animação para chover; os mesmos relampagos ao nascente, mas continuam os ventos norte e sul; grande e notavel emigração de borboletas vindas do doente para o nascente.

A 25 muito animado para chover, e effectivamente cahiram algumas chuvas com bastante relampagos e trovões em algumas localidades; e assim em preparos e ameaças de chuvas continuou e findou o mez sem que nenhum recurso para gente nem para bichos deixasse elle que inspirasse confiança.

Apparece muito furto no gado miudo; os legumes sobem de preço; nada, porém, parece ainda á fome, nem gente, nem bichos, estes ultimos por causa da pouca rama que ha. Quem possui algum mantimento não o vende por preço algum; de sorte que a fome na população pobre é immensa. Abril entrou com aterrador verão; raros relampagos ao longe; a 13 e a 18 cahiram pequenas chuvas em Caraúbas, mãs tão pequenas que em nada foi modificada a situação; o resto do mez, foi de verão, embora com relampejamento ao longe.

A pequena e escassa babugem que ha está quasi sec-

ca e extincta. A população pobre conta apenas com o tristíssimo recurso da macambira e do chique-chique com que ha muito se alimenta. Os viveres sobem dia a dia de preço, chegando a farinha de mandioca a 60\$ o alqueire, rapaduras 60\$ o alqueire, feijão 600 réis o litro; e assim são comprados a titulo de favor para o consumidor.

Em maio continua a secca a opprimir a população; não ha, porém, mortandade nos gados, que já estão esqueleticos; não ha noticias de recursos para parte alguma das localidades visinhas. A falta de aguas é muito sensivel.

Perderam-se todas as esperanças depositadas neste mez, e ninguem appella mesmo para o vindouro, visto o aspecto do tempo não permittir essa illusão.

Ainda não morre gado de magro, porém nao tardará. Ha noticias de pequeno inverno para os sertões de cima 'Cariris' ondem dizem ser esperada grande safra de canna de assucar. Em julho começa a morrer gado, e prosegue espantosa fome na população.

Todos procuram tomar medidas para salvação ou aproveitamento dos gados; uns tomam o expediente de entregar um certo numero de rezes á um tratador, que terá por pagamento a metade das que conseguir escapar; outros mandam matar as mais fracas, para com suas pelles, que estão a bom preço, obter recursos para *tratar* as restantes; outros fecham os ollos, entregando tudo ao abandono. No Caicó, em inventario judicial, os gados eram avaliados de 10\$ a 1\$; herdeiros faziam questão para não receber garrotes avaliados, entretanto, a 2\$.

Immensa é a corrente de emigrantes para o norte, não tendo embarcado ou seguido por terra para o Ceará, menos de 16 mil retirantes nesses ultimos tres mezes. Os viveres continuam caros e escassos; a venda em Caraúbas, da massa de macambira a 200 rs. o litro, e o alto preço das pelles, têm sido o unico recurso para a população. Continua a mortandade no gado, principalmente no cavallar, que ameaça extinguir. A falta d'agua é grande. O poder publico continúa indifferente aos reclamos da opinião publica e aos sofrimentos da população.

Setembro:— continuam as desgraças da secca, que não tem sido mais devastadora porque o sertanejo inventa para assim dizer, recursos. A população pobre só tem por alimento chique-chique assado, macambira, e carne de gado que é encontrado morto de magro. Não ha nos campos, em

todo o sertão, um talô de capim, nem mesmo quasi folha. seccas; a unica alimentação para os gados é chique-chique, macambira, carnaúba, etc.

Outubro apresenta os primeiros relampagos para cima. Novembro continua a mesma crise aterradora; já ha pessoas caidas á fome pelas estradas. Fazendeiros ha que fecharam as porteiras.

A maior fartura que houve para o fim do anno foi de dinheiro, pois os generos de commercio sertanejo deram altos preços: pelle de bode, 3\$ e até mais; couro secco 1\$500 o kilo; borracha de maniçoba, 5\$ até 7\$ o kilo; cêra de carnaúba, 20\$ a 30\$ a arroba; esses altos preços eram absorvidos pelos fabulosos preços dos generos alimenticios.

1899. O dia 1 do anno foi — segundo a esthetica sertanejafeio—medonho e triste: o céu purissimo, sem uma nuvem a manchar-lhe o azul.

A 7 houve relampagos para o sul; a 8 desanima o tempo. Neste dia o mercado de ~~Caraúba~~ ^{Caraúba} offereceu os seguintes preços para cada cinco litros: farinha, 2\$200; feijão, 4\$; massa de macambira, 1\$200; rapadura, ruim, uma, \$700; *beijú* de chique-chique cada um de 150 grammas, por \$50; carne de pessima qualidade. O dia 14 ventoso e nublado; a 15 amanhece relampejando para cima; a 17 abundantes relampagos ao Poente; a 18 outro bonito relampejar e trovejar para Nordeste, mas que aqui não chegou.

Em Caraúbas é geral o queixume por falta d'agua, mesmo potavel, e todos fallam em retirada. Grande é a corrente de emigrantes dos sertões de cima em busca de Mossoró. Ha muito furto de bodes.

A 23 e a 24 houve muitos relampagos para diversos pontos, até pela manhã passando todo esse dia a trovejar.

Ha noticias de rios corridos e açudes cheios; aqui porém, ainda estamos em secca.

No fim deste mez, em Caraúbas, os viveres foram vendidos a 500 rs. s litro de milho; 800 rs. o de feijão; 260 rs. o de macambira; farinha de mandioca 500 rs.; assucar bruto 800 rs. o kilo; uma rapadura por 900 rs.; o quarto de bode, magro, por 3\$000.

Houve, no Martins, quem apurasse em uma ovelha, no açougue 30\$000.

Findou o mez sempre com relampagos, rios corridos, etc., em alguns logares ainda não choveu. Escandaloso continua o furto de bodes.

Mossoró continua cheio de retirantes ; em Curraes Novos cahiu gente, e morreu de fome, neste mez.

Entrou o mez de fevereiro com auimação para chuvas.

A 1.º logo pela madrugada e manhã houve esplendido e bonito relampejamento e trovoadas, e as duas horas da tarde cahiu aqui uma chuva que fez correr bem a gotteira, foi a primeira do anno, aqui.

A 2 continua bello e animador tempo ; relampagos ao Nascente pelas 6 da manhã, e ás 8 da noite aqui houve a 2.ª chuva. A 5 continua o bom tempo ; a 6 tambem, trovejando para NE. até alto dia.

A 11 pelas 5 horas da tarde cahiu aqui grossa pancada de chuva, que durou 35 minutos, produzindo logo grandes cheias nos riachos ; seguiu-se outra mais fina de uma hora ; e mais tarde uma terceira de mais de uma hora. Geral foi essa chuvurada ; e é grande o contentamento pela generalisação do inverno. Os generos continuam caros e escassos ; até o fumo tem sido vendido de 10\$ a 16\$ a vara ; o litro de fructa de carnaúba a 100 reis.

A 14, dia nublado, relampagos. A lagarta vae devastando a incipiente lavoura. Os generos continuam carissimos ; carne magra, com osso, a 1\$200 o kilo.

Para ajuizar da fome que a população por aqui tem soffrido, basta saber que no mercado de Carraúbas o feijão de corda (inferior) tem sido vendido a 1\$200 o litro ; litro de farinha 800 rs. e assim o milho ; rapadura de 1\$000 a 1\$500, uma ; e muitas vezes não é encontrado o que comprar ! Entretanto o frete d'aqui para Mossoró, onde os armazens estão repletos, é de 7\$000 a carga de oito arrobas.

Faz lembrar, essa pouca actividade do commercio de Caraúbas, na presente crise, uma anedocta do tenente-coronel Antonio Francisco, um dos fundadores de Caraúbas, e nella influente emquanto vivo, commerciante tambem.

Estando elle no balcão de um seu collega, em Caraúbas, e em tempo critico, viu chegar uma pessoa a comprar farinha, e o commerciante unico que então tinha farinha exposta á venda, cobrou por duas «tigellas» dous mil réis ; o tenente coronel não consentiu em tal ; fez o pobre homem ir á sua casa onde vendeu-lhe a 160 reis cada tijella de farinha, pedindo para avisar a todos que em poucos dias em sua casa commercial haveria farinha em abundancia, para ser vendida a 160 reis a tijella. De facto fez vir logo carros

de farinha que foi vendida, na crise de então, pelo preço promettido.

Ao cahirem as primeiras chuvas neste mez, todos começaram logo a plantar, com enormes sacrificios adquirindo a semente, que era má, principalmente milho, muito do qual não nascia. Essa primeira planta foi destruida pelas lagartas. Novos sacrificios são feitos ; novas plantações ; e tambem nova destruição por lagartas e enchentes que na linguagem popular «vão alisando tudo»—cêrcas e plantações ; de sorte que a população pobre, faminta ainda, e desanimada, tem abandonado a lavoura, por não poder nem ao menos comprar sementes, e continua a seguir para o extremo Norte.

Pode-se dizer que neste mez de fevereiro houve 28 dias de chuvas, pesadas, produzindo grandes enchentes ; os campos estão «abrejados», os açudes cheios, todos os rios corridos ; pastagem abundante.

O sertanejo que é teimoso por indole, procura recompor sua estragada fazenda ; por isso o gado está por elevado preço ; principalmente as vaccas leiteiras, pois não houve producção ; leite e queijo serão invisíveis quasi absolutamente ; talvez pouco menos do que os promettidos soccorros do governo.

Março entra da mesma forma, chuvoso.

A 1.º cahiu aqui copiosa chuva que produziu grande enchente, que, banhando o «roçado», limpou a peste de lagartas.

O rio do Acary deu tambem no dia 1.º uma enchente reputada maior do que as maiores da tradição ; os sitios marginaes foram arrazados.

A 14 continúa aqui o rigoroso inverno ; tudo está atolando, *abrejado* ; a lavoura pouco augmenta pelo excessô de chuva ; prolonga-se pois a fome da populaçãa pobre que já não pode mais fazer novas plantações, nem cercas, levadas pelas grandes cheias. Em Curraes Novos um cidadão com uma bella planta de milho, amanheceu sem... as terras de plantação, arrebatadas pela enchente. A fome no Acary, como em todo o Seridó, attigiu ao auge ; faz diariamente victimas.

As enchentes dos rios têm paralysado o commercio.

O rio Espinharas inundou o povoado de Serra Negra, o que ainda não tinha acontecido. Desde o anno findo os desastres têm sido constantes em todo o sertão : secca, lagartas e enchentes.

No Piahy—dizem os jornaes—onde não houve legu-

mes, pela lagarta, a escassez de generos alimenticios tem sido grande; o cento de rapadura, chegou a dar 300\$. O prejuizo na criação, naquelle Estado, foi tambem grande.

O barão de Santa Philomena que possuia 1400 rezes ficou com 300; sem fallar no cavallar que extinguiu se.

O Sr. Amador Vieira que tambem possuia tres importantes fazendas, ficou em uma com quatro rezes, em outra com 20; extinguido-se completamente a terceira.

A 26, na feira de Caraúbas, quem lá foi á busca de comprar, voltou sem nada trazer; houve apenas uma sacca de farinha, que foi vendida por 50\$; dez litros de milho, que foram vendidos por 9\$.

Abril entrou com menos enchentes, e com mais moderação. Os generos ainda conservaram em Caraúbas, os seguintes preços, por litro: farinha 1\$; milho 800; feijão 1\$200; macambira chegou a dar 500 rs.; rapadura—uma—1\$; arroz pilado, 24\$; bacalhau 27\$; assucar preto 13\$500; café 22\$590, isso por 15 kilos; carne verde 1\$600, o kilo; bolachas 1\$400

Felizmente o preço das pelles tambem alto—de bode 3\$; de ovelha 1\$400; a de boi a 1\$200 o kilo; o gado tem augmentado o preço; e isso tem sido o unico recurso para a população que ao contrario já teria perecido á fome.

No «Diario do Natal» lê-se um artigo que pinta realmente as côres do momento que felizmente vai findando: «Temos chegado á verdadeira desesperação a que pode attingir um povo faminto. Como era de esperar, o apparecimento do inverno mais aggravou a situação dos flagellados pela secca, pela escassez de generos alimenticios, e pela carestia e crescente difficuldade de serem estes obtidos pela população pobre. A continuação de um rigoroso inverno como o que veiu, excedeu a todas as espectativas porque não só veiu aggravar a tristissima situação dos flagellados, como dos que ainda dispunham de algum recurso, pois que estes ou desapareceram na voragem das aguas, quasi diluvianas que se derramam em todo o Estado, ou exgotam-se pela enorme e nunca vista entre nós, carestia dos generos, para a compra dos quaes não chegam os vencimentos do funcionalismo publico, nem os minguadissimos recursos dos que já a muito custo vêm atravessando os horrores da longa secca que atravessou o Estado; é de certo o verdadeiro desespero, porque ao pobre é impossivel comprar o bocado para não morrer á fome.»

A 2 a feira de Caraúbas esteve mais animada; muita

falta, porém, de assucars, chegando a dar 2\$ o kilo de assucar preto. A 23 melhor esteve a feira; ainda rapaduras a 1\$200; queijo de leite de cabra a 2\$ o kilo.

A população soffre menos fome pelos recursos de lavou-ras que principiam a apparecer.

Em maio o inverno tornou-se temperado, bom, *criador*, dando logo recursos abundantes: feijão, melancias, etc., e promette excellente safra áquelles que a despeito de tudo—lagartas, enchentes, falta de sementes, tiveram a persistencia de plantar.

A anazarca ou inchação vae declinando.

Os generos com excepção de rapadura e farinha, declinam de preço: feijão que no mez anterior deu 1\$200 o litro, é agora vendido a 100 rs. o mesmo litro.

Ha sarna no cavallar.

A feira de Caraúbas no dia 27 esteve abundante em vi-veres e em preços menos elevados: farinha a 500 rs. o litro; milho a 300 rs.; feijão novo e melancias, estiveram sem cotação pois si todos têm... Melancias apodrecem nos roçados, pois não vale a pena trazel-as ao mercado para serem vendidas—quando ha comprador—a 160 rs. a carga; carne boa deu 700 rs. o kilo; rapadura 700 rs. uma.

A salubridade publica é optima. Pode-se dizer que está termidada a fome, e a presente crise que desde o anno pasado martyriza o sertanejo. O povo soffreu, muitos morreram, expatriaram-se, teimaram, venceram; tudo isso foi praticado e soffrido; o Poder Publico, quer Federal quer Estadual quer Municipal, esteve indifferente a tudo. Noticiam, porém, os jornaes que o Governo Federal faz um appello ao patriotismo dos Brasileiros afim de serem sellados... todos os generos de consummo; o governo do Estado trata da cobrança do dizimo sobre o gado grosso; e a municipalidade já fez arrematar dizimo de gado miudo.

Em junho e julho ainda ha inverno, moderado, com algumas chuvas ainda torrencias. Os generos estão baratissimos. No Seridó, onde o feijão chegou na crise a dar 1\$500 o litro, já foi vendido agora, o litro a 30 réis, Noticiam os jornaes que o governo do Ceará fizera distribuir pelo centro, 15 contos de réis de *manivas* de mandioca, que fizera vir do Maranhão.

Em agosto ainda ha inverno como em tempo proprio dessa estação; em 1858 assim succedeo. Em Caraúbas, feijão e milho vendem-se a 100 réis o litro; farinha 220; rapadura

500 réis. O gado vaccum está gordo, e por alto preço: não ha boi ou vacca que não dê mais de 200\$. para ser vendido para o Ceará, donde tem sido embarcado para o Pará.

Em Alagoa Grande, Mulungú, e outros pontos dos Brejos da Parahyba, houve neste mez grandes inundações. Uma das ruas d'aquella primeira localidade teve derrubados pela enchente quasi todas as suas casas o rio subiu 35 palmos.

Em setembro e outubro o sertão desfructa geral bem estar.

Ha noticias de relampagos para os sertoes de cima.

Ha tambem fogos nos pastos seccos que tem dado prejuizos em cêrcas.

Em novembro os generos experimentam pequena alta.

Ha receios por causa do apparecimento da peste negra em varios pontos da Republica, quando aqui é notavel o apparecimento de ratos.

Entrou dezembro com os melhores prenuncios de inverno futuro: nublamento, trovões e até chuvas, perto.

A 8 houve a *tal barra* que, no affirmar de muitos é infalível signal de inverno; regulares foram tambem as experiencias de Sauta Luzia; a 14 e 15 relampagos e trovões ao sul. A vespera de Natal foi um dia animadissimo para o vindouro inverno, pois houve logo á tarde neblimas para diversos pontos, e á noite relampagos e trovões; de 25 a 30 houve sempre relampagos e trovões para *cima* e ao sul. O anno que, apezar dos pezares, tornou-se bom, e foi de abundantissimo inverno, que merece ser collocado entre os grandes invernos sertanejos, terminou em Caraúbas, com os seguintes preços nos generos de feira: farinha 160 réis o litro, feijão 100 réis, milho 80 réis, rapaduras 600 réis uma, carne secca do sertão 1\$200 o kilo, café 1\$400, assucar preto 800 réis.

O gado de açougue tem baixado de preço, por ter sido suspenso o embarque para o Pará.

1900.—Entrou o anno com bons indícios de futuro inverno: relampagos para os sertões de cima, trovões ao norte, e por fim, no dia 6, chuva por aqui, fazendo agua para alguns dias.

A noite de 14 foi chuvosa, com fortissimos ventos; findou-se o mez com poucos relampagos para *cima*; a pouca e tenra babugem que por aqui havia germinado está prestes a extinguir-se, ficando boas ramas.

O mez de fevereiro entrou secco, e com ar frio pela ma-

drugada. A 2, relampagos ao nascente; a 3, dia *bonito*, isto é. nublado (a esthetica sertaneja acha *bonito* o dia chuvoso; nublado, *feio*, *medonho*, o dia sem nuvens, até mesmo a noite de soberbo luar é considerada—feia, medonha, em epocha de inverno); á tarde chuvas, relampagos e trovões; a 4 pela madrugada caiu aqui soffrível chuva; o dia conservou-se nublado, e a uma hora da tarde outra chuva aqui; a 18 mais outra chuva aqui, de que já havia grande falta, a 25, 26 e 27, houve relampagos, chuvinhas, etc. O Piranhas já correu.

Noticiam os jornaes que nos sertões do Norte de Minas continua a fome por causa da secca que assolou aquella zona; os generos alimenticios alli estão em elevadissimos preços: alqueire de farinha a 200\$; feijão a 100\$, milho 200\$, arroba de toucinho 48\$, carga de rapaduras a 150\$. litro de sal a 1\$200.

Por aqui conservam-se ainda a regulares preços. Ha bastantes bezerros nascidos, e muitos já recolhidos a curraes.

Março entrou com má catadura: sol abrazador, dias brilhantes, sem nuvens, luars brilhantes, como são os luars sertanejos. Ha falta de chuvas para toda a zona sertaneja, podendo-se dizer já estarem perdidas as plantações feitas em janeiro e fevereiro. Ha grandes receios de secca. A bem começada babugem que aqui havia está prestes a extinguir-se e as aguas vão escasseando com incrível rapidez.

Tem sido essa a feição do tempo: manhãs mais ou menos nubladas; ás tardes, porém, apparecem ventos N. e N. E. que espalham todas as nuvens, ficando as noites sem uma nuvem.

Na Serra do Martins, no Umary e pontos adjacentes houve á 16 boa chuva. A' 19, dia de S. José, foi sem preparos de chuvas; á 21, equinoxio, vento pela madrugada, sol quente e nenhum preparo, soprando vento Leste ou Sul; a 24, preparos, neblinas, relampagos e trovões; 25 e 28 bonito relampejar para cima; cahindo aqui pequena chuva.

Em abril enviei ao «Diario do Natal» a seguinte carta:

Vamos de mal a peor; nem mais uma chuvinha aqui por isso pode-se dizer, ha dous mezes que soffremos verão medonho e terrível. Os dias succedem-se uns aos outros maia ou menos nublados, e até com relampejamentos para os sertões de cima, deixando-nos sempre no final a mais oppressora

dubiedade acerca do futuro inverno. Ainda estamos com as chagas a sangrarem abertas pelo cruel 98, e já em vias de outra secca! Levo horas e horas a espiar para o tempo, a cascavilhar signaes de proxima chuva, mas acabo sempre por entoar: o que será de nós, meu Deus?!

Que será de nós, sem... inverno?! Si não fôra os meus bem puxados 44 annos, que já pezam-me no costello como uma carga de milhões de kilos; si não fôra, como iz Chateaubriand, ter a Providencia collado os nossos pés ao torrão natal com imman iaverível, sinão fôra emfim a impossibilidade de mudar-me desta terra, certo que eu tambem diria como Scipião, o Africano—«Ingrata Patria, nãooposuirás os meus ossos!»

Ao menos deixaria minha familia em logar onde menos frequente fosse esse horrivel pesadelo de seccas que annualmente está a atormentar-nos.

A população em geral está o mais desanimada que imaginar se pode; e bem razão tem ella para isso, porque os indícios ou signaes metereologicos apresentados ultimamente são os da mais horrorosa secca; não ha quem dê a menor noticia de inverno para parte alguma a começar do alto sertão até aqui; felizmente, porém, ainda aqui não morre gente, nem gado, de fome, mas estamos todos assim como quem se vê com os pés suspensos e prestes a pousal-os no gume de afiadas navalhas; e não poucos, como o cobarde soldado em vespêras de batalha. Quanto a mim penso e já sei por experiencia propria, que nada ha peor em taes occasiões de secca do que o desanimo, e tomando por lemma o—«age da tua parte que Deus te ajudará»—trabalharei até mais não pudér, afim de ver se salvo os meus filhos.»

O dia 5 foi animado para chover: «torres» ao norte e leste pela manhã; mas nada houve; a 10 immensa fileira de «torres» de N. E. a oeste; ao meio dia trovão ao norte; á tarde chuvas perto; á noite relampagos para o Seridó. A feição geral do tempo agora é esta: manhãs limpas, com algumas «torres» ao N.; ao meio dia grande nublamente ameaçando chover a cada momento; á noite nem relampagos apparecem.

Um correspondente do Caicó para o «Diario do Natal» dá essas noticias locais: «Por aqui os que podem se têm provido de alguns viveres; mas estão todos apprehensivos com a peste destruidora de ratos, cupim e gurgulho, que não obs-

tante certos preservativos e precauções, parece que reduzirá tudo a pó, inclusive rapaduras, que estão sendo estragadas pelo mesmo gurgulho, caso este excepcional.»

Maiou entrou ainda com animações atmosphericas para chuvas; amanheceu relampejando para cima; e á tarde caiu aqui uma pequena chuva. Na tarde de 3, chuvas com trovões, e á noite relampagos para o Seridó. Consta que no Piaucó houve, ultimamente, chuvas que vieram segurar restos de plantações; assim tambem em Angicos e Sant'Anna de Mattos. O rio Seridó ainda não correu.

Assim findou o mez, deixando a certeza de mais um anno de mizerias, de fome, e soffrimentos.

Em junho, a 3, houve neblinas; a 10 aqui uma pequena chuva, que mal deu para correr goteiras; até o fim do mez nada mais, dando-se por findo o mallogrado inverno.

Apparecem casos de aggressões á mão armada, por cangaceiros da Parahyba; são tomadas providencias: isto é, aquelles que podem, armam-se para repellir o roubo; outros mudam-se.

Em julho já se faz sensível a falta d'agua, para gente e para bichos. A 17 houve relampagos e trovões para o lado do Seridó; a 18, nublamente, frequentes neblinas, trovões e relampagos a N. e ao S., caindo aqui pequena chuva.

O dia 1º de agosto foi nublado, com frequentes neblineiros, dando aqui pequena chuva de correr mal as goteiras.

Noticiam os jornaes que no agreste deste Estado ha bom inverno.

Os couros de bode baixaram inesperadamente, aggravando a quebradeira do sertanejo, pois é essa a unica fonte de receita que actualmente o acode; em compensação a nossa patriotica municipalidade lançou mais um impostosinho sobre os compradores de pelles.

De minha carta publicada no «Diario do Natal» aqui copio alguns topicos, relativamente a setembro: «Regularmente prosegue a secca aqui, e pouco faria sentir-se sinão fosse a geral e desalentante quebradeira em que vivemos, nós sertanejos.»

O preço da carne secca varia de 1\$ a 1\$500 o kilo, de sorte que rarissimo é o pobre que pode lá uma vez por outra dar á sua familia o «fartão» d'um pires de carne.

Mas Deus, bondade infinita, mandou-nos ultimamente uma fartura de carne, um como que castigo de aves de arribação e preás.

Simple e de facil execução é o meio empregado pelo pobre para apanhar as aves de arribação, na sua costumada «bebida.»

Faz no chão e á beira do poço um buraco em forma de forno, um «fôjo», em cuja bocca colloca, sobre a superficie da agua, uma taboa, deixando apenas o espaço necessario para elle, lá do seu esconderijo, de dentro do «fojo», onde vai acocorar-se, enchergar as pombas que em revoada vêm pousar e beber de sobre a taboa. Por baixo desta, elle tem o braço estendido, immerso, e com o dedo indicador vai, com admiravel destreza, colhendo as pombas pelo bico, puxando-as para dentro do «fojo», e mataudo-as aos centos, aos milhares. sem despende um dedal de polvora.

Houve por aqui, quem em menos de um mez, pegasse em «fojo», tal quantidade que deu para mandar vender em Baturité, trinta mil pombas rola.

Em outubro diminuem as pombas rola. O Governo Federal fez votar uma verba de 10 mil contos para soccorros aos Estados flagellados; sabemos porem todos que esses taes soccorros não chegarão até cá.

As noticias do visinho Estado do norte, são tragicas.

Alguem diz ter visto relampagos para cima; bom pre-nuncio de futuro inverno.

Topicos de carta minha, ao «Diario do Natal» em novembro:

«Ha immensa falta de dinheiro, sol abrasador, excessivo calor, absoluta carencia de chuvas; e bem fundados receios de falta d'agua, mesmo para usos domesticos.

Optimo é ainda o estado sanitario.

Osgados não morrem ainda de fome ou magros porquanto ha bastante pasto seccopara sua alimentação — sobras do anno anterior entretanto vão sendo victimados por morcêgos.

Malfadada terra estes sertões! Vive-se aqui sempre na dubiedade de invernos; sem garantias de bens de fortuna, nem mesmo de nossas vidas; sem esperanças no futuro; e nunca podendo-se contar com o dia de amanhã!

Com o maior indifferentismo foi recebida aqui a noticia dos 10 mil contos votados para soccorros, e muita razão temos nós, pobres, para assim procedermos, porque bem sabemos que de tudo isso iria caber-nos em partilha o quinhão da garoupa de que nos falla Macedo, na sua «Carteira de Meu Tio.»

Consta boas chuvas para o Piauhy.

Dezembro entra secco,

Noticiam os jornaes que para o Ceará seguiram 400 contos para soccorros: 300 para o Quixadá e 100 para pagar passagem a retirantes que sigam para o norte.

Por aqui o soffrimento é grande. Uma pobre mulher furtou do proprio pai, dois couros de maritacáca, e comeu-os!

A 8, dia de *experiencias* sertanejas, houve preparos de chuvas: trovão, relampagos, chuvinhas. As *experiencias* de Santa Luzia foram pouco animadoras: os dias 15 e 16 verdadeiramente esperançosos—grosso nublamento, esplendido relampejar para diversos pontos, inclusive o nascente.

A 20 bonito relampejar, ao nascente. Aqui cahiu boa chuva que fez agua para dias. O dia de Natal foi chuvoso, como a vespera. Anima-se a população só com esses ensaios: promensas, talvez enganadoras, como as do anno findo. Ha bem começadas e geraes ramas; consta que o Piranhas já *desceu*.

Os generos conservaram-se sempre em preços muitos regulares; o que deu prejuizos ao commercio, que lembrando-se dos *bons* preços de 98, julgou que o mesmo succederia em 90, e assim em principio fez sortimentos que foi obrigado a vender com prejuizos.

Em Caraúbas o anno encerrou-se com os seguintes preços: rapadura 700 réis, farinha 300 réis o litro, milho 400 réis, feijão 500 réis, carne e café 1\$400 o kilo e fumo 8\$000 a vara.

1901.—Entrou o mez, o anno, o seculo, já com bôas ramas, babugens, e alguma agua nova. Continua porém o verão que vai deitando tudo por terra: babugens e plantações feitas; a 20 calor excessivo, dia nublado, e ao anoitecer, esplendido relampejar ao nascente, e a outros pontos.

A 25 prosegue terrivel verão, acompanhado de sol abra-zador, que tudo vai talando; ha pois desanimo geral. A fome é grande: conheço no Municipio, fogões onde as aranhas estão prestes a tirar as *ninhadas*.

Em fevereiro, o dia 1.º foi secco, a 2 chuvinhas ao sul; a 3, pela madrugada relampagos e trovões a N. E., segundo uns, mau indicio de iuverno; o dia foi nublado, dissipando tudo o vento da tarde, São esses os preços do mercado: farinha 300 réis o litro, feijão 500 réis, milho 180 réis, rapadura 500 réis, quarto de bode 4\$; queijos de coalho, por infimo preço; garrotes vendem-se á 25\$; sola 8\$ o meio, courinho de bode 2\$600. O dia 9 foi nublado, como tem sido estes ultimos; á tarde caiu aqui uma neblina, com forte trovoadas; a

18 bonito relampejamento ao sul, chegando até aqui bôa neblina; a 19, pelas 5 horas da tarde, houve aqui bôa chuva: uma hora de chuva torrencial, tirando-nos assim de forte aêrto em que nos achavamos por falta d'agua; a 26, á tarde, bôa chuva aqui, de duas horas, produzindo enchente no riacho, estragos em cercas; a 27, outra menor.

Março entrou com inverno, mas acompanhado de uma peste de lagartas, estragando muito a lavoura. A 9, bôa chuva aqui; continúa a lagarta a devorar a segunda plantação; a 26 outra chuva. O inverno continúa optimo para agua e pastagem; a lavoura está muito atrasada, devido principalmente ás lagartas, que tudo tem estragado. A salubridade é bôa, e a população confiante.

Em abril continúa animado inverno e infelizmente está acabada a formidável peste de lagartas.

A' 9 caiu aqui boa chuva, produzindo enchentes.

A' 11 chegaram á Caraúbas sementes enviadas pelo Governo Federal, e desde muito solicitadas com instancias pela imprensa. Vieram 25 saccos de milho e feijão, para o Municipio, que recebeu-os com frieza, não só pela insignificancia da remessa, como também porque o tempo de plantar já lá se foi; os invernos sertanejos não permitem plantar milho em meiado de abril; e o feijão enviado—mulatinho—não dá nos sertões, e sim nas serras; aqui só se planta o *feijão de corda*. Coube a cada pae de familia 3 litros de sementes! Já vão apparecendo, para o fim do mez, alguns productos do inverno, e portanto vai-se extinguindo a fome na população.

Maio continúa com animado inverno; continúa a ser visto o cometa que appareceu no mez passado, muito proximo ao sul.

...«Já estamos gozando (trecho de carta escripta ao *Diario do Natal*) neste mez de maio uma riquissima, aprazível e deslumbrante payzagem, burilada a capricho por eximio e artistico inverno com suas vivificantes e copiosas chuvas. Si ao campo vou, vejo allí com indizível prazer uma abundante pastagem de espigado *hervanço*, *panasco* e *mimoso* entre a qual foruigam lindissimas florzinhas de variegadas côres, sobresaindo entre todas ellas as da salsa, da *chanãna da Maria-cae-cae*. Mais adiante, na corôa, ou na varzea, emmaranhado *mupêhlo* com seus aureos e cheirosos cachos, junto aos quaes, os *anús* em festival reunião e estridente côro, an-

nunciam proxima chuva; ou ternos «cacarejam» os filhotes que dormitando repousam em bem acabados ninhos.

Como é-me agradável nas manhãs orvalhadas, após o serviço do curral, ir visitar o meu custoso roçado! O milharal altaneiro com suas bonecas de louros cabellos, o arrozal com pendentes cachos, o feijoal de mimosas flores roxas, melanciaes, pinhas, etc., tudo emfim annuncia e promette proxima fartura...»

Preços do mercado: farinha 120 rs. o litro; milho e feijão 100 rs.; rapaduras 400 rs.; milho verde e melancias não têm cotação; café 1\$; excellente carne 800 rs.

A' 2 de junho houve aqui uma chuva, que de muita utilidade foi, pois veio salvar a ultima planta de milho que estava a perder-se com o verão.

Em julho apparece o «croup—a matar algumas crianças. A quebradeira é grande; estamos em estado primitivo: não se vende, trocam-se productos.

O pasto já está secco.

Em agosto, ligeira mortandade no gado. Preços baixos nos generos: farinha, milho, feijão—120 rs. o litro; rapadura 200 rs.; carne excellente 600 rs.; café 800 rs.

Em setembro os dias 2, 3 e 4 foram nublados, havendo mesmo pequenas chuvas.

O quarto *inchado* deu não pequeno prejuizo em garrotes.

Os generos conservam-se baixos: farinha 120 rs. o litro; milho 80 rs.; rapadura 160 rs.

Em outubro continúa a ser vistos relampagos para cima; ha noticias de boas chuvas para o Cariry, e de algum açude cheio mesmo aqui pelo sertão; e de haver *corrido* o Piranhas; á 19 bonito relampejar ao sul, e no fim do mez, continuam os preparos de futuro inverno: trovões, relampagos, nuvens, etc.

Em novembro ha relampagos, trovões, etc., em algumas noites. A' 8 de dezembro não houve a tal *barra* ao Sul, sendo para muitos é desanimadora, essa ausencia; as «experiencias» de Santa Luzia foram pouco favoraveis; á 16 relampagos ao poente. Os rios Seridó, Piranhas e Parahú, trouxeram agua.

Principia excellente producção de bezerros; tem nascido muitos e bem nutridos.

1902.—Entrou o anno com falta de chuvas; agua por aqui, até mesmo para usos domesticos, tem-se tornado diffi-

cultosa. A' 15, relampagos e trovões á Leste e Sul; á 25 chuvinhas aqui, e regular em outros logares visinhos.

Ha noticias de chuvas para o alto sertão; o Piranhas já veiu de nado.

No dia 1 de fevereiro houve preparos para chuvas; á 2, á tarde, boa chuva a N. E. mas que aqui chegou em neblina; a 14, passagem de Venus para o nascente, houve relampagos, trovões e chuvas proximas; animado tambem foi o dia 20, caindo aqui pequena chuva; a lua cheia de 22 foi promettedora, á tarde boa chuva ao nascente, que aqui chegou, fazendo agua nas ipueiras.

A 5 de março deu aqui uma chuvinha, que foi maior em logares circumvisinhos; a 9 outra, que fez bastante agua nas ipueiras. Até o meiado do mez nada de manifestar-se o inverno; a plantasinha que por «atrevimento» fiz está arrazada por falta de chuvas. Já ha receios de secca. e a população pobre que ainda não encontra trabalho, soffre grandes privações. A 19 houve aqui pequena neblina; a 20 outra; mas a 21, equinoxio de março, o dia foi completamente limpo; á noite, porém, aqui caiu neblina que fez gottejar o telhado; a 23 lua cheia, vento forte, e frio pela madrugada, cahindo á tarde neblinas perto; a semana santa foi chuvosa, porém, de chuvas finas; ha pontos nesta freguezia onde ainda se bebe agua velha.

A 1 de abril foi sem chuvas; vamos pois perdendo esperanças de inverno por este anno; se bem que não se passe um dia ou noite sem preparos de chuvas, relampagos para diversos pontos, etc.; donde quer porém, que nos cheguem noticias, são de chuvas finas, fracas, inverno dubio, insufficiente. Ha apenas uma escassa e murcha babugem; e quanto á agua, temol-a do anno passado. De 9 a 11 apparecem neblinas.

De legumes nada haverá, pois todas as plantações feitas, tem sido perdidas.

A quebradeira é tal que os preços dos generos conservam-se muito modicos.

Maió entrou com verão, ainda. A pastagem, miraculosamente criada com as neblinas, si bem que segura, é pouca, pequena e murcha; de legumes e lavouras nada tivemos. Ha para mais de 18 dias que aqui não chove. No dia 18, neblineiros A 30 ainda apparecem relampagos para os sertões de cima.

As noites são escuras, silenciosas e de oppressora cal-

ma; deixando ver fuzilar a Oeste, muito longe, relampagos, em taes condições, inequivocos signaes de secca.

Junho passou sem chuvas; e já não é tempo de esperar tal. Ficou pouco pasto; as agnadas estão muito duvidosas e incertas. Houve neblinas na noite de S. João.

A 2 de julho, nublado, e a tarde, trovões perto, com chuva que produziu pouca agua. Correm os dias nublados, e friorentos. A 6 de agosto, ainda nublado, frio pela madrugada, algumas neblinas.

A feira de Caraúbas conserva os generos em baixos preços: farinha 100 réis o litro, milho 120 réis, feijão 200 réis, rapaduras 200 réis, carne 900 réis.

Em setembro e outubro prosegue a secca, sem haver mais chuvas. A feira de Caraúbas continúa abastecida de viveres baratos ainda, pois não ha dinheiro... Andei pela Serra do Martins, e vi em alguns logares bastante pasto, lavouras seguras em sua metade. Ha, porém, grande falta de agua pelas fazendas.

Continuam a ser vistos relampagos para os sertões de cima, indicio de futuro inverno.

Em novembro ha dias nublados, e relampagos.

Ha grande falta d'agua para os gados, e mesmo para as pessoas; tem se dado o interessante caso de furto d'agua. Consta chuvas para o Piahy e Ceará.

Em dezembro continuou relampagos ao longe, para os sertões de cima. A 8 não houve a «barra do sul», as «experiencias» de Santa Luzia foram pouco animadoras, mas o dia 13 que amanheceu limpo, tornou-se mais tarde, nublado, cahindo porfim, diversas chuvas perto.

Essas chuvinhas produziram agua nas ipueiras, e ramas, com «rebentos» de babugens; evitou a minha immediata retirada, pois a agua aqui havia se acabado. A noite de Natal foi muito feia, não houve relampagos.

O anno termina com o mercado em baixos preços: farinha e milho 120 reis o litro, feijão 200 réis, rapaduras 200 réis, carne 900 réis, couros de bode 2\$500, de ovelha 1\$100, de boi 12\$000.

1903—O dia 1º foi nublado, e á noite, houve relampagos para o Sul. A 5 prosegue o tempo sem relampagos, porém os dias cobertos de um «cinzeiro» como diz o sertanejo, a 9 termina o «cinzeiro» e o tempo continúa secco.

Os rios Piranhas e Seridó ainda não correram.

A 19 cahiu aqui uma chuvinha, que fez agua nas ipueiras,

e enxurrou o riacho, ainda encontrando vivos os troncos da velha babugem de dezembro. A 23 houve uma outra melhor chuva, que augmentou a agua; a 31 bonitos reiapagos para cima. Os generos ainda estão baratos.

O dia 2 de fevereiro foi secco, á tarde apparecem neblinas; a 3, relampagos a Leste e para o Seridó. A 13 prosegue o tempo secco e verão, que já offende a tenra lavoura plantada de 19 a 31 do mez passado. A 25 caiu aqui pequena chuva, e assim termina o mez, dando algumas chuvas boas em alguns logares, finas em outros, e nenhuma em outros. O gado tem melhorado com as ramas e babugens.

A 2 de março houve trovões, e aqui, pequena chuva que mal fez gotejar o telhado; até 15 prosegue o verão, causando serios receios, e prejuizos á lavoura, que ameaça extinguir-se. A 19, dia de S. José, houve algum preparo no tempo, caindo algumas chuvas ao Nascente, sem aqui chegar; continuamos, pois, em aterrador verão, e com escassez d'agua até para beber. A 21—quinoxio de março—o dia amanhece com uma bonita «barra» ao Nascente e esteve sempre encoberto, e á tarde, houve diversas chuvas, relampagos, e trovões, para o Poente, aqui porém... pequena neblina.

A 25, a noite, esplendido relampejar e trovejar ao Sul, chuvaãa que veio até proximo d'aqui; passou relampejando até 26 para os sertões de cima; em muitos logares, porém, o mez terminou com verão.

O dia 1º de abril foi nublado, caindo aqui pequena neblina; a 3 bõa chuva aqui, correndo bem as goteiras, e isso depois de prolongado verão, foi uma «esmola», pois já estamos de «trouxa» armada para uma retirada.

Por todo o mez continúa máo tempo, pessimo tempo, isto é, dias limpos, sem nuvens, sem chuvas.

Ha noticias de perda geral das lavouras, o queixume por perdas de roçados e falta d'agua, é geral. Os fazendeiros procuram ansiosamente collocar seus gados em pontos onde haja agua, e pasto.

Os jornaes officiaes do Estado annunciam a cobrança por arrematação, do imposto sobre o gado!

O dia 1º de maio amanheceu relampejando para N. E., houve mais alguns dias nublados com parciaes chuyinhas, quasi sem consequencias para melhorar as tristes condições da estação.

O dia 1º de junho foi nublado, com pequenas chuvas á tarde, e assim tambem foram alguns dias precedentes. No

dia de S. João, cahiram pequenas neblinas perto. A crise quo o sertão, e o pobre povo principalmente, soffre, é medonha: fome, sêde, nudez, falta de segurança individual, etc.

O Poder Publico ainda não deu accordo de si, as proprias municipalidades, raras são as que se lembram de zelar ou limpar as cacimbas até dos povoados.

Em julho prosegue a secca, que promette ser desoladora; ha frio intenso (frio sertanejo de 21º centigrados), pela madrugada; os dias são sem nuvens, e calor de 30º ao meio dia, agora, no tempo fresco.

Percorri, a 14, as «abandonadas» e escassas aguadas para a população da villa.

No municipio de Caraúbas o fraquissimo inverno deixou rala, pequena e escassa pastagem; por isso de outros municipios, Apody, Caicó, etc., tem chegado gados em retiradas. Isso motivou á Intendencia Municipal crear uma postura cobrando uma taxa sobre esses gados retirados.

E' assim o art. 1º: «Fica desde já creado o imposto de 3\$ sobre cada animal, vacum ou cavallar e muar de outros municipios que forem soltos nos campos de criação deste, á titulo de refrigerar se, no correute exercicio.» Isso representa o grito de «salve-se quem poder» que acompanha a debandada das derrotas.

Essa lei, porém, só servirá de extorvo á algum pobre diabo que tentar salvar meia duzia de rezes.

O dia 1º de agosto foi nublado, caindo neblinas á tarde. Continúa a falta d'agua, e para calcular-se o estado a que chegamos, de aperto e de abandono, basta transcrever aqui este authentico edital: De ordem do cidadão Vice-Presidente da Intendencia Municipal desta Villa, faço publico que fica marcado o prazo de oito dias, a contar da presente data, para toda e qualquer pessoa que se achar conservando algum animal vaccum ou cavallar, nesta Villa, utilizando-se da agua da cacimba de S. Sebastião, ao pé da mesma villa, os retirar para outra aguada, onde esta se lhe possa ser mais util e favoravel, visto a cacimba de que se falla, achar-se em condições de ser aniquilada, brevemente, se continuar a ser esgotada para a criação, ficando assim a população da villa e dos arrabaldes sujeita a desfinhar á sede á qualquer dia; o estado de dessecamento da referida cacimba achase muito adiantado, portanto, todos nós e cada um por sua vez, attendendo ás condições em que nos achamos, tem o mesmo direito de zelar o bem commum. O procurador da Intenden-

dade; na zona do Agreste também; onde se poderia supor em melhores condições os seus habitantes, não foi menos desoladora a situação da população, dos agricultores, pela absoluta esterilidade do anno que nada produziu.»

1904.—O anno entrou secco; algumas noites de relampagos para cima, longe, amanhecendo com relampagos o dia 23 O gado, que já está todo em trato, continúa morrendo em larga escala, e assim também a criação miuda.

O mercado ainda va e abundante, e com preços regulares: milho 300 rs. o litro; feijão 450 rs.; farinha 250 rs.; carne 1\$200; couzinhos 2\$300 e 1\$100.

O dia 1 de fevereiro foi nublado e promettedor de inverno, havendo mesmo diversas chuvinhas locais para o nascente, onde ao anoitecer, relampejou e trovejou; a 2 o dia foi esperançoso, ficou, porém, apenas em neblina perto; a 7 o dia foi medonho, desanimador; não se viu uma nuvem; e soprou vento Sul.

A crise é medonha; tudo e todos soffrem; o proletario, aquelle que nada possui e não ser dois braços para o trabalho, não encontra com que se manter, pois mesmo trabalho recebendo por salario o sustento diario, não ha quem, tenha, ha apenas grande offerta; esse está reduzido a comer uma ou duas bolachas por dia, raras vezes acompanhadas por um oitavo de uma rapadura; mas essa parca, insufficiente ração quando é por esse faminto engulida, já tem deixado margem ao lucro da exploração, exercida desde os altos poderes da Nação, que fazem cobrar os impostos de alfandega, até o mi-zero bodegueiro, talvez também famélico.

A 11, depois de angustiosa pasmaceira de dias limpos e brilhantes, houve bonito relampejar, á noite, para diversos pontos; a 12 ainda esplendido relampejar durante a tarde, e por toda a noite.

A 14 — domingo de entrudo — foi chuvoso para diversos pontos. A feira de Caraubas ainda continúa abastecida de generos, havendo falta de carne, porque dizem os *marchantes*, poucos são os que compram carne, não deixando pois interesse expor a á venda.

A 22 amanhece relampejando para cima. Aqui, porém, ha falta d'agua até para as mais urgentes necessidades; diversas são as vezes que mandam á cacimba e voltam com os potes seccos, porque os visinhos carregam a agua que junta á noite. A 23 deu boa chuva aqui, correndo os riachos; foi essa a

primeira chuva que aqui caiu por conta do inverno. Está pois sanada a penuria d'agua em que viviamos ha mezes.

As chuvas cahidas aqui no sertão, até agora, têm sido muito parciaes; e com ellas desenvolveu-se uma enorme peste de lagartas que vai destruindo tudo, até mesmo as ramas das arvores.

Noticiam os jornaes do Estado: Em Mossoró chegam diariamente levadas de retirantes no mais tristador estado de miseria. Os vapores *negreiros* presente do governo aos flagellados, não comportam todas as passagens solicitadas. Em Areia Branca, estão innumeros retirantes com passagem, á espera desses *negreiros*. A imprensa denuncia casos de embarques em Natal, de retirantes, á força, pela policia local, succedendo até que um retirante, ao reclamar perante a autoridade, contra o embarque forçado de sua mulher, viu ao ser ouvido, o vapor singrando barra á fóra, conduzindo sua cara companheira de infortunios.

Nos dias 12, 13 e 18, caíram chuvas no município de Flores, chuvas que fizeram encher açudes; lamentável, porém, é o estado de miseria daquela população; não plantaram á falta de sementes.

O dia 1 de março amanheceu relampejando para cima; o dia foi nublado e a tarde chuvosa, nem uma chuva, porém, dando aqui.

Tem-se feito, apenas, pequenas plantações, pois o inverno ainda não animou a mais. A 6 continuam a ser vistos relampagos para cima; sopra o vento Sul, máo signal.

Em Caraubas são esses os preços correntes: farinha 300 rs. o litro; feijão 600 rs.; milho 300 rs.; massa de macambira 160 rs.; rapadura 500 rs.; couzinhos 2\$100 e 800 rs. A 9 houve aqui uma boa chuva que fez *correr* os riachos.

A 11 amanhece bonita barra ao Nascente; o dia, porém, foi de sol quente e a tarde sem chuvas; apparecem tanajuras, e á noite vê-se longinquo relampejar ao Poente.

A imprensa do Rio é unanime em aconselhar ao Governo Federal a não abandonar as providencias dominadoras dos effeitos da secca do Norte, pela superveniencia das chuvas; urge que essas providencias continuem para prevenir a reproducção de futuras calamidades.

Continúa o deploravel exodo dos sertanejos para os Estados do Sul e principalmente para o Norte.

O Governo Federal abriu um credito de 450 contos para soccorros publicos neste Estado.

O dia 19 foi desanimador; appareceram relampagos para cima, e ao Poente, muito ao longe.

O dia 21—equinoxio de março—foi nublado pela madrugada; á tarde houve ligeiras neblinas, sem resultado apreciavel.

Ao «Diario do Natal» escrevi a seguinte carta: «Tivemos aqui no municipio, algumas chuvas que produziram um certo recurso para gente e tambem para bichos; porém, succedeu que foram pequenas, fracas e parciaes.

Para a criação fizeram mais alguma agua nas cacimbas, e uma rama que tem servido muito para... matal-a aos magotes.

Não sou exaggerado afirmando que o prejuizo que ainda agora mesmo soffremos no gado, é pouco inferior ao que foi occasionado pela falta de pastagem e aguadas. O gado morre á tôa, no campo sem mesmo saber-se de que morreu. Peste, e ramas murchas e perniciosas, são as causas a que attribuímos essas perdas. Si não vierem chuvas em abril ou maio, ficaremos sem *semente*, como se diz em linguagem sertaneja. A producção de bezerras, que foi grande, extinguiu-se já; e o leite, este anno, aqui no sertão, será uma cousa rara. Quanto a população pobre, imagine-se o quadro mais triste-nho dos que são descriptos pelos jornaes, e ter-se-á uma aproximação idéa do que aqui passamos actualmente: o povo está como doido, e sem saber o que faça; muitos emigram para o Amazonas pelos portos do Ceará, e outros que já não o podem fazer, ou não tem coragem para isso, com sacrificio de suas familias que assim ao desamparo mais cedo morrerão de fome, deixam-se ficar na terra, até que a morte pela fome os venha tambem alliviar. Eu sou destes ultimos; e si pudesse respar-me-ia de ta malfadada terra, onde as séccas vem-se tornando continuas.

Já estou cansadissimo de tanto começar a vida em bases de fortuna que, com a mesma insistencia ou teimosia, desaparecem como por encanto, com essas malditas seccas. A que ora prosegue já reduziu-me ao extremo estado de pobreza. . . Sou dos que não contam com os recursos dados ou promettidos pelo governo federal. Em nada nos servirão elles agora, porque, quando aqui chegarem, já não encontrarão mais vivos. Além disso bem sabemos, é regra que os soccorros dados pelo governo, sirvam mais para deixar lucros aos felizardos do que allivio aos desgraçados. Aqui tambem já

não temos muita garantia para a segurança individual, nem para a prosperidade.»

É' ainda do *Diario* esta noticia: «Enorme é o reboiço de esqueletos ambulantes, nus, esfarrapados a implorarem um boccado para não morrerem á fome; para o marido doente, para o filho caído, etc. Compunge a alma humana vêr essa romaria de cadaveres, aos encontrões, de porta em porta, agglomerados, implorando a caridade de quem já não tem tambem o que dar.»

O commercio de Mossoró (pensamos que por iniciativa da loja maçonica) pediu soccorros particulares ao commercio do Rio, para os flagellados neste Estado.

Foram remettidos 20 contos que foram distribuidos pelos municipios em crise. Ao de Caraúbas coube 400\$,

As noticias do Seridó são más: Em março os campos todos *negros*; a fome e a miseria assolando, sem esperanças mais de inverno. As plantações, tentadas com o apparecimento de chuvas parciaes que caíram em principio do mez, foram devoradas pelas lagartas. O sertanejo, de coragem espartana, lutá contra todos os elementos, mas sua resistencia torna-se de todo improficua deante de um poder superior á sua energia e á sua força. A Intendencia Municipal do Caicó, telegraphou ao governo do Estado dizendo que vê-se esgotada de meios para salvar a população em desespero, açossada pela fome, e solicita urgentemente o auxilio da imprensa de Natal, perante o Governo Federal, afim de que seja dado trabalho á população valida, e alimento aos exhaustos pela fome.

Diz mais que simples estudos por engenheiros nada aproveitam presentemente á população, que já está morrendo de fome. A cidade achava-se invadida por um numero crescido de retirantes vindos de diversos municipios circunvisinhos, que, para não morrerem de fome, recorrem a raizes silvestres, quando não encontram cachorros, gatos, e até couros de rezes que morrem de magras, tudo devoram.

O rio Seridó dera uma fraça enxurrada, insufficiente para as costumadas vazantes. Não ha leite, grande tem sido a mortandade de crianças; ha varios obitos occasionados pela fome.

De todos os municipios sertanejos, e até mesmo de alguns do Agreste, as noticias são más.

O dia 26 apresentou-se com uma cara de condemnado: limpo, sem uma nuvem, soprando vento franco pela madrugada, vento sul; é a carta da secca—dizem os sertanejos; é

—esse franco vento sul, pela madrugada—signal de que não haverá mais inverno, conforme attestam as *experiencias sertanejas*.

A 31—lua cheia e semana santa—o dia foi nublado, a tarde deu aqui uma chuvinha que mal fez correrem gotteiras; á noite, bonita trovoadá ao Sul.

De Mossoró escrevem para Natal:—«Vamos de mal a peor, a emigração continua, e o povo que está saindo, é todo gente activa, que trabalha, que luta pela vida na agricultura, no commercio, nas industrias e nas artes, são os braços validos do operariado que amanhã nos farão falta, e de cuja ausencia terão de resentir-se a nossa lavoura, as nossas industrias, artes e commercio emfim. Estão ficando os velhos, os enfermos, os que soffrem defeitos physicos, gente que nada produz, e que ficará pesando sobre a economia e o trabalho dos poucos que restam activos e não se expatriam.

A nossa situação já de si insustentavel, ajudando-se erros de medidas adoptadas, torna-se impossivel. De janeiro a 25 de março, foram expatriados 3691 conterraneos».

Nesse numero estão apenas contados os emigrantes embarcados com passagens pagas pelo governo; a emigração espontanea tem sido muito maior, muito, pelos portos do Ceará.

A commissão de engenheiros que faz a estrada do Ceará-Mirim, suspendeu no serviço, a admissão dos flagellados, conforme ordem do ministerio da viação.

Noticias de S. Miguel de Pau dos Ferros dizem que desde o dia 29 de fevereiro chove abundantemente no Municipio e em outros circumvisinhos, tendo chovido alguns açudes.

Havia muita falta de semente para plantação; no visinho Estado do Ceará havia inverno; e o rio Jaguaribe conservara-se cheio. Esse mesmo noticiario em data de 11 de março ainda diz pelo "Diario do Natal" que confirmara as noticias dadas acima relativamente a inverno que continuava copioso; não houve interrupção de chuvas, não só na serra como no sertão; os açudes estavam cheios quasi todos, já tendo arrombado alguns. O algodão prometteu boa carga, e a plantação estava saindo vigorosa. De Nova Oriz, as noticias são aterradoras: a situação nessa villa horrivelissima; as ruas estavam replectas de famintos, nas vendadeiras mummies. Em Natal desenvolveu-se a variola;

O rio Apody correu neste mez, lançando grande porção d'agua na lagôa.

O dia 1º de abril foi nublado. Noticias da maior parte dos municipios do Estado dão a certeza de que nelles não choveu sequer para fazer ligeiro recurso para a criação. Está pois declarada mais uma secca, parcial, mas rigorosa. Grupos de famintos, ao Deus dará, dirigem se para os portos, com o fito no Norte.

Da Capital, noticiam os jornaes, casos de morte pela fome.

A 15, lua nova — houve ceu encoberto, e á tarde chuva perto, com trovões. A 17 houve aqui uma boa chuva, de fazer correr riachos. Desde o dia 15 o tempo melhora: pesadas nuvens e bonitos relampagos annunciam, promettem algum aguaceiro. Pouco aproveitará ainda; porém... que venha, porque o estado de miseria em que se vê o povo sertanejo... Para que fallar mais nisso?! Quem se condoverá de nossas desgraças?!

Cartas do Caicó, escriptas em 2 deste mez, dizem que n'aquella cidade e em quasi todo o municipio ainda não caira uma gotta de chuva. Do pessoal abastado, o que não soffre fome, soffre privações; e o povo pobre tem comido gatos, cachorros, insectos e rezes que morrem de magro.

Em Caraubas é esse o preço dos generos: farinha e milho 360 rs. o litro; feijão 160 rs., macambira 160 rs. rapadura 500 rs.; carne 1\$000 o kilo.

Em Mossoró, acham-se alguns milhares de retirantes, aguardando passagens. No Rio, o Circulo dos Reporters realizou neste mez uma reunião de jornalistas, resolvendo a propaganda, pela imprensa, em favor do Norte; e a intervenção da directoria perante o governo para obter socorros para os flagellados da secca.

Continua a secca; e continua o exodo da população sertaneja, facilitado e posto em pratica pelo governo, que assim castiga com a pena de desterro o infeliz sertanejo, pelo crime de ser desgraçado.

O dia 1º de maio foi nublado; á tarde houve chuvas perto, com trovões, e á noite bonito relampejar ao Noroeste.

Correm os dias do mez e a secca continua aterradora; ha apenas habagens, e agua escassa, até para gente. De legumes nada tivemos, nem teremos; pois o inverno aqui, como sempre succede em annos máos, com uma chuva,

tudo se anima; planta-se; segue-se um verão de 20 ou 30 dias com sol ardentissimo; as plantas ficam torradas ou devoradas pela lagarta; vem segunda chuva; nada mais encontra do que a primeira produziu; faz-se nova plantação nessa segunda chuva; novo verão de 30 dias; e assim nessa medonha e funesta regularidade passam-se os mezes de inverno.

A 22 houve diversas chuvinhas locais. Ha noticias de legumes e pastos *seguros* nas serras de clima e sertões circumvisinhos; para lá estão os fazendeiros d'aqui retirando os gados. A 29 chuva aqui que produziu enchente dos riachos.

Entrou o mez de junho com boas esperanças de melhora do anno: torrencias chuvas, riachos corridos, açudes cheios, e promessa de segurar algum pastinho em alguns logares, como aqui em Caraúbas, etc

A 1º caiu aqui uma boa chuva que produziu novas e maiores enchentes nos riachos. Foi uma grande esmola da Providencia. Desta forma nós, os sertanejos d'aqui, esperamos vencer a crise que nos ameaça, sem preclarihos dos tardios e illusorios soccorros do Governo.

Diz-se, e com boa razão: nas maiores afflicções Deus sempre acode.

Em Caraúbas os generos tiveram pequena bulxa: milho 300 rs. o litro; farinha, 340 rs.; feijão, 400 rs.; macambira, 140 rs.; carne, 700 rs.; rapadura, 440 rs.; ha fatura de melancias.

A 15 houve chuvas para o Seridó, e a noite relampagos para cima. O rio Apody ainda trouxe um pouquinho d'agua. A noite de S. João foi sem chuvas; e assim Andou o mez, deixando-nos todavia mais animados para atravessar a secca.

O pouco pasto que ficou, ainda conservado verde em julho; a 14 ainda apparecem relampagos para cima.

Em agosto o mez principia com frio pela madrugada, ligeiras neblinas pela manhã.

A sorte continua impiedosa para os pobres, pela não ha trabalho, nem meio de ganhar a vida; as telhas são abundantes de viveres. A criação está gorda, relativamente ao pasto existente que é quasi nenhum.

Os fazendeiros continuam a retirar seus gados para os sertões de cima, onde houve inverno.

Os couros de bode vendem se a 2\$400, o que é um bom recurso para o pobre.

A 7 ainda apparecem chuvas finas e garras, segundo

noticias obtidas; causa admiração esse inverno extemporaneo, quando todos já estavamos entrados nas lides da secca; pena é que seja tão fraco e fino.

A 27 houve em Caraúbas a distribuição de 30 saccos de farinha pelos pobres do municipio—esmola que lhes enviou o commercio do Pará.

O governo enviou neste mez de setembro, mais 2 contos de reis que juntos a um conto e quatro centos mil reis anteriormente reinmettidos serão empregados no concerto do açude de Caraúbas.

No fim deste mez continua a secca rigorosa: o gado vaccum alimenta-se exclusivamente de ramas existentes na catinga; o cavallar, já muito magro, só encontra algum pasto em cer cados.

Em outubro são estes os preços dos generos, em Caraúbas: milho, 200 rs. o litro; farinha, 300; feijão, 400 rs.; carne, 600 rs.; rapadura, 440; ha muita fatura de melancias, gerimús, e melões, a preços baixos. Courinhos de bode, 2\$400; de ovelha, 1\$100.

O dia 8 foi encoberto. Dizem apparecer relampagos para cima. Continua o serviço do açude de Caraúbas.

O dia 8 de novembro foi encoberto, e assim outros seguintes.

Apparecem quasi todas as noites relampagos para os sertões de cima: os dias continuam nublados, parecendo ameaçar chuvas.

Os generos de consumo subiram um pouco.

A 30 houve aqui ligeira e pequena chuva, vinda do Nascente.

A 2 de dezembro, pelas 5 horas da tarde, caiu aqui uma boa chuva, correndo os riachos com bastante agua, enchendo açudes, etc., foi a primeira grande chuva que aqui caiu nesses ultimos tres annos.

A 4 amanhece relampejando para o Seridó. Ha noticias de açudes cheios; e de ter dado pequena enxurrada o rio Umary.

Boas foram as experiencias de Santa Luzia.

O dia de natal foi tambem esperançoso, havendo relampagos para cima, como tambem no dia 25.

A 29, á tarde e á noite, houve incessante relampejar e trovejar para o Poente e Sul.

E assim finda o anno com bons prenuncios de futuro inverno.

Não foi grande o prejuizo no gado; parece-nos que vai habituando-se a viver com as seccas—«já têm o estomago aparelhado para soffrer fome...»

Na feira os generos conservam regulares preços: milho, litro 300 rs.; farinha, 300 rs.; feijão, 400 rs.; rapaduras 460; carne 800 rs. o kilo.

1905.—O dia 1º foi secco, e sem preparos para chover; a 4, escuro, nublado e ventoso; signal que na crença de alguns denota um anno estéril.

A 15 continuam os dias brilhantes, de sol quente como braza; por isso já todos sentem o pesadelo, o máo estar que a ameaça de secca produz, pode-se dizer, todo anno.

Neste município o cavallar está desfinhando, arrasando-se de fome, pois nos campos não ha nem pó de capim; o bovino alimenta-se com as ramas das catingueiras, que, quando altas, fóra do alcance da rez, os vaqueiros impietosamente botam abaixo, cortando a arvore pelos galhos, ou mesmo pelos troncos...

Os víveres tendem a subir de preço, porque o cavallar vai ficando incapaz de viajar, e as estradas tornam-se impossiveis á falta de pasto e de aguadas.

Este mez foi de grande crueldade: nesta villa registram-se obitos pela fome.

Do Caicó noticiam que continua allí a secca no seu máximo gráo de intensidade; o prejuizo soffrido pela industria pastoril tem sido grande; restam jumentos e bodes que alimentam-se de cascas de jurema, faveleira, etc.

Diariamente chegam á cidade cadáveres de pessoas mortas em consequencia da fome.

Em S. Miguel de Pau dos Ferros parece querer manifestar-se o inverno.

De Lavras (Ceará) para cima, até o Crato e de toda essa zona, ha noticias de muita chuva; o rio «Sulgado» esteve pelo Icó com bastante agua.

Neste mez foram concluidos os reparos do sangradouro do açude de Caraúbas, ficando com 220 palmos, em zig-zagues, 4 palmos de altura, minima, e 20 maxima; um metro de espessura; a obra é de pedra e cul, rebocada com cimento.

A 25 reaparecem os relampagos; a 26, relampagos e boas chuvas locais, fazendo correr os riachos.

O dia 1º de fevereiro foi de preparos de inverno; só houve, porem, chuvas perto e trovões, no dia 5.

A 9 foi limpo ao amanhecer; depois do meio dia tornou-se o tempo bonito, isto é, segundo a nossa esthetica ser-taneja, carregado de nuvens ameaçadoras; logo ás duas horas da tarde trovejou ao Nascente; as 5 1/2 heuve aqui grande e bello aguaceiro que, durando sempre torrencialmente por mais de uma hora, fez correrem os riachos com grandes enchentes. Esta chuva foi geral, no município de Caraúbas e circumvisinhos, sempre boa, fazendo encher açudes, correr riachos, até mesmo os riachos «difficeis» de correr, como o do Livramento.

A 16 continuaram animados os preparos de inverno: nublamento, chuvas, etc.; continua porem, a fome nos bichos e no pobre povo, porque nada ha ainda de recursos para este, nem para aquelles; e os generos nas feiras ainda conservam preços elevados: milho, 300 rs. o litro; farinha, 300 rs.; feijão, 500 rs.; macambira, 160. Os courinhos baixaram para 1\$800.

Consta ter havido muita chuva em Curraes Novos; os açudes estão cheios; alguns arrombaram.

O governo da Parahyba mandou distribuir sementes pelos pobres.

Em Port'Alegre, até o dia 5 deste mez, não havia o menor signal de inverno. O Piranhas já correu.

A 22 continua o verão, acompanhado agora pela inevitavel peste de lagartas, destruindo a incipiente lavoura.

Consta haver muito inverno no Piauly, o que é bom presagio para o sertão.

No dia 1º de março amanheceu relampejando para cima aqui foi de sol claro, abrasador, medonho.

A 6 boas chuvas geraes; a 8—quarta feira de cinzas—continua o tempo bonito, chuvoso, produzindo boas cheias dos riachos; está todo o chão bem molhado, e todos plantam os roçados.

A 15 continua aqui o inverno bom, copioso. A 18 geraes chuvas e grandes, produzindo novas cheias nos riachos. A 19 ainda chuvoso o tempo.

E' assumpto geral agora, o copioso inverno que estamos tendo: inverno pesado que tem feito arrombar alguns açudes.

A 20 e 22 ainda houve aqui, boas chuvas, e novas cheias nos riachos.

A 25, aqui houve uma grande chuva, que fez transbor-

dar riachos e produziu grandes danos, destruindo cercados e plantações.

O commercio sertanejo está paralyzado: o cavallar ainda está magro, e as estradas pouco transitaveis pelos atoleiros. rios cheios, etc.; entretanto as feiras estão abastecidas.

Chove quasi que diariamente, chuvas torrencias; os açudes estão cheios.

As plantações estão boas; sendo cuidadas a tempo. promettem brevemente grande fartura.

A 27 arrombou um pedaço da parede do sangrاندouro do açude de Caraúbas, onde foi grande a chuva nesse dia. A 31 continua um verõesinho que torna se bem preciso aqui, pois os campos estavam alagados. Nas feiras os generos ainda estão caros: farinha, litro 300 réis. milho 2^o feijão 400, courinhos, 1\$800, 1\$000.

Continua o verão, havendo, contudo, relampagos longe e quasi todas as noites.

A peste de lagartas ainda devora a lavoura. Pouco ou nada ha ainda de roçados, o povo alimenta-se de maxixes. A semana santa foi secca, e assim secco terminou o mez.

Em maio, continua o verão que já vai se tornando prejudicial á lavoura.

Na feira, os generos baixam: farinha 140 réis o litro, milho 160 réis, feijão 100 réis, rapadura 400 réis. Fındou o mez sem que houvesse aqui mais chuvas, e parece que assim em todo o sertão; pouco animados vamos entrando na vida da secca.

Junho principiou com falta absoluta de chuvas, urgentemente reclamadas para salvar ainda parte da lavoura do milho, já muito prejudicada pela ausencia das chuvas. Ha porém, abundancia de viveres nas feiras, vindos não sei de onde, pois o inverno foi curtissimo; pode-se dizer que um só mez, de abundante inverno, março, produziu ^{fartura} fortuna no sertão.

Em Caraúbas são esses os preços dos generos: farinha 140 réis o litro, milho, 120, feijão 80 réis, rapadura 300 réis, carne boa 500 réis o kilo. Ha também immensa quantidade de melancias que não tem mais preço; couro de bode 1\$600.

O povo está satisfeito, sente se bem, e de barriga cheia parece esquecido da passada miséria.

O dia do Espirito Santo, ultima esperança do sertanejo, de haver chuvas por conta do inverno, foi ainda secco, havendo algumas neblinas, longe.

A noite de S. João foi também secca, si bem que os im-

mediatos dias anteriores tivessem sido nublados, e até com relampagos á noite, ao longe. Assim, sem chuvas, fındou-se o mez

Julho entrou secco, contudo ha notavel fartura de viveres e baratos, relativamente ao curtissimo inverno que tivemos. O sertanejo parece, que pouco a pouco vai se acostumando com as seccas, e assim quando, por felicidade, ha um ou dois mezes de inverno, elle atira-se ao trabalho com afan na esperanca de colher plantações de vazantes; não ha buraco, poço ou fresco de *barreiro* que fique inculto, e d'ali a grande fartura que ora se vê—melancias, melões, gerimús, feijões, batatas, não faltam nos mercados publicos a baixos preços; os outros generos de primeira necessidade também estão por baixo preço, a farinha, o feijão, o milho, o arroz de 80 a 130 réis o litro, rapadura a 200 réis.

A 6 de agosto ainda houve aqui uma chuva bem regular, que fez correr o riacho. Apareceu pelo sertão uma especie de typho que tem feito algumas victimas.

Continua abundante o mercado—feijão, 60 réis o litro, milho e arroz 80 réis, farinha 100 réis, rapadura 200 réis.

A 12 vêm-se relampagos para cima, já por conta do futuro inverno,

Passou-se o mez de outubro sem novidade.

A 6 de novembro amanhece relampejando para cima, e dizem que varias noites assim tem succedido.

Abastecida fartamente continúa a feira de Caraúbas. Consta que o inverno já manifestou-se francamente no Piahy, dando o Parnahyba grandes cheias. Essas noticias são animadoras para nós.

Boas foram as experiencias de Santa Luzia, porém o dia de Natal foi secco, e sem relampagos.

Fında-se o anno sem inicio de inverno; entretanto o gado conserva-se bom, ha pastagens e aguadas. Os generos continuam abundantes, e por preços baixos. Admira como um só mez de inverno tenha trazido tanta facilidade de vida e abundancia no correr do anno.

1906—O dia 1^o do anno foi de sol ardente, abrazador, limpo, sem signaes de chuva.

A 4 amanhece relampejando ao Poente, o dia foi limpo, a tarde houve bonito relampejar de Nascente a Sul. De 7 a 13 continuou o tempo medonho, secco, sol causticante, sem mais relampagos. Os gados ainda não soffrem: ha pasto secco e aguadas. Os generos ainda estão abundantes nas feiras e

por baixos preços: farinha, milho, feijão e arroz, de 100 e 120 réis o litro, rapadura 240 réis, carne 800 réis.

A 27 houve relampagos ao Nascente, e sem haver chuvas aqui, terminou o mez.

Fevereiro entrou secco. Ha noticias de ramas em algum lugar. O dia 2 foi secco, muito limpo; a 3 houve aqui uma chuvinha que mal fez correrem as gotteiras.

O Piranhas e o Seridó já correram. A chuva do dia 3 foi boa em Campo Grande, fazendo o rio correr.

A 13 o tempo ameaça chover, e a 15 effectivamente, caiu aqui boa chuva, produzindo enchentes nos riachos; estas chuvas foram geraes; a 20 outra torrencial chuva aqui, e a 25 mais outra igual.

O mez findou em verão.

Março entrou secco; a 13 cahiu aqui, boa chuva, depois de 15 dias de absoluto verão, e sol ardente, que já prejudicava a lavoura.

O dia 19, S. José, amanheceu relampejando para cima; o dia foi de sol quente, sem nuvens. A 21, equinoxio de março, o dia foi encoberto, quente, havendo relampagos á noite. A 22, chuvas geraes; e aqui depois de 9 dias de verão, houve muito boa chuva durante duas horas, produzindo cheias nos riachos. A 25 outra boa chuva aqui com enchentes nos riachos; segue-se verão até findar o mez.

Abril, entra com bom inverno; as lavouras nada produzem ainda, mas promettem boas colheitas.

A 10 houve aqui uma torrencial chuva. As feiras continuam abundantes, e os generos baratos: farinha 120 rs. o litro; milho 40 rs.; feijão 60 rs. arroz 80 rs.; rapadura 280. Terminou o mez com verão, que ainda não prejudica a plantação.

O dia 1 de maio foi ainda de sol quente; á noite houve bonito relampejar para o Nascente, com trovoada, aqui chegando porem neblinas.

De 3 a 5 torrencias chuvas, produzindo boas enchentes nos riachos. A 20 prosegue bom inverno.

Appareceu uma febre que se tem generalizado, fazendo algumas victimas.

Terminou o mez, com verão, parecendo findo o inverno, que em geral, foi bom, e de grande fartura; em alguns lugares, entretanto, foi escasso e insufficiente para segurar a lavoura.

Promettê ser boa a safra do algodão, cultura que agora

começou a desenvolver-se neste municipio, até então muito descurado della. A 3 de junho, domingo do Espirito Santo, não houve signal de chuva.

Pelo S. João foram os dias cobertos, e, apenas, com os neblineiros proprios desse tempo.

De 27 para 28 ainda cahiram algumas chuvas, muito vantajosas para as vasantes já plantadas. Os generos alimenticios de cultura sertaneja, estão desvalorizados; o milho e feijão com especialidade, têm dado, nas serras de planta, menos de 20 rs. o litro; aqui, na feira de Caraúbas, tem sido: farinha 100 rs. o litro; milho 40 rs.; feijão 20 rs.; arroz 60 rs.; rapadura Cariry 160 rs.; carne 840 rs. o kilo; courinhos 2\$ e 1\$.

Tem apparecido casos de sarampão e de febres. Appareceu tambem abundacia de ratos.

Em julho e agosto os generos ainda conservam baixos preços; o pasto secco é abundantissimo, havendo frequentes incendios nelle. Em setembro continúa tudo regular; o algodão a 2\$ a arroba, vai dando algum dinheiro á população.

O mesmo em outubro; apparecendo alguns relampagos para cima.

Em novembro apparecem noticias animadoras de chuvas para o Cariry no Ceará; houve aqui, á vista, algumas neblinas. O Piranhas e o Seridó conservam-se seccos

A 6 de dezembro, bonito relampejar para varios pontos, inclusive o Nascente. Em Caraúbas reapareceu uma febrezinha, fazendo algumas victimas. Bastante animadoras são as experiencias de Santa Luzia. A feira de Caraúbas continúa bem provida de generos, e por baixos preços: farinha 160 rs. o litro; milho, feijão e arroz, 80 rs. o litro; rapadura 200 rs.

Não houve fartura de fructas de vasantes. A noite de 24 não mostrou relampagos; na de 25, porém, foram vistos relampagos. E assim termina o anno que apesar de ter sido de inverno curtissimo, e de algumas falhas, pode ser classificado como de bom inverno, pela fartura que deixou.

1907.—Nos primeiros dias deste anno manifestaram-se bons prenuncios de inverno: dias bonitos, isto é, nublados, tardes e noites com relampagos, etc. O dia 4 foi escuro, nublado; a tarde ventando muito. A 5 bonito fuzilar de relampagos, e bonitos trovões ao Nascente. A 8 forte trovoada ao Nascente, cahindo diversas faiscas electricas em varios lugares, occasionando mortes em pessoas e animaes, estragos em arvores, vento forte, etc. O resto do mez foi secco, com absoluta

falta de chuvas de 15 em diante; ha, porém, noticias de chuvas no Cariry. Ha, entretanto, bons signaes de inverno: nublamento, relampagos para cima, abelhas de ferrão, e outros avisos reputados de bons prenuncios pela a credence sertaneja.

O mez de fevereiro entrou desanimado; o gado já está magro, e definha dia a dia; nas serras, porém, já houve alguma chuva, dando logar a iniciar-se a plantação. O dia 2 foi nublado; á tarde e á noite bonito relampejar ao Nascente; e assim o dia 3. A 10, domingo de entrudo, foi nublado o dia; á tarde *pintou* chuvinhas ao Sul; e á noite viu-se um só relampago ao Sul. Ha noticias de boas chuvas em Souza, que fez o rio ficar de nado; no Apody tambem deu boa chuva; e o Piranhas *desceu* com bastante agua. Aqui, porém, as terras preparadas para a plantação, esperam seccas, pelas chuvas.

A 15 bonito preparo para chover, nada chegando aqui para nós; a 16 boa e geral chuva, sendo pouca a que nos coube; a 23 melhores chuvas em algumas localidades do municipio. A 26 verdadeira noite de inverno, havendo aqui, boa chuva que fez encher e sangrar açudes.

Findou, pois, o mez com optimos prenuncios de inverno; as noticias, de onde chegam, são boas; estão bem iniciadas as plantações, quer nas serras, quer nos sertões.

Em pricipios de março, continúa animador o inverno: riachos *corridos*, campos bem molhados; a incipiente lavoura e a tenra pastagem, bem nascidas. Na feira, são estes os mais altos preços: farinha 160 rs. o litro; feijão e milho 100 rs. o litro; arroz 80 rs.; rapadura 300 rs.; carne 800 rs. o kilo; coureiros 2\$ e 1\$100.

A 17, depois de 7 dias de absoluto verão, que deu origem ao apparecimento de lagartas, choveu aqui; a 18 deu outra chuva, acompanhada de grande ventania, e correram os riachos; a 23 outra boa chuva aqui. Ha noticia de inverno firmado em quasi todo o sertão; os rios Seridó, Piranhas, Jaguaribe, Apody e Ipanema, têm estado com bastante agua.

A 1º de abril relampagos, chuvas, porém que aqui não chegaram. A 5 continúa o verão, que já está com 13 dias. De toda parte chegam noticias desse desanimador verão de 15 dias, muito prejudicial a tenras plantações; a pastagem, por murcha, não desenvolve-se.

De Pau dos Ferros noticiam que a lavoura e a pastagem estão sendo muito prejudicadas pelo grande verão; e que de al-

guns pontos tem sido retirado gados, por falta de aguadas.

A 19, depois de rigoroso verão de mais de 25 dias, apparecem chuvas, mais ou menos geraes, porém não copiosas, de optimos resultados para salvar a pastagem. A 23 prosegue o tempo sem chuvas; em grande parte está perdida a lavoura; a pastagem está murcha e enfezada.

Findou o mez em neblinas, como se já estivesse em final termo de inverno.

Um noticiario do sertão, escrevendo para um jornal do Estado, assim dá conta do presente inverno: «Este nosso sertão é difficil de ser comprehendido: uma semana de chuva, muda o curso do anno; assim tambem um verão ! E' uma historia mal contada, como dizia o conselheiro Britto Guerra, para exprimir as difficuldades de informações sobre os nossos invernos.

Em fevereiro, copiosas chuvas, rios corridos, açudes cheios, etc. E agora ?! De diversos logares nos chegam noticias de optimo inverno, mais tarde noticia de inverno regular, dias depois—está o campo atolando, e mais tarde—grande verão, lavoura perdida, pastagem insufficiente, secca!»

Maio entra com fraquissimo, quasi nullo inverno, deixando, apenas, alguma agua, insufficiente pastagem e pouca lavoura segura em alguns logares, onde foi possivel teimar e tentar uma terceira plantação.

Os jornaes noticiam, em correspondencias locais, que na zona de Seridó, e na serra de Luiz Gomes, estão os fazendeiros retirando gados para os logares onde ficou algum pouco recurso de pastagem.

A 25 deste mez a Intendencia de Mossoró dirigiu uma mensagem ao Governo, solicitando providencias e recursos contra a secca que se manifesta; providencia e recurso esses que não virão.

A 4 de junho houve chuva perto com trovões e relampagos, pela madrugada.

Na feira de Caraúbas, fracamente concorrida, são esses os preços: farinha 160 réis, o litro, milho 200 réis, feijão 320, arroz 200 réis, rapadura 300 réis, courinhos 1\$600, algodão 4\$500 a arroba; é este ultimo o unico recurso que o povo tem e que desenvolveu-se neste municipio, do anno passado para cá. A noite de S. João foi completamente limpa.

A 27 houve aqui e pela circumvisinhança, pequena chuva, com relampagos e trovões.

Em julho ainda não se faz sentir, no municipio de Caraú-

bas, a fome, devido ás poucas chuvas nelle cahidas, que permittiram pequena safra de algodão, que tem sustentado bom preço—3\$500 a arroba; as outras lavouras nada produziram de fundamento. A 8 de agosto apparecem relampagos ao sul. No meiado deste mez a população pobre deste municipio, começa a soffrer fome, e a entregar-se ao trafico da macambira; a safra do algodão está a extinguir-se, e soffreu baixa no preço; o producto das vasantes ainda é parco neste municipio; os generos sobem de preços. Apparece verão forte, e frio pela madrugada.

Setembro entrou como o mez anterior.

Ha um promettimento de serviço do Governo da União, obras contra as sêccas, mas isso é lá para as kalendas gregas. Os preços dos generos são: farinha 160 réis o litro, milho 700 réis, feijão 400 réis, arroz 200 réis, rapadura 500 réis, carne 800 réis o kilo, couro de bode 1\$500, algodão 3\$ a arroba. A 30, relampagos para cima, até amanhecer o dia. A 1º de outubro amanheceu relampejando para cima, o que tambem succedeu em diversos outros dias do mez.

Em novembro ainda não apparecem noticias de chuvas, e os relampagos vistos são rarissimos. A 23 houve bom preparo para chover: dia nublado, relampagos, trovões chuvinhas proximas.

No fim do mez corre o tempo secco: lá uma ou outra noite ha relampagos ao longe, e esses fracos, compassados, desanimados.

A população pobre soffre fome, e está toda entregue ao trafico da comida bravia. O gado está magro, definhado; na criação miuda já ha grande prejuizo.

O dia 8 de dezembro, de *experiencias* sertanejas, foi animador: céu coberto, e á noite relampagos ao Nascente e ao Sul; as experiencias de Santa Luzia tambem foram boas; o dia esteve nublado, pouco; á noite, porém, fechou-se, havendo trovoada ao Nascente, e chuvas para diversos pontos. Na noite de Natal não houve noticias de relampagos; o dia esteve encoberto até meio dia. Findou o anno secco, e com raras noites de relampagos para cima.

1908.—Janeiro entra com falta de chuvas. A criação magra, gafeirenta, morrendo, ainda espera o inverno. No Piahy e no Cariry consta haver inverno regular; consoladora esperança para o nosso d'aquí que vem sempre depois daquelle. A população pobre deste municipio está se alimentando de chique-chique e de macambira. Os generos, nas fei-

ras, estão por preços um tanto altos: farinha, 200 rs. o litro; milho, idem; arroz em casca, idem; feijão, 400 rs.; carne, café, assucar branco e sabão, a 1\$, 700 rs., 800 rs. e 600 rs. o kilo, na ordem escripta; courinhos 1\$100 e 700 rs.

A 7 amanhece relampejando para cima; e alguns dizem que isso se tem dado todas as noites passadas; a 9, bonito relampejamento e bonitos trovões para o Sul, Nascente e outros pontos.

A 14, cahiu aquí a primeira chuva deste anno; si bem que fina durou quasi toda a noite, fazendo agua nos corregos e ipueiras; veiu acompanhada de retumbantes trovões. A 21 outra chuva, não copiosa, porem, tambem com forte trovoada. A 24 prosegue o verão que parece se prolongará por mais tempo.

A 31 continúa o verão aterrador. No Acary tambem houve chuvas a 13 e a 14 deste mez; o rio Acauã deu uma boa enchente e a 15, allí, houve tambem grande trovoada. Em varios logares tem cahido chuvas de pedras, com faiscas electricas.

O dia 1 de fevereiro foi muito feio: sol claro, limpo, ardente como brasa; apparecendo nuvens á tarde que logo dissipam-se.

A 2 fraquissima barra ao Nascente; o dia pouco nublado e, á tarde, chuvinhas com trovões ao Nascente. A 16 prosegue a carencia de chuvas. Em parte nenhuma, aquí do sertão, ha começo de inverno. A conversa geral é a imminente secca; todos estão amedrontados.

Os generos sobem de preço; e os courinhos são o unico recurso que traz minguado dinheiro ao pobre. Poucos relampagos apparecem, e tem havido rarissimas e pequenas chuvas.

A 18 houve esplendido relampejar e trovejar para o Sul.

A 25 prosegue a falta de chuvas; as aguadas tornam-se escassas; algumas *encostam*.

O dia 1º de março, Carnaval, foi bem animado para chover; cahiram mesmo algumas chuvinhas; a 4, porém, limpo, ardente, com raros relampagos muito ao longe.

A comissão de engenheiros, que pelo sertão anda, em investigações de terrenos para açudes e obras contra as secas, continua a medir e a nivelar terrenos, nada porem aproveitando ao presente momento critico.

A 6 houve aquí uma chuva que fez agua nos corregos e nas ipueiras; a 12 uma outra de fazer correr gotteiras; essas

chuvinhas produziram ramas. A 18 outra chuva, fazendo aqui pouca agua. De todos os municipios sertanejos chegam más e desanimadoras noticias.

O dia 21 foi sem preparò para chuvas; havendo, apenas, um relampago ao Nascente e muito ao longe.

Findou o mez sem que se manifestasse o inverno, e não ha mais quem nelle creia. O povo não sabe o que fazer.

Ainda houve quem pagasse garrote a 25\$.

O dia 1º de abril foi limpò; havendo, á tarde, alguma chuva ao Nascente e relampagos; mas nada chegou até aqui.

A 6 amanhece neblinando, e o dia esteve esperançoso; grossas nuvens ameaçam chover a cada momento; á noite relampagos para diversos pontos, como tem acontecido quasi todas as noites, neste mez; a 8 o tempo ainda continua coberto, dando aqui chuva de *correr correjos*.

A 9, aqui, amanhece *correndo* as gotteiras; apparecem neblineiros, como de fim de inverno.

A 24 prosegue o tempo secco, e sem mais relampagos.

A 30 ainda houve algum relampago ao Poente.

Aqui em Caraúbas, nada ficará do inverno: insignificante pastinho, e muita falta d'agua; entretanto temos a seguinte noticia, transmittida de S. Miguel de Pau dos Ferros, aos jornaes, a 17 deste mez: «Do começo de março até 17 de abril as chuvas tem sido mais ou menos regulares, em algumas partes mais frequentes que em outras. Do Icó para cima, até o Piahy, tem havido pleno inverno, havendo já bastante legume seguro, assim como pastagens; açudes cheios, rios corridos, como o Salgado e o Jaguaribe, que se tem conservado sempre com bastante agua.»

Na feira de Caraúbas os generos dão os seguintes preços: farinha, 240 reis o litro; milho, 300 reis; feijão, 500 reis; macambira, 120 reis; rapaduras 500 reis; carne, 1\$000.

Maió entrou sem alteração: secca completa; falta d'agua e já murcha ou secca a babugem ou pastinho que havia; nem mais relampagos tem sido visto.

A 4, amanhece soprando rijo e frio vento; a 6 houve aqui pequena chuva fazendo agua nas ipueiras; a 7 mais copiosas e geraes chuvas de fazer correr rio, como o do Apody

A 11 dia de sol limpo; á noite deu aqui uma regular chuva; a 21, relampagos ao Sul.

O pouco pasto que ficou em nossos campos tem attraído grande quantidade de gados de outros municipios.

A 31, ainda deu aqui uma chuvinha. Na feira, os courinhos estão a 1\$500 e a \$600; o algodão a 3\$ a arroba.

A 22 de junho ainda houve bons preparos; relampagos, trovões, chuvinhas, etc. A 26 bonito dia de inverno: dissipou-se, porem, sem chuvas.

A população está faminta, pois nada houve de plantações.

Apparece mortandade no gado: mal triste e carbunculo.

A 18 de julho ainda lia aqui chuva de fazer agua por alguns dias.

Em agosto, segundo noticias dos jornaes, morreram em Mossoró 6 pessoas victimas da fome; o Governo Municipal em telegramma levou o facto ao conhecimento do sr. presidente da Republica.

E' grande a penuria de aguadas.

Em setembro, prosegue a secca: sol abrazador durante o dia; ventc forte á noite, frios pela madrugada.

A 5 dizem ter havido relampagos para os sertões de cima.

A população soffre fome e sede; a imprensa independente clama contra o abandono do povo pelos poderes publicos e expõe os tristes factos em sua nudez: nada tem conseguido.

Continua a mortandade no gado pelo carbunculo; e diversas são as pessoas atacados desse mal, em consequencia de tirarem os couros ás rezes mortas, afim de comer a carne pestilenta.

O dia 21 foi nublado; a 29 vi os primeiros relampagos para os sertões de cima, longe, por conta do futuro inverno. A fome é grande no povo; a falta d'agua é geral. Os generos não têm subido de preço.

No dia 1º de outubro houve relampagos para o Sul, sendo o dia nublado; a 3 deu aqui uma chuvinha de fazer agua nas ipueiras; foi grande esmola para nós, que estamos com absoluta falta d'agua. Continua a morrer gado.

Ha noticias de boas chuvas no Cariry. A 29 relampagos e trovões ao Sul.

A 17 de novembro, ha bonitos trovões e relampagos ao Sul.

De pasto nada mais resta; o gado magro, voga a esmo, pelo campo á cata de pó de capim, e d'agua que só á meia ração encontra. No mercado de Caraúbas, os generos não tem tido alteração sensivel.

A 8 de dezembro apparece tenue *barra* para o Sul; o dia conservou-se limpo e quente, apparecendo, porém á tarde nuvens, e algumas neblinas.

Desanimadoras foram as *experiencias* de Santa Luzia. A 15 continúa o tempo secco, horrivel; e já em tratamento de chique-chique o gado magro. Não ha mais um talo de capim; e a criação miuda, faminta, magra, gafeirenta, está se arrazando.

Alguns mais felizes, que ainda bebem *agua de areia*, dormem nas cacimbas, para evitar o furto d'agua potavel, pelos visinhos.

A 17 amanliece relampejando para os sertões de cima, onde dizem estar seguro o inverno. Na noite de Natai não houve quem dêsse noticias de relampagos para parte alguma. A 31 foram vistos alguns fracos relampagos ao Sul; e assim secco, em miserias, terminou o anno.

Neste mez os generos, na feira de Caraúbas, deram os seguintes preços: farinha, 200 rs. o litro; milho, 240; feijão de corda 300; arroz em casca, 240; macambira, 120; rapaduras, 400; assucar branco, 900 rs. o kilo.

Os generos de exportação têm desaparecido do mercado. O unico recurso que faz entrar minguido vintem á economia do pobre, é o couro de bode.

Não é facil explicar como esta população atravessa a crise: os proprios que a soffrem e a testemunham não sabem dizer como e porque não morre diariamente muita gente á fome.

NOTAS

1ª — Para se vêr que uma lei parece influir na repitição das seccas, em epocas determinadas, convem prestar attenção para as seguintes coincidencias: a primeira grande sêcca do seculo XVIII foi em 1710, a do seculo XIX foi em 1809, no seculo XX já se pode chamar sêcco o anno corrente 1908.

A 2ª foi no seculo XVIII de 1723 a 1727, medonha, a 2ª do seculo XIX foi de 1824 — 1825; a 3ª do seculo XVIII foi de 1744 a 1745; a 3ª do seculo XIX foi em 1844 a 1845; a 4ª do seculo XVIII foi em 1777; 4ª foi do seculo XIX em 1877 a 1879; a 2ª foi no seculo XVIII foi de 1791 a 1793; no seculo XIX não foram de sêcca os annos de 1891 a 1893, mas foram de invernos pessimos.

Segundo uma noticia encontrada no archivo episcopal de Pernambuco, o anno de 1692 tambem foi sêcco; e pereceu, de fome, 1/3 da população da Capitania na sêcca de 1672, anno que passou sem que caisse uma só gota d'agua, conforme participção da Capitania de Pernambuco á corôa de Portugal.

A sêcca de 1723 durou até 1727 e bem assim a de 1791 que foi até 1793, considerada, até então, como a mais horrosa em desgraças.

Si alguma differença ha, resulta em vantagem para os modernos tempos, pois que sendo frequente nos antigos periodos agora se tem espaçado, havendo mesmo um periodo em que não houve secca, de 32 annos— 1845 a 1874.

2ª. — Chama-se anno tropico, o tempo gasto pela terra em percorrer uma orbita em torno do sol, isto é, 365 dias, 5 horas, 48 minutos e 49 segundos. O anno vulgar, porém, é só de 365 dias— (differença de quasi um quarto de dia); e assim, no fim de 4 annos, contado o tempo conforme o anno vulgar, haveria um dia menos do que o do anno real, differença que, em 1508 annos, produziria um anno completo.

Verificando esse erro Julio Cezar (anno 45. A. C.) mandou accrescentar de 4 em 4 annos, um dia a cada anno; e esses annos de 366 dias, chamaram-se bissextos.

E' essa a reforma conhecida por Juliana.

Esse accessimo, entretanto, de um dia inteiro (24 horas) de 4 em 4 annos, importava nma demasia de 44 minutos; o que daria um excesso de cerca de 3 dias em 400 annos.

Por isso o papa Gregorio XIII, em 1582, mandou subtrahir a cada ultimo anno de 3 seculos consecutivos, o dia que tornaria esse mesmo bissexto. Eis a razão porque os annos de 1700, 1800 e 1900 não são bissextos, mas o de 2.000 sel-o-á, e assim por diante.

Para saber si um anno secular é bissexto, basta ver si elle contem um numero de seculos divisivel por 4.

Assim 2000, 2400, 2800 serão bissextos, porque contem 20, 24 e 28 seculos, numeros estes ultimos divisiveis por 4.

Ou por outra forma: si o numero do anno secular for divisivel por 400, o anno será bissexto

Os 7 planetas que correspondem aos dias da semana:
Sol—O seu dia é domingo.

O anno dominado por este planeta será de inverno um tanto aspero; a primavera temperada, e o estio quente. De mantimentos haverá fartura, e nem faltarão fructas; morrerão muitos meninos e moços e vellos tambem

Lua. O seu dia é segunda-feira. O anno que entrar neste dia será abundante d'aguas. O inverno será temperado; haverá abundancia de mantimentos, e tambem muitas enfermidades quer nos animaes quer na população.

Marte. O seu dia é terça-feira. O anno que entrar neste dia será de inverno muito frio, chuvoso, escuro, e com muitos nevoeiro; haverá uma certa carestia de viveres, pouca fructa, e enfermidades no gado miudo, que muito morrerá.

Mercurio—Quarta-feira é o seu dia. O anno dominado por este planeta será de inverno aspero, e não muito frio; haverá boa colheita de alguns legumes de caroço; dos mais mantimentos haverá penuria, e fome em algumas partes.

Jupiter. Quinta-feira é o seu dia. O anno dominado por este planeta será de inverno temperado, e o outomno com chuvas; haverá abundancia de mantimentos, fructas e peixe.

Venus. Sexta-feira é o seu dia. O anno que cair sob o seu dominio será de inverno pesado e frio; haverá muito mantimento, posto que caro; no gado miudo haverá mortandade; bem como em crianças; haverá bexigas e terremotos.

Saturno. Sabbado, é o seu dia. O anno sob a influencia deste planeta, é sêcco e esteril, o inverno um tanto comprido e frio, de poucas aguas; será quasi nulla a colheita; pouco peixe, e abundancia de fructas.

Notas diversas sobre os annos passados.

<i>Annos</i>	<i>1º dia do anno</i>	<i>Letra do-minical</i>	<i>Aureo numero</i>	<i>Cyclo Solar</i>	<i>Observações</i>
1600	Sabbado	B. A.	5	13	
1601	Segunda-feira	G.	6	14	
1602	Terça-feira	F.	7	15	
1603	Quarta-feira	E.	8	16	
1604	Quinta-feira	D. E.	9	17	
1605	Sabbado	B.	10	18	
1606	Domingo	A.	11	19	
1607	Segunda-feira	G.	12	20	
1608	Terça-feira	F. E.	13	21	
1609	Quinta-feira	D.	14	22	
1610	Sexta-feira	E.	15	23	
1611	Sabbado	B.	16	24	
1612	Domingo	A. G.	17	25	
1613	Terça-feira	F.	18	26	
1614	Quarta-feira	E.	19	27	
1615	Quinta-feira	D.	1	28	
1616	Sexta-feira	C. B.	2	1	
1617	Domingo	A.	3	2	
1618	Segunda-feira	G.	4	3	
1619	Terça-feira	F.	5	4	
1620	Quarta-feira	E. D.	6	5	
1621	Sexta-feira	C.	7	6	
1622	Sabbado	B.	8	7	
1623	Domingo	A.	9	8	
1624	Segunda-feira	E. D.	10	9	
1625	Quarta-feira	C.	11	10	
1626	Quinta-feira	B.	12	11	
1627	Sexta-feira	A.	13	12	
1628	Sabbado	B. A.	14	13	
1629	Segunda-feira	G.	15	14	
1630	Terça-feira	F.	16	15	
1631	Quarta-feira	E.	17	16	
1632	Quinta-feira	D. C.	18	17	
1633	Sabbado	B.	19	18	
1634	Domingo	A.	1	19	

<i>Annos</i>	<i>1º dia do anno</i>	<i>Letra do-minical</i>	<i>Aureo numero</i>	<i>Cyclo Solar</i>	<i>Observações</i>
1635	Segunda-feira	G.	2	20	
1636	Terça-feira	F. E.	3	21	
1637	Quinta-feira	D.	4	22	
1638	Sexta-feira	C.	5	23	
1639	Sabbado	B.	6	24	
1640	Domingo	A. G.	7	25	
1641	Terça-feira	F.	8	26	
1642	Quarta-feira	E.	9	27	
1643	Quinta-feira	D.	10	28	
1644	Sexta-feira	C. B.	11	1	
1645	Domingo	A.	12	2	
1646	Segunda-feira	G.	13	3	
1647	Terça-feira	F.	14	4	
1648	Quarta-feira	E. D.	15	5	
1649	Sexta-feira	C.	16	6	
1650	Sabbado	B.	17	7	
1651	Domingo	A.	18	8	
1652	Segunda-feira	E. D.	19	9	
1653	Quarta-feira	C.	1	10	
1654	Quinta-feira	B.	2	11	
1655	Sexta-feira	A.	3	12	
1656	Sabbado	B. A.	4	13	
1657	Segunda-feira	G.	5	14	
1658	Terça-feira	F.	6	15	
1659	Quarta-feira	E.	7	16	
1660	Quinta-feira	D. E.	8	17	
1661	Sabbado	B.	9	18	
1662	Domingo	A.	10	19	
1663	Segunda-feira	G.	11	20	
1664	Terça-feira	F. E.	12	21	
1665	Quinta-feira	D.	13	22	
1666	Sexta-feira	C.	14	23	
1667	Sabbado	B.	15	24	
1668	Domingo	A. G.	16	25	
1669	Terça-feira	F.	17	26	
1670	Quarta-feira	E.	18	27	
1671	Quinta-feira	D.	19	28	

Anuos	1º dia do anno	Letra do- mínical	Aureo numero	Cyclo Solar	Observações
1672	Sexta-feira	C. B.	1	1	
1673	Domingo	A.	2	2	
1674	Segunda-feira	G.	3	3	
1675	Terça-feira	F.	4	4	
1676	Quarta-feira	E. D.	5	5	
1677	Sexta-feira	C.	6	6	
1678	Sabbado	B.	7	7	
1679	Domingo	A.	8	8	
1680	Segunda-feira	E. D.	9	9	
1681	Quarta-feira	C.	10	10	
1682	Quinta-feira	B.	11	11	
1683	Sexta-feira	A.	12	12	
1684	Sabbado	B. A.	13	13	
1685	Segunda-feira	G.	14	14	
1686	Terça-feira	F.	15	15	
1687	Quarta-feira	E.	16	16	
1688	Quinta-feira	D. C.	17	17	
1689	Sabbado	B.	18	18	
1690	Domingo	A.	19	19	Sêcca na Bahia
1691	Segunda-feira	G.	1	20	> >
1692	Terça-feira	F. E.	2	21	> >
1693	Quinta-feira	D.	3	22	
1694	Sexta-feira	C.	4	23	
1695	Sabbado	B.	5	24	
1696	Domingo	A. G.	6	25	
1697	Terça-feira	F.	7	26	
1698	Quarta-feira	E.	8	27	
1699	Quinta-feira	D.	9	28	
1700	Sexta-feira	C.	10	1	
1701	Sabbado	B.	11	2	
1702	Domingo	A.	12	3	
1703	Segunda-feira	G.	13	4	
1704	Terça-feira	F. E.	14	5	
1705	Quarta-feira	D.	15	6	
1706	Sexta-feira	C.	16	7	
1707	Sabbado	B.	17	8	
1708	Domingo	A. G.	18	9	

Annos	1º dia do anno	Letra do- mínical	Aureo numero	Cyclo Solar	Observações
1709	Terça-feira	F.	19	10	
1710	Quarta-feira	E.	1	11	Sêcco.
1711	Quinta-feira	D.	2	12	
1712	Sexta-feira	C. B.	3	13	
1713	Domingo	A.	4	14	
1714	Segunda-feira	G.	5	15	
1715	Terça-feira	F.	6	16	
1716	Quarta-feira	E. D.	7	17	
1717	Sexta-feira	G.	8	18	
1718	Sabbado	B.	9	19	
1719	Domingo	A.	10	20	
1720	Segunda-feira	G. F.	11	21	
1721	Quarta-feira	E.	12	22	
1722	Quinta-feira	D.	13	23	
1723	Sexta-feira	C.	14	24	Sêc. no Ceará
1724	Sabbado	B. A.	15	25	> >
1725	Segunda-feira	G.	16	26	> >
1726	Terça-feira	F.	17	27	> >
1727	Quarta-feira	G.	18	28	Inverno 11.0 Sêcca
1828	Quinta-feira	F. E.	19	1	> Inverno
1729	Sabbado	B.	1	2	>
1730	Domingo	A.	2	3	>
1731	Segunda-feira	G.	3	4	>
1732	Terça-feira	F. E.	4	5	>
1733	Quinta-feira	D.	5	6	>
1734	Sexta-feira	C.	6	7	>
1735	Sabbado	B.	7	8	>
1736	Domingo	A. G.	8	9	Sêcca
1737	Terça-feira	F.	9	10	Inverno
1738	Quarta-feira	E.	10	11	>
1739	Quinta-feira	D.	11	12	>
1740	Sexta-feira	C. B.	12	13	>
1741	Domingo	A.	13	14	>
1742	Segunda-feira	G.	14	15	>
1743	Terça-feira	F.	15	16	>
1744	Quarta-feira	E. D.	16	17	Sêcca
1745	Sexta-feira	C.	17	18	Inverno

Anuos	1º dia do anno	Letra do mimical	Aureo numero	Cyclo Solar	Observações
1746	Sabbado	B.	18	19	Inverno <i>J.A.C.A</i>
1747	Domingo	A.	19	20	<i>Inverno</i>
1748	Segunda-feira	G. F.	1	21	«
1749	Quarta-feira	E.	2	22	«
1750	Quinta-feira	D.	3	23	«
1751	Sexta-feira	C.	4	24	«
1752	Sabbado	B. A.	5	25	«
1753	Segunda-feira	G.	6	26	«
1754	Terça-feira	F.	7	27	«
1755	Quarta-feira	E.	8	28	«
1756	Quinta-feira	D. C.	9	1	
1757	Sabbado	B.	10	2	
1758	Domingo	A.	11	3	
1759	Segunda-feira	G.	12	4	
1760	Terça-feira	F. E.	13	5	
1761	Quinta-feira	D.	14	6	
1762	Sexta-feira	C.	15	7	
1763	Sabbado	B.	16	8	
1764	Domingo	A. G.	17	9	
1765	Terça-feira	F.	18	10	
1766	Quarta-feira	E.	19	11	Sêcca
1767	Quinta-feira	D.	1	12	
1768	Sexta-feira	E. B.	2	13	
1769	Domingo	A.	3	14	
1770	Segunda-feira	G.	4	15	
1771	Terça-feira	F.	5	16	
1772	Quarta-feira	E. D.	6	17	
1773	Sexta-feira	C.	7	18	
1774	Sabbado	B.	8	19	
1775	Domingo	A.	9	20	
1776	Segunda-feira	G. F.	10	21	
1777	Quarta-feira	E.	11	22	Sêcca
1778	Quinta-feira	D.	12	23	»
1779	Sexta-feira	C.	13	24	Inverno
1780	Sabbado	B. A.	14	25	
1781	Segunda-feira	G.	15	26	
1782	Terça-feira	F.	16	27	<i>grand inuerno</i>

Annos	1º dia do anno	Letra do- mimical	Aureo numero	Cyclo Solar	Observações
1783	Quarta-feira	E.	17	28	
1784	Quinta-feira	D. C.	18	1	Sêcca
1785	Sabbado	B.	19	2	
1786	Domingo	A.	1	3	
1787	Segunda-feira	G.	2	4	
1788	Terça-feira	F. E.	3	5	
1789	Quinta-feira	D.	4	6	Copioso inver.
1790	Sexta-feira	C.	5	7	
1791	Sabbado	B.	6	8	Sêcca
1792	Domingo	A. G.	7	9	«
1793	Terça-feira	F.	8	10	«
1794	Quarta-feira	E.	9	11	Bom inverno
1795	Quinta-feira	D.	10	12	
1796	Sexta-feira	C. B.	11	13	
1797	Domingo	A.	12	14	<i>grand inuerno</i>
1798	Segunda-feira	G.	13	15	
1799	Terça-feira	F.	14	16	
1800	Quarta-feira	E.	15	17	
1801	Quinta-feira	D.	16	18	
1802	Sexta-feira	C.	17	19	
1803	Sabbado	B.	18	20	
1804	Domingo	A. G.	19	21	<i>inundação</i>
1805	Terça-feira	F.	1	22	
1806	Quarta-feira	E.	2	23	
1807	Quinta-feira	D.	3	24	
1808	Sexta-feira	C. B.	4	25	Sêcca
1809	Domingo	A.	5	26	Inverno <i>multo fraco</i>
1810	Segunda-feira	G.	6	27	
1811	Terça-feira	F.	7	28	
1812	Quarta-feira	E. D.	8	1	
1813	Sexta-feira	C.	9	2	
1814	Sabbado	B.	10	3	Sêcco
1815	Domingo	A.	11	4	
1816	Segunda-feira	G. F.	12	5	Sêcco
1817	Quarta-feira	E.	13	6	«
1818	Quinta-feira	D.	14	7	
1819	Sexta-feira	C.	15	8	Inuudações

Annos	1. ^o dia do anno	Letra do- minical	Aureo numero	Cyclo Solar	Observações
1820	Sabbado	B. A.	16	9	
1821	Segunda-feira	G.	17	10	
1822	Terça-feira	F.	18	11	
1823	Quarta-feira	E.	19	12	
1824	Quinta-feira	D. C.	1	13	Escasso
1825	Sabbado	B.	2	14	Sêcco
1826	Domingo	A.	3	15	"
1827	Segunda-feira	G.	4	16	
1828	Terça-feira	F. E.	5	17	
1829	Quinta-feira	D.	6	18	
1830	Sexta-feira	C.	7	19	
1831	Sabbado	B.	8	20	
1832	Domingo	A. G.	9	21	<i>grande inverno</i>
1833	Terça-feira	F.	10	22	Sêcco
1834	Quarta-feira	E.	11	23	
1835	Quinta-feira	D.	12	24	
1836	Sexta-feira	C. B.	13	25	
1837	Domingo	A.	14	26	<i>Muito escasso</i>
1838	Segunda-feira	G.	15	27	
1839	Terça-feira	F.	16	28	<i>grande inverno</i>
1840	Quarta-feira	E. D.	17	1	
1841	Sexta-feira	C.	18	2	<i>quasi secca.</i>
1842	Sabbado	B.	19	3	Grande inver.
1843	Domingo	A.	1	4	Escasso <i>Boon.</i>
1844	Segunda-feira	F. G.	2	5	<i>Escasso.</i>
1845	Quarta-feira	E.	3	6	Sêcco
1846	Quinta-feira	D.	4	7	
1847	Sexta-feira	C.	5	8	Inverno Curto
1848	Sabbado	B. A.	6	9	Escasso
1849	Segunda-feira	G.	7	10	
1850	Terça-feira	F.	8	11	
1851	Quarta-feira	E.	9	12	
1852	Quinta-feira	C.	10	13	
1853	Sabbado	B.	11	14	Escasso
1854	Domingo	A.	12	15	Escasso e curto
1855	Segunda-feira	G.	13	16	Escasso
1856	Terça-feira	F. E.	14	17	

Annos	1. ^o dia do anno	Letra do- minical	Aureo numero	Cyclo Solar	Observações
1857	Quinta-feira	D.	15	18	Escasso
1858	Sexta-feira	C.	16	19	"
1859	Sabbado	B.	17	20	
1860	Domingo	A. G.	18	21	Quasi secco
1861	Terça-feira	F.	19	22	Copioso
1862	Quarta-feira	E.	1	23	
1863	Quinta-feira	D.	2	24	
1864	Sexta-feira	C. B.	3	25	
1865	Domingo	A.	4	26	Escasso
1866	Segunda-feira	G.	5	27	
1867	Terça-feira	F.	6	28	"
1868	Quarta-feira	E. D.	7	1	"
1869	Sexta-feira	C.	8	2	
1870	Sabbado	B.	9	3	Quasi secco
1871	Domingo	A.	10	4	
1872	Segunda-feira	G. F.	11	5	Extenso; bon
1873	Quarta-feira	E.	12	6	
1874	Quinta-feira	D.	13	7	
1875	Sexta-feira	C.	14	8	Inundações
1876	Sabbado	B. A.	15	9	Escasso
1877	Segunda-feira	G.	16	10	Secco
1878	Terça-feira	F.	17	11	Quasi secco
1879	Quarta-feira	E.	18	12	Escasso
1880	Quinta-feira	D. C.	19	13	
1881	Sabbado	B.	1	14	
1882	Domingo	A.	2	15	Escasso
1883	Segunda-feira	G.	3	16	
1884	Terça-feira	F. E.	4	17	
1885	Quinta-feira	D.	5	18	Quasi secco
1886	Sexta-feira	C.	6	19	Escasso
1887	Sabbado	B.	7	20	
1888	Domingo	A. G.	8	21	Quasi secco
1889	Terça-feira	F.	9	22	"
1890	Quarta-feira	E.	10	23	Escasso
1891	Quinta-feira	D.	11	24	"
1892	Sexta-feira	C. B.	12	25	"
1893	Domingo	A.	13	26	

Anos	º dia do anno	Letra do- minical	Anno numero	Cyclo Solar	Observações
1894	Segunda-feira	G	14	27	Copioso
1895	Terça-feira	F.	15	28	
1896	Quarta-feira	E. D.	16	1	Escasso
1897	Sexta-feira	C.	17	2	
1898	Sabbado	B.	18	3	Secco
1899	Domingo	A.	19	4	Copioso
1900	Segunda-feira	G.	1	5	Secco
1901	Terça-feira	C.	2	6	
1902	Quarta-feira	E.	3	7	Quasi secco
1903	Quinta-feira	D.	4	8	Escasso
1904	Sexta-feira	C. B.	5	9	
1905	Domingo	A.	6	10	
1906	Segunda-feira	G.	7	11	
1907	Terça-feira	F.	8	12	Quasi secco
1908	Quarta-feira	E. D.	9	13	Secco
1909	Sexta-feira	G.	10	14	

5ª — E' conhecida a mania de vaticinar sobre seccas e invernos, que alguns têm, fundada em dados fornecidos pelo celebre—Lunario Perpetuo. Os lunaristas tomam uns ares de magos, a decifrar arcanos que dizem contidos no Lunario.

O melhor meio de acabar com o prestigio de *sobrenaturais* encantos é tornar o segredo accessivel a todos. afim de que cada qual possa julgar do seu fundamento e, por observação propria, tirar a prova dos factos.

Por isso deixamos, copiado do Lunario, o que elle diz sobre dias da semana, influencia de planetas, e cousas semelhantes que fertil phantasia teve paciencia de formular.

As tabellas obedecem aos mesmos intuitos.

6ª — Altura pluviometrica, observada em Mossoró, segundo dados colhidos e fornecidos pelo distincto pharmaceutico Jeronymo Rosado.

Em 1899 — o pluviometro accusou 1268 m. m. Em 1900 — 146 m. 1901 — 567. m. 1902 — 394. 1903 — 180.

1904— 280. 1905— 463. 1906— 487. 1907— 245. 1908— 401. 1909 (até abril) 364.

Na capital do Estado o pluviometro marcou: Em 1904 — 1265 m. m. Em 1905— 1467. Em 1906— 1773. Em 1907 — 837. Em 1908— 1985. Em 1909— 777.

Comparando a media pluviometrica dos cinco ultimos annos de Mossoró e Natal vê-se que cada anno de inverno em Natal corresponde a mais de 3 1/2 annos de inverno em Mossoró.

Anno	m. m.	Anno	m. m.	Anno	m. m.
1898	740	1916	422	1935	781,8
1899	1268	1917	1220	1936	359,9
1900	746	1918	956	1937	623,9
1901	567	1919	190	1938	402,5
1902	394	1920	506	1939	490,9
1903	280	1921	741,7	1940	926,5
1904	280	1922	706,5	1941	375,6
1905	463	1923	599	1942	223,6
1906	487	1924	719,9	1943	329,0
1907	245	1925	573	1944	637
1908	401	1926	809		
1909	422	1927	487		
1910	697	1928	531		
1911	359	1929	746		
1912	700,7	1930	301		
1913	1028	1931	241		
1914	998	1932	1388		
1915	204	1933	490		
		1934	604		

Dados fornecidos no relatório secca - Mossoró, Caio Cruzeta, Natal, apud

PHILIPPE GUERRA

Philippe Guerra

~~~~~  
SEGUNDA PARTE

~~~~~  
Açudes e Irrigação

Vida Sertaneja

AÇUDES

Vamos tratar de um assumpto que, embora relativamente tarde, desperta a attenção dos habitantes das regiões flagelladas pelas sêccas.

A açudagem, a mais simples e a mais primitiva forma de irrigação, offerecendo vantagens tão relevantes quanto intuitivas, está ainda longe de apresentar a merecida acceitação como idéa, e a indispensavel realisação como medida reclamada por naturaes e perniciosos phenomenos climatericos a corrigir.

E' sempre assim : reforma de costumes e de vida de um povo, por mais imperiosas que sejam, encontram em sua marcha o espirito de rotina, aferrado a preconceitos e cego aos ensinamentos da experiencia ; ha sempre um periodo de luctas a sustentar e a transpôr.

A vida sertaneja, nos bons tempos de nossos avós, era por demais patriarchal e singela.

Com limitadas aspirações, sem as necessidades que a civilisação crêa, habitando centro de escassa população, desconhecendo os estímulos da concorrência, os nossos antepassados restringiam-se a criar gado em campos vastos com escravos em numero superior a necessidade dos serviços, pouco explorando a agricultura e, uma vez por anno, enviando seus *comboios* ás salinas, onde compravam sal a quarenta reis a carga, que era permutada por uma de rapaduras ou de farinha, no Crato, Ceará.

Uma das aspirações mais altas das familias ricas consistia em ordenar um filho, para contar um padre entre os seus.

Nos annos regulares levavam todos vida farta, mesmo dentro de imprevidente desperdicio no tocante á alimentação ; nos annos de crise e de calamidade, enquanto o pro-

letariado morria aos punhados, testemunhavam, soffrendo privações e incommodos, á extincção de seus haveres.

Passada a calamidade, a exuberante fecundidade do solo fazia esquecer a necessidade de medidas de previdencia, que poderiam então perturbar a doce fruição da *fartura que Deus nos deu*.

O fanatismo religioso, alimentado pelos *santos missionarios* italianos, não podia incitar á luta contra a natureza uma civilisação incipiente, filha da cultura Iberica, agindo sobre a fundamental imprevidencia do selvicola brasileiro.

A facilidade da vida era tal que ao approximar-se a hora do jantar, um escravo corria, de machado em punho, a buscar uma *jandaira* — o delicioso mel dessa abelha — para a refeição. O pouco gado que sobrevivia á calamidade, rapidamente multiplicava-se.

Esse complexo de factores, certamente, não era apto a gerar habitos de previdencia.

A unica previdencia acceita, consistia em accumular alguma quantia em prata e ouro, que a falta de segurança obrigava a occultar no sub-solo, onde por morte do possuidor, permanecia enterrada até que algum sonho ou algum phantasma viesse mostrar a *botija* a alguém.

Hoje, porém, as circumstancias da vida são outras: os recursos naturaes estão esgotados e a vida social não se adapta mais aos moldes primitivos. Entretanto a riqueza da população não tem crescido em proporção ás suas necessidades, pois as seccas são obstaculo á regular expansão economica.

Ha, portanto, imperiosa necessidade de incutir no espirito popular, salutaes principios de previdencia, pois as crises são constantes e amiudadas.

O povoamento do solo estendeu-se, os campos vagos, que facilitavam a criação apenas entregue ás forças da natureza, vão se estreitando cada vez mais. A concurrencia desperta a luta pela vida. O instincto popular já comprehendeu que perante os fundamentaes principios de suas crenças o trabalho, a actividade, o esforço, tem mais merito e dão melhores resultados do que esmurrar os peitos, allucinado ante os horri-

veis castigos lembrados pelos *santos missionarios* italianos, que com tanto geito, atiravam-se a cavar a vida. *Uma injustiça.* Apesar de indiscutida mudança para melhor, na vida e nos costumes sertanejos, o atrazo é ainda grande. O grande inimigo é a secca: previdencia e cautella, pois, contra ella.

Mas... como encetar á luta?

Desenvolvendo a exploração agricola do solo? Não, pois muitas e muitas vezes o solo resequido inutilisa completamente todo o fructo do trabalho, toda esperanza de colheita, sem margem para salvar a menor particula do capital empregado.

Explorando em larga escala a industria pastoril? Também não, porque, constantemente, grandes e pequenos criadores do sertão assistem ao acabamento de seus gados, sem que lhes possam valer; a falta de pastagens é absoluta.

Onde empregar a actividade? No commercio?

E' impossivel, maxime em acanhado meio, uma população inteira dedicar-se ao commercio. Já é nociva a mania de commerciar entre o sertanejo, havendo individuos cujo capital não vae alem do alcance de uma garrafa de aguardente, compral-a aos domingos, nas feiras, para revendel-a a retalho durante a semana.

Na industria manufactureira?

As industrias dependentes da lavoura e da criação são precarias e incertas como as fontes donde emanam. Para a grande industria faltam capitaes, regulares meios de transportes e o espirito de associação é nullo.

A industria extractiva, representada pela maniçoba e pela carnaúba, é limitada a algumas localidades.

Ha uma conhecida phrase popular que caracteriza o estado de incerteza e a irregularidade da vida sertaneja: — «O sertanejo vive eternamente em começo».

E' uma verdade filha de justa observação. Monta se uma fazenda: prepara-se ^{em} casas, curraes, cercados, terrenos para plantações; compra-se, junta-se os gados. Em principio tudo vai bem: o gado prospera, ha as delicias de um bom inverno com fartas e remuneradoras colheitas que alegram e suavizam a rude, descuidosa e folgada vida.

Vem breve um anno em que fallham as chuvas de dezembro; entra janeiro sem signaes de inverno; em fevereiro pequenas chuvas em alguns logares; em março algumas raras e babugens; os experientes prognosticam máo tempo, secca. O *carão* — ave muito conhecida no sertão — não canta; as formigas mudam-se para as baixas e para o leito dos riachos; as abelhas de ferrão não são vistas; no dia de S. José não houve chuvas nem relampagos.

As raras chuvas que apparecem, são fugitivas e «pouca terra molham», as *babugens* e as plantações são crestadas, o gado definha.

com regra
brasil
missionarios
mista.
mas
na
a
a
a

Em abril novas chuvas esparsas, encontrando, porém, já extinctas as terras pastagens e lavouras que as chuvas de março haviam feito germinar: alguns ainda acreditam na possibilidade do inverno; a maioria, porém, já conta com a secca.

Os gados continuam a definhar; os generos alimenticios escasseiam e sobem de preço; as aguadas faltam; as communicações tornam-se difficultosas; nos ultimos mezes do anno não se encontra nos campos ração para um animal; nem mesmo com que «tapar um chocalho», conforme expressão consagrada.

Apezar de todos os sacrificios e trabalhos, ha prejuizo de cerca de 80 % no gado.

As plantações extinguem se completamente; arvores fructiferas — coqueiros, goiabeiras, bananeiras — não são poupadas: os *sittios* offerecem o aspecto de campos incendiados.

A fortuna particular decresceu mais de 80 %.

No anno seguinte, estação regular. Tudo prospera admiravelmente. Em cinco annos de bonança é restaurada a fortuna.

Aparece nova secca... lá se vão os fructos do trabalho e da economia!

Passa se a secca... vamos começar outra vez...

E' esse com as necessarias variantes de vida a maior ou menor intensidade e duração da crise, ao mais longo ou mais breve periodo da reprodução, o viver do sertanejo: caminha em circulo: depois de muito andar acha-se no ponto de partida. Isso, para os felizes, pois muitos, depois de repetidas alternativas de avanço e recuo, ficam em condições de fortuna muito inferiores ás do começo: alquebrados pelos annos, com o animo abatido por incessante e improficua luta, numerosa familia á cargo, não podem mais alcançar a prosperidade perdida.

As economias sertanejas são consumidas nos annos de secca somente em garantir a subsistencia material do individuo.

Não chegam para providenciar sobre a ruina que ameaça.

Dezoito, vinte ou mais mezes, permanece o sertão improductivo. Nesse periodo milhares de contos de réis são entregues ao commercio, que os envia para outros Estados em troca de mantimentos.

Essa fatal e periodica rapina que as seccas exercem sobre

minguadas fortunas e economias parcas, produz o atrazo e o depauperamento da região flagellada, cujo anniquilamento tem sido evitado pela espantosa fertilidade do solo nas estações normaes, auxiliada por uma certa tenacidade do caracter sertanejo, creada por incessante luta, gerando feliz e consciante característica.

Haverá possibilidade de tornar o sertão productivo durante os longos mezes de crise? Haverá meio de fazer com que, nos longos periodos de secca o sertanejo, em vez de lançar mão de suas magras economias para, esforçada e difficilmente, escapar á calamidade sua vida e pequena parte de seus haveres, possa empregar essa actividade como produtor, concorrendo para o bem estar geral, e para augmentar sua fortuna?

Incontestavelmente ha um, principal, que já não é segredo, todos conhecem, muitos abraçam e alguns já vão executando: o açudamento do sertão.

O que falta nas seccas são terrenos com humidade capaz de produção: façamos esses terrenos.

Haverá assim em que empregar vantajosamente esforço e actividade, concorrendo para abastecer o mercado consumidor, evitando a sahida dos pequenos capitaes para outros Estados, d'onde não mais voltarão: o capital assim fixado no meio sertanejo, forçosamente, pelas necessidades economicas e pela lei da divisão do trabalho, derramar-se-á novamente no mesmo meio, creando novas fontes de produção.

Examinemos mais detalhadamente as vantagens dos açudes; ficando desde logo claro que não nos referimos aos pequenos açudes que seccam nos primeiros mezes de verão. Esses, de muito proveito e de muita utilidade para seus donos, nas crises mais prolongadas fálham em criticas circumstancias. São como amigos pouco dedicados: ausentam-se nos grandes perigos.

O sertão secco é tal que, em epocas normaes, na propicia estação chuvosa, os correços, ribeiros e riachos, durante a noite dão espantosas cheias; ao meio dia ou á tarde um cavalleiro pode vadeal-os com agua pela curva da cavalladura.

Dias ou mezes depois da estação das aguas todos os correços, riachos, rios, ate os grandes rios de 300 e 400 kilometros de curso, ficam tão seccos, que suas areias podem ser atiradas em qualquer escripta, á guiza de mata-borrão.

Nos rios permanecem alguns poços que resistem longos mezes.

Esse phenomeno—o rapido escoamento d'aguas—é devido, conforme dizem, ao grande declive que as terras offercem em direcção ao oceano; e tambem com certeza concorrem para elle o sub-solo *forrado* de pedras e lagedos, a impermeabilidade do terreno e o natural desnudamento dos campos.

Ha terrenos impermeaveis de tal fórma que a agua empoçada só se extingue pela evaporação; á poucos palmos, muito proximo ao poço, a terra, quer da superficie, quer do sub-solo, é encontrada secca, como si não estivesse tão visinha á agua. Muitos poços e açudes, logo que seccam, não dão cacimba: o sub-solo que havia estado longos dias debaixo d'agua, fica secco, logo que esta desaparece da superficie.

O terreno argiloso é o mais impermeavel; entretanto quando convenientemente regado pelas chuvas, é dos mais férteis e é mesmo o melhor para o plantio quando as chuvas são excessivas.

Em periodos normaes, as chuvas regulares vêm de fevereiro a junho. E felizmente são raras as seccas de tres annos. Acontece tambem que em um anno secco, uma unica chuva faz transbordar um riacho; si essa agua não ficar arinzenada nenhum beneficio produzirá; presa, torna-se uma fonte de abundantes fructos.

Commumente um ou dois annos antes das grandes seccas, apparece copioso inverno; havendo, pois, açudamento geral do sertão, ao declarar-se a calamidade, encontra-o preparado, em pé de guerra, contra terriveis desastres.

Um açude é sempre segura fonte de produção; e tal que achando-se elle provido d'agua, em um só anno indemnisa todo o capital empregado em sua construção, facto por demais animador e quasi excepcional na collocação de capitães. Os proveitos de açude são de ordem particular, relativos ao proprietario, uns, e outros de character geral, representando interesses communs.

O proprietario de um açude tem aguada segura e franca para seus gados e para necessidades domesticas, facto esse de alta monta, pois evita o trabalho difficil e penoso de cacimbas, no qual é consumido não pequeno capital. Entretanto não é facto excepcional o esgotamento dessas cacimbas, em plena crise, obrigando a uma retirada os gados quasi moribundos, com inevitaveis prejuizos.

Essa retirada estende-se tambem aos proprios moradores, si não querem abastecer-se d'agua em distancia de cinco a doze kilometros, em aguda crise de transportes, permitindo, apenas, escasso suprimento d'agua, tão indispensavel á boa hygiene em um clima ardente, preparado para o desenvolvimento de molestias.

As *vasantes*, isto é, o plantio e a cultura do solo, sem dependencia de chuvas, refrescado pela agua vertente do açude, pela irrigação, ou nos logares alagados, a proporção que ficam á descoberto, produzem quasi tanto quanto as plantações de inverno, abrigadas contra eventualidades de chuvas, de verão, de cheias, e até mesmo menos sujeitas á destruição de lagartas.

Esses terrenos aptos para *vasantes*, bem aproveitados, como são em tempos criticos, produzem admiravelmente, consoante a força do solo sertanejo.

Vimos uma canna passada em moendas, produzir dez garrafas de caldo, e 1 1/2 litro de feijão de *corda* produzir 1.280 litros, 8 alqueires.

Uma das graves consequencias das seccas, no tocante á alimentação, para quem tem recursos, é obrigar ao uso de generos de má qualidade, insalubres, que o commercio, em attenção aos preços importa de outros Estados. O açude cultivado, fornece alimentação sempre fresca, nova, sadia, evitando grande numero de molestias originadas por ingestão de generos avariados.

Eis ali o açude, fonte de abastecimento de generos alimenticios, não só para sea proprietario, que produz mais do que consome, entregando o resto ao mercado, como tambem para grande numero de pessoas que por arrendamento, cultivam o mesmo açude.

Alem da produção de legumes e cereaes, o proprietario poderá ter abundancia de leite e seus productos para consumo proprio e para venda; e isso conservando á ração de ramas das vazantes, vacas leiteiras, que assim são transformadas em fonte de receita, escapando á morte quasi certa, si não fôra o trato do açude.

A criação e engorda do gado lanigero, caprino ou suino, encontra no producto do açude franco apoio, fornecendo importante receita, pois não é facil nas seccas, encontrar gado para açougue.

As ramas, as palhas, os residuos das *vasantes*, auxiliados pelas forragens cultivadas, são sufficientes, para, regrados

e aproveitados com cautela, salvar grande numero de rezes, e de fornecer meios de manter o cavallar apto para o necessario serviço de transportes.

Esta ultima circumstancia é muito relevante para quem conhece as difficuldades de transporte durante as seccas; quando muares chegam a percorrer oito ou mais leguas sem outra alimentação a não ser um litro de milho.

Uma farta renda que offerece o açude, é o peixe. Sabemos de um açude que forneceo, num só anno, dez contos de reis pela venda do peixe, quantia talvez pouco inferior ao custo da sua construcção.

O açude alem disso permite a plantaçõ de *sítio*, isto é, a cultura de arvores fructíferas proprias do clima—coqueiros, cajueiros, pinheiras, goiabeiras, bananeiras—fructos esses de prompta venda, a preços compensadores e, sem a protecção de açudes, condemnados a morrer na secca.

Em taes condições o proprietario de açude passa a crise ao abrigo de necessidades e de incommodos materiaes; e finda ella está com sua fortuna augmentada, em vez de achar-se com ella desfalcada de 70 ou 80 %.

Relativamente aos beneficios e vantagens que um açude gera ao bem publico, e por conseguinte á prosperidade do Estado, o seu papel torna-se mais saliente.

Primeiramente a riqueza particular é a geratriz da riqueza e da prosperidade geraes. E' mesmo absurda e impossivel a concepção do bem estar geral que não parta do bem estar individual; a questão cifra-se, apenas, em alargar tanto quanto possivel o particular para tornal-o geral.

Numa legislatura do Congresso Legislativo do Estado, de que faziamos parte, defendendo um projecto que concedia vantagens a particulares que construissem açudes em certas e determinadas condições, ouvimos um collega—espirito muito culto e intelligente aliás—oppor-se ao pedido por que «redundava em proveito de alguns particulares.»

Ora, esse argumento prova de mais, pois nesse caso, nada de favores ao commercio, ás industrias, ás fabricas, ás empresas de transportes, pois que ninguem se propõe a taes emprehendimentos sem vizar interesse proprio.

Esse modesto e simples projecto que apresentamos e defendemos então (1892 e 93) dentro de nossas fracas forças, tinha por fim levantar e animar a iniciativa particular para a construcção de açudes, concedendo, apenas, como favor ao proprietario, isenção de pagamentos de certos impostos

sobre industrias pastoril e agricola, em limitado espaço de tempo: era um auxilio indirecto levando incitamentos á açudagem do sertão.

Não foi feliz o projecto: a palavra—açude—nunca havia preocupado o Congresso do Estado e a palavra—secca—andava associada á idéa de malandrice sertaneja.

O açudamento do Estado, por iniciativa particular, o meio mais efficaz para levar o a effeito, redundava em beneficio para toda a populaçõ.

Nas grandes seccas uma das consequencias mais desastrosas é o deslocamento em grande massa, das populações do interior para os portos, onde os que não succumbem á fome, á sede, ás fadigas e privações da viagem, chegam extenuados e famintos, constituindo uma agglomeraçõ de miseros retirantes que por completa e absoluta falta de regulares condições hygienicas, geram focos de epidemias que os victimam aos milhares.

Alem desse desastre, inherente ás grandes seccas, em crises menos agudas, ha hoje uma corrente de expatriaçõ para os Estados do extremo Norte, a qual embora necessaria e fatal, pois falhando aqui meios de subsistencia, forçosamente serão procurados algures, é um triste e funesto remedio que arrebatava a populaçõ mais valida e apta para o trabalho, que é sacrificada por letal impaludismo.

Sabemos de um barracõ no Pará, onde, de 1898 a 1899, morreram trinta rio grandenses do norte, todos homens moços.

O açude, o açudamento do sertão, evita e remedeia esses deslocamentos da populaçõ, fixando-a em seus lares, evitando enormes perdas e terriveis abalos á vida social e economica do Estado.

Só esse unico alcance, ainda que outros muitos não existissem, é de summa relevancia, capaz de chamar a atençaõ do poder publico, si este já fosse mais alguma cusa alem de uma burla e de uma mentira.

As lagoas do Piató, Ponta Grande e Apody, abrigam centenas de familias e milhares de individuos que tiram a subsistencia das vazantes, da pesca, etc.

Em muitos Estados da União, grandes sommas são gastas na introducção de immigrants; alguns mesmo crearam serviços e verbas especiaes para amparo, protecção e introducção de nossos patricios que abandonam os lares forçados pela calamidade.

Entre nós são desprezados meios simples, faceis, nada onerosos, para manter a sua propria população fixa, e ao abrigo de forçada expatriação.

A lagoa do Apody, talvez um terço menor do que a do Piató, fornece sempre, e principalmente nos annos criticos, uma admiravel fonte de producção.

Segundo dados collidos em boas fontes e observação propria, sabemos que na ultima secca de 1900 os terrenos da lagoa pertencentes á Municipalidade (ha tambem terrenos marginaes de propriedade privada) foram distribuidos em mais de trezentas vazantes; parte ao pessoal da terra e alguns a retirantes.

Os terrenos particulares, que não são poucos, fornecem tambem, termo medio, cem vazantes, fazendo assim um total de quatrocentas vazantes.

Essas quatrocentas vazantes distribuidas representam, durante a crise, amparo para duas mil e quatrocentas pessoas, tomando a media de seis pessoas para cada familia.

Ha, alem disso, não pequeno pessoal, occupado, diariamente, na pesca, durante todo o anno; alem de muitos pescadores de *pé no chão*—pessoas que pescam sem o auxilio de canoas—ha vinte pequenas canoas no serviço da pesca.

Não temos dados exactos para a avaliação do peixe, mas attendendo ao pessoal que delle tira subsistencia, ao numero de canoas de pesca, ao consumo diario na cidade e nos arredores, á abundancia de peixe nas feiras semanaes e ao commercio de peixe secco para Baturité e outros pontos do Ceará, podemos avaliar a producção annual em 10:000\$000 tendo em attenção o baixo preço da mercadoria.

Tomando para média da producção de cada vazante 5 alqueires de arroz (principal lavoura da lagoa) temos um total de 2.000 alqueires; notando-se que ha muitas vazantes que fornecem 10, 20, 30 alqueires e até 100.

Sendo o preço medio do arroz 12\$000 o alqueire (alqueire sertanejo—160 litros) produz o total uma renda de 24:000\$000.

Alem dessas duas principaes verbas de receita—peixe e arroz—ha mais o plantio de batatas, de feijão, de gerimús, melões, melancias, «milho trigo». Nas seccas dá-se tambem a plantação de capim—«cachoroxo», «colonia», «rabo de raposa»—que fornecem não pequena receita.

Na secca de 1900, podemos affirmar, mais de 600 animaes (cavallar, muar e bovino) escaparam somente com o

trato fornecido por capins, palha de arroz, ramas e mais residuos das vazantes da lagoa.

Está ao alcance de muitos proprietarios e fazendeiros sertanejos a construcção de açudes, de reservatorios d'agua com a capacidade da lagoa do Apody.

A questão está em escolher local adequado; e em taes condições ha muitos.

Construidos dez açudes em cada municipio da zona mais sujeita ás seccas, todos esses municipios com terrenos adequados mais ou menos, a sua construcção—Mossoró, Apody, Caraúbas, Triumpho, Patú, Martins, Port'Alegre, Luiz Gomes, S. Miguel, Pão dos Ferros, Macáo, Açú, Angicos, Jardim de Angicos, Sant'Anna de Mattos, Flores, Caicó, Serra Negra, Jardim, Acary e Curraes Novos, vinte e um municipios, teriamos duzentos e dez açudes.

Si a lagoa do Apody, na secca de 1900, forneceu sustento a 600 animaes, vaccum, cavallar e muar—os 210 açudes poderiam fornecer a 126000, numero talvez não inferior á actual riqueza pastoril do sertão, não fallando nas outras especies.

Ainda mais: si em 1900 a lagoa do Apody foi ponto de abrigo e amparo a 2.400 pessoas, localizando essa população, os 210 açudes poderiam localizar e sustentar 50.4000 pessoas população muito superior á de todo o Estado; e sendo a população dos 21 municipios apontados inferior a 150.000, resultaria um accessissimo de bem estar á essa população, mesmo nas crises, correspondente em razão inversa, ao numero de individuos a que os açudes seriam chamados a prestar auxilios.

Não é immoderada essa aspiração a 210 açudes, quando só no municipio do Caicó, já hoje, existem entre grandes e pequenos, mais de 200; entretanto, embora não exagerada, seria sufficiente para collocar no abrigo das seccas a população e a sua industria pastoril, agricola, etc.

Alcançado pela açudagem esse ponto almejado, a industria e o commercio, necessaria e fatalmente, duplicariam o valor da producção.

O açude além da fixação da população, offerecendo-lhe meios de subsistencia, crea mais vasto campo a explorações do pequeno commercio. Uns compram fructas para revender nos povoados proximos, outros, legumes e cereaes, aquelles compram peixe secco que transportam para os Brejos da Parahyba ou para as serras do Ceará, donde trazem fa-

rinha, café, rapaduras, fumo, com que são abastecidas as feiras, ainda outros, queijos, manteiga; o talhador abastece a população com os gados engordados no açude, o commercio de transporte conta com uma aguada segura, onde achará também rações para as cavalgadas.

O operario rural que vive do seu diario trabalho, encontra serviços: cercas, plantas, limpas, colheitas, fabrico de farinha, serviços de engenhos de cannas, cuidados e tratos de gados, tudo é serviço que demanda pessoal e do qual portanto, se vão mantendo centenas de individuos que sem esses salarios, sem esse emprego á sua actividade, pezariam sobre a caridade publica ou particular, deslocar-se-iam, ou viveriam do furto; ou então, como mais communmente succede, morreriam á mingua, victimados pela fome e pela alimentação insufficiente e venenosa de vegetaes silvestres, si não fossem acabar de morrer nos pantanos da Amazonia.

Eis ali o açude nucleo de vida e de actividade social, nos periodos calamitosos de secca; substituindo a miseria que vae até a completa falta de alimentação, pela abundancia; trazendo incitamentos á energia individual, onde só haveria o desalento; creando fontes de receita, onde dar-se-ia o de pauperamento esgotado; povoando o solo, onde entraria a solidão da retirada; pondo riso nos labios e alegria nos olhos daquelles que só teriam as crispções do desespero, e as amargas lagrimas do faminto.

Apontemos mais o exemplo de um açude, de regulares proporções, em relação aos pequenos açudes actuaes do municipio de Caraúbas: o açude da fazenda «Oliveiras», propriedade do tenente coronel Porfirio Fernandes Pimenta.

Construido em 1883, representa um pequeno capital de 3:000\$000: dois para construcção, e um para reparos posteriores. A parede mede 98 braças de comprimento, sobre 20 de largura e 46 palmos em sua maior altura; recebe agua de dois riachos; cheio, a agua sobe pelo leito do riacho cerca de 1500 braças.

Em 1898 o peixe produziu uma renda bruta no valor de 3:684\$000; e a renda das vazantes foi de 600\$000, não incluindo o consumo da grande familia do proprietario.

Foram mantidos e tratados com os recursos e residuos fornecidos pelas vazantes, 400 animaes (vaccum, cavallar, muar); e durante a secca tiraram recursos e meios de subsistencia 30 familias, com cerca de 250 pessoa.

Na secca de 1900 o producto das vazantes foi de 2:000\$,

a rendaliquida do peixe elevou-se a 5:750\$000. Fornecedor nesse anno, amparo á 16 familias com 180 pessoas; e forneceu trato para 160 animaes, bovino, cavallar etc. A principal produccção das vazantes, batatas, fructas, verduras, foi levada ao mercado da villa de Caraúbas.

Notavel exemplo esse (notavel, mas commum) de um açude fornecendo, em um só anno, renda superior ao capital empregado, mesmo sem levar em conta o gado salvo, de muito maior valor.

* *

Fazendeiros ha que num só anno de secca perdem cem, duzentas, mil rezes. Passada a calamidade tratam novamente de alcançar aquelle numero perdido.

Si tivesse sido vendida opportunamente a quinta parte ou metade dessas rezes que depois vieram a morrer, poderia ser construido um açude capaz de salvar grande porção de gado e fornecer uma renda sufficiente para cobrir o prejuizo que por ventura ainda houvesse.

Cada terra tem necessidade de aceitar e sujeitar-se a suas especies condições de vida e de desenvolvimento.

Regiões mais felizes, mais bem aquinhoadas, os Estados do sul, por exemplo, não têm necessidade de assegurar e garantir sua agricultura, sua industria pastoril, abrindo inicial luta contra phenomenos metereologicos.

O sertão, o nosso, não é assim. Faz-se mister cuidar do solo, mas primeiramente é indispensavel cuidar d'agua, para então encetar proficuamente a sua cultura.

O contrario é levar uma vida entregue aos caprichos do azar.

Um pobre homem carregado de filhos, vende uma unica rez que possui, esgota miunguadas reservas para, cheio de esperanças e temores, preparar suas terras: roçagens, sementes, plantio, limpas, roubam-lhe mesquinhos recursos; desaparecem as chuvas; o solo esterilisa-se, a lavoura morre...

Está tudo acabado, dez mezes depois é que poderão ser feitas novas tentativas!... Isso é horrivel, mas é de facto, sem exageros, a vida commum do proletariado sertanejo. Si esse pobre homem, em vez de fazer sua planta em terreno secco, o fizesse sob a protecção dos tertenos frescos de um açude, ainda mesmo por arrendamento, teria soffrido esse total prejuizo que o deixou ao desamparo em um anno critico?!

Estabeleçamos primeiro condições de garantias para o nosso esforço e actividade; feito esse preparo preliminar, nascerá a confiança no trabalho, e a estabilidade dos recursos.

Feito esse preparo que, em pontos mais felizes, fica a cargo de forças naturaes, será possível criar, plantar, montar engenhos, fundar fabricas para aproveitamento do leite, estabelecimentos para conservas de peixes, carnes, etc. E' irrealisavel o sonho da fundação de leiterias sem previo e amplo açudamento. E' muito arriscada a sorte de capitaes em taes emprezas sem açudamento geral, pois poderá succeder, ou antes, succederá fatalmente, longo periodo de paraly-sação.

D'onde tirar o leite si as vaccas morrem? Onde rações para alimento dos gados si passam-se dous annos sem pastagens?

Engenhos de canna, estabelecimentos de beneficiar algodão, aviamentos de farinha, passam annos paralisados á falta de matéria prima.

Conhecemos um proprietario que, em 1897, preparou uma fazenda para ahi passar invernos; e prompta, elle esperou: em 1898 veio a secca, não houve pastagens, e morreu grande porção de gados; em 1899, optimo inverno, mas as vaccas, que haviam escapado moribundas, não produziram; em 1900, nova secca, nada de pastagens; em 1901, regular pastagem e nenhuma producção; em 1902, bôa producção no gado, mas nessa fazenda houve falta de pastagens, obrigando, em março e abril a retirada de gados para diversos pontos.

Esse caso, muito caracteristico da vida sertaneja, deu-se no municipio do Apody, em fazenda do sr. André Barra.

Sem açudagem não é possível methodisação da vida sertaneja. Todos os planos falliam e leva-se uma existencia aventureira, cheia de incerteza, e de inquietação.

Os holandezes, para firmar a prosperidade e a salubridade da patria, tiveram necessidade de tomar ao mar grande porção de terras, oppondo-lhes diques. Tenhamos a tenacidade e a coragem do hollandez roubando ao mar, grande porção d'agua para assegurar a prosperidade da nossa terra.

Já em meiado do seculo passado o senador Francisco de Britto Guerra, com o espirito lucido e pratico que o distinguia, reconhecendo o alcance e a necessidade do açudamento do sertão, proclamava que este seria feliz quando suas aguas não chegassem ao Oceano.

Construam-se açudes.

Não é empreza tão fóra do alcance dos proprietarios sertanejos.

O solo do sertão se offerece por todos os logares á construcção de açudes; correjos, rios, riachos, correm apertados entre altos, que de distancias em distancias apresentam baixios, varzeas, ou pequenos valles, que logo adiante, de novo estreitam a passagem das aguas, indicando que se lhe atravesse uma parede ou barragem para formar um reservatorio; mostrando que aquelle valle, aquelles baixios, podem tornar-se utilissimo deposito d'agua.

A propria natureza e a configuração do solo, suggestionam á construcção de açudes imparenthesis a proposito. O rio Apody depois de percorrer leguas, por varzeas, estende o leite entre as serras formadas pela Picada do Apody, de um lado, e Picada do Livramento de outro, serras que apertam o seu leite entre os logares denominados Passagem Funda e Rozario, no municipio do Apody.

Feita possante barragem nesse lugar, relativamente curta, tomando as aguas do rio, fazendo-o escoar por uma passagem conhecida por Carnaúbinha e pelo riacho do Livramento, ficaria um gigantesco lago artificial, absorvendo numa só lagoa as do Apody, Boa Vista, Secca e Carrilho, no municipio de Apody e as de Apanha Peixe e Pacó, do municipio de Caraúbas, cobrindo uma extensão de terreno nunca inferior a cinco leguas, ou seja uma area de vinte e cinco leguas quadradas!

O extenso valle que se estende de Rozario á cidade de Mossoró (doze leguas) ficaria todo fertilisado; assim como as immensas chapadas do Apody e do Livramento, pelas correntes e olhos d'agua que nellas forçosamente appareceriam; os terrenos banhados pelo grande lago também fertilisarse-iam, constituindo, assim, um grande nucleo de população, centro vital dos municipios de Apody, Caraúbas, Mossoró, Patú e Martins, onde existe uma população superior a 40.000 habitantes.

Esse lago, presumimos, poderia ser feito com a metade da quantia despendida na construcção do açude do Quixadá, no Ceará, tal é a sua adaptação e a facilidade que o local apresenta para o trabalho.

Si entre nós abundassem capitaes á cata de collocação, ou si estivesse desenvolvido o espirito de associação, seria essa obra realizada dentro de poucos annos;

prevemos, entretanto, que em proximo futuro ella será feita : é questão de tempo.

Passemos, porem, por alto sobre tal empreza que si para os norte americanos seria um factio commum, para os cearenses uma aspiração em breve realisavel, para nós do Rio Grande do Norte, toma o aspecto de um sonho phantastico.

Tratemos do açudamento dentro das fracas forças do sertanejo.

Somos infenso ao açudamento official, a não ser em algum caso excepcional pelas proporções dos serviços a realizar, como por exemplo do grande lago de que acima fallámos.

O açudamento por conta do poder publico, quer a titulo de soccorros publicos em tempo de crise, confiados á commissões locais, quer a titulo de obra publica, confiada a empreiteiros, tem sido sempre, em nosso Estado, um desastre.

De muitos contos de reis despendidos pelos governos em açudagem do Estado, ha noticias de prestar ainda utilidade e bons serviços, o açude da villa de Páo dos Ferros.

Muitos desses açudes não foram concluidos sendo esgotada a verba destinada, aliás sufficiente para o seu completo acabamento, si fosse obra particular.

Essas verbas destinadas a açudes, quando em tempo de calamidade, á titulo de soccorros publicos, são irregularmente applicadas ; e de outra maneira não o poderiam ser : destinadas a soccorrer necessitados, faz-se preciso, pela força das circumstancias occasionaes, abranger o maior numero possivel de individuos, então famintos, obrigando portanto á baixa do salario, o que acarreta, por seu turno, pouca actividade no serviço, pois com a diaria de poucos tostões não é possivel exigir grande esforço de quem está exausto.

Em poucos dias fica a verba esgotada, antes de terminado o açude que inevitavelmente será damnificado pela primeira invernoada.

Quando a verba para açudagem, á titulo de obra publica, é entregue a empreiteiros, o serviço toma então o character de uma graça, de um favor que a politica dominante presta a amigos

O chamamento da concorrência, mediante hasta publica, essa elemental medida salvaguarda da probidade dos governos, nunca foi observado.

O saudoso senador Almino Affonso conseguiu pequena verba do Congresso Federal, de vinte contos para

cada um de varios municipios sertanejos, para construcção de açudes.

A administração do Estado lançou mão dessa verba ; municipios nella aquinhoados não foram contemplados na distribuição ; entregou certas quantias a alguns de seus chefes politicos a titulo de empreitadas e tempos depois enviou um bom homem a tomar contas aos empreiteiros.

Até hoje conserva-se em sigillo a applicação da verba, as contas dos honestos e felizes empreiteiros e tambem a existencia de taes açudes, com excepção do já citado de Páo dos Ferros.

Felizmente o insuccesso, que geralmente entre nós tem acompanhado a açudagem official, em nada tem prejudicado a accettazione da idéa de construcção de açudes por parte de particulares, pois todos conhecem a causa daquelle factio.

Para levar a cabo a açudagem, já encetada por particulares, é preciso, principalmente, uma certa dose de perseverança, para methodizar o trabalho, aperfeçoando-o.

**

O açude, entre nós, é feito muito rudimentarmente : escolhido, por simples inspecção ocular, o local apto, isto é, um terreno pelo qual passe um riacho e offereça *baixios* mais ou menos extensos, mais ou menos largos, no ponto em que mais se approximam os altos marginaes, é feita uma parede, que deverá ser elevada á altura sufficiente para que depois de prompta, as aguas escoem-se em nível mais elevado do que o do primitivo curso, por um ponto previamente determinado, a que se dá o nome de *sangradouro*.

Essa parede é de terra, tirada do lado interno do açude, formando uma excavação — *porão* ou *caixão*.

Algumas vezes a parede é de pedra e cal.

Esses serviços são feitos na estação do verão ; e não sendo possivel terminal os em uma só estação, é necessario que fiquem em tal ponto, que as aguas da estação invernoza não damnifiquem as obras, que serão continuadas depois dellas.

Consegue se isso fazendo primeiro as *hombreiras*, deixando livre o curso do riacho, que será tomado opportunamente, ou deixando um sangradouro provisório.

O trabalho é feito por meio de bois puxando de arrastão,

couros cheios de terra, que é depositada em certa ordem no local determinado, até as dimensões requeridas,

Como se depreheende é um trabalho pezado, demorado e rotineiro, occupando pessoal relativamente numeroso: *cavadores*— os que dão terra para encher os couros; *enchedores* ou *paseiros*— os que depositam a terra nos couros; *guias* e *tangedores* para os bois.

Ha, além disso não pequeno capital empregado nos bois, que necessitam rações e logares apropriados para sustento— grandes difficuldades nas sêccas; e ajuda despezas com os couros, arreios, ferragens, etc.

Alguns tem empregado carros apropriados, puxados a bois, para o serviço de remoção de terra; outros fazem arastões de madeira. Já são empregados, raramente, carros de ferro sobre trilhos portateis. Os primeiros de que temos noticia empregados neste Estado, em trabalhos de açudes, foram introduzidos, em 1898, pelo intelligente e laborioso proprietario coronel Luiz Florencio, no município do Triunpho e usados tambem no município do Caicó pelo intelligente e esforçado proprietario e commerciante tenente-coronel Gorgonio Nobrega, que com perseverança e coragem dignas de imitação, está prestes a concluir o seu açude na fazenda «Dominga», talvez o maior do Estado.

Causa-nos prazer esses melhoramentos nos serviços de açudes, pois é indicio de que o seu desenvolvimento toma incremento.

E' fora de duvida que o emprego de carros (wagonettes) e de trilhos portateis para a remoção de terras, ao serviço da açudagem, representa economia de tempo e de capital, tanto mais quanto, acabado o serviço, carros e trilhos continuarão a prestar importante auxilio, pois pôdem ser utilizados no carroto de tijollos, pedras, madeiras e mais materiaes necessarios á construcção de cercas e casas, servindo tambem para transporte commodo e facil de fructas, legumes, forragens, canna para engenhos, mandioca para aviamentos, etc.

Como já foi dito, cheio o açude, as aguas represadas depois de terem alcançado o nivel do sangradouro, principiam a escoar-se, continuando o riacho seu curso interrompido. Essa nova sahida das aguas naturalmente, por excavação, novo leito á corrente. Si esse canal encontra, como frequentemente acontece, um rochedo, um lagedo, *calçando* o novo leito, a excavação não mais se aprofunda, fica limi-

tada. Mas si não encontra esse rochedo que ofereça resistencia á força das aguas, no decurso de annos a excavação tende a aprofundar-se bastante, a ponto de prejudicar grandemente o açude, que pelo rebaixamento do sangradouro fica com proporções muito reduzidas pela pouca agua então guardada.

E' preciso então fazer serviços no sangradouro para elevar o seu nivel.

O trabalho mais commodo então a fazer seria uma parede de alvenaria á altura desejada, para erguer o sangradouro ás suas primitivas condições. Mas aqui levanta-se uma questão que a simples pratica do meio sertanejo, ainda não encontrou solução:— será possivel erguer parede de pedra e cal para, por sobre ella, escoarem-se as laguas, fundados os alicerces em *piçarra* ou *salão*: ou será sómente possivel uma parede com a sua fundação sobre rocha ou lagedos?

E' principio corrente entre os nossos praticos, que enquanto não é descoberto o lagedo ou pedra, ou naturalmente pelas aguas ou por qualquer outro meio, não é possivel assentar obra de cantaria, não offerecendo base solida qualquer outro terreno.

Sem a minima competencia na materia, nem mesmo empirica, pensamos que dando-se por uma parede convenientemente rampada, suave declive ás aguas, e no fim dessa rampa, em direcção ao curso das aguas, fazendo-se um amontoado de pedras, maiores e menores, á guisa de calçamento, para receber o primeiro choque das aguas, pensamos, repitimos, que assim seria possivel erguer o *pedra* e *cal* mesmo sem a base estar firmada em rochas ou lagedos, attendendo á resistencia e á solidez que apresentam entre nós os terrenos de *salão*, *piçarra*, etc. E' essa uma questão de muito interesse para os proprietarios de açudes, e seria de muita utilidade a sua solução por competentes: é principio dos mais elementares e singelos conhecimentos sobre construcções hydraulicas, mas por mais elementar e singelo que seja o conhecimento da primeira letra do alphabeto, não deixa de ser problema complicado para quem nunca ouviu fallar em tal cousa.

Está claro que não nos referimos a grandes obras d'arte que poderiam ser de custo superior ao valor do açude. Referimo-nos a serviços dentro do alcance dos fracos recursos ser-
tanejos.

E' preciso não imitar um illustre eugenheiro representan-

te deste Estado, que indo a Londres (a Londres!) onde observou e estudou systemas de açudes, voltou fazendo propaganda, pela imprensa official do Estado, aconselhando como medida salvadora para impedir estragos de formigas e tatús nas paredes dos açudes de terra, revestil-as de chapas de aço!

Não sabemos si o illustre engenheiro viu em Londres paredes de açudes couraçadas de aço. Julgavamos mesmo que no grande formigueiro humano que é a imensa metropole ingleza, só haveria logar para formigas e tatús nos museos ou em collecções para estudos de Historia Natural.

Podemos, apenas, garantir que é impossivel aos recursos dos sertanejos cobrir de aço uma parede de açude de duzentos ou mais metros de extensão e proporcionaes altura e espessura; além de que, formigas e tatús pouco embaraço oferecem ao desenvolvimento da açudagem. Uma barragem sufficientemente solida, vigiada com cautella, nunca será damnificada por formigas e tatús, sendo um dos meios mais simples de trazel a sob vigilancia fazer della «cercado» para no inverno (quando é necessário maior cuidado) guardar os bezerros. o que além de afugentar esses animaes damninhos, obriga a uma diaria revista pelo encarregado da guarda dos bezerros.

Aquelles que não tiverem capitaes para levar a cabo, dentro de curto prazo, o serviço de um açude, poderão fazel-o em alguns annos de methodico e pertinaz esforço. Muitas vezes o indispensavel e obrigatorio serviço de cacimbas poderá ser aproveitado para iniciar o açude.

É mister para abertura e conservação de cacimbas, fazer remoção de terras: seja essa terra convenientemente aproveitada para erguer a parede. De agosto á janeiro não ha lides proprias do inverno e os trabalhos do estio são menos apurados. Qualquer proprietario de boa vontade e esforçado poderá, então, destinar quinze dias de serviço activo para trabalhar no açude. Esses quinze dias annual-te, representam, em doze annos, seis meses de trabalho, tempo sufficiente para a construcção de um bom açude.

Façam-se primeiro as *hombreiras*, solidificando essa parte, ficando livre o curso natural da corrente. Prompta essa parcella da parede, um maior esforço permittirá, em uma estação de trabalho, tomar o leito do riacho. Assim muitos, com escassos recursos poderão ter um bom açude.

Mas... dir-se-á. trabalhar tanto tempo para ter um açude?!
Perguntamos: — E não será melhor do que mourejar a vida inteira para nada deixar?

Não será tambem melhor do que preguiçar longos annos para deixar a familia na miseria, e, o que ainda é peor, educada na escola da mandrice?

Todo esforço empregado em um açude será productivo, pois é sobre a açudagem que repousa a garantia dos haveres do sertanejo, a estabilidade de sua fortuna, suas fontes de receita, o futuro da familia e a prosperidade do Estado.

E' pela construcção de açudes que devemos pugnar, bradar, erguer uma propaganda tenaz, ampla, até levar a convicção aos que duvidam, energia aos fracos, estímulo aos descuidados.

— Qual a unica medida capaz de salvar o sertão?

— A açudagem.

Qual o emprego de capital de renda certa e infallivel? O açude.

Como garantir-nos contra as seccas? Construindo açudes.

Qual a fortuna material que deveremos legar aos filhos? Um bom açude.

No sertão, vale mais deixar á familia um bom açude do que rico e bello palacio. Dessas verdades estão todos mais ou menos convencidos.

Em regra as fortunas sertanejas, mesmo as maiores, não supportam uma subdivisão; extinguem-se á primeira divisão, principalmente quando esta dá-se em serie de annos seccos.

É isso succede porque, como já vimos, nos annos seccos ficam estancadas as fontes de producção, acabam-se os gados, sendo preciso lançar mão de economias e reservas para escapar á calamidade, ficando ellas esgotadas. Havendo, porém, o açude, será possivel fazer face á crise, salvando haveres, e muitas vezes, augmentando até a fortuna.

Feita a açudagem, outras industrias virão, forçosa e necessariamente; como corollarios, podendo, então, a nossa attenção ser chamada para vias de communicação, complemento indispensavel ao desenvolvimento sertanejo e que actualmente acham-se entregues ao mais completo e incrível abandono.

Ha, para irrigação do solo sertanejo, dois auxiliares dos

açudes. O primeiro consiste na perfuração de poços artesianos.

Desses nada podemos dizer, pois não nos consta que as tentativas feitas no Ceará tenham produzido bons resultados.

Julgamos, entretanto, que a não ser em algumas das varzeas de carnaúbaes, esses poços não poderão dar bons proveitos, porque a isso oppõe-se o solo, desde pequena profundidade completamente formado de rochas, lagedos, pedreiras e em successivas camadas; além de que é presumível que a agua fornecida de grande profundidade seja de tal fôrma impregnada de sães, que a torne imprestavel á qualquer uso-

E' observação das cacimbas sertêjas: — a agua torna-se salobra á proporção que se aprofunda.

Outro auxiliar de açudes para irrigação do solo, consiste em fazer barragens nos leitos dos rios e riachos, não destinadas a formar lagos, mas a armazenar aguas, que se escoam pelo sub-solo, afim de mantel o capaz de cultura.

Essas barragens — (*escama peixe* — na linguagem sertaneja são de muita utilidade, pois além de prender as aguas ao nível dos terrenos, evitando desperdício tornam as terras muito productivas pelos adubos ahí naturalmente depositados. São pouco efficazes em prolongadas crizes. E' entretanto, commum *correr*. enxurrar um rio, em um anno pouco invernos, sêcco; assim essa enxurrada será vantajosamente aproveitada com a barragem.

Em rios ou riachos sêccos (rio sêcco, riacho sêcco, fazenda sêcca, essas expressões exprimem rio, riacho, localidade que não tem agua segura, isto é, cujas cacimbas esgotam-se á pequena profundidade) o *escama-peixe* assegura o supprimento de aguada, resultado que alguns açudes, mesmo depois de extincta a agua de poço, conseguem.

A villa de Caraúbas em pequenas sêccas, até em invernos muitos escassos, no fim do anno ficava desprovida de aguada, sendo então abastecida com agua transportada do Olho d'agua do Milho, em distancia de mais de uma legua. Depois que um particular, o alferes Sebastião de Souza Falcão, construiu, e com auxilio do tenente-coronel Antonio Francisco de Oliveira, reparou no riacho de Caraúbas, um açude, ao terminar a decada de 1850, não mais faltou excellente agua ás cacimbas do povoado, mesmo estando sêcco o açude. Esse

açude foi vendido, em março de 1889, ao governo geral, por 1:008\$000 inclusive pequeno terreno de represa.

O vigario Pedro Soares de Freitas, sob cuja inspiração se fez a compra, foi presidente da commissão de soccorros publicos, eucarregada pelo presidente da provincia da reconstrucção do mesmo açude, que ficou concluido com uma parede de terra de 157m. de comprimento, 21m. na maxima largura da base e 9m. na maior altura, com uma parede de pedra e cal no sangradouro de 79m. de comprimento, 1m. na maxima largura e 9m. na maxima altura, a contar da base.

O trabalho foi realizado em duas epocas. Na primeira ainda sob o dominio da Monarchia, foram despendidos 3.786\$060, incluída a compra. Trabalharam durante cinco mezes 590 homens e 296 mulheres, alternando turmas, pois só assim era possivel soccorrer aos necessitados, então flagellados pela secca. Vieram depois outras verbas para a conclusão da obra, tendo sido despendidos, em todo o açude, compra e trabalhos cerca de 8:000\$000.

Uma extraordinaria enchente em 1894 fez desabar a parede do sangradouro, fêando o açude reduzido a pequenas proporções.

Na verba para açudagem obtida pelo Senador Almino Affonso, foi Caraúbas contemplada com 20:000\$000. O governo do Estado, sob reclamação da Municipalidade, enviou a uma commissão, para reparos no açude, a quantia de 1:000\$000! Essa commissão, que tinha como presidente Antonio Carlos Fernandes, prematuramente roubado á sociedade Caraúbense de que era parte distincta, devolveu, por insufficiente, a ridicula quantia.

E o açude continúa arruinando-se...

Maio de 1902.

(Publicado no *Diario do Natal* a princiar de 29 de julho de 1902.)

A SECCA

(DIVERSOS ASPECTOS)

Ainda não se extinguiram os soffrimentos causados pelas recentes seccas de 1898 e de 1900, seguido este ultimo anno de insufficientes e escassos invernos, e já estamos em plena secca, no presente anno de 1903.

E' muito martyrio para este povo !

Não ha mais remissão ; nem mesmo um milagre é dado esperar. A secca ahi está, deshumana, cruel.

Em 1898 e em 1900 os depositos de viveres achavam-se cheios, pelos fartos e abundantes invernos de 1897 e de 1899 ; as fontes, os olhos d'agua, as cacimbas, as terras, porejavam agua.

No prezente anno nada disso. Os viveres do sertão foram esgotados pela deficiencia das colheitas dos dois annos anteriores ; as aguadas estancadas pelos ardores de mais de seiscentos dias de sol inclemente.

Rios como o Mossoró, deixaram de *correr*, e já ha 24 mezes que sobre suas areias não desliza agua. E si juntar 6 mezes de verão que com certeza, irá a dezembro, teremos o facto assombroso de um rio, de cerca de 60 leguas de curso —mais ou menos igual ao Tamiza, na Inglaterra—sem agua durante trinta mezes !

Quem não for conhecedor das condições climatericas do sertão, não comprehenderá semelhante facto no Brazil.

Os mais ferteis olhos d'agua estão estereis, as mais valentes cacimbas, *encostadas*.

Estamos em julho, entretanto ha innumeras fazendas de gados já sem aguadas e muitos habitantes sertanejos que buscam agua, para beber, de meia, de uma, e até de duas leguas.

Parece incrivel mas é a verdade !

A cidade de Mossoró acha-se ameaçada de ficar privada d'agua capaz de ser bebida e a villa de Caraúbas, provavelmente soffrerá sêde.

Já hoje, julho, *comboios*—tropas de cargueiros que transitam dos centros para Mossoró, só encontram aguada franca para suas cavalgadas, nas proximidades do Patú e no povoado de S. Sebastião de Mossoró, cerca de 14 leguas de uma para outra.

Os que transitam do Apody para o Seridó, em busca dos Brejos da Parahyba, só encontram aguada franca em Apody, no rio Upanema (rio das Corôas) e no Piranhas, isto é: do Apody a Piranhas, cerca de 20 leguas, ha apenas uma aguada franca na travessia, alem dos pontos terminaes.

De Triumpho a Piranhas (estrada dos Brejos) ha aguadas nesses dous pontos extremos—cerca de 10 leguas, de um a outro.

E assim, em geral, por todo o sertão

Ha, apenas, francas aguadas nos leitos dos rios ou em algum açude, que ainda guarda agua, ou do anno anterior, ou das poucas chuvas de fevereiro e de março, do corrente anno.

Temo nos batido sempre pela propaganda da açudagem, no sertão. Infelizmente a secca actual veio, mais uma vez, avigorar a necessidade reconhecida de açudes.

Houvesse açudes grandes, esparso pelo sertão, e o commercio não estaria ameaçado de ser em parte, paralyzado á falta de aguadas. Houvesse açudes grandes e não estariam os criadores ameaçados de assistir a verdadeiras hecatombes, destruidoras de seus gados, e, como já agora acontece em muitas localidades, obrigados a retirar gados dos seus pastos para as margens dos rios.

Aquí, no municipio do Caicó, d'onde escrevemos, ha alguns açudes que, mesmo si não houvessem recebido agua este anno, conservariam ainda alguma por alguns mezes.

Entretanto como são poucos ainda, os açudes com capacidade para resistir a mais de dous annos de secca, ha tambem, em varios logares, falta d'agua.

Julgamos que dentro de poucos annos as seccas neste municipio serão pouco damnosas, pois a idéa de açudagem é aqui vencedora e traduz-se em acção.

Aquelles que não possuem açudes, procuram construil-os e os que possuem procuram augmental-os.

Ha no municipio, mais de 200 açudes, ao passo que em

outros, como Caraúbas e Triumpho, ha cerca de 30 em cada um, notando-se que estes dous municipios são dos que mais tem desenvolvido a açudagem, depois deste, do Caicó.

A secca ali está. Por mais temerosa e cruel que ella se nos apresente é preciso, principalmente, não desanimar; nada de fraquezas, nem de desanimo; simplesmente porque fraqueza e desanimo não melhoram a situação, não trazem recursos; não cream agua nas fontes e nem salvam os gados. Produzem somente males: pelo enfraquecimento do espirito e do corpo o individuo vê insuperaveis difficuldades nas cousas mais faceis, torna-se incapaz de qualquer acto de energia e o organismo assim debilitado acha-se prompto a receber qualquer morbo!

A' postos! Nada de desanimos!

Os regulamentos militares comminam severas disposições entregando a summarissima execução, aquelles que nos combates, por actos de fraqueza, occasionarem desanimadores alarmas. A natureza tambem tem os seus severos regulamentos: executa muito summariamente aquelles que se vão esmorecendo aos primeiros assaltos da crise.

A' postos e á luta!

A' luta! Mas em que condições vai ella ser travada, Santo Deus?!

As condições deste anno estão um pouco differentes das do commum das seccas. Geralmente nas seccas, o que primeiro soffre são os gados.

Depois do aniquilamento dos gados, ou antes, conjuntamente com elle principia o soffrimento da população.

Actualmente haverá o contrario. Os gados ainda não soffrem, e si vierem chuvas e ramas de outubro a dezembro, o prejuizo será pouco sensivel, neste Estado, pois na Parahyba ha grandes prejuizos.

Houve uma pastagem diminuta, rala, enfezada em seu desenvolvimento, mas conforme é reconhecido pela experiencia sertaneja, vigorosa em suas qualidades nutritivas.

As aguadas, insufficientes, vão sendo supridas pelas retiradas para as margens dos rios.

Entretanto, si os gados só de outubro em diante é que virão a soffrer, o mesmo não succede á população.

Esta, em grande parte, já experimenta o rigor da estação ingrata.

Examinemos, ligeiramente, os recursos de producção agricola com que conta o nosso sertão.

Nos annos fertéis de chuvas, nos bons invernos, a terra sertaneja toda, produz admiravelmente.

Serras, baixios, taboleiros, caatingas, rivalisam em fertilidade.

Faz-se ^{em se} plantações em serras, terreno de tal forma pearegoso, que a limpa só pôde ser feita á mão, e onde ha covas que difficilmente podem ser cobertas, por falta de terra. Um litro de *feijão de corda* pode dar em terreno proprio, até seis alqueires; ha exemplos de uma chicara de feijão, plantado, produzir um alqueire, isto é, 160 litros.

O Dr. Assis Brasil em sua *Cultura e Campos do Brasil*, diz que segundo o agronomo mineiro A. Gomes Carmo, em Minas, uma lavoura de 2 hectares e 42 ares de terra, trabalhada comapparelhos mechanicos e semeada em linhas, admittiu 100 litros de semente de milho, e produziu 22.800 litros de milho, isto é, justamente 142 1/2 alqueires dos nossos.

Ora, em boas condições de inverno,—chuvas regulares e ausencia de lagartas—em nossas serras 5 litros de milho produzem 6 alqueires, o que dá 192 litros de producção para um de semente. A producção de Minas dá 228 litros para um, isto é, 36 litros mais, apenas, notando-se que a nossa planta é feita, pela mais primitiva rotina, muito distanciada de «apparelhos mechanicos», como a mineira a que comparamos.

Segundo dados da citada obra do Dr. Assis Brasil e de accordo com as reduções feitas, desprezando fracções, o que na Austria dá 3250 litros de milho, entre nós dá 19.200 e a semente de milho que nos Estados Unidos produz 5.815 litros dá aqui 19200. Em taes condições é immensa a differença a favor da força do nosso solo, onde o trabalho agricola acha-se muito e muito, incomparavelmente, mais atrasado do que na America do Norte e na Austria.

Nos annos de inverno escasso, só os bons terrenos do sertão produzem alguma cousa, isto é, os baixios e corôas, sujeitas a alagamentos, e as serras. Nas épocas de inverno muito diminuto, ainda produzem alguma colheita as serras *frescas*; entre nós—Martins, principalmente, Luiz Gomes, S. Miguel, João do Valle e as pequenas serras do Patú.

Nos annos seccos o sertão fica improductivo e vae procurar recursos no Ceará—Cariry e Baturité, nos Brejos da Parahyba, em pequena escala no agreste do Estado, e nos portos de Mossoró e Assú, que tornam-se então, centros im-

portadores. São estes os pontos para onde recorre o sertanejo em busca de viveres, pois nelles difficilmente ha falta, porquanto, mesmo em rigorosas seccas do sertão, no Cariry, nos Brejos e no agreste, ha quasi sempre, maior ou menor inverno.

Não ha noticia de secca total nesses pontos, á excepção do Crato, Cariry, onde, segundo referem as *Memoria sobre clima e seccas do Ceará* do senador Thomaz Pompeu, na grande secca de 1723 a 1727, no anno de 1725 seccaram todos os brejos e correutes, obrigando os habitantes de Missão Velha a mudarem-se, por falta d'agua.

Para que, porem, seja possivel recorrer a esses pontos á cata de generos, é preciso principalmente: primeiro, meios para sua acquisição; segundo, estradas praticaveis e meios de locomoção.

Antes de examinar cada uma dessas condições, no corrente anno, notemos que ha tambem uma fonte de producção sertaneja que, anno a anno, toma incremento e que será a unica, ou pelo menos, a melhor e a mais prudente previdencia para attenuar e mesmo extinguir os perniciosos effeitos das seccas. Referimo-nos ás vazantes dos rios, e principalmente, dos açudes, assumpto de que adiante trataremos.

As repetidas seccas exauriram o sertão. Os *paternaes desvelos* dos governos da União, do Estado e dos Municipios, representados pelo fisco que não indaga si ha abundancia ou miseria, difficultam e aggravam a situação.

Annos ha em que a exploração industrial e o commercio activam, mesmo nas seccas, o meio circulante, trazendo uma certa animação na producção de recursos economicos.

As mercadorias que, apesar da secca, algumas vezes activam o movimento commercial, são—o sal, as pelles, a maniçoba, e a cêra da carnaúba.

O sal, que ainda em 1898 prestou bons servicos, não só pelo auxilio dado a numerozo pessoal occupado nas salinas, como tambem pelo seu commercio de compra e venda ao alcance dos mais desprotegidos, actualmente não pode offerer largos recursos.

Acha-se entregue, pelo Governo do Estado, a poderoso syndicato industrial, que naturalmente tem necessidade de methodizar a extracção, elevando o preço, em vista dos altos impostos, e apparelhando-se para lutar contra a concurrencia, que já vae despertando em outros Estados,

Não pode a população pobre actualmente contar com o sal.

Esse commercio era feito para os Brejos, e principalmente para o Cariry, d'onde vinha farinha, e, em maior escala, rapaduras.

No anno presente nem mesmo o Crato está com a sua habitual fartura; as estradas estão pouco transitaveis por falta de pastagens e aguadas.

Temos ainda os portos de Mossoró e Assú.

Note se que as cidades de Mossoró e Assú não são portos: os portos dos rios Mossoró ou Apody e Assú ou Firanhas, são respectivamente Areia Branca, na barra do rio Mossoró, e Macáu, na barra do rio Assú. Mas como as cidades Mossoró e Assú são centros commerciaes intermediarios para o sertão, são os emporios onde se vendem os generos de exportação, e são comprados os de importação, pouco se conhece no sertão Areia Branca e Macáu; falla-se, apenas, em Mossoró e Assú.

Esses dois centros do commercio sertanejo, que nos annos regulares importam, em grande escala, generos estrangeiros e nacionaes que o sertão não possui, e compram todos os generos de produção sertaneja, para exportação, nos annos criticos tornam-se principalmente importadores e intermediarios para o sertão, de generos comestiveis de primeira necessidade, especialmente farinha de mandioca, feijão, arroz, café, milho, xarque, bacalhau, etc.

Seu exageros, pode-se calcular, á falta de dados estatísticos, em cerca de cinco mil contos de reis os generos de primeira necessidade vendidos em Mossoró e Macáu na secca de 1898.

Esse anno de 1898 foi de uma secca terrivel. Entretanto foi atravessado sem grandes desastres, apesar de muita fome e miseria na população, e de enorme prejuizo nos gados, porque houve então grande abundancia de dinheiro. Ainda havia muito algodão *amarrado*, da excellente safra do anno anterior; a maniçoba muito produziu, por conservar ainda o vigor recebido anteriormente, e o preço foi muito elevado—4\$ a 6\$000 o kilogramma. Igualmente a cera de carnaúba e as pelles, deram um preço elevadissimo, devido, tambem ao baixo cambio.

Os generos, todos, quer de compra quer de venda, conservaram-se altos: a maior, a grande e excepcional fartura foi de dinheiro.

Apesar disso houve muita lagrima arrancada pela fome, muito pranto de desespero, muita face descorada!

A emigração para o extremo norte fez-se em larga escala!

Neste anno o que tem o sertão para a sua penosa luta? O Crato, já vimos, não está muito abundante; e a sua estrada acha-se de difficil prática.

O que mandará o sertão para Mossoró e Assú, afim de trocar por generos de primeira necessidade? Nada tem. O maniçobal, resequido, arruinado, não só por successivas seccas, como tambem porque a imprevidente e irracional maneira de extrahir a borracha, muito tem estragado o precioso arbusto, não dá nada além de que a alimentação cara, e a borracha em grande baixa, tornam impossivel essa industria. Em iguaes condições precarias está a carnaúba. Restam as pelles. Mas mesmo esse ramo de negocio, si não está esgotado, acha-se desfalcado, pois de 1898 para cá tem sido o sustentaculo forte da população sertaneja, e além disso, o preço hoje é a metade do que era naquelle anno.

E' a pelle, ou, mais sertanejamente, é o bode, o mais efficaz recurso de que actualmente dispõe a população.

O bode e o burro... que sem entrarmos na apreciação da protecção divina, que queremos crêr, vela pela humanidade, são, nas crises, os maiores auxiliares dos sertanejos.

O bode, para fornecer alimentação com a carne e com o leite, e dinheiro com a pelle; o burro, sobrio, forte, resistente, para o transporte. O bode e o burro têm dado mais vida ao sertão, têm concorrido mais para o seu progresso, e têm amparado mais nas calamidades, do que todos os máos governos que têm abandonado aos seus proprios recursos a população soffredora das ultimas seccas.

Irá, pois, a derradeira pelle de bode para os portos, afim de ser trocada por generos que nos mandam os felizes mercados productores. O sertão ficará exhausto, e será queimado até o ultimo cartucho; mas quando vierem tempos bonançosos erguer-se-á de sua propria desgraça, e com os seus proprios recursos, como sempre tem acontecido!

Já lemos algures uma phrase do Dr. Coelho Rodrigues, lembrando que, apesar das seccas, o Ceará progride sem intervenção de allemães e italianos. E' uma verdade. O heroico, o soffredor, o tragico Ceará progride por entre calamidades e sem auxilio de estrangeiros. O espirito de luta,

o genio emprehendedor de seus filhos, tem sobrepujado a todos esses terríveis desastres climatericos. Tem, porém, o Ceará recebido regulares auxilios do governo da União; o patriotismo de seus dignos filhos, nesse ponto, não se tem descurado. Estradas de ferro para o sertão, linhas telegraphicas, constantes verbas para ajudagem, com proficua applicação, tudo tem elle obtido. E nós? E o sertão do Rio Grande do Norte? Indubitavelmente tem augmentado a sua população, tem crescido a sua producção, isto é, tem progredido, a despeito de todas as constantes seccas, sem auxilios de allemães e de italianos, sem auxilio dos proprios governos do Estado.

Progredirá apezar de tudo, o Rio Grande do Norte.

Nas calamidades soffre, fica exangue. As suas economias vão levar seiva aos mercados productores. Nas epochas felizes terá a pesada engrenagem governamental de *triplice expansão*, a sugar-lhe os recursos; tudo soffrerá. Experimentará amargos dias. A bonança porém virá, e, com ella, meios de refazer suas perdas: caminhará!

* * *

Os portos de Mossoró e Assú no corrente anno não serão os mais valiosos pontos para auxilio dos sertanejos, porque pouco poder-se-á contar com o sal, de preço elevado e de difficil transporte pela estrada do Crato, as economias estão esgotadas; as fontes de receita, improductivas; o commercio de pelles muito reduzido e os outros generos de exportação, nullos.

Examinemos outro mercado que serve de escoadouro ao dinheiro e aos productos sertanejos: os Brejos da Parahyba, que actualmente, constituem natural ponto de apoio ao sertão e é o seu complemento, em todas as epochas normaes e anormaes.

O sertanejo gosta de zombar do brejeiro: ha mesmo uma emulação entre um e outro; entretanto nos tempos criticos são os brejeiros que, mesmo com os seus bichos de pé, zombam dos sertanejos.

São os Brejos, nas seccas do sertão, os seus melhores celleiros; e isso porque mesmo nas grandes crises do sertão, alli ha sempre inverno, mais ou menos abundante. Quando succede—é o caso commum—sêcca no sertão e regular inverno nos Brejos, ha para estes um periodo de prospe-

ridade. São então plantadas todas as suas terras, e fartas colheitas convidam os sertanejos a fazerem suas provisões. E' o melhor mercado para o sertanejo. A estrada é abundante d'agua, pois no sertão, em grande percurso, vae marginando o rio Seridó ou seus affluentes. Os generos dos Brejos estão mais de accôrdo com os habitos sertanejos, por isso agrada-lhes muito mais do que os generos *de barco*, expressão que qualifica os generos que entram pelos portos.

A farinha brejeira, o fumo, o milho, o feijão, tem extração superior aos *de barco*. De facto os generos comprados nos Brejos vêm directamente do productor para o consumidor, não vêm mofados, deteriorados, nem com fraudes e não soffreram longas armazenagens, nem o ar infecto dos porões de navios. O sertanejo vae aos Brejos com seu *comboio* escolhe o que deseja, mede com a sua costumada *cuia* generos frescos, sem fraudes na qualidade ou na medida, pois os depositos são grandes, e os brejeiros, felizmente, ainda não são bastante *civilizados*, ainda não sabem illudir... Isso como mercado productor. Como mercado consumidor, os brejeiros ainda são os melhores freguezes do commercio miudo e a retalho do sertão. Não são compradores de algodão, de pelles, de maniçoba, mas ha um grande consumo nos Brejos, de certos productos sertanejos, que, principalmente nas crises, são explorados occasionalmente. Carnes, peixes, queijos, tudo é retalhado vantajosamente nos Brejos.

Em certos annos seccos desenvolve-se no sertão uma abundancia de aves de arribação (pombas-rola) de mocós e preás que se tornam para a população um bom *refrigerio*, na expressão usual. As aves de arribação são apanhadas á mão, na bebida, aos milhares, diariamente. Ha quem apanhe em pouco tempo, dez, vinte, trinta mil que, depois de convenientemente salgadas e seccas, são permutadas nos Brejos, por outros generos. No anno passado, numa fazenda em que estivemos, vimos, numa semana, quatro caçadores, matarem diariamente sessenta a oitenta mocós, reunindo em pouco tempo alguns milhares, que mandavam para os Brejos onde alcançavam o preço de 10\$000 a 14\$000 o cento, comprando-se naquelle tempo o alqueire de farinha de 5\$000 a 6\$000.

A cidade de Baturité, no Ceará, tambem é um bom mercacado para esses generos.

Em geral dos municipios de Assú, Campo Grande (Augusto Severo) e Patú, para cima, isto é Caraúbas, Apody,

Martins, Port'Alegre, Luiz Gomes, Páo dos Ferros e São Miguel— o commercio é encaminhado para Baturité, Crato e mesmo Jaguaribe.

Só excepcionalmente é que tal ordem é desrespeitada, como acontece presentemente, em que os Brejos estão mais providos do que o Crato e as estradas mais transitáveis.

Isso dá se para abastecimento de viveres, quando esses mercados estão abundantes e offerecem superiores vantagens a Mossoró e Assú, pois em igualdade ou em inferioridade de circumstancias, dá-se a preferencia a estes mercados por causa da menor distancia.

Representam os Brejos da Parahyba, importante papel na vida economica do sertão, principalmente nas crises.

São escoadouros naturaes de productos sertanejos que lá não existem: peixes, queijos, carnes baratas, etc.; mas em compensação os sertanejos lhes compram mais, muito mais do que vendem: farinha, feijão, milho, café, aguardente, fumo, e rapaduras; estes ultimos productos, haja bom ou máo inverno, entram sempre para o sertão. E' esse o commercio favorito do pobre.

Quando os poderes publicos especulavam menos com a fortuna particular, preocupando se mais com o bem estar da população, o commercio era feito livre e desassombradamente. Hoje, porém, em cada angulo das estradas dos Brejoparahybanos são os pobres *comboieiros* assaltados é o termo por individuos que exigem quantias a titulo de impostos, muitas vezes typos tão estupidos sob o nome de guardas, que são incapazes de lerem a guia ou documento com que o matuto tenta provar que antes de partir para a viagem, já soffrera identico assalto. E assim são pagos os taes impostos duas e mais vezes, ainda mesmo que a mercadoria vá a titulo de transito. Para pobres e desprotegidos tropeiros, indefesos no meio da estrada, qualquer cara alvar que lhes exija pagamento de imposto, tem mais força do que a Constituição de 24 de Fevereiro, que organizou a patria republicana.

Muitas vezes ha a pagar impostos municipaes na partida, impostos estadoaes na sahida, impostos estadoaes ao entrar em outro Estado, impostos de consumo, e ainda impostos municipaes ao expor o producto á venda! Sob esse ponto de vista as estradas para o Ceará são menos perigosas; ha menos escandalo.

Esse grande commercio que o sertão faz, para os Brejos

da Parahyba, poderia, em grande parte ser desviado para a zona do agreste, para dentro deste proprio Estado do Rio Grande do Norte.

Os fertilissimos valles do Ceará-Mirim, Maxaranguape, Penha, S. José e outros não são em cousa alguma inferiores aos Brejos; e as distancias são equivalentes. A questão, a grande dificuldade, é pôr em regulares communicações um ponto com outro; desenvolver esse commercio, adaptar os productos ao gosto dos mercados sertanejos, como fazem os brejeiros; ou si os productos forem mais aperfeiçoados, educar o gosto sertanejo ao seu consumo. Mas, quem já se lembrou disso? Quem é que conhece, no sertão, farinha do agreste, fumo, aguardente, assucar, milho, feijão do Ceará-Mirim? Ninguem. Nos annos criticos ha alguma compra de generos feita no agreste, pelo commercio de Mossoró e Assú. Mas esses generos são passados, para melhor venda, como generos brejeiros. Nem mesmo nos portos são conhecidos os generos da zona fertil do Estado.

A aguardente consumida é de Pernambuco, dos Brejos, do Aracaty e de outros pontos do Ceará. O assucar vem de Pernambuco ou dos Brejos. A farinha do Ceará, do Maranhão, dos Brejos de Pernambuco e dos Estados do sul: e assim o feijão, o milho, o arroz, etc., que nas seccas vem de fóra. E esses generos são produzidos nos fertes valles do Estado. E si o não são, cumpre que seja desenvolvida a sua plantação, pois ha excellentes terrenos para todos elles. E' uma triste verdade: o sertão do Rio Grande do Norte, isto é, mais da metade do Estado, não conhece o assucar do Rio Grande do Norte, um dos Estados productores. Isso é uma anomalia que é preciso acabar. E um dos meios mais conducentes a esse fim é o estabelecimento de vias de communicação entre o sertão e o agreste. Lucrará o sertão, o agreste e lucrará grandemente a capital.

Não somos infensos ao commercio dos Brejos; ao contrario formam um mercado que não devemos perder; é, porém, conveniente conquistar o mercado e não ser, como actualmente é o sertão, um mercado conquistado pelos Brejos.

Quizeramos vêr explorado o commercio entre o sertão e o agreste em beneficio de todo o Estado, para riqueza e desenvolvimento da fertilissima zona do Ceará-Mirim e mais valles do agreste, nos quaes as suas forças economicas e productoras, têm sido aproveitadas com um tal desáso que ora

por outra os seus ricos e bem montados centros industriaes agricolas acham-se sobrecarregados de hypothecas e emprestimos, para fazer face a difficuldades financeiras.

É preciso, porém, para alcançar esse desideratum, de approximar o sertão do agreste, empregar os meios.

As exposições agricolas e industriaes, são um meio facil de tornar conhecidos e devidamente apreciados, os productos do agreste no sertão, e os do sertão no agreste. São um meio pratico de destruir conceitos falsos sobre productos e de propagal-os

Em todo o sertão, aguardente do agreste, aguardente do Ceará-Mirim, ou aguardente do Rio Grande, como é conhecida toda a do agreste, significa aguardente ruim, de inferior qualidade.

A preferida pelo commercio é a do Ceará, principalmente a das praias, a de Pernambuco, a dos Brejos da Parahyba; em ultima classificação é que vem a do Rio Grande.

É' crível que o Estado, em sua zona do agreste, nma das mais propícias ao cultivo da canna, onde já ha notavel aperfeiçoamento na industria e no aproveitamento da canna, sobresahindo a uzina do coronel Fabricio Maranhão, é crível, repetimos, que a producção da aguardante possa ser suplantada pelo imperfeito processo empregado para a producção de aguardente nos sertões e nas praias do Ceará e nos Brejos?

Não cremos. Ha, apenas, um preconceito que é preciso destruir. Mas isso só será conseguido com alguma lucta, approximando e fazendo conhecer o producto do Estado.

Essas preferencias quando se enraizam no espirito popular custam a ser vencidas.

No Brejo do Apody, pertencente aos coroneis Tiburcio Gurgel, Francisco Gurgel e Dr. João Gurgel, é fabricada, em pequena escala, aguardente de superior qualidade.

No anno passado, havendo falta de aguardente do Ceará e de Pernambuco, em Mossoró, foi enviado alguma para S. Sebastião onde foi vendida para o sertão como sendo das praias, a compradores que não tinham querido comprar no mesmo Brejo do Apody, por preço inferior e com transporte á menos de 8 a 24 leguas de ida e volta, sendo certo não haver inferioridade entre as procedencias.

Só uma propaganda perseverante é capaz de destruir esses preconceitos. As exposições agricolas tendem a esse fim.

O sertão do Estado e os dois portos que escoam seus productos, mercadejam com Pernambuco. Ceará e Parahyba

e só em pequena escala com a capital e o agreste, onde ha os generos que vêm de fóra.

Só nas seccas é que compradores de generos dirigem-se ao agreste, e ainda assim, fitando os Brejos parahybaños.

Faz-se preciso um conjuncto de medidas bem encaminhadas para acabar com essa anomalia. Uma dessas medidas de alcance pratico será a exposição.

O Rio Grande do Sul já deu um bello exemplo com uma exposição de productos municipaes.

É' de mister, tambem, incrementar e auxiliar a pequena lavoura do agreste, e um dos meios mais efficazes para tal fim é acabar com a estúpida e anti-economica derrama de impostos que acabrunham a vida dos municipios e do Estado.

O encorajamento á pequena lavoura dos fertes valles do agreste diminuirá, forçosamente, a emigração para o extremo norte, que prepara o despovoamento do Estado.

* *

Entre as medidas indispensaveis para o desenvolvimento do commercio, entre o sertão e o agreste, onde nunca ha rigorosa secca, sobresah a abertura e o aperfeiçoamento de estradas.

Essa medida é indeclinavel, mesmo conservando-se o actual estado de relações commerciaes, não só como meio de fomentar o commercio e o progresso do Estado, mas tambem como meio de soccorrer os angustiosos soffrimentos dos sertanejos.

No tocante a estradas, o Estado e o sertão principalmente, acha-se num gráo de atrazo tal que, tendo em vista apenas as vias de comunicação, ainda não póde aspirar á cathedra de civilisado.

É' uma lastima ! O governo do Estado parece ignorar a necessidade de tal cousa; e os governos municipaes obedecem ao exemplo que lhes vem do centro.

Não sabemos si em todos os municipios ha posturas obrigando aos particulares a roçagem das estradas. Mesmo quando ha essa postura, cuja execução fica ao cargo do fiscal da Intendencia, é raramente observada. Em geral é lettra morta. Os representantes municipaes não querem desgostar ao Sr. capitão F., nem ao Sr. coronel B.; não podem mesmo arcar contra esses; e o pobre diabo do fiscal que se metter

a denunciar o estado irregular de certos trechos de estrada, arrisca-se muito a levar uma coça.

E' uma lastima, repitimos. Nesse ponto ainda permanecemos em estado barbaresco. Grandes trechos de estradas no sertão são por altos pedregosos, porque os melhores terrenos são cercados para planta e pastagens; e isso muitas vezes sem a minima satisfação ao governo municipal; occasionando, além disso sempre voltas que augmentam leguas a percorrer.

Conhecemos logares onde, para cercar poços d'agua, afim de ser plantada vazante que poderá fornecer meia duzia de cargas de capim, foi atirada uma estrada publica de muito transito, por passagens e por altos pedregosos com uma volta superior a um quarto de legua!

E' preciso concordar que isso não é de povo civilisado.

Sejam aproveitados todos os terrenos proprios para plantações, para pastagens, e vazantes; mas não seja embaraçado o transito, não sejam augmentadas as distancias com longas caminhadas em pura perda.

Não é tão grande sacrificio deixar passagem franca por meio de cancellas e porteiras, combinando assim o interesse geral com o particular.

E' uma deshumanidade, é uma falta de caridade, é um completo esquecimento do bem publico, esse lastimoso e completo abandono em que jazem as estradas.

Causa dó e confrange o coração em tempos de miseria e penuria, o transito pelas taes vias: *comboios*, com 80 ou mais leguas de viagem, com pezadas cargas sobre esqualidos animaes, famintos, sedentos, sob ardente sol, estropiados, mancos, tocados por homens tropegos, causados, roupas poentas, *linha* pendente ao hombro, amarrando a correia da alpargata, caminhando sobre pedras cortantes, miudas, subindo e descendo depressões, e ainda obrigados a inuteis voltas, graças á pequenez do egoismo que tomou a estrada.

Muitas e muitas vezes esses mãos caminhos inutilizam um animal por manqueira, por quebrar o espinhaço, ao falsear em uma pedra ou ao transpor um sulco do caminho!

Attendam para esse miseravel estado de cousas o governo do Estado, e os governos municipaes.

E' uma calamidade que não póde continuar: prejudica e

atrophia enormemente a riqueza publica e o bem estar commum e envergonha.

As estradas existentes foram veredas abertas, de fazenda a fazenda, de povoado a povoado, que o casco dos animaes e constante transito têm alargado. Isso, independente de intervenção official, independente de simples traçado; e ainda assim, ora por outra, mudadas, peioradas, interceptadas, á vontade e segundo o capricho de particulares.

E' exacto que trechos ha que não poderiam obedecer a uma recta, pela necessidade de aguadas.

Mas dahi para o que se observa ha uma enorme distancia.

Entretanto que facilidade de fazer estradas offerecem os sertões! Quasi nunca ha lama; não ha serviços de córtes em montanhas nem ha matlas. O sertanejo, que nunca sahio do sertão, não conhece uma ponte.

Urge que os poderes publicos tomem em consideração tão deploravel situação.

E' tambem de toda urgencia a construcção de estradas do sertão para o agreste em busca da capital.

Já houve nesse sentido uma celebre «estrada de rodagem» entre Natal e Macahyba, aliás dous pontos ligados por navegação de pequenas embarcações, á margem do Potyngy.

Era aquella ligação uma idéa muito affagada pelo intelligente e operoso industrial coronel Juvino Barreto, de honrada memoria, que, em calorosas phrasas fazia-nos vêr, em conversa, suas esperanças sobre a ligação do sertão á capital.

O coronel Juvino Barreto visava, principalmente, a ligação do Seridó á Natal, ou antes, mais particularmente o commercio de algodão do Seridó para Natal; e isso porque preocupado como vivia, com a fundação e desenvolvimento da industria de tecidos de algodão, no Estado, empreza que levou galhardamente a effeito, olhava principalmente, para esse commercio.

Não sabemos até que ponto são fundadas as accusações que têm pesado sobre os que andaram envolvidos na construcção dessa estrada de rodagem; por isso não accusaremos; é, porém, certo que si chegou a conclusão, foi de ephemera duração e de nenhum proveito.

Não nos preocupa a ligação deste ou daquelle ponto do sertão ao agreste, nem determinado producto.

Desejamos para prosperidade do Estado, a ligação das

duas zonas que formam o seu territorio ; desejamos, para incremento do commercio, ver realizada e estabelecida uma troca mutua entre todos os productos.

Para isso é indispensavel a abertura de regulares e commodas vias de communicação.

Si ainda não é possivel pensar em estradas de ferro, é possivel almejar estradas regulares.

Depende apenas de um pouco de boa vontade dos governantes.

Recursos, embora modestos, não faltam.

Centenas de contos de reis têm sido gastos na construcção de um theatro e reparos num mercado da capital.

Essa idéa de *monumentos* na capital, quando urgentissimas necessidades reclamam a applicação dos minguados recursos do Estado, é por certo, infeliz e impatriotica. Apenas lisongea a vaidade dos governantes, e é mais apparatusa. E' mal velho da humanidade. . .

O *monumento* ali fica, sob as vistas de seus iniciadores, algum tempo : placa commemorativa na fachada ; inauguração, musicas, foguetes, discursos, uma apothese capaz de trazer a illusão da immortalidade !

Os serviços modestos, aquelles que com apparencia de insignificantes, muitas vezes representam o primeiro e vacillante passo para o inicio da prosperidade de um povo, para uma regeneração de costumes, a primeira e debil semente que fructificará com certeza, embora em mais ou menos remoto futuro, esses commettimentos não calam nos sentidos e na intelligencia daquelles que se deixam impressionar pelos matizes das bolhas de sabão, ou pelo estardalhaço dos fogos de artificio, embora o vacuo e as trevas se tenham de estabelecer minutos após.

Os empreendimentos que visam o aperfeiçoamento e o bem social, embora pela propria natureza das cousas, de vagaroso desdobramento, são os mais bellos monumentos a honrar a memoria do seu iniciador e dos seus continuadores.

Lembrem-se os que têm a direcção da cousa publica, no Estado, que as humildes e soffredoras classes que representam a pequena lavoura, a criação, o pequeno commercio, e a agricultura, formam o alicerce do edificio social ; as suas occupações, os seus labores, os seus soffrimentos, não lhes dão tempo para engrossamentos ; mas os seus queixumes, as suas reclamações, as suas aspirações, tambem echoam nas paginas da Historia ; e é pela confrontação de todos os fa-

ctos, pelo exame de todas as vozes que ella, afinal, faz a Justiça.

O monumento assim como pode attestar a grandeza, pôde tambem attestar a pequenez.

Para um Estado sem lettras, sem escolas, com uma população de analphabetos, sem industria, sem estradas, flagellado por crises de fome e de sede, não é dado cuidar de arte e litteratura : seria principiar a edificar pela cupola.

Para salvar um filhinho prestes a succumbir á sede, com certeza, trocaríamos a mais genial litteratura do Universo e a mais perfeita obra de artista, por um copo d'agua ; e pensamos que essa, a mais sublime das fraquezas humanas, tão sublime que constitue a sua maior grandeza, não seria excepção.

Pois bem : muitas vezes, nas crises, rio grandenses do norte vêm seus filhos extinguirem-se á fome e á sede. Venham pão, e agua, venham escolas, antes de arte e de litteratura.

* * *

Outra, das medidas indispensaveis para incrementar o commercio e a industria, para diminuir o soffrimento da população, é a diminuição de impostos.

O governo do Estado e dos municipios têm imperioso dever de, na afflictiva quadra actual, diminuir a sobrecarga de impostos.

Crear impostos, sobrecarregar a producção, as industrias, o trabalho honesto, collocar o proletariado a menos de meia ração, é uma deshumanidade. Tolerase que em crises agudas, para salvar a honra da patria, para acudir a um compromisso, á defeza nacional, peze o rigor do fisco sobre a fortuna particular ; onerar porém em excesso todas as classes, maxime quando uma crise tem exaurido a população, que nada mais tem a dar, quando todas as fontes de receita estão paralisadas, como agora, é um contrasenso, é uma iniquidade.

Qual o principal fim desse complexo de peças, machina directora de um povo organicamente constituido, a que chamamos—Estado ?

Sem entrar em detalhes de opiniões divergentes, pode-se affirmar que é guiar esse povo em busca do seu destino, do seu ideal, auxiliando o seu evoluir, esforçando-se, sempre, porém pelo bem estar das gerações que se vão succedendo.

Maldito seja o governo do Estado, que despreza o bem estar da população para attender somente ou principalmente, ao bem estar daquelle pequeno numero de individuos, distribuidos pelos postos que formam o mechanismo director, isto é, o functionalismo publico.

Para que uma direcção que só trabalhe em beneficio proprio? É nas democracias, o que são os governos, ou antes, o que devem ser, sinão representantês, delegados directos da vontade popular?

Entre nós a acção do governo estadoal é quasi nulla; e a dos governos municipaes é nulla completamente, excepto para lançamento e cobrança do imposto.

E' conhecida a acção publica pelo imposto; no mais vivemos em uma perfeita anarchia, tomando essa palavra na sua real accepção, e não no sentido terrorista que a acompanha.

De facto, quem conhece a vida das nossas localidades sertanejas sabe perfeitamente: quando se dá uma disputa, uma luta qualquer, lá vae uma influencia local apaziguar, sentenciar o que deve haver; si ha uma questão de terrenos, de cercas, de posse de vazantes, entre visinhos, lá vão os interessados pedir a intervenção dos *homens* da localidade, e estes quasi sempre bem intencionados, conseguem uma accommodação, um accordo; si um desordeiro perturba o socego publico, delibera-se um castigo; si a segurança publica é de repente ameaçada, os *homens* armam-se, reúnem gente, fazem-se respeitar e temer; si a propriedade soffre, averigua-se o facto, e o culpado recebe intimação, depois de um *ensino*, para dentro de breve prazo, mudar-se para longes terras; si a honra é offendida, o responsavel apressa-se em sanar o mal, si não quer sujeitar-se a algum *conselho*. Tudo isso é feito clara e simplesmente, sem acobertar-se com a intervenção official.

A nulla educação civica, não só da camada popular, como tambem dos mandões locaes, não lhes permite saturarem-se de sadios principios da vida juridica da Sociedade.

Réos protegidos andam impunes, recolhendo-se á prisão em vesperas de jury. Criminosos condemnados por graves crimes, cumprem sentenças em suas casas.

Como Juiz de Dircito já presidimos a um jury, em que o réo, com todos os requisitos necessarios a uma legitima defeza, confessou o crime, assim como o advogado que baseou-se em justificativa de legitima defeza, inteiramente applica-

vel ao caso; os jurados uegaram logo o facto confessado pelo proprio réo e pelo advogado!

Presidimos outro, numa villa, no qual, depois da resposta ao quarto quesito, um illustre juiz de facto, pedindo a palavra, interrogou:

—Sr. Dr. réo é o homem que matou (tratava-se de um crime de morte) ou o homem que morreu?

Assistimos, como advogado, a uma demarcação e divisão de terras; aberta a audiencia, apresentamos a nossa procuração, fazendo um requerimento verbal. O Juiz districtal, pobre e honrado velho, a quem a malvadez da politicagem tinha feito juiz, depois de ler a procuração, despachou em plena audiencia:

—Como não entendo dessas cousas, dou o papel a F. para me dizer o que devo fazer.

Esse F. era o assessor do Juiz, e o advogado da causa adversa.

Em taes condições, é claro, não offerece confiança a acção do poder publico.

Ha, portanto, uma verdadeira anarchia, interrompida pela cobrança de impostos. Faz se tanto desamar o fallado governo democratico, que o povo chama ao funcionario publico —*comedor* e considera o governo como uma entidade perigosa que vive de olho aberto, espionando sua vida, não para proteger, mas para roubar-o.

E' preciso meditar nesses factos. E' tempo de acabar com tão deprimente estado de cousas; é preciso fazer o povo confiar em seus governantes, e amar a essa entidade que se chama—governo—compenetrado de que elle é creação sua, e que não deve odial-o.

O povo não pode amar a um governo somente em vista de bellos principios apregoados, que não conhece nem comprehende. Só pode amar o poder publico quando este ouve, senté as suas dores, e procura com esforço remedial-as; ou pelo menos, deixa-o em liberdade, desbravando os caminhos para o seu progresso.

Protecção e liberdade á industria! Entre nós avulta a industria salineira, a mais rica do Estado, e talvez a mais futura, a unica que vantajosamente o Rio Grande do Norte poderá levar a todos os centros e a todas as praças commercias da Republica, capaz de fazel-o ter pezo e cotação nos mercados nacionaes.

Dê-se liberdade á industria, e não temamos a concurren-
cia de outros Estados.

As salinas de Mossoró e Macau, são as mais ricas, as
mais extensas, as menos oneradas de transportes para em-
barque, a ponto de vapores poderem receber carga em algu-
mas salinas, á prancha. O monopólio é um crime contra a
propriedade particular, prejudica ás cidades de Mossoró e Ma-
cau; extingue nucleos de população e afugenta rico e prospero
commercio de nossos portos, para outros Estados.

Urge a extincção do monopólio. Toda carga de impos-
tos, de despezas e monopólios, traz como consequencia, o
atropiamento e o depauperamento dessa industria.

* * *

Outra medida indispensavel ainda que deve com urgen-
cia crescente chamar a attenção dos governos, é a açudagem
do sertão.

Preoccupa-nos essa idéa porque vemos nella a salvação
de muitas vidas, de muitas fortunas e a extincção de muita
miseria, o lenitivo a atrozes soffrimentos, a prosperidade e o
engrandecimento do Estado emfim.

O sertão do Estado, presta-se ao plantio e ao cultivo de
vasantes, de sorte que, differente dos outros Estados, póde
contar com uma produção agricola continua. Não temos esta-
ção determinada para plantações. Havendo terras frescas
haverá produção.

No sul não faltam terrenos humidos, agua á superficie
do solo, entretanto todas as plantações tem epoca própria:
o tempo das invernadas.

O solo do sertão está, pois, em superiores condições; ou
melhor, estará, quando conseguir grande copia de terrenos de
vasantes, podendo então ser plantado e produzir sempre.

O sertanejo dá o nome de *vasante*, como já explicamos,
não só aos terrenos de lagos, de rios e açudes que estiverem
sob agua, e depois dos mezes de inverno, como sempre acon-
tece, ficarem descobertos, comò tambem ás plantações feitas
nesses terrenos.

Segundo lemos em antiga chronica escripta no Acary,
em 1845, por Manuel Antonio Dantas Correia, as primeiras
vasantes iniciadas no sertão foram no rio Seridó e seus affluentes
na secca de 1825; na secca de 1845 foi grande o beneficio
prestado á população pelas *vasantes* dos mesmos rios.

Durante o periodo de 1846 a 1876 (30 annos, o maior
periodo conhecido na historia do sertão, de invernos mais ou
menos bonançosos) não foram abandonadas as vasantes do
Seridó.

Nos outros municipios eram pouco usadas as vasantes
dos rios; em S. Sebastião de Mossoró tambem era empre-
gado o cultivo das vasantes do rio.

Havia mesmo um tal preconceito de que só as areias do
rio Seridó eram ferteis para vasantes.

E' exacto que as areias desse rio são excellentes para
vasantes, mas essa excellencia provém principalmente do es-
forço e da actividade dos agricultores que «obrigam», por
meio de adubo, a fertilidade das areias.

Foi d'onde partiu, no sertão, o exemplo de adubar as
plantas.

Ha tambem uma circumstancia que concorre para a fer-
tilidade do leito do rio Seridó: corre esse rio sobre um alveo
de forte declive, são as aguas mais impetuosas dos nossos
rios; amanhece com grande cheia, á tarde dá um metro de
profundidade; a agua da superficie rapidamente esco-se.
Mas como sob a camada superficial da areia, o alveo é todo
formado de lagedos, pedras e serrotes, a agua do sub solo não
se esco-a, pois as pedras formam naturaes barragens subter-
raneas.

Rios ha, como o Mossoró em alguns trechos, embora
de pouco declivel onde a camada arenosa do leito é tão densa
que poucos dias depois de desaparecer a corrente superfi-
cial, aprofundam-se as aguas de tal fórma que não deixam a
menor humidade para alimentação de plantas.

O certo é que, em geral, os rios sertanejos prestam-se a
vasantes; e depois das successivas licções crueis que os sertane-
jos receberam, já acreditam na possibilidade de vasantes
em qualquer rio.

E de facto, o Piranhas ou Assú, o Apody ou Mossoró, e
o Upanema, vão produzindo abundantes fructos.

Convém que o sertanejo não perca um palmo de terra
fresca: plante as vasantes, plante tudo, tendo o cuidado de
adubar; o terreno silicoso (arenoso) requer estrume para con-
servar-se humido e capaz de alimentar a planta, maxime
quando depois das enxurradas não fica uma camada de vaza,
lama, que representa um adubo natural, pois está impregnada
então, de humus.

O esforço individual, o trabalho constante, fazem a prospe

ridade das vasantes do Seridó. Cova a cova, o feijão, a batata são estrumados. Para a luta contra a secca, para o aproveitamento do trabalho, para a industria da criação, é certamente o povo mais esforçado, mais energico, mais methodico e mais perseverante no trabalho, o do Seridó.

Talvez por ser uma das zonas do Estado mais desprotegida pela natureza,

No municipio do Apody, por exemplo, nas crises; a pobreza tem abundancia de peixe na lagôa, ha fartura de mel silvestre e de caça na chapada do Apody ao Jaguaribe, conta com a carnaúba, tem mais a macambira; por isso a população é mais imprevidente. No Seridó só ha aquillo que fôr obtido a custa de muito trabalho; não ha outros recursos. Temos aqui visto plantar e cercar com difficuldade pequenos charcos, insignificantes poços, que em outros pontos seriam olhados com desprezo.

O criador do Seridó não abandona o gado nas crises. Emprega todo o esforço para salvá-lo; busca algumas vezes caroço de algodão com cem ou mais leguas de viagem redonda; retira; planta capim, corta-o, secca-o; vela pelo gado como quem vela por enfermo humano, levanta-se muitas vezes durante a noite para erguer rezes que já não se podem ter em pé.

E assim, quasi sempre consegue salvar a sua fortuna. Havendo boa aguada, sendo possível dar a cada rez dois litros de caroço de algodão diariamente, é difficil haver prejuizo no gado.

Ha outras rações aconselhadas para o gado bovino, em crises: a macambira, excellente; a carnaúba, palmito e caroço; o chique-chique queimado.

Aconselham os praticos que este ultimo deve ser dado depois de ficar frio, pois quente causa grande mal ao gado. Ha tambem varias ramas: joazeiro—quando a folha está madura; feijão bravo, optima; catingueira; jurema, etc. Com a oitica já vimos em *trato* adoecer e morrer gado.

As ramas e todos os residuos de vazantes, constituem optimas rações. E' uma vantagem das plantações de vazantes fornecer *trato* para os gados, além de poderosos recursos á população.

Não ha dados para uma avaliação regular sobre a produção das vazantes do rio Seridó; e além disso a produção é muito irregular por causas diversas; entretanto por informações que colhemos, talvez não seja disparatada a avaliação

de 5.000 alqueires de feijão (de 160 litros) para a produção do Seridó e affluentes, em safra regular, representando nas crises, um valor não inferior a 200:000\$000. Para que, porém, haja essa safra é preciso que o rio corra, o que muitas vezes acontece mesmo em annos criticos, como no presente, em que se poz de nado por tres vezes.

As vazantes dos rios constituem poderoso auxiliar nas crises, não só para a produção, como para sustentar os gados. Falta no anno presente, um grande auxiliar: o caroço do algodão, pois a safra é insignificante, não só no sertão, como nas serras e nas varzeas do Assú, onde, á margem do rio, ha sempre muita cultura de algodão, mantendo mais de meia duzia de *descaroçamentos* a vapor.

As vazantes dos rios representam importante papel na vida do sertão, e adquirem dia a dia maior desenvolvimento. As vazantes dos açudes podem ser cultivadas em qualquer parte: a questão é prender aguas.

A açudagem é empreza para a qual devem convergir todos os esforços sertanejos e dos governos do Estado.

Contos e contos de réis que seguem para o Crato, para os Brejos e para os portos em busca de feijão, de farinha, de rapaduras, de milho. Todos ficariam no sertão augmentando a riqueza particular e por conseguinte fazendo progredir o Estado, si a açudagem estivesse convenientemente desenvolvida.

Mais ainda: o commercio de peixes de açudes representa muitos contos que seriam introduzidos no sertão. As *catingas* e os Brejos paralybanos, Baturité e outros pontos do Ceará, são e serão mercados seguros e certos para o peixe do sertão, porquanto, por sua natureza, esses terrenos não se prestam á açudagem. Esse commercio já existe regularmente, em pequena escala.

Já ha açudes que vendem tres, cinco e oito contos de réis em um anno; generalizada a açudagem quantos contos virão de outros Estados ?!

Além de innumeras fontes de produção e riqueza de que o açude é causa, é preciso não esquecer o accrescimento de humidade atmospherica que a açudagem, regularmente desenvolvida, origina.

Sobre esse ponto pedimos venia para uma pequena transcrição de um trecho da *Memoria sobre o clima e seccas do Ceará*, do senador Thomaz Pompeu, já extincto, prefaciada por seu filho Thomaz Pompeu:

«Do exposto (diz a citada publicação no Almanack do Ceará, de 1898) conclue-se o seguinte:

1º Que si de todo não é dado obstar a repetição do phenomeno das seccas, que dependem de causas superiores, ainda não inteiramente sujeitas á acção humana; é todavia possível modificar seus efeitos, neutralisal-os, e pelo menos retardal os.

2º Que os meios verificados pela experiencia, e approvados pela sciencia, consistem na modificação e no melhoramento do clima.

3º Que o clima pôde modificar-se, conseguindo-se reter os vapores aquosos, augmental-os e condensal-os sobre o sólo. Já um sabio distincto tinha dito que a atmospherá é elaboravel como o solo.

4º Que os vapores pelagicos, que em tão grande massa passam sobre a provincia, arrancados do oceano pelo calor intertropical, elevados pelos dísseos, podem ser retirados e condensados pelos focos de condensação.

5º Que esses focos podem crear-se, conservando e plantando florestas, e por meio de massas d'agua que se podem reunir.

6º Parece que essas massas d'agua podem obter-se por meio de açudes, em qualquer parte, por meio de represas nos rios, e principalmente por comportas nas correntes perennes que descem das serras.»

Foram essas as conclusões que o illustre senador tirou de suas observações e baseadas em cogitações proprias e estudos sobre a materia.

Pôde-se dizer que nada ha no Rio Grande do Norte escripto sobre seccas. Esse assumpto tem merecido pouca attenção de seus filhos. Entretanto, o mal que affecta ao Ceará, á nós affecta com igual crueza.

Por isso, tudo o que se relaciona com seccas do Ceará, ao Rio Grande do Norte cabe igualmente. O clima é identico, a natureza do sólo é quasi igual. A differença existe principalmente nas serras, e em algumas regiões mais favorecidas por correntes d'agua. No Rio Grande do Norte, no sertão, não ha correntes d'agua descendo de serras.

Accetamos quasi completamente as conclusões do illustre senador, de saudosa memoria. Embora tambem reconheçamos como verdadeiro—falta-nos competencia para duvidar—o que a sciencia ensina e explica sobre a influencia das arvores sobre o clima, observamos (o que já notou o senador

Pompeu) que nos tempos em que o sertão era inculto, quando ainda o machado não havia profanado o seio virgem da floresta, e o fogo não havia crestado a superficie do solo sertanejo, já occorriam as tragicas scenas das seccas na zona meridional do Brasil, fazendo victimas os seus poucos povoadores civilisados, as suas tribus errantes, e, em falta de seres humanos, aos proprios irracionaes. E' assim que conforme a *Memoria* citada, de 1723 a 1727, uma secca assolou os sertões, sendo que «o anno de grande secca foi o de 1725, em que não só morreram numerosas tribus indigenas, como o gado, e até as feras e as arvores encontram-se mortas por toda parte.» De 1790 a 1793 outra grande secca.

Essas calamidades sempre foram repetidas.

Sabemos que as florestas concorrem para a humidade atmospherica, mas acreditamos tambem, pareça embora heretica ousadia de nossa parte, que é um erro, uma apreciação má, dizer-se que a ausencia e devastação das mattas são origem das seccas, ou mesmo que tem maxima influencia sobre o seu apparecimento. Antes de uma condemnação respondam: O methodico e racional systema de cultura do solo europeu, o plantio e conservação de mattas, principiou em tempos relativamente pouco remotos; demos 500 annos. Esteve pois a Europa centenas e centenas, mesmo milhares de annos, povoando se, agricultando-se sob o devastador systema do fogo e da destruição.

E porque é que essa tão prolongada devastação não esterilizou o solo e clima da Europa? E influencia tão desastrosamente em menos de dois seculos aqui, para esta região da America? Da mesma fórma porque é que essa mesma devastação não esterilizou Minas, S. Paulo, Estado do Rio, todo o sul do Brasil, afinal?

Foi o fogo, o machado, a devastação o que esterilizou o Sahara, a Arabia Petréa?

Foi o machado, o fogo, a devastação humana que esterilizou o grande e arenoso deserto do Atacama, que se estende das proximidades dos Andes ao littoral do Pacifico?

Os vapores aquozos que pairam na atmospherá são arrebatados pelas correntes aereas. Que paradeiro lhes poderão oppor as florestas? Não são com certeza as mattas, as florestas que cream as chuvas: são as chuvas que cream as florestas.

As grandes cordilheiras de elevadas altitudes é que cream, dão logar, a condensação de vapores aquozos, fazem-

do cahir chuvas que, por sua vez, refrescam o solo, e criam as florestas. As grandes cordilheiras, por sua elevação, é que podem constituir diques aos vapores aquosos, obrigando a sua condensação.

Os ventos geraes que sopram nesta parte do Brasil sujeita a seccas, arrebatam o incalculavel e immenso volume d'agua que a atravessa, evaporado do Atlantico, e represado pelo dique natural que lhes offerece os Andes, cahem em grandes aguaceiros na parte oriental da cordilheira, formando a gigantesca bacia Amazonica; e esse perenne refrescamento do sólo originou a grande floresta. Tanto é assim que, como nota o mesmo senador Pompeu, os mesmos alisios, continuando sua marcha, e transpondo a grande cordilheira, já tendo despejado seus vapores do lado de cá, seguem sem uma gota d'agua, açoitando os areiaes estereis do Atacama, onde nunca chove, onde nunca houve machado, fogo ou devastação humana. Si os ventos soprasses igualmente, das costas do Pacifico para o continente americano, certamente dar-se-ia o inverso: o Atacama seria coberto de mattas e de rios, e a Amazonia um deserto.

No continente africano só as orlas dotadas de montanhas, e mais para o interior a região onde ha cordilheiras, conseguem a condensação de vapores, em menor quantidade que a America, embora, devido aos ardores dos ventos que impetuosamente esterilizam os mesmos vapores.

Onde se lhes não apresenta esse dique, os ventos açoitam sem piedade o coração do arido continente, impedindo a condensação de vapores que se esterilizam então.

Sabemos, e é factó observado, onde ha chuvas sufficientes para a existencia de mattas, a conservação destas mantem mais humidade no solo, e por conseguinte tambem augmenta e estabelece correntes d'agua; e isso porque a acção directa dos raios solares, faz-se sentir menos para resequil-o; e a evaporação dessa humidade do solo em grande parte para elle volta em forma de orvalho ou mesmo de neblia. Mas desse phenomeno para prender-se a causa das seccas á falta ou ausencia das mattas, a distancia é grande.

Não é a ausencia de florestas a causa das seccas; as seccas é que são a causa, da ausencia de florestas, de mattas, de rios, de humidade.

Repetimos: num solo fresco, humido, onde existam mattas, a permanencia destas concorrem poderosamente para conservar a frescura e a humidade, principalmente por evi-

tar a subida e esterilisação de vapores desprendidos do solo; em tuas regiões é perigosa a devastação das mattas; mas numa região secca, sempre açoitada pelos alisios, onde antes da devastação do homem civilisado que empunha o machado e ateia o incendio, já a natureza, os elementos cosmicos, haviam ateiado devastadores agentes, é um erro de observação fallar em ausencia de mattas ocasionando seccas.

E' o que se dá na região que se estende da Bahia ao Piahy.

O centro dessa região é occupado pelo Rio Grande do Norte, Ceará e Parahyba; e a sua margem ao sul, estende-se da Bahia a Pernambuco; e ao norte do Maranhão ao Piahy; sendo digno de nota que destas partes as mais affectadas pelas seccas, são principalmente as que, ao sul, procuram pelo interior a direcção do centro da zona flagellada; e tambem as que ao norte procuram a mesma direcção em demanda da zona central de flagellação.

A zona central como já vimos, é representada pelo Rio Grande do Norte, Ceará e Parahyba: é sempre essa a mais açoitada; as orlas limitrophes que convergem pelo interior para essa região central, muitas vezes são alcançadas pelo flagello.

A orla do norte é mais limitada, porque recebe logo a influencia da bacia amazonica.

Os Estados que se acham na zona central representam o leito por onde se despenham os impetuosos e ingratos alisios; os Estados das orlas, as margens do grande rio aereo, a grande arteria dos alisios.

Nas grandes cheias dessa portentosa caudal, ha transbordamentos; e as suas *margens* são victimadas. E' assim que nas grandes seccas, os sertões limitrophes até o São Francisco, e até parte do Maranhão, ao norte, tambem soffrem do rigor da estação.

Nessas zonas limitrophes onde ha uma tal ou qual frescura e alguma humidade constantes, as estações são menos irregulares; ahí a devastação das arvores é um grande mal, pois expõe mais o solo aos raios solares e esterilisa, pela facil evaporação, em um solo nú, os vapores aquosos.

Mas aos tres Estados que permanecem no leito da torrente nunca houve e talvez nunca haja, floresta que os salve.

Sob o mesmo sentido figurativo podemos dizer: é uma imprudencia de quem móra á margem de um rio, destruir o

dique protector; mas para quem colloca-se no alveo, haverá em regra, dique que o salve.

Mas deixemos em paz as mattas e não nos preocupemos com o que nunca tivemos, nem poderemos ter sinão, talvez, depois de longos e seculares esforços, si esses forem auxiliados por methodica irrigação.

*
* *

A principal preocupação não deve ser gerar e condensar vapores aquasos mas sim deter as aguas que, com certeza, cahem em nosso solo, em periodos irregulares, mas que cahem sem falta, em tempos não muito espaçados.

Não sabemos si os inglezes no Egypto se preocupam em condensar vapores e arborisar o solo; sabemos que no anno passado inauguraram a grande repreza do Assuan, na qual despenderam cerca de 30 mil contos, em nossa moeda, e que tem uma extensão de 142 milhas, cerca de 35 leguas.

Façamos assim.

Apezar do que temos dito, ainda perguntamos:

— Será possível melhorar o estado atmosferico da região secca?

Acreditamos que sim, mas a nossa convicção é limitada a uma convicção relativamente pequena.

E, ainda assim, pensamos que o meio que offerece alguma efficacia inicial, é a construcção de muitos e grandes reservatorios d'agua: a açudagem. Uma grande superficie coberta d'agua dá logar á constante evaporação. Essa evaporação cahirá mais facilmente sobre o sólo, do que a evaporação que vier do mar para o centro. A razão parece clara. A evaporação do mar é trazida para o centro pelos ventos; quando estes são protectores, são brandos, sopram em pequenas altitudes, e são variaveis, esses vapores podem cahir em chuvas; mas quando esses ventos são frescos, geraes, não permitem a condensação dos vapores, que para longe são transportados. E' o que acontece nas seccas.

As aguas, porém, que permanecem, que já se acham nos centros, ahí mesmo são evaporadas; e como muitas vezes, durante horas dessa evaporação não ha vento, esses vapores cahirão sobre os terrenos circumvisinhos, talvez em forma de pequenas chuvas si a superficie aquosa fôr consideravel; ou em forma de orvalho, como acontece mesmo agora nas margens de nossos pequenos lagos, resfrescando o

solo. Isso dá-se sempre á noite e á madrugada, durante completa paralisação do vento.

Si houver avultada quantidade de grandes açudes, esses vapores serão em quantidade capaz de refrescar esses terrenos.

Não sabemos mesmo si taes vapores poderão provocar a condensação dos que atravessam a atmosphaera, constituindo-se assim uma especie de *chamariz*—como querem os entusiastas do melhoramento atmosferico.

Creados esses focos de evaporação, admittimos e mesmo aconselhamos a arborização do solo, como medida util; esses vapores encontrando o empecilho das arvores, com mais difficuldade se escaparão para as alturas ao alcance dos ventos, e mais facil e abundantemente cahirão sobre a terra. Fazamos primeiro os focos de vapores e de irrigação, cuidemos depois da arborisação.

Mas, por Deus! não falem em arborização antes do desenvolvimento da açudagem! E' um contrasenso. Arborizar como? Escolhemos os melhores e mais frescos terrenos para a agricultura; plantamos arvores fructiferas, vem uma secca e acabal-as.

Como arborizar sem açudagem?! Fazemos sementeiras nos melhores e mais frescos terrenos, de qualquer planta annual—feijão, milho, mandioca; vem a secca e tudo acaba. Arborizar como, si muitas vezes nem hervas nascem nos campos?!

Nem todos os terrenos são proprios para o joazeiro, arvore extremamente resistente ás seccas; e mesmo em terreno proprio, si no anno em que fôr plantado não chover, elle morrerá, nem chegará a germinar.

Em Minas Geraes já ouvimos uma opinião de uma distincta pessoa, aliás culta e de elevada posição social:

—Os nortistas soffrem secca porque são indolentes. Plantem elles nos campos capim para os gados, e em terrenos proprios bananeiras em larga escala, que além de ser optima e sadia alimentação, refresca o terreno: estará acabada a secca.

Quizeramos mostrar agora aqui as pedras deste Seridó a esse digno cidadão, para que elle nós ensinasse a plantar capim e bananeiras, em um solo sem humidade capaz de fazer germinar qualquer semente. Quizeramos tambem pegar muitos desses *arborizadores* do sertão para atiral-os, ao meio

día, plantando arvores em nossos *carrascos* ou em algum *geral* de chique-chique !

A maior plantação de bananeiras que conhecemos no sertão, é feita no sitio Brejo do Apody, onde ha quantidade não inferior a 50.000 pés. Esse sitio é refrescado por um olho d'agua que nasce ao pé da chapada da Serra do Apody—assim é conhecido o secco e catigoso planalto que se eleva entre os rios Mossoró e Jaguaribe.

E' o olho d'agua mais abundante que conhecemos no sertão.

Quando ha abundante inverno os riachos da chapada correm bem, e fica a chapada farta d'agua, relativamente farta, o olho d'agua *abreja*, isto é, torna-se abundantissimo, e um ou dois annos de completa secca não o estanca.

Mas quando a serie de annos seccos é mais prolongada o olho d'agua vem a seccar, esterilizando os terrenos do sitio. Assim, o grande inverno de 1875 *abrejou-o*, a secca de 1877 encontrou-o farto d'agua, e cheio de plantações o sitio, e assim resistiu a 1877, 1878 e 1879, seccando em 1880.

Permaneceu *desabrejado* (quando sécca, só um inverno muito abundante fal-o *abrejar* novamente) de 1880 a 1893; vindo a abrejar de novo com o extraordinario inverno de 1894 atravessou com toda gallardia a secca de 1898, foi reforçado pelo optimo inverno de 1899, conservou-se muito abundante durante a secca de 1900, mas como deste ultimo anno para cá, quatro annos, não houve chuvas que fizessem encher os riachos da chapada, acha-se presentemente quasi secco; e com certeza ha de seccar neste anno, completando o arrazamento das plantações no proximo anno de 1904, si não fôr de bom inverno.

Quando o sitio está prospero todas as suas plantações ficam vigorosas—canna, bananeiras, coqueiros.

Ha grande fartura d'agua no pequeno lago ou poço, proximo ao olho d'agua, e nos muitos regatos artificiaes, *levadas*, que formam o systema de irrigação dos terrenos.

Então a evaporação faz sentir, durante a noite, a sua benefica acção, em plena secca; as arvores, os arbustos, todas as plantas ficam, á noite, cobertas de uma camada de orvalho capaz de molhar bastante, pela madrugada, as plantações o ar fica impregnado de alguma humidade, torna-se mais pezado e mais fresco.

O bananeiral, principalmente, gotteja de folha a folha—successivas camadas de orvalho, verdadeiras perolas, não

no sentido dos poetas, para dar viço ás rosas, mas porque refrescam o solo, onde plantamos a canna, a bananeiras o milho, o feijão.

Foi o que succedeu nas abrazadoras seccas de 98 e 1900.

Mas quando uma successão de annos seccos esgota os mananciaes que permanecem no sub-sóio da grande chapada e que formam a reserva do olho d'agua, occasionando a supressão das correntes, então o cannavial e bananeiral, vão se extinguindo aos poucos, a principiari pelos terrenos mais elevados.

Não ha então irradiação de arvores que dê logar a condensação de vapores aquosos, simplesmente porque taes vapores não existem, pois a atmosphera resequida não os fornece, e o fóco que alimentava a humidade e que fornecia evaporação, torna-se nullo.

A transpiração das arvores não restitue vapores absorvidos, pois ellas não absorvem vapores sufficientes para a sua economia propria, tanto assim que se estiolam e morrem; só não morrem as grandes arvores que têm força de resistencia contra a temperatura e capacidade para com suas tenazes raizes, irem buscar humidade no sub-solo em profundidade grande, Mas essas mesmas nunca têm o aspecto magestoso de arvores florestaes. Não temos mattas, o arvoredado é sempre enfezado, rachitico, pobre, doentio.

«A influencia das mattas em qualquer região é de effeito incontestavel para a humidade atmospherica».

Assim é, concordamos, mas quando essa região tem humidade para fornecer ás mattas, e restituil-a á atmosphera.

As regiões que por sua natureza são servidas por atmosphera portadora de humidade cream mattas, e estas tornam-se preciosos agentes para conservação da mesma humidade e das aguas.

Quando a atmosphera tem humidade, communica-a e fornece-a ás arvores que então concorrem pela irradiação e transpiração para o refrescamento da mesma atmosphera, para a conservação das aguas; mas quando, como se dá nas seccas, a atmosphera não encerra humidade, ou tem-na em quantidade minima, as arvores, si por acaso absorvem alguma humidade da atmosphera, nada restituem pela transpiração, pois a quantidade absorvida não chega para consumo individual.

Não estamos argumentando contra leis que regem a vida vegetal: seria dislate.

Não desconhecemos os phenomenos geraes que presidem esse importante departamento da Historia Natural.

Mas, si é verdade a absorpção, irradiação, transpiração, como phenomenos vitaes para o organismo vegetal, tambem é certo que não havendo humidade, o vegetal não absorve não irradia, nem transpira: morre.

Ou si houver insufficiente humidade, o vegetal, arrasta uma vida enfezada, doentia; paralisa o desenvolvimento chegando muito mal a absorpção de humidade (limitados então os orgãos de absorpção ás raizes) para sustentar uma vida cataleptica, até a volta de alentadora humidade. E' o que se dá nas seccas: os vegetaes ou morrem ou definham.

E' em virtude de phenomenos physicos geraes da vida animal que o organismo fornece calor sufficiente á vida do individuo. Entretanto não é possível atirar a vida animal debaixo de camadas de gelo, sob o fundamento de que o individuo animal gera calor.

Ainda: em um espaço limitado, cheio de luzes e muita gente, sem as necessarias condições hygienicas, apparecem incommodos ás pessoas que nelle permaneçam.

Um individuo que se queira retirar por essa causa certamente não o deixará de fazer pela consideração de que o ar atmospherico contém oxygeno, gaz salutarmente respiravel, e de que o organismo humano respira esse gaz.

Pois si é justamente o que falta áquelle ambiente !...

E' o que se dá com as arvores. Absorvem a humidade, irradiam, transpiram... mas si nas seccas é justamente o que falta, é essa humidade ? !...

Torna-se então nullo o effeito das arvores.

Si houver um regular fornecimento de vapores aquosos, por abundantes reservatorios d'agua, talvez estabeleça-se alguma humidade. Dizemos talvez, porque se fosse só questão de focos de humidade, o littoral viveria alagado.

Isso não succede. Si o assumpto admittisse brincadeira, poderíamos dizer: *casa de ferreiro...*

*
* *

«No valle do Cariry, o terreno aliás mais fertil e abundante d'agua no Ceará, é onde se conserva a maior tradição dessa secca (1723—1727) que em 1725 fez seccar todos os brejos e correntes, obrigando os habitantes de Missão

Velha a mudarem-se por falta d'agua.» Isso lê-se na citada obra do senador Pompeu.

Depois desse anno de 1725 a tradição não conta a repetição do facto de seccarem os brejos e correntes do Cariry; e com certeza havia arvores em maior abundancia do que nos tempos que se seguiram até hoje. Segundo o mesmo senador, de 1692 a 1793, um seculo, o Ceará foi victima de dez seccas representando ellas um periodo de vinte e dois annos seccos; o que dá dois annos seccos para cada dez annos, sobrando ainda dois annos.

De 1794 a 1894, cem annos, soffreu o Ceará doze seccas, perfazendo dezenove annos seccos; faltando, portanto, tres annos para igualar ao numero de annos criticos do primeiro seculo examinado; regulando no ultimo seculo menos de dois annos seccos para cada dez annos; por conseguinte no primeiro periodo (1692 — 1793) os annos seccos foram mais numerosos do que no segundo — 1794 — 1894, embora menor o numero de seccas. Isso significa que as seccas do primeiro periodo foram mais terriveis, pois a intensidade do flagello e suas funestas consequencias, estão em razão directa á duração de cada periodo critico.

E' muito mais devastadora — uma só secca durante tres annos successivos, do que tres no periodo de dez annos, intercaladas de invernos.

E' ainda digno de nota que o maior periodo de ausencia de secca rigorosa, foi de 1846 a 1876, trinta annos, no ultimo periodo que confrontámos.

Donde se depreheende que apezar da supposição em contrario, o ultimo seculo foi mais benigno em relação ás crises climatericas, do que o outro, mais remoto.

Entretanto, nesse periodo mais recuado, a devastação era com certeza menos, muito menor.

A que attribuir esse phenomeno? Ignoramos; pois não pode ser procurada a sua causa no desenvolvimento da açudagem, que ainda é insignificante para dar apreciaveis resultados.

Este reparo já foi feito pelo senador Pompeu. Do que temos dito em relação á influencia das mattas e arvores sobre as seccas do sertão, concluímos:

1º—Não se pode ligar a causa das seccas á ausencia de mattas: á falta de mattas é uma consequencia, e não uma causa.

2º—A devastação do rachitico arvoredo do sertão, ne-

nhuma influencia exerce sobre o apparecimento e sobre a intensidade das crises sertanejas.

3º.—Quando ha humidade na atmospheria, e ha no solo focos geradores de vapores aquosos, as mattas concorrem para a conservação da humidade.

4º.—E' uma imprudencia e imprudencia grave a devastação do enfezado arvoredado do sertão, que poderá ser de muita utilidade quando houver grande copia de focos de evaporação, disseminados pelo solo.

5º. E' inutil o plantio de arvores, a arborisação do solo; mas essa medida só poderá ser empregada methodicamente, quando houver humidade no solo capaz de tornar viavel essa tentativa; humidade que só poderá ser fornecida pelo desenvolvimento da açudagem.

Construam-se açudes, reservatorios para prender as aguas pluviaes que em abundancia admiravel são despejadas no sertão, em periodos incertos, embora. Esses reservatorios é que trarão vida ao sertão, actividade ao commercio, prosperidade ás industrias, remuneração ao trabalho, garantia e estabilidade á vida material e á vida economica, e socego ao espirito. O sertanejo vive assustado e sombrio com a espectativa de secca. Desde outubro principia a angustia e o mal-estar.

Choverá? Virá a secca? Poderemos emprehender tal serviço? Será de bom resultado tal emprego de capital? Sortir o estabelecimento commercial? Ampliar transacções?

Em fim de anno a fortuna sertaneja está sempre depreciada em cerca de 50 %, isso regularmente. Basta haver relampagos para valorisar os gados.

Algumas vezes a secca declara-se sem rodeios, logo; outras conserva o estado de dubiedade até aos mezes em que devia declarar-se o inverno; ainda algumas vezes é traiçoeira: principia com apparencias de inverno regular, e de repente descobre as garras.

Foi o que succedeu no presente anno. No mez de dezembro houve boas promessas; em fevereiro foram confirmadas; março entrou com aspecto animador—chuvas por quasi toda parte, alguns rios com agua, plantações bem vingadas, tenra pastagem cobrindo os campos. De 19 para 21 de março o tempo mudou visivelmente de aspecto; as poucas nuvens começaram a correr vertiginosamente para o norte, e toda noite relampagos appareciam ao poente, *debaixo do sol*, como diz o sertanejo, indicio perigoso para *experencias*, pois esse

tal relampago ao poente parece phantastico: não chegam noticias do resultado. Não mais houve, sinão alguma rara e irregular chuva. Aquelles que se tinham animado a plantações, viram os seu esforço perdido; gados comprados no Piauhy não acharam collocação, nem cotação. Essa incerteza é constante; é um pesadelo que sempre opprime o sertão.

E' preciso remediar esses grandes males e o meio mais effcaz e de effeito mais seguro e mais immediato, é a açudagem. Mas para realizar essa empreza faz-se mister grandes esforços e energia dos particulares, pois têm luctado ao abandono. Porque o poder publico não auxilia aos particulares na construcção de açudes? E' muito simples; precisa, apenas de um pouco de comprehensão e compenetração do seu papel.

O poder publico pode auxiliar e desenvolver a açudagem de duas maneiras: directa ou indirectamente. Indirectamente por concessões feitas sobre isenção de impostos.

Em 1891—já lá vão mais de doze annos—no Congresso do Estado, conforme já alludimos noutra parte deste livro, apresentamos e defendemos um projecto de lei dispensando certos e determinados impostos, áquelles que construissem açudes em condições dadas. A intervenção amigavel do governador de então, evitou por um voto, a approvação do projecto já em terceira discussão. Ignoramos os motivos desse acto de poder pessoal. Si, como seria de esperar pela animação offerecida, houvesse progressão de açudes nas condições exigidas, quanta lagrima, quanto soffrimento, quantas vidas não teriam sido poupadas, muitas dellas acabadas na Amazonia? Haveria apenas um escolho ao referido projecto de lei, ou antes a referida lei, mas esse é inherente á generalidade das leis: a difficuldade de uma execução e de uma applicação justa e criteriosa; era o perigo de ser falseada a observancia da lei, tornando a instrumento de afilhagem e de protecção indevida.

O nosso povo desconhece em absoluto o que seja severidade e austeridade no cumprimento da lei. E, peza-nos dizer, a educação republicana tem concorrido para augmentar essa falta de coragem civica.

O governo do Estado pode auxiliar directamente a açudagem de tres modos: construindo açudes por conta dos cofres publicos; concedendo premios, remunerações a pessoas que apresentarem açude em certas condições e fazendo emprestimos para construcção de açudes.

A primeira maneira offerece desvantagens. E' onerosa aos cofres publicos; principalmente porque ha um perigoso axioma arraigado no espirito popular: «O governo rouba do pobre, por isso o pobre deve aproveitar-se do governo».

Serviço de governo, entre nós, é uma especie de cousa que não deve ser levada a serio, e foi inventada somente para proteger a um afilhado; e, portanto, cumpre um dever quem se locupletar a custa do mesmo serviço.

Tal é a convicção que escandalos tem levado á simples e fertil imaginação popular; e devemos concordar que esse triste exemplo vem das camadas superiores. Outra desvantagem é que de facto taes serviços, tentados no Estado, não deram resultado, e geralmente confirmaram o preconceito popular.

Salvo alguma exigencia excepcional de crise aguda em que é indispensavel soccorrer a indigentes e á população sem trabalho, ou quando a obra for de tal importancia que esteja fora do alcance de recursos, particulares, não deve ser empregado esse primeiro meio.

O segundo modo tem tambem seus inconvenientes. Pode tornar-se igualmente oneroso ao Estado, e abre larga valvula á afilhagem e ao escandalo.

O açude foi construido por amigo? Ser-lhe-á entregue o premio, pois será considerado nas condições exigidas, seja embora um *barreiro*.

Foi construido por adversario politico? Não estará em condições de merecer o favor legal, esteja embora de facto, além das condições precisas; e si for considerado digno do favor, o premio não lhe será pago.

Quem quizer ser sincero ha de concordar que essas suposições são fundadas em factos diariamente observados.

O terceiro meio de protecção do Estado—empréstimos a particulares—é o mais facil e o menos oneroso, e aquelle em que é possivel diminuir abusos.

Varios Estados, e até mesmo este, têm emprestado dinheiro a particulares para auxilios á lavoura. Porque o sertão não merecerá tal favor, elle que mais do que nenhum outro ponto, precisa de auxilios? Seja com a devida segurança e intervenção do governo, avaliada a propriedade particular, afim de acautelar o interesse do Estado; e sobre essa avaliação seja emprestada quantia representando metade do valor do immovel, que ficará sob hypotheca, fazendo então o empréstimo a prazo razoavel e a juro modico,

Em taes condições terá o Estado garantido sua responsabilidade, e auxiliado efficazmente a açudagem do sertão.

Esses empréstimos não causarão receios aos particulares, nem ao Estado, porque nunca serão em quantia avultada.

O commum das propriedades sertanejas serão avaliadas em seis a doze contos; e assim os empréstimos variarão entre tres e seis contos, e em media de quatro contos e quinhentos mil réis, quantias diminutas, mas sufficientes para muitos proprietarios, trabalhadores e intelligentes, construirẽ açudes regulares, que irão depois augmentando, ou com o auxilio de recursos proprios, ou com renovação de empréstimo, desde que seja pago o primeiro. Muitas vezes a maior difficuldade é o primeiro passo. Alcançado este os recursos serão mais faceis.

Não tenha receio o Estado que lhe venha prejuizo.

Aqui, no Seridó, já tem havido quem se tenha proposto a construir á sua custa, açude de outrem, tendo como remuneração o peixe que pescar no mesmo açude, em dez annos consecutivos.

Tenha dó do laborioso sertanejo, o governo do Estado, ou o Federal, em sua falta! Nas sociedades civilisadas, o poder publico nunca deixa de vir em auxilio dos que são victimas de crises climatericas ou economicas. Não estamos pedindo ou lembrando uma cousa difficil, menos ainda uma utopia. Apresentamos, apenas, uma medida simples, modesta e de facil execução.

O pequeno sacrificio que o Estado fizer, ser-lhe-á compensado sobejamente.

Donde tirar o Estado dinheiro para taes empréstimos?

Isso não é difficil. Extincto o monopolio das salinas, e sob hypotheca dos impostos, diminuidos estes, não será talvez, difficil levantar o necessario capital.

E' inexequivel tudo isso que apresentamos? Não; é uma cousa simples, uma medida que toda administração prudente e previdente não deixará de realizar.

Attenda o governo do Estado para o sertão, no momento presente, pois as difficuldades são grandes.

Lance mão das medidas que temos indicado sem orgullo, sem vaidade, sem intenção de offender, e, tambem, sem engrossamentos, pois somos por temperamento e por caracter, rebeldes, incompativeis e refractarios a essa epidemia

reinante; tendo somente em vista o progresso de nossa terra, a diminuição de atrozes soffrimentos de uma população intelligente, trabalhadora, energica, boa, guiando-nos pela sinceridade de nossos sentimentos.

Julho de 1903.

III

Ao Exmo. Sr. Dr. José Mattoso Sampaio Corrêa, chefe da Comissão de Estudos e Construcção de obras contra as seccas, no Rio Grande do Norte.

E' bem possivel, é mesmo provavel que a vossa paciencia já esteja cansada de alvitres, pareceres, informações e indicações, mais ou menos officiosas, cada qual julgando-se mais bem fundamentada, obedecendo todas ao desejo de ser util ao Estado, em auxilio da ardua commissão que actualmente desempenhaes.

O vosso espirito culto, e, portanto, tolerante, certamente dará o justo valor a cada uma, agindo de accordo com as vossas luzes e estudos para o fiel e completo desenvolvimento do plano que adoptardes, com a independencia daquelles que sabem o que fazem e o que devem querer. Tolerai mais a impertinencia de um «memorial», que tem por fim, alvo e desejo unicos, chamar vossa attenção, aliás já por demais assaltada por innumerados affazeres, para um ponto digno de exame.

Não temos pretensões a um trabalho de merito; para tanto faltar-nos-ia competencia.

Anima-nos, porém, e nos dá ousadia, o desejo de sermos util a nossa terra, e comprehendemos que por mais insignificante que seja o individuo, não está por isso, isento de contribuir com modesta parcella para o bem social.

Já conheceis em parte, o solo do Estado. E conheceis melhor do que nós, porque o encarais com os olhos armados pela sciencia de vossa especialidade e nós vemos-o a olhos nús.

Ha um trecho do territorio digno de nota especial, pela curiosidade que apresenta.

Referimo-nos áquelle que é conhecido pelo nome de varzeas, onde medram os carnaúbaes, e que fica entre os municipios de Sant'Anna de Mattos, Macáu, Assú, Triunpho, Mossoró, Apody e Caraúbas. A quem os encara, armado apenas de curiosidade incompetente, esses terrenos parecem que foram constituídos em sua formação geologica, em epoca relativamente recente, muito mais recente do que a dos ter-

renos circumvisinhos, pela permanencia em longos tempos sob grande massa d'agua, talvez doce, e que por qualquer facto, tão commum na história geologica do planeta se affastou para o oceano, deixando á descoberto todas as actuaes varzeas.

O planalto, ora arenoso, ora argiloso, algumas vezes petreo, prendendo-se, porém, a origem de todas essas rochas, ao grés e ao giz, que se estende ao longo da costa, desde a altura do cabo de S. Roque até o morro do Thibau, extremo limite ao norte com o Ceará, alargando-se para o centro e, ás vezes, adelgaçando-se para a costa, é conhecido entre outras, pelas denominações de Serra Verde, Catinga da Serra Aguda, Picada do Amargoso, Cacimbas do Vianna, Ponta do Mel, Serra de Mossoró, e, mais para o interior, Picada do Assú, do Panema, de Mossoró, do Livramento e do Apody. Entre esse planalto, algumas vezes christado pomposamente com o nome de serra, e o solo do alto sertão, a differença de nivel não é muito grande.

Era essé planato, na hypothese que figuramos, que constituia o dique natural ás aguas vindas do sertão, occasionando assim o lago que, supponmos, existiu proximo á costa.

Um phenomeno qualquer, talvez mesmo uma passagem iniciada pelas aguas, occasionou a ruptura dessa barragem, naturalmente onde esta era mais fraca e o lago mais profundo, fazendo maior pressão o maior volume d'agua; abrindo-se então escoadouros ás aguas; dando-se isso nos pontos que hoje chamamos Mossoró e Macáu.

Para amparar a nossa hypothese basta considerar: a visível solução de continuidade que existe entre a serra Mossoró e a Picada da Ponta do Mel que se dirige para o Panema, a solução de continuidade entre a mesma picada da Ponta do Mel que se dirige para Macáu, e a picada do Amargoso, ao lado direito do Assú ou Piranhas; que todas as aguas propriamente do sertão do Rio Grande do Norte, pertencem ás duas bacias—Assú ou Piranhas, e Apody ou Mossoró que recebe o Panema ou Upanema perto de sua fóz; que pelo exame do terreno, da baixada ou varzea, vê-se ser elle formado por sedimento de lódo, em aguas de alguma profundidade, misturado com detritos de conchas, claramente visíveis, não só á flor da terra, como em qualquer secção que se faça; que nos terrenos mais altos, proximo ás varzeas, notam-se caracteres de formação anterior; e, finalmente, que

nas orlas das varzeas, nos cortes verticaes ao planalto, donde primeiro, nessa epoca recuada, fugiram as aguas, notam-se claramente, escavações e cavernas originadas pelo embate das aguas.

Parece-nos, pois, a nós profanos, que as nossas varzeas representam o leito de um grande lago natural que sobre ellas, em longos annos sedimentou materiaes diversos.

Mas essa grande bacia do lago não era isenta de irregularidades e elevações; circumstancia que dava logar a especificidades de subdivisões e compartimentos, de sorte que a primeira ruptura não deu logar a um completo escoamento. Assim, a ruptura pelo lado de Mossoró, deixou ainda, rio acima, cerca de vinte leguas donde é hoje a sua foz, um dique formado pela junção das picadas do Apody de um lado, e do Livramento e S. Sebastião de outro.

Este ultimo contraforte que, supponmos, impediu então o completo escoamento, achiava-se situado no logar hoje denominado Passagem Funda. As aguas que ficaram formando esse lago superior, naturalmente iniciaram logo, por esse ponto, caminho para o seu curso natural, conseguindo muitos annos depois estabelecer franca passagem, descobrindo então, a varzea conhecida hoje por varzea do Apody.

Admittimos essa hypothese porque aos nossos olhos profanos parece que os terrenos das varzeas do Apody são de formação mais recente do que os das varzeas de Mossoró, embora representem todos elles um mesmo periodo geologico.

Esse boqueirão, por onde hoje deslisa o rio Apody, estabelece uma solução de continuidade entre o planalto, ficando de um lado, á margem direita, a picada de S. Sebastião e do Livramento, e do outro, á margem esquerda, a picada do Apody, que forma um massiço não muito elevado, com um comprimento e cerca de trinta leguas sobre uma largura que varia de seis leguas, no minimo, a vinte no maximo alcançado na confrontação do povoado de S. Sebastião do Mossoró.

E esse boqueirão, no sitio Passagem Funda, tem uma largura de cerca de 250 braças, ou 550m. As picadas ou serras de pouca elevação, scindidas nesse boqueirão, tomam diversas direcções: a secção da margem esquerda, picada do Apody, segue de leste a oeste, quasi toda em corte vertical, formando um grande arco, cujas extremidades se acham no boqueirão da Passagem Funda, e a outra além da cidade

do Apody, distanciadas essas extremidades em uma corda de segmento de mais de 6 leguas; a picada do Livramento ou S. Sebastião, á margem direita do rio, da Passagem Funda, onde se acha o boqueirão, toma a direcção de leste a sul, a principio tambem em corte vertical e em arco, e depois, em linhas irregulares, erigidas de pontaes de *taboleiros*, terminando no municipio de Caraúbas, distando do ponto de partida cerca de seis leguas; e os dois pontos terminaes no municipio de Caraúbas e Apody, guardando entre si distancia de cerca de oito leguas.

Reconstruindo esse lago superior, isto é, tomado convenientemente esse pequeno boqueirão da Passagem Funda, de 250 braças lineares de largura, seria represado o rio Apody, formando com essas serras descriptas, um grande lago artificial, que cobriria uma area não inferior a 12 leguas quadradas, ou 69.120.000 braças quadradas ou ainda 334.540.800 metros quadrados.

Nada diremos sobre as innumeradas vantagens e incalculáveis beneficios que essa obra traria á população sertaneja, e á riqueza geral do Estado: seria perder palavras em accentuar aquillo que não pode soffrer contestações.

Apenas notaremos que o planalto, tanto á margem direita como á esquerda do lago, ficaria em muitas leguas fertilizado, mesmo independente de outros serviços de irrigação.

Que as grandes e largas varzeas de S. Sebastião a Mossoró, niveladas como são, facilmente seriam irrigadas, isto é, productivas, o mesmo succedendo com o valle que estende-se da Passagem Funda a S. Sebastião, com mais de quatro leguas.

Que os extensos e fertilissimos baixios do rio Umary ficariam irrigados.

Que esse grande trecho de terra, obrigado a producção e a fertilidade, representaria grandes valores de riqueza permanente, produzida no Estado, para nelle ser distribuida, evitando assim a drenagem agora observada, de seus miuquados recursos, penosamente accumulados, que sempre, em todas as crises, desfalca sua depauperada seiva. E mais que essa massa d'agua constituiria um fóco de vapores aquosos, concorrendo, talvez, para melhorar as condições climatericas da região.

E' para esse reservatorio, é para esse açude, que tomamos a liberdade de chamar a vossa douta attenção.

Esquece-nos de momento qual o celebre pintor que

ouvindo em sua officina de trabalho uma dissertação sobre pintura, que fazia um regio visitante, atalhou a palavra do rei:

— Senhor, olhai que ri o moço que mõe as tintas.

E' bem possível, embora sem pretensões regias, que analoga observação nos seja feita. Sirva, porém, a boa vontade que temos, de trabalhar em prol da nossa terra, de desculpa a tamanha ousadia.

Já conheceis as condições de vida e desenvolvimento do Estado. Pelo que tendes visto podeis avaliar o resto.

O nosso povo é singelo, honesto, ordeiro e bom. Falta-lhe, porém, tudo. O atraso é immenso, o progresso excessivamente vagaroso. Pese-nos embora dizer, mas para amar nossa terra não é preciso occultar o seu estado. Falta-nos tudo. Não espereis, em parte alguma do Estado, encontrar a seiva de vida, a ancía de caminhar que se encontra nos Estados do sul. A nossa industria, atrazadissima, é quasi nulla. A lavoura é morta. Os centros de população quasi sem vida. Instrucção popular nenhuma: os que se accumulam nos portos a procura de trabalho, essa população hoje deslocada e com a qual a vossa commissão no Estado, vos põe em contacto, certamente conta 95 % de analphabetos. Vias de communicacão, nunca houve.

Nós mesmos, filho do Estado, por mais de uma vez, ao percorrer longas distancias em nossa terra, temos feito essa interrogação, mesmo em tempos normaes:

Mas... de que vive esse povo?!

E' bem provavel que essa pergunta já tenba pairado em vosso espirito. O trabalho agricola do sertão é disseminado em uão pequena superficie da terra, não se vendo, porém, em cada estabelecimento, sinão poucas dezenas de braças de terreno cultivado. Não espereis encontrar, sinão excepcionalmente, nucleos agricolas de importancia, ou de desenvolvimento na industria pastoril. Vive a população do Estado, mesmo a considerada rica, com um pé na miseria e o outro na mediania.

O nosso povo é de uma honestidade e probidade á toda prova: salvo algum caso de violencia e ataque á segurança de vida e de propriedade, praticados por criminosos que dos visinhos Estados invadem o nosso, a segurança individual é quasi plena, notando-se que, como em tudo o mais, a ausencia da acção do poder publico é completa, pois, como já tereis

netado, na maioria dos centros de população do Estado, não é visto um só representante da força publica.

A população vive em completo abandono do poder publico. Para não sermos taxados de suspeitos ou exagerados podemos dizer: examinai os actos legislativos do Estado e das municipalidades; examinai o serviço da administração publica Estadual ou municipal dos ultimos dez annos: garantimo-vos que não encontrareis um só que trate de uma medida, uma providencia, um melhoramento, que diga respeito ao bem estar do commercio, da lavoura, ou de qualquer outra industria no Estado, a não ser um diminuto emprestimo á lavoura de assucar, feito em apólices ao portador (!) desvalorizadas, e que por illegaes, o governo federal obrigou á recolhimento!

Pelo exposto facil é comprehender a importancia que enxergamos em vossa missão. Representaes a acção do poder federal, que só de agora em diante poderá ser accusado, se não diligenciar socorrer as victimas da secca, sendo, porém, de alguma sorte injustas as accusações que lhe têm sido feitas de retardatario. Si durante os ultimos annos de crise, dos quaes o actual é a continuação, o governo do Estado não tomou a menor providencia contra a calamidade; si uma só palavra nesse sentido não foi proferida pela administração publica; si congressos legislativos do Estado, funcionaram mezes, sem tratar da crise que soffoca o Estado, sem que se encontre mesmo, talvez, a palavra—secca—em suas deliberações, como exigir que o poder central, invadindo competencias, viesse em auxilio do Estado?!

Como fazer essa exigencia, que só poderia ser satisfeita em momentos de calma e desafogo do governo da União, mas nunca em occasiões em que elle se vê assaltado por crises agudas, tambem de interesse nacional a attender?!

Caia a responsabilidade das desgraças que affligem a nossa terra, sobre aquelles que desde annos, testemunhas oculares da calamidade, quedaram-se em administração negativa.

Os filhos do Estado, aquelles que pensam em melhor ruturo para sua terra, sabem que a vossa missão de estudos, de medidas contra as seccas, e de soccorros ás actuaes victimas do flagello, representa a abertura de novos horizontes á vida e ao progresso deste trecho da patria Brasileira:—ajudagem e viação. A viação, essa condição *sine qua non* do desenvolvimento social e mercantil de um povo, reclama

urgentemente a vossa attenção, pois as nossas vias de communicação não merecem ainda o primitivo nome de *estrada real*.

Ha dois planos ou traçados de estradas de ferro, no Estado, capazes de, por si sós, levar enorme seiva de vida ao seu depauperado organismo: uma ligando Natal ao Caicó, approximando-se do Assú; a outra de Mossoró em demanda do rio S. Francisco, o gigante mineiro.

A primeira, embora de percurso mais sinuoso, atravessando trechos sem habitantes e sem cultura, atravez do inculto e arenoso planato ondulado do Ceará-Mirim a Jardim de Angicos ou Lages, em busca dos seixos e geraes de chique-chique de Angicos pelos outeiros de Sant'Anna de Mattos até as pedreiras do Seridó, tem a grande vantagem de desviar o commercio desta ultima zona, futura e relativamente prospera, para a capital do Estado, commercio que é hoje quasi todo cultivado e relacionado directamente com a praça de Pernambuco.

Essa estrada representará um poderoso transmissor de forças que dará vigor e impulso á capital do Estado, que apresenta hoje a chocante anomalia de achar-se commercialmente dasligada do centro.

A segunda, Mossoró a S. Francisco, sem duvida alguma como obra de interesse nacional muito mais importante do que a primeira, representará a abertura de novos mercados ao Estado, de facil e importante escoadouro dos productos das riquissimas salinas da costa para grandes centros consumidores da Republica.

Incrementará grandemente a cidade de Mossoró, a mais commercial do Estado, depois da capital, e o que mais é, sem causar a minima competencia, o minimo abalo á esta, ao contrario, desenvolvendo-a muito poderosamente, como é facil comprehender.

O commercio de Mossoró é hoje, principalmente, entretido com a praça do Recife; e isso não só porque em principio assim foi encetado, quando a cidade de Natal, a capital, era completamente destituída de vida mercantil, como tambem porque, centro commercial mais importante, offerece ainda ao Recife maiores vantagens. Natal é ainda desvantajosa ao commercio de Mossoró, e mesmo a todo o sertanejo, por suas proporções não muito desenvolvidas.

Ainda qua em algumas mercadorias podesse ser feito pelo commercio retalheiro dos pontos sertanejos, sortimentos

em regulares condições, iguaes ás do Recife, ainda assim mercadorias ha que, por falta de importadores directos dos centros de producção estrangeira, o mercado de Natal é deficiente, obrigando desta forma o commercio retalhador a dois sortimentos nesta e naquella praça.

Ora, em taes condições, claro está que o commercio de Mossoró, Assú, Macau, etc., prefere a praça do Recife, onde é possível fazer um só e completo sortimento. A unica mercadoria com que a praça de Natal tem monopolisado o commercio sertanejo em geral, é a de tecidos de algodão, devido não só ás vantagens offerecidas pela fabrica dessa capital, como tambem por favores administrativos que a tem amparado. Dado, porém, o desenvolvimento commercial que se pôde esperar de Natal, tendo como ponto inicial o melhoramento do seu porto, já em execução, não ficará em posição de offerecer condições iguaes ás do Recife, e com a vantagem de menos dias de viagem marítima? Vemos, pois, que os mercados do centro do paiz, ligados a Mossoró pela via ferrea, concorrerão com certeza, ainda, para incrementar a capital do Estado.

Tambem a estrada de ferro de Mossoró á S. Francisco em nada prejudicará a do Seridó a Natal.

Dentro do Estado, qualquer ponto ligado a Mossoró, pelo traçado Graf (1) fica menos distante para essa cidade do que para a de Caicó.

E' pois evidente que mesmo sem estrada de ferro para Mossoró, na hypothese de trafegar a via ferrea em exame, de Caicó a Natal, de nenhum desses pontos do traçado Graf haverá commercio para a «Caicó a Natal» porquanto está claro que em igualdade de distancia de viagem terrestre, o porto marítimo será procurado de preferencia á estação da via ferrea, que apresenta ainda grande percurso e fretes a vencer.

Da mesma fórma dos pontos do Estado da Parahyba, que são cortados pelo traçado Graf. Esses pontos ou são equidistantes de Mossoró e de Caicó, e dar-se-á, então phenomeno identico ao dos pontos do Estado de que vimos de fallar, ou então pela mesma razão de equidistancia, conti-

(1) O engenheiro Graf foi o autor do projecto dessa estrada de ferro de Mossoró a S. Francisco e concessionario da sua construcção não chegando, porém, ao menos a inicial-a por ter fallecido.

nuarão a fazer o seu commercio pelo centro da Parahyba, em demanda da via-ferrea parahybana que se dirige para Batallião, no sertão desse ultimo Estado; ou em demanda da estrada de ferro da Timbaúba, em Pernambuco. Essas duas vias ferreas serão, pois, servidas por zonas independentes.

A Mossoró— S. Francisco, além dos grandes beneficios que acarretaria ao Rio Grande do Norte, levaria sua acção benefica a centros de outros Estados, tambem sujeitos a seccas. E pondo em directa communicação os Estados de leste com a importantissima arteria fluvial do S. Francisco, em futuro proximo ligado á rêde da viação ferrea representada pela Estrada de Ferro Central do Brasil, a mais importante da America do Sul — representaria tambem, um grande passo para a rêde de estradas de ferro estrategicas do Brasil, de tão palpitante e urgente necessidade para a defeza e integridade da Patria, que possui extensissimo littoral aberto, sem fortificações e sem marinha capaz de o proteger, exposta a absorvente cobiça do moderno imperialismo.

Sabemos que o S. Francisco não é um El-dorado, como fantasistas poderão suppôr: grandes trechos de territorio banhados por elle, nem sempre estão isentos de soffrimentos occasionados pela secca, e em suas aguas, miram-se povoados de acanhado desenvolvimento e vida esteril, inferiores mesmo a alguns deste Estado. Mas sabemos tambem que esse rio banha enorme parte de Minas Geraes, o Estado do Brasil dotado de mais amplos recursos naturaes para progredir e com um esplendido futuro, tão certo quão proximo, e que a legendaria e rica Bahia, e Pernambuco e Alagoas participam tambem de suas grandes munificencias.

Demais, para todo o brasileiro patriota e bem intencionado, é sempre um acarinhador aneio fortificar e cimentar todos os laços de união capazes de estabelecer interesses, vida e idéas communs que solidifiquem os pouco resistentes elos da nossa nacionalidade.

O vosso saber intelligencia e patriotismo, sabemos, serão seguro criterio para encetar os urgentes melhoramentos que a vossa observação descortinar, embora, sabemos ainda, a vossa acção, de par com os nossos desejos e anhelos, estejam adstrictos ás ferreas barreiras dos orçamentos e recursos que for possível ao governo da União collocar á vossa disposição, para desenvolvimento da tarefa, e execução do plano que adoptardes. Esse temeroso escolho, temos

certeza, será evitado com firmeza e resolução pelo Governo Federal, porque a salvação de milhares de brasileiros que morrem a fome e ao desamparo, entra na categoria dos phenomenos sociaes a que uma nação é fatalmente arrastada a resolver quer possa quer não possa.

Uma nacionalidade qualquer, um paiz, não póde cruzar os braços indifferente a ultrage feito á sua honra, á sua dignidade. A nossa querida Patria mesmo, para citar um factio de hontem, repelliu com altivez e dignidade o ultrage feito pela poderosa e soberba Inglaterra em assenhorear-se do esteril rochedo da Trindade, pode-se dizer desconhecido dos brasileiros. E com certeza nesse justo assomo de brio offendido, não houve previa necessidade de alinhar algarismos, pezar orçamentos, calcular probabilidades e computar forças.

Devia revoltar-se offendida, e revoltou-se. Entretanto, na Trindade, não esteve em perigo a vida de um só brasileiro. Esse foi um phenomeno social a que uma Nação é fatalmente arrastada a dar solução quer possa quer não possa. Certamente quedar-se uma Nação ante o infortunio cruel, ante a morte pela fome e pela sêde, de milhares de seus filhos, seria tambem uma indelevel macula a seus brios, uma affronta a suas tradições, a suas promessas, a seus idéaes. Seria mais do que isso: uma escancarada offensa, lançada aos sentimentos de solidariedade humana arraigados em todos os povos cultos. Estamos certos; empecilhos orçamentarios serão arrostados, porque a nossa Patria tem brios á zelar. A vossa honorabilidade e prudencia são garantias para applicação desses recursos que serão postos á vossa disposição.

Não pedimos «pão e circo»: pedimos pão e agua que não nos podem ser recusados. Elementos de vida e prosperidade: açudes e viação.

O açudamento do sertão representa a garantia da vida, e o ponto de apoio para a população, quando assaltada pelas crises de secca; a viação: o progresso e o desenvolvimento do Estado, a valorisação do solo, dos productos, e do trabalho.

Entre os açudes a construir certamente um dos mais vantajosos, é o que opontamos na Passagem Funda, sobre o rio Apody no municipio deste nome e que fica de Mossoró a 12 leguas de distancia, rio abaixo, direcção N. E.; de Caraú-

bas a 5 leguas, S.; de Apody a 3 leguas rio acima, direcção S. S. O.

A desapropriação necessaria para a sua construcção é relativamente muito leve.

Muitos daquelles proprietarios que não ficarem com suas terras completamente submersas em aguas de alguma profundidade, longe de exigirem indemnisações, darão louvores aos céos, pela grande valorisação então obtida para as suas propriedades. Outros entrarão em accórdos. E ainda mesmo que fosse preciso desapropriar todo o terreno do açude, ainda assim não seria grande a somma a dispender como passamos a demonstrar.

* *

Quasi todas as terras possuidas compradas e vendidas no sertão, são determinadas por um numero qualquer de braças lineares de frente, com o fundo correspondente a uma legua de 2.400 braças.

Assim, exemplificando, quando são compradas 600 braças entende-se uma extensão linear de 600 braças de frente, sobre 2.400 braças de fundo, o que dá uma area de 1.440.000 braças quadradas.

* *

As terras em Apody e Caraúbas têm alcançado o preço minimo de 500 rs. (a braça linear, como ficou exemplificado) e o preço maximo e excepcional de 10\$000, quando são terras de carnaúbal.

Nessas condições temos uma media de 5\$250 para cada braça. Como, porem, no local do açude a construir, grande parte, talvez metade do terreno, é de carnaúbal, tomemos o preço medio de 6\$000, o que dá 3:600\$000 para as 600 braças analysadas, ou 14:400\$000 para a legua, preço exorbitante para o sertão; o que indica o preço de 2,5 rs. para braça quadrada (despresados centesimos do real) ou ainda 0,52 rs. para o metro quadrado (com erro de 0,01 para mais) ou finalmente 173:961\$216 rs. para desapropriar a area toda, calculada para o açude.

Nota-se uma differença de 1:161\$216 entre o calculo de metros sobre o de varas, por causa das fracções despresadas num e acrescidas noutra.

Isso na hypothese irrealisavel de ser necessaria indemnisação para toda a area do açude, porquanto todo o sertanejo que faz os maiores sacrificios para açudar suas terras, aceitará como um enorme beneficio, que as aguas do açude a construir cubram mesmo a maior parte dellas. Em taes condições, as indemnisações serão limitadas aos terrenos totalmente submersos em grandes profundidades, isto é, ficarão reduzidas, não excedendo, talvez de 100:000\$000. Os predios e serviços tambem a indemnisar, em mais de dois terços representados por casas de taipa, ranchos de palha e pequenos cercados, representarão um valor maximo de 500:000\$000; attingindo portanto o maximo das indemnisações e desapropriações, nas condições acima referidas, a 600:000\$000.

E dando a quantia de 1.400:000\$000 para a construcção do açude, temos a somma de 2.000:000\$000 para a realisacção dessa importantissima obra, que ficará sendo, no genero, o serviço de maiores proporções e desenvolvimento de todo o Brazil, e um padrão de gloria para a engenharia brasileira, que assim terá posto ao abrigo das seccas, uma população não inferior a 50.000 habitantes, tal é a que existe em Mosoró, Apody, Caraúbas, Pátú, Martins e Port Alegre.

O açude do Quixadá, no Ceará, actualmente o mais importante do paiz, foi construido por um especilista, expressamente contractado para esse fim; tem recebido essa obra, principalmente em começo, não sabemos se fundadas accusações de despezas excessivas e de delongas. O seu custeio e realisacção, até dezembro de 1901 (informações colhidas no Almanack do Ceará) tinham consumido a quantia de..... 3:757:692\$249, e sendo a sua barragem ou parede de 608 braças (todas as secções) dá para cada braça linear a quantia de 6:180\$414. O açude da Passagem Funda de que nos occupamos, exige uma parede calculada em 250 braças; mas calculemos folgadoamente em 300 braças ou 660^m.

Virá assim, tomando para base do calculo o custo de cada braça do açude do Quixadá, a precisar para sua realisacção—1:854:124\$200, isto é, custará menos do que o do Quixadá 1:903:568\$049; mais de metade de differença para menos.

Vemos que o calculo feito para a realisacção do açude da Passagem Funda, em dois mil contos, foi muito rasoavel.

Para melhor e mais aproximadamente avaliar o volume das aguas que poderão ser contidas pelo problematico açude de que vamos tratando, podemos imaginar a configuracção de

sua superficie, com pequenas reducções de linhas, a figuras equivalentes, em um triangulo cujo vertice achar-se-á na Passagem Funda, e a base será então uma linha que partindo acima da Ponta, na lagoa do Apody, vá ao municipio de Caraúbas, no sitio Livramento, onde, pensamos, será o natural sangradouro do açude. A extensão dessa linha da base não é inferior a 8 leguas (leguas sertanejas—2.400 braças, ou —5.280m); a altura desse triangulo, porém que terá o seu ponto de intersecção na direcção adiante do Joaseiro, no municipio do Apody, alcançará uma extensão de 3 leguas, ou 15.840 metros. Feitas as necessarias operações, temos que a superficie do triangulo, isto é, do açude, será igual á 334.540.800 metros quadrados e representará esse numero, a sua area.

O açude do Quixadá tem a maxima altura das aguas igual a 15 metros. O açude que analysamos, em terrenos baixos, ladeados pelo planalto relativamente elevado, com certeza não terá inferior altura; mas tomemos, receiosos de que nos possam taxar de exagerados, uma profundidade media para o calculo, igual a 4 metros.

Teremos, então, um enorme volume d'agua, igual á 1.338.163.200 metros cubicos. Tendo o açude do Quixadá capacidade para 136.000.000 de metros cubicos d'agua, segue-se que o da Passagem Funda comportará em seu bojo um volume d'agua quasi igual ao que comportariam dez açudes do Quixadá!

Não pareça isso tudo fantasia nossa: o terreno ali está, desafiando exame; e basta lembrar que as lagoas do Apody, Apanha Peixe, Bôa Vista, Pacó e Carrilho, distante uma das outras, algumas leguas, ficariam reduzidas a um unico lago formado pelo açude. Fazemos notar tambem, para prova de que o nosso calculo não é infundado, que mais da metade dos terrenos descriptos, ficam, nas cheias do rio Apody, completamente sob as aguas, embora passageiramente. Ha ainda uma circumstancia muito favoravel ao açude que defendemos: a não ser pela sua relativamente curta barragem, é impossivel arrombar, porquanto as suas elevadas paredes lateraes serão representadas, de um lado pela serra ou picada do Apody, com mais de dez leguas de largura; e de outro, pela picada do Livramento e S. Sebastião, com o minimo de quatro leguas de largura.

Não conhecemos no Estado—e temol-o percorrido quasi todo—outro ponto que offereça iguaes vantagens para um açude, como esse que apontamos.

Temos ouvido fallar em um local muito vantajoso tambem, no Seridó, denominado Boqueirão. Não o conhecemos, porém.

E' a base da salvação do Estado, como sabeis, tornar o seu solo productivo; e isso só poderá ser alcançado pela açudagem.

Já temos lido, ainda agora, e ouvido opiniões, mesmo dentro do Estado, contrarias á açudagem; mas é opinião insustentavel, que a observação diaria e a bôa logica repellem.

A propria palavra—secca—reclama o seu antonymo—molhado.

O que é terreno secco? E' terreno sem humidade capaz de fertilisal-o. Portanto para a secca e para um solo secco a primeira necessidade que se impõe é—agua, irrigação.

Objectam que os açudes construidos estragar-se-ão e deteriorar-se-ão.

Ora... isso nos faz lembrar uma historia de caboclo, reminiscencia dos tempos coloniaes e que, em criança nos divertiamos em ouvir contar.

Um caboclo, um bello dia, conseguira realizar o seu sonho dourado, o seu mais ardente anhelos—possuir uma egua. Conduzida com o maximo cuidado a egua para casa, foi pelo cabresto amarrada á forquilha da latada, e assim exposta a admiração da familia. Cada qual dêsse um parecer, cada um lembrasse um alvitre. Um caboclinho, seu filho, pulando de contentamento exclamou:

—Quando a egua tiver um poldro, eu vou dar agua á egua, e, na areia do rio, monto nelle e, ainda que salte, não me botará no chão.

Ouvindo isso, o caboclo pega de uma peia, e dá uma bôa tunda no esperto caboclinho, admoestando:

—Toma! para não maltratares o poldrinho na areia do rio!

Nós, caboclos que temos a pretensão de civilizados, estamos parecendo genuinos descendentes da raça do caboclo da egua. Os soccorros promettidos pelo poder publico, para o sertão victimado pela secca, ainda não chegaram e já estamos discutindo o seu uso.

As verbas destinadas para açudagem ainda estão nas arcas do Thesouro, donde todos sentem difficuldades em arrancar-as, excepção feita dos estelionatarios e ladrões, e já ha discussões porque os açudes se hão de estragar!

Confiamos que essa illustre commissão de estudos e tra-

balhos contra as seccas, no Rio Grande do Norte, sabe o que quer, e o que pode fazer para a solução do problema; assim a santa trindade, Rodrigues Alves, o pai temporario, Bulhões, que deve derramar o dinheiro para nos remir da miseria, e Lauro Müller, que ha de inspirar-lhes salutares providencias, tres pessoas distinctas num só governo verdadeiro, não regateie os meios necessarios.

Açudes e estradas de ferro: estas para dar valor ao solo, aos productos, ao trabalho, ao capital; aquelles para nos dar terrenos que não temos, pois solo esteril não é terreno sob o ponto de vista economico.

O açude, o açudamento do Estado, ou antes do sertão onde esse serviço é mais essencial e praticavel, é de tal monta que influirá beneficemente até nos costumes e habitos dos sertanejos, isto é no character.

Vem a pello, e para prova, algumas palavras de defeza dos sertanejos deste secco norte.

Aquelles que conhecem os Estados do sul, e delles chegam, recebem uma impressão triste e desagradavel percorrendo estes sertões.

Habitados, os que chegam do sul, a ver o trabalho constante e mais ou menos methodico das populações agricolas, as plantações carinhosamente cuidadas, assidua e pacientemente zeladas; as habitações, mesmo as humildes casinhas, sempre em demanda de relativo conforto, a vontade de accumular, que em geral existe entre os roceiros, caipiras e tropeiros (não tratamos dos imigrantes europeos, pois nestes estas qualidades são mais desenvolvidas ainda) conhecendo tudo isso, causa-lhes má impressão a quasi completa falta de elegancia e conforto das habitações sertanejas, pois nesse particular os nossos sertanejos, em geral, contentam-se com o rigorosamente indispensavel. Admiram-se de ver os sertanejos com sua cultura agricola tão limitada. Assombram-se por não encontrar no depauperado sertanejo, o entranhado apêgo a tudo o que é seu, notado nos caipiras e roceiros do sul. Pasmam-se ante o desprendimento e hospitalidade sertanejas, que muitas vezes vão até á imprevidencia!

Uma casinha mal acabada e sem o minimo conforto, mas sempre aberta a todos; um pequeno cercado de varas, deteriorado, onde parece que nunca ha de medrar cousa alguma; meia duzia de criações miudas, em pequeno cliqueiro, e uma rêde sempre prompta para o hospede: eis a residencia habitual do sertanejo. Mas esses habitos elle os recebe das con-

dições da terra em que vive, assim como os recebem os roceiros do sul.

Estes quando edificam sua choupana, sabem que a sua vida será allí presa para sempre. Aquella casa, aquella roça, as arvores plantadas, allí ficarão plantadas, fructificarão; sua casa, sua lavoura, arvores fructíferas merecem tôdo carinho, precisam e devem ser melhoradas, augmentadas, e todo esforço nesse sentido será recompensado, e productivo; seus netos poderão gozar esses esforços e melhorar suas condições. Estradas e communições mais ou menos regulares facilitam-lhes o commercio.

E o nosso sertanejo deste norte secco?!... Aquelle casebre arruinado, sem conforto e sem elegancia, elle não sabe até quando lhe poderá servir de agasalho: amanhã faltará, talvez, agua em suas terras, e terá de retirar-se. O diminuto cercado deteriorado, não sabe se o deva cultivar todo, porque é muito provavel que si empregar o mesquinho capital de que dispõe, em sementes e em limpas, venha á perder até a semente e o bode que matou para auxiliar o trabalho.

Arvores fructíferas... para que? Muito antes de colher o primeiro fructo estarão resequidas e mortas.

Seus filhos e netos com certeza não se enraizarão allí, porque numerosos como são, não ha terrenos agricolas na pequena propriedade, capazes de satisfazer as necessidades da metade.

Confortar sua habitação de moveis necessarios? Com que fim?

Na provavel e breve retirada não será possivel conduzi-los. Augmentar seu rebanho? Ahi vem a secca, ahi vem logo um anno escasso para dizimal-o.

E' muito commum esta linguagem:

—Eu, das quatro vaccas que tinha, só lucrei duas, que vendi no inverno; as outras morreram na secca.

O anno é farto, é de bom inverno? A extraordinaria força e fertilidade do solo, que nesse ponto não é excedido pela mais rica terra rôxa, paulista, nem pela mais exuberante nesga da mata mineira, produzem com pouco trabalho, fortes colheitas que em parte se estragam ou não são aproveitadas, porque ficam desvalorizadas pelas difficuldades de transporte, e não ha onde guardal-as.

Essas incertezas e vacillações, esse facto de saber que o dia de amanhã, fatalmente aniquilará seus esforços é

que geram essa especie de imprevidencia e desleixo, que pode parecer a quem não conhece as condições de vida dos sertanejos, oriundos de inveterados habitos de preguiça.

* * *

Para aggravar esse estado de cousas, sobreleva a falta de instrucção e ensino que predomina no Estado.

Conhecemos localidades com população escolar superior á 50 educandos, que não tem a mais rudimentar escola de a b c.

Para sem mais commentarios, avaliar o gráo de decadencia á que tem chegado a instrucção publica no Estado, basta lançar um olhar á mensagem que ao deixar em março ultimo o governo, apresentou o illustre Dr. Alberto Maranhão, que segundo os admiradores de suas bellas qualidades, distinguio sua administração pela protecção dada ás letras e artes.

Diz a referida mensagem do corrente anno:

«Este importante serviço (instrucção) offerece ainda um triste espectáculo de lamentavel incuria no que concerne ao preparo inicial da intelligencia infantil nas escolas primarias. A este respeito já tive occasião de dizer o seguinte em Mensagem de 1900 ao Congresso Legislativo: «Continua deficientissimo e a merecer os mais serios cuidados a nossa instrucção publica.

O ensino official e relativo com que poderíamos dotar a intelligencia dos que buscam saber, falha por completo, em virtude de um vicio essencial: a incapacidade dos professores primarios, com raras excepções, atrazadissimos, e, portanto, inaptos para incutirem no animo infantil dos alumnos, os mais rodimentares principios da cultura intellectual, pela incuria, não maldosa, mas devido á natural cegueira com que quasi todos desobedecem as prescripções regulamentares.»

Si um protector das letras, ao cabo de quatro annos de governo, repete as tristes e acabrunhadoras lamentações que fizera sobre a nullidade da nossa instrucção publica, ao iniciar seu periodo governativo, o que poderemos esperar da acção official sobre esse ramo da administração?!

Não são pois, a preguiça, a indolencia, a incuria, os factores do character economico e social da população sertaneja. Dá-se uma especie de educação tellurica e climaterica. E' a terra, é o clima que traçam a *norma agendi* aos sertanejos.

jos, e esse modo de agir reflecte-se em todo o individuo, se- ses agentes—terra e clima—elaboram toda a população sertaneja.

Si o meio social influe poderosamente no animo do individuo, á ponto de uma deslocação e mudança affectar-lhe o caracter, maxime si esses factos são realizados em tenra idade, qual não será a força do meio de elementos naturaes, que traçam curso quasi obrigatorio ? !

Entretanto, essas características sertanejas não só não indicam preguiça e indolencia, como acabamos de ver, como tambem levam alguma cousa de util e aproveitavel á indole sertaneja.

Habituaados a lutar contra uma natureza hostil e á sofrer os seus rudes golpes, não se deixam vencer sinão quando lhes fallham por completo os meios de subsistencia.

Emquanto tem á seu alcance uma gotta d'agua, e uma alimentação mesmo insufficientissima, enganosa e pernicio- sa, extrahida da nossa pauperrima flora silvestre, os sertane- jos não desamparam o campo.

Acostumados a contar pouco com seus minguaados recur- sos, que amanhã poderão desaparecer, sentem-se inclinados a franqueal-os a todos aquelles que os procuram, na espe- rança de que, em caso de necessidade, serão tambem auxi- liados. D'ahi uma especie de franqueza e solidariedade nas relações intimas e sociaes, facto que só diz ser no mesmo gráo observado em outros Estados quem nunca os compa- rou. Não é certamente exagero dizer que 20 % das rendas do sertanejo, elle destribue entre seus parentes, aggregados, amigos, e mesmo extranhos. Das sombrias mattas do Ama- zonas, o sertanejo logo que adquire alguma cousa, nunca deixa de enviar auxilios a seus pais, irmãos e parentes. E então quando volta á sua terra com algum peculio, o esban- jamento e a destribuição são de tal forma, que dentro de cur- tos dias tem que voltar á borracha, precisando já, para pagar a passagem, vender o rifle ou o annelão de ouro que trouxera !

As forças da Natureza, muitas vezes contrarias á sua vida, não os amedrontam.

Podem aniquillar seu organismo ; mas emquanto lhes resta algum vigor, não chega a debandada das insuperaveis derrotas e da qual nem os homericos e legendarios exercitos napoleonicos foram livres, não recuam.

Desse phenomeno resulta acharem-se sempre corajosos em frente das forças naturaes. Si tivessem cultura espirital,

si fossem guiados, governados por pessoas capazes de estu- dar suas aptidões, educar suas energias, inculir-lhes ideiaes, seriam vencedores em toda a linha.

Sertanejos que nunca viram uma arvore florestal, pois tal não podemos chamar o nosso rachitico arvoredo, tor- nam-se excellentes seringueiros nas pujantes florestas ama- zônicas ; homens que d'antes não comprehendiam rios cau- dalosos, affrontam as torrentes do extremo norte e fazem-se até mestres e tripulantes de embarcações cujas formas nem siquer ideavam.

Conhecemos pessoalmente um filho do Martins, homem ainda moço, que até á idade de dez annos, talvez, nunca ti- vesse ouvido fallar em canoa, e que em poucos annos de permanencia no norte, obteve carta de pratico (pilotagem) do grande rio e de mais vinte de seus affluentes !

Seja-nos permittido aqui repetir o que já deixamos dito ao installar em janeiro de 1903, na cidade de Caicó, um ins- tituto de ensino :

«Sei minhas senhoras e meus senhores, quanta coragem, quanta tenacidade precisa o sertanejo desenvolver para rea- lisação e consecução de sua vida social. O maior, o mais ter- rível e poderoso inimigo que hoje, como sempre, se nos apresenta em linha de batalhã, é a Natureza, são os elemen- tos contrarios ao nosso desenvolvimeto, oppostos pelo cli- ma. A coragem, o heroismo, que se desenvolvem sob mor- tifero fogo de um campo de combate, encarando a morte entre uma chuva de ferro e de aço nada é em relação á coragem, ao heroismo stoico precisos para affrontar a morte, a miseria, a de- solação, sob a combinação da penuria, da esterilidade, da ^{de} aridez, da estagnação de toda fonte de vida e de todo estimulo de acção. Em um, temos os acenos da Gloria, a sagrada ima- gem da Patria, lembrando o culto do dever, e, como negar ? a propria carnificina accordando a ferocidade humana ; em outro temos a angustia, a dor, o desespero, procurando ven- cer todos os estimulos.

A victoria saúda os guerreiros vencedores com hymnos triumphaes é com as salvas da artilharia ; os poucos que mal feridos, triumpham na luta travada contra a nossa natureza, têm sómente, como galardão, a voz da consciencia que accusa um dever cumprido até o sacrificio ; e á seus ouvidos resoam os gemidos de irmãos vencidos, e os seus olhos se empanam á vista da orphandade, da viuvez, e do abandono ! Senhores e exmas. senhoras ! Essa coragem até o sacrificio,

sem almejar glorias e recompensas, encontra-se em nossos sertanejos.

A coragem sertaneja, forte e resignada, forjada em duras rochas e escaldantes areias temperadas pelas angustias, vencerá sempre onde se lhe apresente um adversario.

Ahi estão as immensas mattas da Amazonia, dia á dia subjogadas pelos ferreos pulsos de nossos patricios; ahi está esse grande e cobiçado Acre, cuja natureza principiada á domar por um pequeno grupo de patricios nossos, e do nosso visinho irmão, o Ceará, assaltado por audaciosos estrangeiros, abandonado (1) por um impopular governo, acaba de ser reabilitado por um punhado de sertanejos do norte, deste norte inclemente e secco. As leis sociologicas são dictadas pelos phenomenos e pelas leis do mundo material: a divisão climaterica de nossa Patria, e a reconhecida fecundidade da familia sertaneja, assignalam e nos tem predestinado o importante papel de povoadores e dominadores das gigantescas regiões do extremo norte.

E' preciso preparar o espirito desses futuros dominadores para que levem com a energia de seus braços, o ideal do levantamento de uma Patria Brasileira.

Foi assim que os immigrados da America do Norte ergueram a grande Nação que hoje assombra o mundo. E' preciso preparar as novas gerações para o papel a que serão chamadas a representar no futuro.

Sem a instrucção, sem o cultivo de espirito, sem o levantamento de ideaes, tornar-nos-einos desarmados para a luta.

Um povo inculto está condemnado a ser vencido, a ser domiado pelo mais forte; e povo mais forte, hoje, é o que tem mais cultura, mais adiantamento, maiores e mais elevados ideaes.

Somos ainda um povo inculto. A nossa instrucção popular é nulla, completamente nulla, a ponto de nos envergonhar a nossos proprios olhos. Para a grandeza da Patria é preciso o concurso de todos, grandes e humildes.

Na nossa modestissima esphera de acção, trabalhemos pela prosperidade da Patria e pela nossa propria felicidade, educando a geração que nos ha de succeder».

(1) E' preciso lembrar que ainda dominava a impressão da politica internacional do sr. Olyntho de Magalhães.

Essa tentativa de estabelecimento de ensino, feita pela esforçada energia da sociedade do Caicó, esborou-se ante dois annos successivos de secca, que anniquilaram a vida sertaneja.

Não mudou, porém, o nosso pensar e o nosso sentir.

Acreditamos mesmo que o audacioso patriota Placido de Castro, no Acre, achou-se melhor cercado dos soffredores sertanejos, do que se o estivera com os seos heroicos e impetuosos gaúchos. Estes, na phrase de Garibaldi *habituaos a carregar sobre o inimigo com a mesma facilidade com que carregam sobre uma ponta de gado*, vivendo, certamente, sob um clima mais doce e uma natureza mais amena e menos hostil, não estariam, como os nossos sertanejos, tão habituados a receber e aguentar o choque e a destruição das mortíferas forças da natureza amazonica, com a mesma resignação e com o mesmo esforço e coragem com que encaram e recebem as furiosas cargas de nossas devastadoras seccas.

Com esses predicados merecedores de serem aproveitados, e dignos de auxilio e guia para melhora-los, os sertanejos do Rio Grande do Norte, com certeza, não são inferiores ás demais populações dos outros Estados. Não merecem ficar ao abandono nas grandes calamidades, como naufragos que devam ser sacrificados á salvação de maior numero. Felizmente a nossa Patria ainda não se acha em estado de uma não desconjunctada, batida pelos temporaes, á ponto de ser preciso alijar uma porção de infelizes passageiros e tripulantes.

Os tempos bonançosos virão; a secca passará, embora ameace sempre voltar, como de facto voltará. O esforço e a teimosia sertanejas, ahi estão para resacir as grandes perdas soffridas. Precisamos apenas, para que esse esforço não produza seus effeitos muito lentamente, de um forte auxilio inicial do poder publico, representado pelo Governo da União, porque as administrações do Estado absolutamente não se têm preoccupado com o bem estar da população.

Esse auxilio inicial, será a açudagem juntamente com a viação. Sem açudagem é impossivel o desenvolvimento do Estado, principalmente do sertão. A fraqueza da nossa intelligencia, ainda não nos permittio conceber como é que, em um sólo esteril á ponto de muitas vezes faltar o copo d'agua para matar a sede, se possa imaginar uma prosperidade trazida somente por uma tal ou qual facilidade de transportes.

Transportar o que, si não haverá produção ?!

Productos de fabricas, artefactos, leiterias... Não comprehendemos fabricas sem agua, sem produção agricola nos centros em que ellas se achem collocadas; á menos, e assim mesmo apenas sob certo ponto de vista, que não se tenha a rematada loucura de sonhar para o sertão as especialissimas condições de vida de Londres.

A unica industria que temos, ao abrigo das seccas, é a do sal.

Não é possível, porém, reduzir a vida do sertão á fabricação do sal; e alem disso é de hontem, é de hoje, a difficuldade com que Mossoró e Macau se têm achado para abastecimento d'agua potavel. E' irrisorio sonhar para o sertão, pelo menos nestes dois seculos vindouros, com a industria metallurgica e de mineração, pois ainda não as têm com o desenvolvimento almejado nem mesmo os riquissimos centros de Minas e S. Paulo, onde nada falta para o seu progresso. Fertilisemos os nossos campos. Sem isso nada se poderá fazer. A secca é uma potencia de destruição: a irrigação é uma potencia de produção. Ergamos esta em frente d'aquella. Deixemos de andar sonhando com impossiveis: prosperidade fabril e manufactureira num terreno esteril. Nem mesmo a California, na America do Norte, esse grande veeiro aurifero se tem descurado de sua produção agricola.

Num opusculo de Alfred Kirchhoff—«O Homem e a Terra» lemos a seguinte pagina:

«Plinio deixou-nos um quadro dramatico desta luta contra o oceano, que lembra as éras primevas nas praias allemãs do mar do Norte, quando, no tempo do imperio romano, ainda não eram defendidas por diques. Diariamente, informa Plinio, a maré sobreaguava a terra da tribu Germanica dos Caukes, de modo que os habitantes acolhidos ás suas cabanas semelhavam navegantes, até que pegava o refluxo e chamava de suas acanhadas tocas, as pessoas quaes naufragos, para apanharem o peixe deixado após si pela agua do mar, ou colher a turfa marinha, atirada das cambôas humidas. Vemos aqui o homem em luta pela existencia contra o oceano; mas o homem já combate com recursos aperfeiçoados: os Caukes já tinham creado, graças a morros artificiaes, os chamados *Wurtem*, um solo fixo para suas choupanas, semelhante aos que ainda hoje se utilizam as gentes das Halligem.

...Precisava-se sómente que fosse estendido o «aro dou-

rado» de uma muralha de diques para conquistar duradouramente para o continente allemão a cinta amphibia que servia de juguete ás marés, transformando a terra da pingue *leiria* ^{leiria} em pastos e trigoaes.

A historia ensina quantos beneficios este triumpho acarretou aos habitantes de nossas praias e das praias neerlandezas, desde que o Frisão depois da ultima pá de terra atirou a «João Branco» (Blenker Hans) isto é, ao mar, reduzido a limites fixos, «Cobrado victorios»: «Agora, ataca João Branco». E' poude-se então dizer: *Deus mare, Batavus litora fecit.*

O exito obtido sobre adversario tão poderoso, omnipotente, eurijou a cerviz livre e altiva, e quanto mais ininterrupto foi o trabalho collectivo reclamado pela conservação dos diques, cuja fundação só á collaboração vigorosa e abnegada de muitos conseguira, tanto mais vivaz desenvolveu-se, abrigado pelas muralhas desta fortaleza erguida contra o tyrannico Okéanos, o honrado e forte espirito da communitade, que soffre a as vontades individuaes egoistas, sustenta a organização do baixo Huango, na Babylonia, ou no egypcio Nilo.»

Nessa pagina ha muito ensinamento para a nossa vida sertaneja. Precisamos tambem crear um solo para nossa residencia fixa.

Já temos grande porção de «pequenos morros», representados entre nós pelos pequenos oasis dos açudes, para protecção temporaria; é mister porém estender a cinta de diques protectores, não para evitar a invasão do *João Branco*, mas para impedir que as nossas fugitivas aguas sejam tragadas pelo seu insaciavel e fecundo ventre.

E assim estendido, disseminado pelo sertão «o aro dou-rado de uma muralha de diques» para conquistar para a nossa Patria este trecho de terra. juguete das seccas, que oscilla entre extraordinaria fertilidade e extrema esterilidade, poderá tambem, altiva e enrijada pela conquista operada, a nossa população soffredora, certamente pela pureza de suas tradições brasileiras, genuina representante da nossa raça lançar o seu desafio:

«Queima agora os campos, sécca as aguadas, ó! sécca dos diabos!»

1904

Publicado em folheto.

O LIVRAMENTO

Uma comissão de illustres e competentes proprietarios em Caraúbas, um dos ultimos municipios do Estado em grandeza territorial, mas um dos primeiros em cultura intellectual, tem em mãos a realisação de uma obra importantissima para seu adiantamento, e com certeza de maximo proveito para o commercio de uma não pequena zona sertaneja que faz transações com as praças de Mossoró e Recife.

Essa obra, cuja iniciativa cabe, principalmente, ao sr. Antonio Bento e tambem a Cesario Fernandes, é a construcção de um açude, no logar denominado Livramento, do mesmo municipio de Caraúbas.

Esses dois cidadãos, conceituados commerciantes, tratam, com o louvavel fim de desenvolver no sertão o espirito de-associação, essa poderosa aavanca commercial capaz de realizar milagres, de fundar e organizar uma sociedade para levantar o pequeno capital necessario á realisação da projectada obra. O modesto capital seria levantado por oitocentas acções, de cem mil réis cada uma, perfazendo um total de oitenta contos, quantia que, pelo exame do terreno, pelas faeis condições e felicidade do local e pelo insignificante valor actual dos terrenos incultos e sem agua para possível exploração, é julgada mais do que sufficiente, não só para a execução da obra, como tambem para a aquisição de todos os terrenos que serão beneficiados.

O Livramento dista quatro leguas ao norte de Caraúbas, e pouco mais de dez leguas da cidade de Mossoró.

A sua posição é, pois, excellente para abastecimento do consumo de Mossoró, cujo mercado de fructas e legumes verdes é hoje abastecido pelo Piató, com cerca de 15 leguas, Apody com igual distancia, e Martins em distancia superior a 24 leguas. A localisação é ainda excellente por ser ponto obrigatorio para todos os *comboios* que de Caraúbas, Patú, Brejo do Cruz, Catolé, Pombal, Piancó, parte do Martins e parte do Triunpho, procuram o commercio de Mossoró, por

ser a unica aguada franca entre Caraúbas e S. Sebastião, em distancia de oito leguas.

Esta circumstancia é de todo valor, para quem sabe quanto é activo o transito de *comboios* para Mossoró, nos annos de regular estação, não sendo inferior a 300 o numero de cargas alli entradas diariamente, durante os mezes de verão.

Os terrenos que serão banhados pelas aguas do açude, são representados pelos grandes baixios de varios riachos que se reúnem todos, formando o riacho da Cachoeira com algumas leguas de curso.

Baixios fertilissimos, como soem ser todos os baixios do sertão, estes acham-se todos virgens e incultos, á falta d'agua para o seu aproveitamento.

Os terrenos marginaes do açude são igualmente ferteis, representados pelo planalto ou serra do Livramento, e com o grande volume d'agua forçosamente elles serão irrigados naturalmente, em parte, e em parte, facilmente, poderão sel-o com pequenos serviços.

O local para a construcção da barragem ou parede do açude offerece uma facilidade tal que, pode-se dizer, não haver outro em iguaes condições no Rio Grande do Norte.

A serra do Livramento nesse ponto abre-se abruptamente, em estreito boqueirão, em corte vertical, para deixar passar o riacho da Cachoeira, boqueirão esse que não mede mais de vinte braças de largura e logo muito proximo aos baixios e varzeas que servirão de depósito ás aguas, de sorte que, apenas alcancem uma pequena altura, encontrarão extenso espaço para espraimento, apoiadas e sustidas, desde logo, pelas abas da serra, vantagem immensa para diminuir o peso e a pressão das aguas, que seriam exercidas sobre a parede. Pela inspecção do local facilmente se calcula que elevando a parede cerca de 18 metros, altura a que perfeitamente presta-se o boqueirão, as aguas do açude ficarão represadas em distancia de duas leguas sertanejas, ou 4.800 braças, e com a largura das aguas em uma meia legua, ou 3.600 braças.

Pode-se, porém, seguro de não ser apanhado em exagero, calcular que as aguas represadas pelo açude cobrirão uma area igual a tres quartas partes de uma legua quadrada, isto é, uma area de 4.320.000 braças quadradas.

Esse numero de 4.320.000 braças representará a area de terreno capaz de plantio e vazantes, porquanto se é certo

que essa area será diminuida pela immersão, haverá vantajosa compensação, pelos terrenos que ficarão irrigados, quer naturalmente refrescados, quer mediante convenientes serviços.

E' facil comprehender, entra pelos olhos, a grande valorisação desses terrenos, assim aptos para o plantio de vazantes.

Para melhor convencer do enorme augmento de valor desses terrenos, com o seu açudamento, apresentaremos calculos, baseados sobre o valor corrente da propriedade territorial no sertão, pois si é possível illudir com argumentos de palavras, os numeros não permittem illusões.

Os possuidores de açudes, partes de leitos de rios, lagoas, ou quaesquer terrenos que se prestem a vazantes, costumam arrendar essas vasantes, de julho a dezembro, a mil reis a braça de frente, sobre uma largura quasi sempre inferior a 100 braças, e só excepcionalmente excedida.

Assim a renda de cada braça quadrada é de dez reis—renda de seis mezes. Ainda no corrente anno as vazantes arrendadas por menor preço no rio Apody foram a 250 reis a braça de frente, sobre 25 de largura, o que conserva ainda o mesmo preço de 10 reis para cada braça quadrada.

Dez braças de frente por 25 de largura são 250 braças quadradas; a 10 reis cada uma são 2\$500. Isso, note-se bem, por arrendamento de seis mezes.

As terras no sertão, são compradas e vendidas commumente, em um numero qualquer de braças lineares de frente, sobre uma largura de uma legua de 2.400 braças.

Assim, 10 braças de terra compradas, representam 10 braças de frente, sobre 2.400 de largura, de fundo, o que importa em 24.000 braças quadradas.

O preço regular de terras sertanejas, nas condições expostas, pode ser calculado, em media de 2\$000. Já é um preço vantajoso para terras não beneficiadas.

Ainda este anno comprámos 24 braças de terra, com 2.400 de fundo, abrangendo o rio Apody de margem á margem, estendendo-se sobre terreno de serra, com chapadas proprias para plantações de inverno, por 48\$000, ou 2\$000 cada braça de frente; e conhecida essa compra recebemos varias offertas de terras limitrophes, e nas mesmas condições, pelo mesmo preço de 2\$000 a braça; sendo de notar que uma das offertas foi de cem braças sobre 2.400 de fundo, excellentes terrenos, que dois annos antes a pessoa que nol-os of-

fareceu, havia comprado por uma velha espingarda de dois canos! Nas condições expostas, e sobre o preço de 2\$000 custa cada braça quadrada de terra—0,83 reis— oitenta e tres centesimos do real! Comparemos agora: uma braça quadrada de terra de vazante, é arrendada por seis mezes a 10 reis; uma braça de terra commum, propria para plantações de inverno e para criação de gados, é comprada por menos de um real—0,83 reis.

Segundo as regras de Direito, quando se avalia um predio, quer rustico quer urbano, para inventario ou para desapropriação, calcula-se para o seu preço o valor dos fructos ou rendimentos de vinte annos preteritos, alem da porcentagem devida. Portanto uma braça quadrada de vazante, rendendo 10 reis por anno (vamos calcular o rendimento por anno igual ao de seis mezes, pois de facto as vazantes só produzem em regra, seis mezes no anno) terá o valor de 200 reis; então um terreno de vazante de 10 braças de frente sobre 25 de largura, isto é, 250 braças quadradas, valerá 50\$000, ou 5\$000 cada braça de frente.

Esse mesmo numero de braças—10 de frente sobre 25 de largura—em terreno commum, ao preço que vimos de 0,83 reis a braça quadrada, tem o valor de 207 reis, mais meio real, correspondentes ao rendimento de 0,04 reis por braça quadrada, desprezando fracções! Isso significa, finalmente, que terreno de vasantes tem um valor (desprezando fracções) 241 vezes maior do que terreno que não seja de vazantes!

Os calculos que acabamos de fazer são verdadeiros, sem exagero nenhum, baseados nos preços correntes da propriedade immovel do sertão.

E' assombroso, mas é real: pelo simples facto de açudar um terreno, tornal-o apto para vazantes, elle augmenta 241 vezes de valor!

Haverá ainda quem, examinando e pesando esse facto, vacille em açudar o sertão, tenha receio de empregar seu capital em açudamento de suas terras?

Vimos que o projectado açude do Livramento vazanteia (licença para o neologismo) pelo menos, uma area de..... 4.320.000 braças, quadradas de optimos terrenos agricolas.

Esse numero de braças, actualmente, segundo o preço commum do sertão, 0,83 reis para braça quadrada, importa em 3:585\$600. Valorizadas, porém, essas mesmas terras, tornadas vazantes, como vimos, ao preço de 240 reis a braça

quadrada, elevam-se ao preço total de 864:000\$000—oitocentos e sessenta e quatro contos de réis!

Ao passo que, nas condições actuaes e ao preço corrente, as 4.320.000 braças de terra do Livramento a açudar, valem 3:585\$000, açudadas e arrendadas ao preço corrente de 10 réis a braça quadrada, produzirão, por anno—43:200\$000

E note-se que não ha engano: só a renda de cada anno, quarenta e tres contos e duzentos mil réis! E' espantoso, mas é a realidade!

E pensamos que isso dá-se mais ou menos em todos os paizes cuja agricultura dependa do vazanteamento do solo; pois já lemos algures, que depois da conclusão, em 1902 do grande açude do Assuan, no Egypto, os terrenos subiram de valor 300.000:000\$000.

Não precisamos, porém, felizmente, ir tão longe buscar dados positivos e certos, para tirar a prova dos calculos acima feitos.

O maior açude que conhecemos no sertão do Estado, é no sitio Dominga, do municipio do Caicó, propriedade do tenente-coronel Gorgonio Nobrega que, alem de activo commerciante, é um agricultor e criador dos mais intelligentes, laboriosos e perseverantes. A parede desse açude de terra mede cerca de trescentas braças de comprimento com a maxima altura de 63 palmos.

Em 1903 o açude, com duas unicas chuvas, ficou com 30 palmos d'agua, em sua maxima profundidade, faltando ainda mais de vinte para sangrar. Apezar disso, apezar de não ter, em 1903, chegado o açude á fertilizar metade dos terrenos agricolas, houve a seguinte producção: 800 arrobas de algodão, 100 alqueires, (16.000 litros) de arroz 21 alqueires de feijão, 5 de milho, 600 cargas de fructas—melão e melancia e 700 cargas de gerimús. Com forragens por elle fornecidas, foram tratadas 30 vaccas leiteiras, que forneceram 600 kilos de queijos de manteiga, e 20 canadas de manteiga; foram tambem engordados 30 bois que por isso, obtiveram optimos preços na venda; e mais, estiveram á ração 32 bois mansos para continuação do serviço do açude, durante sete mezes.

Neste anno de 1904 quasi nenhuma agua recebeu o açude, á falta de chuvas, ficando sem irrigação os seus meliores terrenos.

Apezar disso ainda produziu 600 arrobas de algodão, mais de mil cargas de girimús, e mais de dez mil cargas de

capim, com as quaes o seu proprietario conta, armazenadas, para evitar prejuizos em seu gado. E' preciso notar que nas seccas o capim dá um preço de 1\$000 á 2\$000; portanto, si fosse vendido aquelle capim, daria, pelo menos, dez contos de réis.

Com as terras da fazenda, casas, cercados, etc., todas as bemfeitorias, esse açude tem custado a seu proprietario mais de cincoenta contos; e foi construido nesta serie de seccas que atravessa o sertão; a ponto de não ter ainda sangrado, o que occasionou o desfalque da grande renda do peixe.

Um outro açude, tambem no municipio do Caicó, de menores dimensões, é o do sitio Oiticicas, propriedade do intelligente e emprehendor cidadão José de Calancio Dantas.

Em 1903 ficou elle apenas com um terço da agua que comporta, e produziu nesse anno: oito mil «cuias» (cuia, medida sertaneja, 5 litros) de batatas; setecentas de arroz; quinhentas de feijão; cem de milho; mil kilos de algodão; cinco mil rapaduras, cem canadas de aguardente e dois mil kilos de peixe.

Nessa producção de batatas não está incluída a quantidade utilizada na ceva de cincoenta porcos, e de sessenta rezes; o que diminuiu, em grande parte, a quantidade descripta.

Os dois mil kilos de peixe, a 500 réis cada kilo, representam o valor de um conto de réis; mas faz-se preciso notar que nesse anno o açude não encheu e que em annos anteriores o producto do peixe tem chegado á cinco e até oito contos de réis.

Em taes condições, esse açude assim cuidadosa e intelligentemente explorado por seu proprio dono, produz uma renda bruta que é impossivel calcular em menos de doze contos de réis annualmente; e como a superficie dos terrenos irrigados, com toda certeza—segundo dados fornecidos por pessoa competente—é inferior á 30 mil braças quadradas, dá, calculando sobre esse maximo—uma renda bruta de 400 réis para cada braça quadrada; deduzindo mesmo com exagero 60 % para todas as despesas, ainda fica uma renda liquida para cada braça quadrada, igual a 160 réis. Comparemos agora esse rendimento com o do açude do Livramento. Os terrenos do açude projectado no Livramento como vimos, aptos pela irrigação para vazanteamento, são 4.320.000 braças quadradas; com um cultivo cuidadoso e intelligente como o das Oiticicas, isto é, com uma renda liquida de 160 réis a

braça, dará um rendimento annual liquido de 791:200\$000.

Isso para um capital de 80:000\$ empregado em propriedade territorial, é verdadeiramente assombroso!

Admittamos porém, que no Livramento, por suas grandes proporções, não seja possivel empregar o zelo, o aproveitamento e diligencia como no das Oiticicas, e em vez de 160 réis demos de renda, para cada braça, menos de metade, 60 réis; ainda nessa hypothese, aliás gratuita, o rendimento será de 259:200\$000

Não pareça exagerada a producção dos dois açudes apontados: é rigorosamente verdadeira; e essa producção está de accordo com as condições da agricultura de vazantes.

Assim—calculando uma producção de batatas para um terreno qualquer, em 12.000 cuias, isto é, 60.000 litros, sabemos que em condições regulares são necessarias 60.000 covas para essa quantidade de batatas; notando porém que nos terrenos proprios para batatas é commum dois litros para cada cova, e até mesmo cinco litros.

Nos terrenos molhados em excesso, as ramas das batatas são muito viçosas e além disso é preciso fazer a cova grande, afim de que o cogulo eleve a planta sufficientemente sobre o nivel das aguas: em taes condições uma braça quadrada admite nove covas de batatas.

Nos açudes, porém, quasi nunca é preciso grande cogulo nas covas, basta tornar a terra fôfa; e assim a braça quadrada comporta 16 covas que pelo menos, dão 15 litros de batatas; o que sob esse calculo, exige uma area de 4.000 braças quadradas para 60.000 litros; isto é, para 60.000 litros de batatas, basta uma vazante que tenha 64 braças de frente sobre 64 de largura.

Em açudes as vazantes são de facil cultivo: um homem prepara e planta, em um dia, 500 covas de batatas; sendo assim precisos, para as 4.000 braças, 120 dias de serviço para um só homem, ou 30 dias para quatro homens. Ora 120 dias de serviço a 1\$000 são 120\$, mais 100\$ para as outras despesas, a somma é de 220\$000. Dado o preço para cada cuia de batatas de 200 réis (o preço actual do mercado é 500 réis), as 1.200 cuias importam em 2:400\$000.

Si neste ultimo calculo dermos 60 % para despesas (taxa exagerada) como o fizemos sobre o calculo do cultivo do açude Oiticicas ainda teremos a somma liquida de 960\$, o que ainda representa, nas 4.000 braças, 240 réis para cada braça

quadrada. Eis ahí tirada rigorosa prova da exactidão dos dados sobre a produção do açude das Oiticicas.

E tudo isso se faz e é produzido na estação secca, quando o solo sertanejo torna-se absolutamente estéril, não havendo açudagem ou qualquer outro meio de irrigação.

Havendo regular inverno, a produção do solo é admiravelmente abundante; e com o açudamento, haja ou não inverno, em um ou dois annos, ainda assim será farta a produção.

Os calculos feitos sobre o plantio da batata doce (é a unica conhecida no sertão) podem ser estendidos a qualquer outra planta com iguaes vantagens; sendo que ha outras, entre as quaes o arroz, de rendimentos superiores ás batatas. Nas crises de seccas uma das mais rendosas, accarretando menos despezas, é o capim, principalmente si a plantação é proxima á estradas ou povoados.

Uma planta tambem muito e muito rendosa no sertão é a banana, principalmente a banana conhecida por *joaz* ou *riachão*.

Dentro de um anno já produz regularmente; e do segundo anno em diante dobra a produção, não sabemos até qual limite de tempo, nos terrenos em que não ha falta de sufficiente humidade, pois conhecemos bananeiral com doze annos de plantado, e que continúa com a mesma pujança.

Uma só cova de bananeira *joaz*, do segundo anno em diante conserva-se sempre com doze pés, que se vão succedendo e produzindo annualmente, pelo menos, quatro cachos, que representam o minimo de 200 bananas, as quaes vendidas a 700 réis o cento, fazem 1\$400 por anno.

Quer a plantação, quer o cultivo exigem modica despeza e pouco cuidado. No terreno analysado para a planta das batatas—64 braças de largura sobre 64 de fundo, podem ser plantadas 2.370 covas de bananeiras, dando 1 1/2 braça para cada cova, o que dá, para toda a area (a 1\$400, produção da cova) um rendimento bruto de 3:318\$000.

Não é a bananeira propriamente planta de vazante; é, porém, planta de terrenos irrigados de açudes.

A banana é um alimento sadio, muito nutritivo 40 % mais do que a batata, e igual ás melhores farinhas de trigo; produz uma bella massa ou farinha propria para bôlos, papas, mingãos, etc., bôa para dieta de doentes e regimen alimentar das crianças. Além disso, nas seccas, a haste e as folhas fornecem sustento capaz de manter em bom pé o gado

vaccum; servindo tambem para engorda de porcos e aves domesticas o «miôlo» da haste.

A agricultura da canna, da mandioca, do milho, do arroz, e a agricultura do feijão são muito conhecidas, e todas ellas prosperam nas irrigações dos açudes.

Até aqui temos examinado a produção agricola de terrenos açudados, afim de tornar patente e comparar as immensas vantagens que resultarão, forçosamente, do açudamento de uma area de terreno, como a que ficará fertilisada com a construcção de açude de proporções iguaes ás do Livramento.

Não ha, porém, sertanejo que ignore ser a industria pastoril, salvo os casos de grandes seccas como as que temos soffrido, muito mais lucrativa e de resultados mais compensadores do que a agricola.

Para quem no sertão tiver os seus gados ao abrigo de seccas, a criação é admiravelmente vantajosa.

O gado rapidamente multiplica-se, e é pouco dizimado por epidemias.

Conhecemos um pobre homem que em menos de dez annos tem possuido trinta rezes provenientes de uma unica vacca, que ainda vive. Isso, ter o gado ao abrigo de seccas, livre do perigo de morrer á falta d'agua e de pastagens, só poderá ser conseguido pelo acudamento, como passamos a examinar.

Uma vazante de 11 braças de largura sobre 11 de fundo, plantada de capim colonia produz, em cada córte, pelo menos, vinte cargas de capim. Em cinco mezes o colonia dá francamente tres córtes, ou 60 cargas, o que representa, para as 121 braças quadradas, 2 cargas para cada braça quadrada.

Sob essas mesmas bases, uma vazante com uma area de 40.000 braças quadradas, isto é, uma vazante de 200 braças de largura sobre 200 de fundo, produzirá 80.000 cargas de capim em cinco mezes, e uma carga de capim colonia, cortado verde, pesa pelo menos 6 arrobas.

Uma rez mantem-se com duas arrobas de capim diariamente; portanto 80.000 cargas de capim, ou 480.000 arrobas, dão para manter 800 rezes durante 10 mezes, numero de rezes que devemos diminuir para 500, attendendo que as rações cortadas terão em parte que soffrer diminuição de peso, pela fenação ou sécca necessaria da porção que for preciso armazenar.

Quem conhece a vida da industria pastoril do sertão sabe que, em taes condições, o criador poderá com seus gados affrontar qualquer secca; assim como sabe tambem a grande valorisação dos gados depois das seccas.

Para um açude, como o projectado do Livramento, com uma area de terrenos de vazantes superior a quatro milhões de braças quadradas, não é grande cousa reservar 40.000 braças para exclusiva garantia da exploração da industria pastoril. tão remuneradora como é.

Accresce mais que no cultivo e colheita de vazantes, tudo serve para alimentação de gados: todas as hervas, as ramas da batata, optima forragem para vaccas leiteiras, as palhas de milho, optimas para engorda de qualquer gado, a palha de arroz, ramas de fructas a bananeira, etc., tudo auxiliará a manutenção e engorda da gado. E alem disso é preciso notar que açudes principalmente, todas as despesas com o trato dos gados, havendo zelo e intelligencia, podem ser pagas a custa do leite de vaccas, e fretes do cavallar.

Conhecemos no Seridó pessoas que nas seccas têm comprado no Assú (mais de 20 leguas de distancia) 500 ou mesmo mil arrobas de caroças de algodão para «trato de gado», e racção á vaccas leiteiras, e com a venda do queijo e da manteiga ainda alcançam saldos!

Ha mais, nas seccas, havendo açude, além do leite e dos fretes de gados, a céva de bois e porcos que ficam assim com duplicado valor.

O projectado açude do Livramento tem uma particularidade que o torna especialmente apto para garantia de qualquer empreza de industria pastoril: os seus fertes baixios são ladeados pela «caatinga» que, além de ser optimo terreno para o plantio do algodão, cuja semente é a ração que maior força de resistencia dá ao gado vaccum para as seccas—é tambem a «caatinga» o ponto que maiores recursos naturaes e mais fortes elementos de nutrição offerece, nas crises, para os gados.

Os vaqueiros costumam dizer: gado de caatinga é bem de raiz. Não é tanto, é quanto. O Livramento açudado poderá, pois, tornar-se um ponto capaz de, com segurança e livre do pesadelo de seccas, ser explorada a industria pastoril, cujos lucros são reconhecidamente remuneradores.

* * *

Todos os calculos que acabamos de fazer, todas as vantagens acima descriptas, applicam-se no sertão a qualquer terreno açudado, proporcionalmente á extensão da area fertilisada.

E' preciso pois trabalhar pelo açudamento do solo sertanejo.

Repetimos uma observação já externada: em regra, em qualquer região, a producção agricola é regulada e determinada pelas estações apropriadas aos productos. Em Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas, por exemplo, não é possivel plantar e colher o café, o milho, o feijão, o fumo, o algodão em qualquer epoca do anno; e entretanto não ha falta d'agua, nem de humidade sufficiente do solo.

Nestes nossos sertões seccos não é assim, porém. O algodão, o fumo, o feijão, as fructas, o milho, o arroz, etc., podem ser plantados em qualquer epoca do anno, quer de secca, quer de inverno; e a producção é igualmente vantajosa: a questão é de humidade e irrigação do solo; havendo isso está dispensada a propria chuva. Em taes circumstancias, convenientemente irrigado o sertão pelo desenvolvimento da açudagem, ficará em condições superiores de fertilidade e producção agricola: as fertes colheitas do inverno serão secundadas pelas abundantes producções das vazantes.

Lemos uma phase de um educador norte-americano, Horacio Mann:

«Envergonhai-vos de morrer sem ter ganho alguma victoria em beneficio da humanidade.»

Collocar uma população superior desde agora, a cem mil almas, ao abrigo da implacavel devastação de seccas, portadoras de um sem numero de desgraças, é, certamente, «ganhar uma victoria em beneficio da humanidade». E' preciso pois, que o sertanejo não esmoreça nessa campanha, que implica tambem o progresso de sua terra. Si ha difficuldades a vencer é preciso decisão e coragem em arrostal-as. «Mais difficil é o progresso, mais energicos devem ser nossos esforços» ja nos aconselha Flammarion.

Causar-nos-ia espanto e assombro, o facto de vermos, ainda agora, uma população faminta, arremessada fóra de seus lares, presa de immensas dores por um phenomeno certo, que tem a sua historia prenhe de desventuras, e que desde seculos embaraça o seu desenvolvimento, quando remedio tão efficaç quanto possivel existe para arrefecer e annular as força destruidora da calamidade; ficariamos admirados dis o,

si não conhecessemos a causa primordial dessa falta de providencia e de providencia: a falta de sufficiente cultura espi-ritual, a ausencia de instrucção.

Sob o ponto de vista de medidas preventivas contra as seccas, e meios de lutar contra ellas, estamos ainda tão atrasados que podemos receber licções na historia e vida dos antigos egypcios, cujos governos barbaros e crueis, são já passados milhares de annos, abriam canaes, fundavam lagos e reservatorios d'agua, a fim de supprir a falta de chuvas pelas reservas das aguas do Nilo; mandavam abrir aguadas ao longo das estradas não só para seus exercitos como mesmo para garantia do commercio, e mais, regulavam a cobrança de impostos pela altura das cheias do rio, isto é, conforme a fertilidade ou esterilidade das estações! Esses barbaros e crueis pharaós, cujas mumias hoje apenas attes-tam a poeira dos seculos que sobre ellas têm evoluído, poderiam fornecer humanitarios ensinamentos aos nossos ho-diernos estadistas que com igual quota de impostos sobrecar-regam a população sertaneja, quer a fertilidade cante em todos os labios, quer a fome encove todas as faces!

Quanto mais inculto é o individuo mais incapaz e inapto se torna para lutar e reagir contra o meio em que vive, e principalmente contra os agentes naturaes sob cujo influxo nasce, se educa e se desenvolve. A terra e o clima sertanejos têm educado e elaborado sua população, incutindo-lhe cora-gem para o soffrimento e habitos de affrontar com energia os estragos produzidos por forças naturaes, desapego a ha-veres, ora por outra aniquilados, sobrehumanos esforços para uma luta presente. Mas, habitos e ideas de previsão, cal-culos de meios a empregar para sobrepujar e esperar, conve-nientemente preparado, ao abrigo de qualquer surpresa, acontecimentos futuros embora certos, só a cultura espirital é capaz de ministrar, pois só ella permite observar, ana-lyzar um phenomeno qualquer, comparal-o, alcançar suas consequencias, estudar e applicar os meios necessarios e convenientes para que esse qualquer phenomeno não anor-malise a regular marcha dos acontecimentos, não irrompa sempre como uma surpresa. Não estamos mais hoje, feliz-mente, como em remotas eras em que a vontade de um só, muitas vezes tyrannica e intelligente, amontoava centenas de milhares de cadaveres, para levar avante, com feroz teimo-sia, empreendimentos assombrosamente gigantescos. A in-telligencia, a mechanica, todas as artes, o lento e gradual

apagamento da ferocidade humana, a cultura das massas, são os factores poderosissimos com que é dado contar hoje, para o impulsionamento da marcha da sociedade.

Ainda no actual estado do meio sertanejo não é possi-vel, seria mesmo insensatez esperar habitos de observação e applicação conscienciosa de seus fructos, em uma popula-ção composta de 80 % de analphabetos; sendo ainda notavel que da pequena porcentagem dos não analphabetos a maio-ria recebeu um ensino falseado e incompleto.

Quando entre nós, um pae envia um filho á escola, *exi-ge (!)* que este dentro de poucos mezes esteja *prompto*, isto é, leia uma carta, escreva e *tire* as contas que o mestre *pas-sar*. E si assim não succede, o filho é retirado da escola, por-que o mestre é inepto, não *adianta* o menino que não *pode estar perdendo o seu tempo!* Não sabe o pobre homem que ler e escrever inconscientemente, nada adianta para a cultura do espirito; que o principal fim da instrucção e educação das escolas deve ser preparar a intelligencia para receber e com-prehender os ensinamentos dos factos que, quer na vida es-colar, quer na futura vida social do educando, se apresentem a seu alcance, a seus olhos, ao desdobramento de sua acti-vidade; que em taes condições o ler e escrever deve, necessa-riamente, ser ministrado como uma consequencia indispensa-vel para complemento da educação, como um meio e um ins-trumento para aquisição de conhecimentos, e não como fim e alvo unicos da educação escolar. Ensinar simplesmente uma criança a ler e escrever, sem ao mesmo tempo, encaminhar, erguer, despertar, activar as faculdades de seu espirito, para comprehender, observar e analysar os factos, os phenome-nos e as cousas, tirando dessa diaria e constante operação, todos os fructos compatíveis com a força de cada individuo, é o mesmo que entregar custoso piano a quem desconheça os mais singelos rudimentos da arte muzical, ou, para empre-gar a velha phrase consagrada, é espada em mão de caboclo. Para mostrar quanto é irracional entre nós—e isso não se ap-lica só ao Rio Grande do Norte—a educação escolar, basta notar que um alumno prompto e preparado de ensino pri-mario, si contar sómente com esse ensino recebido, é incapaz de agir e dirigir-se ante os mais simples actos em que precise empregar sua actividade, manifestar sua comprehensão.

Entrará para a vida social sem a mais rudimentar idéa pratica e sem a minima noção theorica. Muitas vezes aquel-les que são educados fóra das escolas, em constantes labutas,

no traquejo da diaria vida do *ganha-pão*, adquirem superiores, relativamente superiores condições de actividade, perspicacia, atilamento, e mais seguros golpes de vista, áquelles que nas escolas aprenderam a ler sem raciocinar, e a traçar caracteres graphicos. Tal é a deficiência do ensino que algumas vezes atrophia o espirito, longe de desenvolvê-lo.

Cabe aqui salientar—e não pareça isso má vontade—a ineptidão culposa ou inconsciente daquelles que têm tido a responsabilidade dos governos. Os governos do Rio Grande do Norte nada têm feito, no sentido de melhorar as condições do ensino publico, podendo-se mesmo dizer que aniquilaram a instrução publica popular, entregando sua gestão ás Municipalidades, cujos dirigentes, com raras excepções e sem fazer injustiças a esses probos e dignos homens do commercio ou da lavoura sómente, alguns dos quaes honestos administradores do municipio, não reúnem as necessarias aptidões para elevar o ensino publico á altura de representar o papel que hoje lhe compete.

O homem publico que não se occupa sempre e por toda parte, com infatigavel energia, em fazer penetrar a instrução em todas as classes da sociedade, não merece o nome de cidadãa americano.

Essa phrase que vimos citada de um educador americano, está muito longe ainda de lançar raizes no espirito dos nossos homens publicos, para os quaes esse mesmo titulo de cidadão Brasileiro não levanta entusiasmos, nem produz estímulos, ouco e vazio de significação como ainda é para a maioria dos habitantes da terra de Cabral.

Entretanto convém nunca esquecer a phrase de Bukner :

O futuro da humanidade está nas escolas primarias. Foi verdadeiramente sincera e leal a resposta de Moltke, o mais consummado genio da estrategia militar da ultima metade do seculo passado, quando, interpellado sobre as glorias que lhe cabiam pela unificação do imperio allemão e victorias de suas armas disse :

«Foi o mestre escola o vencedor da guerra de 1870, e o fundador do imperio da Germania.»

Foi ainda elevando o seu professorado publico de pequeno numero para oitenta mil que o Japão, barbaro e fraco, em meio seculo collocou-se ao nivel das nações mais fortes e civilizadas.

Como esperar que os Governos Municipaes elevem o ni-

vel da instrução popular si em regra os seus dirigentes não ligam importancia a seus cargos? Não sabemos si haverá alguma injustiça em afirmar que exceptuando os municipios de Mossoró e Caicó nenhum outro, no Estado, tem tentado dar um passo sobre a rotineira educação escolar.

Sabemos que são exiguas as rendas municipaes mas é facil notar, tambem, que em quasi todos os orçamentos municipaes apparecem verbas inuteis, servindo apenas, quasi todas, para pagamento de seu funcionalismo... arrecadador de impostos, e até para advogados em municipios onde não os ha, servindo apenas taes chamados «advogados», para dirigir e guiar o descaramento das falsificações eleitoraes. E' preciso que os dirigentes dos municipios comprehendam que o imposto representa o suor do trabalho penoso de uma população que, muitas vezes, carece diminuir a razão de seus filhos no dia da feira em que o cobrador municipal exige a satisfação do seu debito; esse sacrificio não deve ser feito para o fim inutil e nada elevado de pagar mensalidades a cobradores de impostos e a copistas de actas, ridiculamente qualificados «advogados municipaes». Em toda associação, quer scientifica, quer de mero recreio, quer mesmo de exploração commercial ou industrial, um dos socios encarrega-se dos trabalhos de secretario, maxime quando os trabalhos são poucos e os rendimentos da sociedade diminutos.

O bem publico de cada municipio será cousa de tão pouca importancia que não possa merecer o sacrificio de um dos membros do governo municipal se encarregar dos trabalhos de secretaria, trabalhos insignificantes, para as intencencias que reúnem-se quatro ou seis vezes por anno?!

Não cabe, porém, a maior censura e responsabilidade pelo atrazo da instrução publica no Estado, ás Municipalidades.

O maior responsavel é o governo do Estado; pois a educação popular não é cousa de tão pouca monta que mereça ser collocada em plano inferior pela administração publica. Ao contrario: a instrução popular deve occupar o primeiro plano em qualquer governo que seriamente procure o progresso e o bem estar sociaes.

Ella, por si só, é capaz de em curto prazo, mudar a face da sociedade, qual outro Espirito Divino «renovando a face da terra, onde tudo será creado.»

Leva o adiantamento onde havia a rotina; impulsiona o progresso onde existia a estagnação; torna consciente do

seu valor e do seu merito um povo que nem sabia si era povo e se valia alguma cousa; fórma uma nacionalidade forte e capaz de defender-se, de uma agglomeração de individuos que viviam ignorantes de suas origens e de seus destinos. Para obter esse milagre, essa renovação fecunda, é sufficiente o primeiro passo: educar, instruir uma só geração. Feito isso não será mais possível um retrocesso, pois educada e instruída uma só geração, esta, forçosamente, terá a cautela de preparar a sua substituta e assim successivamente. E' tarefa ingente essa que exija grandes sommas de sacrificios?

Não. Unamos-nos todos para esse fim em convergencia de esforços; compenetrem-se os governos do seu papel, educando uma geração, pelo menos.

Somos entusiastas fervorosos da açudagem do sólo sertanejo porque enxergamos nessa medida a protecção, o amparo de nossos infelizes conterraneos, ora por outra victimados pela calamidade das seccas; enxergamos nesse facto o progresso do Estado, pela localisação de sua população; conhecemos ser a açudagem a normalisação da vida sertaneja, e o unico meio de tornar estavel o modesto peculio, fructo de trabalho honesto e pesado de uma laboriosa população.

Pois bem: acima da açudagem collocamos a instrucção e a educação do povo. Educado e instruído, o sertanejo saberá collocar-se ao abrigo das seccas; saberá preparar o solo para lutar contra a calamidade; terá consciencia do seu valor; saberá associar-se para debellar o mal; desterrará seus preconceitos; conhecerá que essa entidade "governo" só é um *animal damnhinho e voraz* porque esse mesmo povo, que é o seu factor, o seu gerador e o seu sustentaculo, não se preocupa em corrigil-o, em formal-o, em amparar, conforme suas necessidades, seus interesses e destinos.

E comprehenderá que o "governo" é elle proprio, e não um ser estranho que deva ser odiado, e do qual só poderá exigir o possível, desculpando-lhe as fraquezas como suas proprias, inherente á contingencia humana. Verá que essa entidade não é uma especie de Divina Providencia para a qual deva sempre appellar, de mãos postas em suas afflicções, e sim uma creatura desse mesmo povo, para representar seu interesse, e cuja intervenção e auxilio poderá reclamar em voz forte de quem, armado do seu direito,

exige do mandatario a execução de promessas e compromissos contrahidos.

Eduquemos e instruamos o povo! A observação dos factos, a intelligente applicação dos meios e dos recursos necessarios apparecerão, então, claramente, a seus olhos, e a coragem e energia sertanejas, longe de se esterilisarem a lutar contra a devastação de cada secca, se applicarão em disciplinado e methodico esforço, para annular de vez todas as consequencias e todos os estragos que esse flagello periodicamente atira, sem piedade, sobre a nossa terra. Lancemos mão para essa educação, de todos os meios; a escola principalmente, o livro, a imprensa, a palavra, os factos e o exemplo, que é o mais energico factor da educação, pois funda a sua força no instincto de imitação, tão fortemente arraigado no espirito humano.

E' ainda sob esse ultimo ponto de vista que nos alegramos por ver o exemplo dos caraúbeuses, fundando uma associação para exploração de açude, suppomos que a primeira no Estado. Houra aos caraúbenses! Não esqueçamos porém, que para bem comprehender e alcançar o exemplo, é preciso ter o espirito cultivado e por isso repitamos:

«O futuro da humanidade está nas escolas primarias.»

CONTRA A SECCA

Ao Exmo. Sr. Dr. Antonio Olintho dos Santos Pires.

...«e o grande Brazil é o sertão.

A verdadeira politica deve inspirar-se somente no bem do maior numero, no interesse colectivo da massa, na exclusiva preocupação das vantagens reaes do povo, eusinando-o a lèr, ensinando-o a trabalhar, para que, instruído e forte, possa ser independente, para que, independente, possa ser livre.»

Dr. João Pinheiro
Presidente de Minas.

E' tido como certo que durante o lutuoso periodo de 1877, de tristes recôrdações para este Estado, o imperador D. Pedro II, em reunião ministerial, respondera aos reparos de um ministro sobre o excessivo dispendio de dinheiros publicos, em soccorros ás victimas da secca:

—O Brazil não está em condições de deixar uma sua provincia morrer a fome.

Estas palavras reflectem bem os nobres sentimentos do grande brasileiro; e encerram um conceito real e verdadeiro que ainda hoje tem sua significação: nas grande seccas, si os Estados mais sujeitos á essas crises climatericas—Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, não forem soccorridos pelo governo federal, terão a sua população dizimada pela fome.

Sobre isso não haja illusão. Os factos observados não deixam margem a duvidas.

Não precisamos fazer o historico, já muito conhecido, das grandes crises, cujas estatisticas contemporaneas registram mesmo a mortandade de dois terços da população, cifra não attingida em 1877, por varias causas, entre as quaes avulta esse sacrificio pecuniario extorquido á riqueza nacional.

Depois de 1879 varias seccas têm affligido a estes sertões, occasionando todas não pequenos prejuizos ás suas industrias, profundos soffrimentos aos habitantes e abalando toda a vida social. Entretanto nenhuma dessas pode, sem exagero, ser equiparada á de 1877—79, notando-se que, nesse ultimo anno, houve um pequeno inverno que só não teve o benefico effeito de extinguir a crise, porque a população, exangue e fóra de seus lares, não poudo colher os seus fructos.

O que caracteriza as grandes seccas é, em primeiro logar, a sua intensidade e successão continua por mais de um anno; em segundo logar, a sua generalidade, abrangendo longo trecho de territorio: duração intensa e extensão.

E' facil conjecturar: num só anno de secca, os recursos anteriormente accumulados auxiliam a arrostar a crise, as parcas economias são postas em acção, os fracos contingentes da pequena açudagem, dos poços, das lagôas, do lençol d'agua do subsolo, ainda fornecem valiosos elementos para a luta. Todos soffrem, desde o proletario que atira-se a intoxicar o organismo com tudo aquillo que pode ser engulido, até o abastado que, mal alimentado, vê sua fortuna desaparecer.

Ao entrar o mez de dezembro de um anno secco, tudo achá-se exgotado, cansado, depauperado. As aguas que não foram drenadas, estão evaporadas. (Convem não esquecer que em dezembro de um anno secco, o sertão está com deztoito mezes sem chuvas.)

A população pobre já principia a morrer á fome; as molestias tomam conta dos organismos; as economias foram arrebataadas para os mercados productores. Si apparece, então, o inicio de boa estação, volta a esperança, tudo reanima-se; principia a apparecer trabalho para o operario da lavoura; e, embora os soffrimentos e a penuria prolonguem-se até ás primeiras colheitas, a vida vai, pouco a pouco, normalizando-se.

Não vindo, porém, no tempo esperado, as desejadas chuvas, entra o segundo anno de secca. E' então fatal o que hade acontecer.

A população em massa—na razão directa da zona flagellada—foge, dispara de seus lares, sem destino certo, em procura dos portos, onde também não encontra recursos. A emigração se estabelece. E a fome e as epidemias dizimam esses infelizes.

Nesse segundo anno, a classe media passa a soffrer o que o proletario havia experimentado primeiro; e seguindo-

se um terceiro anno de crise será também victimada, como o fóra essa ultima classe, já então quasi extincta.

E' essa, em ligeiros traços, a marcha das seccas que nos affligem.

Num só anno de calamidade, os prejuizos são grandes, o soffrimento é cruel; si a crise vai a mais de um anno, a desgraça é completa, a ruina é total.

Si a zona flagellada é pouco extensa, os que se deslocam encontram facil agazalho onde possam passar a tormenta; si é extensa, as grandes levas de retirantes famintos, erram ao desabrigo.

Numa chronica, (*) cujo autographo possuímos, vêm narradas, com a singeleza de um velho sertanejo, varias seccas dos sertões deste Estado, mais particularmente do Seridó, onde elle residia. A primeira é a de 1723 — 24, da qual diz, referindo-se ao sertão: «sendo também de poucos annos a sua povoação de gados, não sendo a morrinha muito consideravel; e a fome no povo também foi soffrivel, por ser ainda pouco e mesmo por estar ainda o sertão inculto; havia abundancia de mel silvestre e de caça.»

A segunda da referida chronica foi em 1744: «Nesta, morreram os gados a acabar; e a fome no povo foi consideravel, de sorte que meninos que já andavam, tornaram ao estado de engatinhar.» A terceira foi em 1766, em que «houve bastante morrinha nos gados, e alguma fome no povo, por haver pouca industria no mesmo povo.»

A quarta foi em 1778 (a primeira que o chronista assistio pessoalmente)—«E foi a morrinha tão excessiva nos gados neste Seridó, que havendo proprietarios que recolhiam já quinhentos a mais bezerros, vindo o anno seguinte só recolheram quatro; a fome no povo não foi consideravel ainda.» A quinta: «veio o anno de 91 em que só neste Seridó não choveu, havendo proprietario que recolhia 600 bezerros; todos retiraram seus gados. O povo e algumas familias se retiraram para beira-mar; e os que ficaram cá, não sentiram fome neste primeiro anno; mas como seguindo-se o anno de 92, em que faltou a chuva geralmente, a morrinha nos gados foi geral, de sorte que os que tinham botado seus gados para os sertões visinhos voltaram sem cousa alguma. Acabados os mezes de inverno sem nenhuma chuva, acabados os mantimentos e o gado juntamente, foi um geral clamor, vêr fa-

(*) E' a que vem na primeira parte deste livro.

mílias inteiras a pé, em busca dos agrestes, da beira-mar, distante 50 leguas, morrendo á fome, pelas estradas.

«... os que ficaram e não se retiraram, entraram a descobrir raizes e fructos de plantas agrestes para seu sustento; bem como o chique-chique servindo de bom sustento, posto que alguns que o trataram mal, findaram as vidas; outros uzaram de couro crú, torrado ao fogo; famílias inteiras morreram, e houve pessoas sangrados do morcego. Depois veio o anno de 1793 «que logo em janeiro entrou a chover, porém poucas e salteadas... nasceu abundancias de maxixes e melancias que foi sanando a fome e famílias houve que só com este sustento se nutriram, misturando a fructa com a massa das sementes; foram-se decorrendo os mezes de inverno com poucas chuvas e poucas pastagens; comeu-se a gomma e massa da raiz de mucunã, e o chamado guardião. Entrou o anno 94, e nelle foi favoravel o inverno; mas logo succederam tres generos de peste; a primeira foi a de gafanhotos de azas, que devoraram toda a sorte de folhas e fructos das plantas, a segunda foi de cobras cascaveis, e a terceira foi de ratos.» A sexta secca narrada pelo chronista... «vindo o anno de 8 a 9 faltaram as chuvas, mas sem haver morrinha nos gados, nem fome no povo.»

A setima—1814. A oitava—1825: «neste anno faltaram as chuvas totalmente. O povo que já era numeroso pegou a dispersar-se»...

«Foi naquelle anno que se verificou neste rio Acauã no Seridó, um novo Nilo... tendo o antigo a primazia de ser insecavel; e o novo, pela natureza do sertão, passa annos que não corre».

Em 1833 foi a nona secca: ..«posto que viesse o anno de 33 e neste Seridó não houvesse chuvas, e nem o Acauã corresse, e por ser um só anno de secca, não houve fome no povo, nem mesmo morrinha nos gados».

A decima em 1845: «Neste anno faltaram totalmente as chuvas, não só nestes como nos sertões visinhos.»

São essas as seccas mencionadas na chronica a que nos referimos, narradas por tradição de 1723 a 1766 e pelo testemunho pessoal do autor de 1778 a 1845. E' de notar na citada narração que desde 1825, quando «se descobriu e verificou o novo Nilo», isto é, desde quando as vazantes dos leitos dos rios principiaram a ser exploradas, é sempre descripta uma tal ou qual produção local. E por isso o velho e observador chronista conclue sua historia dizendo «que as seccas

nestes sertões mencionados, são necessarias, porque... têm feito os homens industriosos.»

Longe de concordar com essa necessidade, ainda observamos que naquelle tempo a pequena açudagem era nua.

Depois de 1845 seguiu-se um periodo quasi bonançoso de 31 annos, o mais longo que a tradição registra.

Essa bonança, porém, não significa que esse periodo tenha gosado sempre de bons e regulares invernos: indica, apenas auzencia de crises intensas e agudas. Em notas e observações veridicas e fidedignas que consultamos, vemos a nota de «escasso» nos invernos dos annos de 1848, 1851, 1853, 1854, 1855, 1857, 1860, 1865, 1867 e 1876; ha indicação de «quasi secco» no anno de 1870; «irregular» em 1868 e 1869; «regular» em 1846, 1849, 1850, 1856, 1858 e 1864, «bom inverno em 1847, 1852, 1859, 1862, 1863, 1866, 1871, 1873, 1874; «grande inverno», em 1861 e 1875, e «extenso» em 1872. Veio então a crise de 1877 e 1879, que tem sua historia muito conhecida; computada como a decima primeira secca no periodo analysado.

Lembramos, como já fizemos vêr, que o inverno de 1879, entra para a classe dos «escassos», havendo nelle pastagens sufficientes para o pouco gado salvo de 1877; a desorganisação da vida sertaneja, trazida pelos dois anteriores annos seccos trouxe-lhe ainda a continuação da crise.

Nova secca em 1898, a decima segunda, que foi intensa não sendo, porem, extensa havendo abundantissima produção agricola nos Brejos da Parahyba e algumas pastagens mesmo em proximos sertões parahybanos, onde foi salvo algum gado do Rio Grande do Norte.

Entre 1879 e 1898, vemos os seguintes annos com a nota de «invernos escassos»—1882, 1886, 1888, 1892, 1896; «quasi seccos» 1885, 1889, 1890 e 1891; «regulares», 1883, 1884, 1887, 1893, 1897; «bons», 1880, 1881, 1895; «grande inverno», 1894.

Em 1899 houve prolongado e muito bom inverno até agosto. Em 1900 foi quasi completa a falta de chuvas no sertão do Rio Grande do Norte, que pode, no periodo que analysamos, catalogar esse anno como a sua decima terceira secca. Nos Brejos parahybanos houve farta produção agricola e no sertão escassas pastagens em alguns pontos, onde estiveram retirados gados do Rio Grande do Norte, que no seu agreste, favorecido com chuvas, auxiliou a salvar parte dos gados sertanejos.

Por esses motivos, e principalmente pela abundancia do anno anterior, esse anno de secca não foi desastroso.

Em 1901 inverno regular.

Seguindo um ciclo de tres annos—1902, 1903 e 1904, que catalogamos como a decima quarta secca do Rio Grande do Norte.

E' exacto que em nenhum desses annos apparece o caracteristico de «faltarem completamente as chuvas». Si em alguns municipios houve chuvas para pastagens abundantes, e para muito reduzidas colheitas agricolas, noutros faltaram.

O rio Mossoró ou Apody teve ligeiras enxurradas que não levaram aguas á sua foz. Verificaram-se casos isolados de morte pela fome. Não houve devastação de epidemias.

A grande massa da população não deslocou se, entretanto os municipios mais affectados pela crise, ainda forneceram cerca de 40.000 emigrantes, que foram atirados em abandono, no extremo norte da Republica e pe'uenas levam seguiram para o sul.

A pequena açudagem ja existente fez maravilhas, e muito concorreu para diminuir a debandada.

Si algum desses 3 annos tivesse sido completamente secco, abrangendo o phenomeno extensa região, appareceriam as angustiosas catastrophes das grandes seccas. Em 1905, o inverno foi muito abundante no mez de março, apenas. Os outros mezes foram pouco chuvosos, de sorte que ainda houve prejuizos em lavouras.

Em 1906, houve regular inverno.

Nesses 183 annos examinados—1723-1907 appareceram, pois, 14 seccas bem caracterizadas, sommando 20 annos seccos, ou 1 anno secco para cada periodo de 9 annos.

Si examinarmos os dados acima, de 1845 até este anno, facil é conhecer que além dessas seccas não são poucos os annos escassos, de invernos fracos e irregulares, deixando em minoria os annos de regulares e boas estações invernosas.

Como, porém, essa escassez e essa irregularidade ainda permitem a criação de pastagens, nada soffrendo a industria pastoril nem os serviços de cavallar para o commercio e transporte, apesar da pequena produção agricola, sem prejuizos sensiveis, passam despercebidos esses periodos que são considerados de bonança; e, effectivamente, não trazem abalos a vida sertaneja.

Ha, porém, uma paralysação: a riqueza particular não decresce, nem tambem augmenta.

A região do norte sujeita á seccas, e principalmente a do sertão deste Estado que estudamos, é caracterizada por uma constante irregularidade em suas estações. As proprias calamidades admittem categorias. 1.^a categoria: Completa e prolongada ausencia de chuvas, abrangendo toda a região: é a grande crise, a temerosa calamidade que desloca e dizima em massa a população, enchendo a tradição de tragicos lances que apavoram.

No correr dos 183 annos estudados, apparecem duas dessas grandes crises—1791-1793 e 1877-1879.

2.^a Quando ha completa ausencia de chuvas, mas em periodo menos prolongado, não abrangendo a totalidade da região.

São as crises menos temerosas, mas ainda assim sufficientes para abalar a vida da zona victimada, extinguindo completamente sua produção, deslocando dezenas de milhares de individuos, que não poderam ganhar sustento diario, e se accumulam nos portos ou noutros pontos favorecidos de recursos, onde, esqueleticos e famintos, morrerão ás centenas. A riqueza particular extingue se.

Nessa categoria podem ser collocados os annos de—1723-1724, 1744, 1825 e 1845.

3.^a Algumas chuvas, insufficientes para produzir pastagens; falta completa de produção na zona assolada. Região mais limitada. São as crises menos agudas, principalmente quando succedem a annos abundantes. Entretanto a população que vive do trabalho diario e exclusivamente da lavoura, não encontra occupação. A miseria é grande, ha ainda casos isolados de morte pela fome. As economias são insufficientes para a compra de generos de primeira necessidade.

Estabelece-se franca emigração para os portos, e hoje para o extremo norte.

A criação é desfalcada em mais de 50%.

A essa classe podemos ajuntar as seccas de 1776, 1778, 1898, 1900 e a serie de 1902 a 1904.

Ha, ainda, uma quarta categoria, conhecida na linguagem sertaneja, pelo expressivo nome de «repiquete», inverno curto, tardio. Caracteriza-se por prejuizos na criação, insufficientencias de pastagens, falta de generos alimenticios, safras pequenas, difficuldades de aguadas, etc.

Essa falta de regularidade das estações chuvosas constitue um facto certo, que acarreta a incerteza da industria agri-

cola, tornando-a, não uma occupação regular e methodica, mas um trabalho de aventuras.

No periodo de 22 annos, em que nossa observação pessoal conhece o sertão do Rio Grande do Norte, podemos contar apenas dous annos— 1894 e 1899—de abundante e copiosa estação invernos, não deixando localidade sem participar de sua acção benéfica.

E para citar mais um caso de observação propria: de 1898 á 1906 temos ensaiado pequenos serviços agricolas em logar apropriado, sob dependencia de chuvas; apenas em 1899 não soffremos total prejuizo.

Não se pode, entretanto, dizer que esses nove annos, todos, foram seccos; em 1901 houve mesmo nesta localidade, Brejo de Apody, principio de inundação por cheia do rio Apody; faltaram, porém, mais tarde as chuvas, no tempo necessario para *segurar* as plantações.

Nas condições expostas, é impossivel ao sertanejo methodizar sua agricultura, emquanto esta depender exclusivamente da acção das chuvas. Essa aventura desanima todos os esforços; e restringe a possibilidade de desenvolvimento de trabalhos agricolas.

E' costume entre os agricultores de gabinete atirarem acerbas accusações ao atrazo e á rotina dos processos agricolas empregados entre nós. Estamos muito longe de julgar perfeitos e adeantados os methodos geralmente entre nós adoptados. Mas como aperfeçoar aquillo que não se póde firmar, devido á irregularidade das estações, e mais, com quasi absoluta falta de transportes?!

E' commum mesmo, nas serras do sertão deste Estado, o feijão e o milho, em annos de bonança, serem vendidos á 2\$000, e até á menos, o alqueire de 160 litros; ou cerca de \$800 para um sacco de 80 kilos, que em Mossoró, ou em Natal alcança o preço de 6\$000 á 8\$000.

Os fretes para qualquer porto do Estado são de 3\$000 á 5\$ o sacco, isto é, são prohibitivos de embarque. Dos municipios de Caraúbas e Apody, os mais proximos do porto de Mossoró, cada fardo de algodão chega ao ponto de embarque com uma despeza de 10\$000 entre fretes e impostos.

Esses factos não servem, certamente, para desculpar e acobertar a rotina e o atrazo da lavoura; servem, porém, para explical-os. Principalmente a irregularidade das estações no sertão do Rio Grande do Norte explicam e justificam a falta de aperfeçoamento dos methodos agricolas,

empregados. Empregar capitaes para melhor cultura do sólo, buscar e assentar machinismos, para vêr tudo isso improductivo á falta de chuvas, seria quasi insensatez. Aqui no Brejo do Apody, talvez de todo o sertão do Estado o logar mais apropriado para o cultivo da canna, ha um pequeno engenho á vapor para beneficiamento da canna, adaptado tambem á beneficiar o algodão.

Representa essa pequena fabrica, capital não inferior a quinze contos de réis. Entretanto desde 1903 até o corrente anno, cinco annos, acha-se paralyzada porque as chuvas têm sido insufficientes para o plantio da canna e do algodão. Apenas, no anno findo, funcionou 15 dias em descarçamento de algodão.

Desses factos analysações e cuja observação acha-se ao alcance de todos, o que concluir no interesse da vida economica do Estado e da sua população? Ha duas necessidades igualmente inadiaveis e urgentes á attender. A primeira é melhorar as condições agricolas do sólo, corrigindo a irregularidade natural, que devido á agentes atmosphericos, apresenta como factor de producção; depois ou conjunctamente, auxiliar o desenvolvimento de suas forças, facilitando communicações, transportes, mercados.

A primeira necessidade, de que passamos a nos occupar, só poderá ser attendida por methodico e regular serviço de irrigações do sólo: açudes, barragens e poços artesianos.

E' o velho assumpto que felizmente já vai preoccupando aos homens publicos.

O Estado do Rio Grande do Norte certamente não póde ter a pretensão de merecer especiaes attenções e graças dos poderes da União.

Tem, porém, direito como qualquer outro da Federação, a ser contemplado no plano geral do desenvolvimento da vida nacional. Modesto e pequeno, tem concorrido em criticos momentos da historia, para a integridade e liberdade da patria, como os ricos e poderosos. Mas não tratamos de allegar serviços.

E' sob o ponto de vista economico que deve ser encarado o problema.

E' do interesse da Federação promover e auxiliar a solução do problema das seccas.

Não é ponto duvidoso a reprodução dessas catastrophes, e as suas funestas consequencias são por demais conhecidas. Esses phenomenos climatericos representam pesado onus á

Nação, pois é impossível aos poderes públicos assistir á tremendas calamidades dentro de suas fronteiras, sem que suas forças se appliquem a debellal-as. Si isso fosse possível, importaria o esquecimento de noções elementares de governo, de solidariedade de raças, de humanidade e de interesses. Essa solidariedade, conquista social dos povos cultos impõe-se como necessidade de um principio aceito pela consciencia humana, e que entre nós já foi elevado á categoria de uma regra de direito positivo, consagrada entre as bases constitucionaes da Republica.

E de facto, mesmo antes dessa consagração, pesados sacrificios têm custado as seccas.

A solução do problema significa, pois, a extincção de um tropeço a vida nacional, de uma fonte de gastos para a União; de um periodico exgottamento de forças, ingloria e improductivamente consumidas. E, por outro lado, implica a transformação dessa fonte de sacrificios, desse tropeço, desse periodico exgottamento, em fontes de recursos e avigoroamento de forças capazes de fortemente concorrerem para a vitalidade da Nação.

De resto, estamos perdendo palavras em accentuar aquillo que já está conhecido.

Si é passivel de algum reparo o governo da Nação por não se achar ainda resolvido o problema das seccas, com certeza não poderão ser alcançados os seus representantes no regimen republicano.

Si a monarchia, apesar da grandeza de sentimentos do imperador, foi imprevidente em não aproveitar a oportunidade de relativo desafogo para encarar a questão, o mesmo não se poderá dizer da Republica.

Ao governo provisorio, em difficil momento de transição, a Floriano Peixoto, em angustiosa phase da politica nacional, a Prudente de Moraes, herdeiro da anarchia, dos odios e da desorganização de todos os serviços publicos, a Campos Salles, obrigado a affrontar imminente ruina financeira; a nenhum desses seria possível outra missão alem daquella a desempenhar, imposta pelo momento.

Rodrigues Alves pode olhar para a vida material: o problema das seccas não escapou á sua visão.

Não lhe honra certamente, si é exacta, maxime comparada com as expressões de Pedro II, a resposta que deu a quem que reclamava soccorros para as victimas da secca:

— O povo do norte deve ter o estomago aparelhado para essas crises!

Entretanto, fazedo-lhe justiça, devemos ver que o seu governo preocupou-se seriamente com as seccas do norte. O seu operoso ministro Dr. Lauro Müller, encaminhou o empreendimento para os seus devidos termos.

Os trabalhos da esforçada commissão de engenheiros, chefiada pela competencia do Dr. Sampaio Correia, são para o Rio Grande do Norte os primeiros serviços serios e proveitosos, e até agora unicos, encetados pelo poder publico, depois de longos annos de palliativos e de erros, para debellar as funestas consequencias das seccas. Não se limitou, porem, a essa commissão, as providencias adoptadas pelo previdente governo, ao qual não pode caber a responsabilidade da expatriação deshumana e desastrada de dezenas de milhares de rio grandenses do norte. Foi creada uma repartição especial de serviços de character permanente, afim de encetar e levar avante o plano de extinguir de uma vez, o sorvedouro de vidas, de riquezas e de forças que atrophia grande parte do territorio patrio. Devemos esperar que não haverá recuo.

As condições especiaes da zona secca do norte reuuzem-na, fatalmente, muitas vezes, a parasitas da seiva nacional; o mal será cortado pela raiz; as forças parasitarias transformar-se-ão em permanentes forças productoras.

Coube, ainda, ao governo do Dr. Rodrigues Alves o acerto da escolha do dr. Antonio Olintho para inaugurar os trabalhos dessa repartição de character permanente.

A honrosa tradição conquistada desde os tempos escolares, a competencia e a especialidade de estudos do illustrado engenheiro, são garantias para assegurar o exito da empresa.

O Dr. Affonso Penna, por sua vez, reprovando o systema usual de ser lembrado o problema das seccas somente emquanto os desastres empolgam as atenções do poder publico, collocou a questão sob o seu alvo de ataque e a palavra do illustre brasileiro que governa a Republica vae se traduzindo em factos. Dos longos annos em que jazeu no indifferentismo, passou o problema das seccas a ser posto entre as primeiras preoccupações do governo, pelo patriotismo e pela previsão do joven brasileiro e grande bahiano Dr. Miguel Calmon. Devemos esperar que não haverá recuo, repetimos.

Os poderes do Estado e dos municipios e a boa vontade

dos particulares, devem se empenhar em auxiliar a obra encetada: toca-lhes de perto os benefícios a auferir e o seu interesse é directo e immediato.

Não haja duvidas: a açudagem, a irrigação do solo de qualquer forma, extingue as funestas consequencias das seccas.

Seja-nos permittido a citação de linhas do relatorio apresentado pelo Dr. Antonio Olyntho ao Sr. Lauro Müller, sobre irrigação e poços artesianos, nos Estados Unidos e na Algeria:

«Na utilização desse vastissimo elemento (agua) em beneficio da agricultura nacional, poderemos nós, mais felizes que os povos do velho mundo e mesmo do que a America do Norte, pôr em contribuição a sua experiencia e os methodos de serviços adquiridos através de pacientes e duros trabalhos de muitas gerações, e que os elevaram ao gráo de prosperidade que ora atingiram, no momento em que o nosso paiz começa a despertar para a conquista do logar que lhe está fadado entre as grandes nações do globo.

«Si em alguns Estados septentrionaes do Brazil, a perturbação dos agentes metereologicos determina seccas prolongadas e extingue os cursos d'agua existentes, é sabido que a extraordinaria fertilidade do solo, quando irrigado, compensa, num só anno de abundancia, os estragos e os prejuizos dos duros tempos de privações e de penuria, que os successivos annos seccos acarretam».

Do citado relatorio, que merece ser lido e estudado no Rio Grande do Norte, como um guia de seu progresso material, ainda transcrevemos o suggestivo exemplo:

«Tive occasião de visitar, no sul do Texas (um dos Estados da União Americana) uma grande fazenda de criação que alli se denomina Ranch. Ella fica em Noces County, sobre a S. T. Louis, Browusville and Mexico Railroad.

Esse Ranch, que é conhecido hoje pela denominação de King's Ranch, nome de seu fundador, que lhe tinha dado, primitivamente, o nome de Santa Gertrudes de Ranch, é o maior Ranch do Texas; tem elle 1.000.000 de aros, isto é, 400.000 hectares de terreno, o que significa que a terra não tinha valor alli, quando foi organizado o Ranch; effectivamente o solo tem o aspecto de uma extensa planicie, arida e esteril, onde nada prosperava por falta absoluta de irrigação; e tão agreste era esse terreno que segundo narração do pro-

prietario actual do Ranch foram mortas alli cerca de 10.000 cascaveis no periodo de dous annos.

Devido, porem aos poços artesianos que foram perfurados nesses ultimos dez annos, as condições do Ranch se transformaram radicalmente: alli se encontra numerosissima criação de gado de todas as qualidades, que prospera e se desenvolve no meio de verdes pastagens, abastecidas de abundantes aguadas que os moinhos de vento fazem jorrar na superficie.

Alli se vêem igualmente extensas plantações de algodão, de milho e de outras forragens que se perdem nos confins do horisonte, até onde a vista alcança. Hoje estão perfurados em King's Ranch, mais de 60 poços, quasi todos jorrantes, nos condados de Nueces e de Cámeron, por onde se estendem as terras da fazenda. Esses poços tem 0^m,15 e 0^m,20 de diametro, e tem alcançado camadas aquosas, na profundidade de 120^m,00 e 380^m,00 fornecendo no seu conjuncto 162.000 litros d'agua por minuto, sendo que alguns ha que só por si fornecem 1.500 litros por minuto.

« Quando a cultura do arroz era feita no Texas sem irrigações methodicas, o resultado que della se obtinha se denominava «o arroz da Providencia,» isto é, aquelle que só vinha quando a Providencia mandava chuva.

Hoje a irrigação systematicamente colloca a cultura do arroz e outras que dependem de regas periodicas, ao abrigo da irregularidade dos agentes meteorologicos.

Em 1895 havia no Texas somente 800 hectares de terrenos plantados de arroz; ao passo que em 1903 a area cultivada desse cereal era de 100.000 hectares; e em 1902 só ao longo da Southern Pacific Railroad, dentro de um raio de 160 kilometros de Houston, a producção foi de 2.700.000 hectolitros».

Redusada essa quantidade de arroz acima ao nosso alqueire sertanejo de 160 litros, cada um a dez mil reis, representa a somma de 16.875:500\$000 isto é, talvez o valor de quatro boas safras de algodão do Rio Grande do Norte.

Vejamos os nossos serviços de irrigação, limitados, por enquanto; á pequena açudagem particular.

No municipio do Caicó, onde mais desenvolvida está a açudagem, cortando já mais de 300 açudes, em relativa proporção já está augmentada a producção agricola e a industria, pastoril. No do Apody, onde existem poucos açudes, cerca de 20 apenas, a vida commercial da cidade e a economia

da maioria de sua população, haurem forças e elementos principalmente, nas produções da lagoa do Apody.

Calculando em mil o numero de açudes construidos em vinte e vinte e dous municipios (o Estado conta 37 municipios) mais sujeitos a secca, onde é possível explorar essa industria, e dando á cada um uma producção annual, media, de 1:500\$ haverá um total de 1:500:000\$000. E' mesquinha ainda essa producção. Entretanto não é para desprezar na economia de um sertão pobre, que, sem esses açudes, estaria condemnado á esterilidade durante o periodo dessa producção.

A pequena açudagem, compativel com as depauperadas forças sertanejas, já é ideia vencedora. Os beneficos resultados que tem produzido, acham-se ao alcance de todos. Nas pequenas crises, maxime quando precedidas de regular estação chuvosa, a pequena açudagem actual é valioso auxiliar na penosa travessia, e capaz de manter fixa não pequena parte da população sertaneja.

Em epocas normaes, ainda a pequena açudagem traz fortes elementos de prosperidade e bem estar a todas as classes: o trabalho augmenta, cresce a producção e o commercio prospera. Entretanto a pequena açudagem é insufficiente para affrontar as grandes, mesmo as medidas calamidades.

O valor do açude, a sua força productora, está na razão directa de sua capacidade para armazenar agua.

Nas estações normaes, nos annos de bonança, as chuvas cessam em julho; annunciam, ligeiramente, a futura estação em dezembro, e manifestam-se francamente em fevereiro.

Isso significa que, na melhor hypothese, o sertão soffre absoluta estiagem de seis a sete mezes; e esse prolongado verão não causa sustos nem traz males a vida sertaneja.

Depois deste prazo, faltando as esperadas chuvas, principiam fundados temores; si até maio não se manifestam as chuvas, estão perdidas as esperanças: é impossivel principiari o inverno no sertão do Rio Grande do Norte depois de maio; não ha exemplo; só em dezembro poderão ser novamente esperadas as salvadoras chuvas. Fallhando, portanto, uma só estação chuvosa, considera-se o anno secco; mas a esses doze mezes de verão, têm de ser adicionados os seis mezes fataes do estio anterior.

Uma secca de um anno exprime, pois, na melhor hypothese, um prazo de 18 mezes de rigorosa estiagem. Antes de terminado este prazo, a grande maioria dos actuaes açudes está esgotada, e os que ainda resistem estão prestes a imital-a.

A evaporação sob um sol de brazas, favorecida por constantes e fortes ventanias que dominam nas seccas, arrebatam as aguas, cujo consumo é tambem augmentado. Nas seccas as aguas desaparecem á «olhos vistos» como dizem os sertanejos.

As medidas e serviços contra as seccas, para debellar seus effeitos, devem contar com as chuvas como auxiliares da irrigação. A pequena açudagem nas condições expostas acima, tem já grande valor para o sertão; é, porém, muito pouco na luta contra as crises.

Nas crises, enquanto o pequeno açude fornece terrenos frescos, a sua producção tem valor duplicado sobre a dos tempos normaes: aquelle calculo de 1:500.000\$000, feito para a producção da pequena açudagem existente, poderá nessas occasiões, ser elevado ao duplo: os terrenos são aproveitados e cultivados com maior zêlo; todas as colheitas alcançam mais elevados preços e tudo no açude é então valorizado; até as hervas inuteis e os residuos da lavoura são vendidos para sustento e refrigerio da criação.

São inestimaveis, nesses tempos de crise, os prestimos do açude, não sendo dos de menor monta a possibilidade que offerece de manter o cavallar em estado de prestar serviços. O commercio de transportes é feito, então, com fardos de forragens, arrumados por cima das cargas, pois os campos estão despídos e raramente é encontrada ração para comprar.

A pequena açudagem, mesmo como já a possuem alguns municipios, onde está mais desenvolvida, diminue 50% os horrores de pequenas seccas. Mas, mesmo assim reduzidos á metade os soffrimentos, ainda resta copiosa messe de extremos males.

Essa pequena açudagem que se vê, é mais uma prova da energia desses sertanejos que até agora, entregues a seus proprios esforços, muitas vezes «diante do desastre quando a unica riqueza representada pelos rebanhos, já desapareceu» vão lançando as bases de methodicos meios de combate, que afinal hão de triumphar nessa ingente e amargurada luta. Vão tentando por si realizar aquillo que Manoel Bomfim, na sua *America Latina*, julgava impossivel:

«Para tanto seria preciso, pelo menos, uma revelação divina, que lhes communicasse a existencia desses recursos contra a inclemencia do clima. Eis o que seria mister desde que o Estado não se quer incumbir de ensinar-lhes o que

elles não sabem, e ue facilitar-lhes os meios de por em pratica taes medidas»

Felizmente, além do esforço particular que, embora empiricamente, tem sido empregado, já o Estado, representado pelo poder publico da Federação, se «quer incumbir de ensinar-lhes o que elles não sabem, e de facilitar-lhes os meios de por em pratica taes medidas», isto é, empenha-se em medidas de irrigação e de açudagem.

Irrigação do sólo, outra que não a açudagem, o sertanejo ainda não conhece, ainda não a pratica, mesmo porque a pequena açudagem com que conta impede ainda tal medida.

Elle que, por amarga experiencia conhece o valor da agua e tem della, apenas, pequena quantidade á sua disposição para arrostar possível crise, cuja duração ignora, é avaro em seu emprego. Não se anima a irrigar uma zrea qualquer, para augmentar a producção que no momento mais critico terá cessado, sem que essa passada abundancia, possa então valer á si e a seus rebanhos que extinguir-se-ão, talvez, a falta dessa propria agua.

Contenta-se, pois, em colher vagarosamente os recursos que o açude vae fornecendo, e assim julga-se mais precavido contra possíveis surpresas.

No *Lavrador*, periodico de recente publicação na capital do Estado, lemos a traducção de um artigo occupando-se de um methodo empregado pela agricultura norte americana, consistindo em plantações em terrenos seccos, independente de serviços de irrigação. «Agricultura á secco» denomina-se esse systema. Essa agricultura a secco é de facto, o unico systema adoptado pela pequena açudagem, e de fórma nenhuma dispensa o serviço de irrigação, ou pelo menos, o amplo desenvolvimento da açudagem. Si quizermos tirar o cunho de novidade áquelle methodo, despindo o daquelle denominação, talvez mais correcta, enxergaremos nelle, apenas, o nosso systema de vazantes empregado nos açudes.

Actualmente, como já vimos, não se tira agua dos açudes afim de fazer irrigações. Ainda não conhecemos excepção. A proporção que os terrenos dos açudes, sob a agua, vão se descobrindo e enxugando, são plantadas as vazantes que fornecem fartas colheitas á secco, isto é, sem chuvas e sem regas, sem qualquer irrigação, natural ou artificial. Os bons terrenos agricolas do sertão do Rio Grande

do Norte, permanecendo sob camadas d'agua, mesmo de um ou dous decímetros, durante dez dias apenas, asseguram regular colheita de fructos, de plantações sobre elles feitas principalmente de essas plantações são de «ramas» conforme chama o sertanejo o cultivo de feijões, melancias, melões, gerimú; até mesmo o milho e o algodão darão fructos, que serão abundantísimos si uma chuva, em dado momento ainda vier auxiliar durante a floração.

E' esse o systema usado e adoptado em todo o sertão, e de facto constitue uma «agricultura á secco,» empregado de tal fórma entre nós, que actualmente a producção dos terrenos que, cheio o açude, ficam sob aguas, é superior, duplamente, á producção dos terrenos adjacentes.

Como se vê não é differente do systema americano de «agricultura á secco». Ambos têm uma mesma base fundamental: o refrescamento e a humidade natural do subsólo, capazes de fornecer seiva ás raizes das plantas.

«Depois que a terra tiver sido lavrada profundamente com o arado, diz o referido artigo, o sub sólo tornado compacto com um instrumento especial, chamado—o subsoilpacker,» e o sobre sólo lavrado com a grade e pulverizado, convem deixar passar um anno inteiro antes de plantar as primeiras sementes, afim de que se possam, depois, obter esplendidos resultados.

E' esse tempo de espera necessario para que a terra possa receber e conservar a agua sufficiente. No inverno, e no principio da primavera, as neves que cahem abundantemente, cobrem o sólo; quando ao adiantar-se da primavera, ellas se dissolvem, as aguas em vez de correrem e de se evaporarem, como antes acontecia, filtram até o subsólo, até esta especie de reservatorio prompto á recebê-las.»

Os terrenos sertanejos não ficam durante mezes debaixo de neves que ao liquefazerem-se possam deixar depositos infiltrados no sub sólo. Apenas, durante tres ou quatro mezes, recebem ligeiras chuvas, algumas torrencias, que arrastam até as terras araveis; em vez de camadas de neve, poderemos crear camadas d'agua. E é de facto o que se consegue, mesmo hoje, em pequena escala, com a açudagem existente, que desde annos fornece a cultura das vazantes, que representa a nossa «agricultura á secco.»

As vantagens dos açudes serão dez vezes maiores, quando conseguirmos uma média açudagem.

A média açudagem, de benefícios quasi completos quer

em épocas regulares quer em períodos anormaes, accarretará franca prosperidade á vida das seccas. A sua producção agricola tornar-se-á continua, pois como já tivemos occasião de escrever «ás abundantes colheitas do inverno seguir-se-ão as fartas producções das vazantes.»

Essa ininterrupta producção agricola, essa independencia de estações para a cultura do sólo, raras regiões poderão gozar com tanta facilidade como estes sertões seccos. Não temos geadas, não temos neves, nem gelos, nem mesmo excessivos calores e não reinam ventos infernos ás lavouras. A questão é somente de humidade, de irrigação, açudagem... agua afual.

Já hoje, mesmo com insufficiente açudagem, é um facto commum: para os que possuem açudes, a producção das vazantes, dos terrenos «frescos do açude» (os que são naturalmente irrigados pelo açude, independente de qualquer outro serviço) não é de valor inferior ao producto das colheitas de inverno; muitas vezes lhe é superior, e nas crises é a única possível.

Em escriptos anteriores por mais de uma vez temos publicado dados sobre o valor da producção de açudes. Não o faremos, pois, agora. De nenhum delles o valor dos productos é inferior á 60 % sobre o capital empregado; e em alguns essa porcentagem alcança a taxa de 200%!

Entre outros lembramo nos do açude da fazenda "Oliveiras", em Caraúbas, que, construido com cerca de 3:000\$000, num só anno (anno de crise) produziu mais de 6:000\$000.

A média açudagem trará, pois, infallivelmente, grande augmento á riqueza da zona aquinhoada.

A industria pastoril ficará ao abrigo de constantes desfalques que a atrophiam e que impedem o seu aperfeiçoamento.

Nas condições actuaes não é possível melhorar esta importante industria, poderosa fonte de riquezas.

Melhorar as raças dos gados, methodizar a criação, introduzir custosos reproductores, tudo isso leva annos de trabalho, importa accessissimo de despezas; e nesse periodo vem a secca e extingue até a ultima rez, ou dizima quasi totalmente o gado. Nas duas ultimas seccas, aliás de segunda categoria, que assistimos, vimos factos bem característicos do estado da industria pastoril do sertão. Fazendeiros dividiam seus gados em pequenas porções de 4, 6, 8, 10 até 20 rezes, entregavam-nas a pessoas encarregadas de tratá-las,

«de meia» isto é, sob a condição de, passada a secca, dividir o numero dos sobreviventes em duas partes iguaes, uma para o proprietario e a outra para o tratador.

Outros mandavam matar, para aproveitar as pelles, as rezes mais difinhadas, procurando assim, sem completo prejuizo, diminuir o numero e augmentar a possibilidade de escapar aquellas que offereciam melhores condições de resistencia.

Esses actos de desespero não eram por falta de coragem; eram motivados por absoluta falta de razões para os gados, e algumas vezes mesmo por falta de agudas.

E' preciso, pois, criar com o mais reduzido dispendio possível: embolsar hoje o capital empregado hontem e isto ás pressas; a secca não tardará a arrebatár tudo; salve-se alguma cousa para enfrentar a.

E' esse o methodo de criação nos sertões seccos. E somos obrigados a reconhecer que é aconselhado pela prudencia daquelles que estão acostumados á soffrer grandes perdas.

A irrigação do sólo, a açudagem média pelo menos, constitue a primeira necessidade. Sem isso a industria pastoril não poderá deixar de ser, como é actualmente, atrazada, rotineira, por processos primitivos.

Sem regulares methodos de irrigação, qualquer empreza, qualquer tentativa no sentido de augmentar e melhorar qualquer ramo de industria, será uma aventura.

Mesmo a criação de cabras, a menos sujeita aos estragos das seccas, soffre com ellas grandes prejuizos.

A média açudagem facilmente poderá ser disseminada por todo o sertão do Estado. A configuração do sólo, a distribuição das suas aguas de invernos, offerecem visiveis facilidades para a açudagem. Por todos os lados apresentam-se ao observador logares apropriados.

A extrema falta de recursos dos sertanejos é que tem dificultado e retardado o seu aproveitamento.

A maioria da classe média sertaneja (a classe abastada é formada por poucas e conhecidas excepções) é constituída pelos criadores.

Nesta classe, desde que um individuo chega á alcançar uma producção annual de cincuenta crias de suas vaccas, já é considerado em bom pé de fortuna e muitos já o chamam rico.

Entretanto essa riqueza representa, apenas, um capital cujo valor não excede de 4:000\$000, sujeito ao custeio da

ida commum, e além disso constantemente victimado por subita depreciação e até por totaes prejuizos. Não é possível, pois, esperar grandes resultados em uma luta travada com tão exiguos recursos.

O pouco que temos já representa nerculeo esforço, muitas vezes filho de uma desesperada energia. Urge aos poderes públicos encaminhar essa força de vontade, esse poder de resistencia, de uma maneira mais proveitosa para o bem geral, para gerar fortes elementos da vida nacional.

Ao sertão secco não é possível ainda sonhar com os recursos da imigração estrangeira. Seja-lhe garantido o povoamento do sólo pela salvaguarda da sua propria população, que será assim sufficiente, não só para o proprio sertão como também, forçosamente, continuará a fornecer' á colonisação do extremo norte, os heroicos desbravadores da região amazonica.

Nesse sentido já nos expressamos em 1903, da fórma transcripta num memorial ao Dr. Sampaio Corrêa.

O proprio interesse nacional reclama o promettido, e em boa hora encetado auxilio. A borracha que os nortistas das seccas extrahem do Pará, do Amazonas e do Acre, tem algum peso nos orçamentos da Republica; e talvez não menos de 80.000 rio grandenses do norte tenham seguido a desbravar os seringaes.

A irrigação do solo, confortando as condições da vida do sertão, fará, naturalmente, crescer a sua população, cujo excesso não deixará mais de escoar-se para a bacia amazonica; essa imigração, porém, será feita em boas condições, de quem quer e pode trabalhar para melhorar de fortuna, e não mais, como até agora, nas tristissimas circumstancias de famintos, physiologicamente depauperados, incapazes de esforçado trabalho, presas certas do impaludismo e de epidemias.

Si a pequena açudagem, que já temos bem iniciada, é importante elemento de prosperidade para a accidentada vida sertaneja, benefica arma contra os golpes das crises, e a media açudagem garantia de progresso para a zona flagellada, poderoso contra golpe aos mortaes ataques das seccas— a grande açudagem é a desassombrada segurauça e normalização da vida de toda a população, é o ultimo e inexpugnável baluarte capaz de reduzir o temeroso inimigo ao papel de fraco e importuno adversario.

A grande açudagem, na região secca do norte, representa o papel da imigração estrangeira nos Estados do sul:

augmento da população do Estado, a qual não terá necessidade de expatriar se enquanto não for excessiva. E os braços para as industrias não serão obrigados a abandonar os seus lares, nem serão destruidos pela fome. Poderosos nucleos de população fixa poderão prosperar sob a garantia de um trabalho remunerador, ao abrigo de constantes surpresas, devastadoras de seus fructos, A agricultura, em vez das aventuras de um jogo de azar, passará a uma occupação methodica. O seu aperfeiçoamento, por meio de um trabalho intelligente, com os necessarios instrumentos e meios adequados para o cultivo do solo, trar-lhe-á vigoroso impulso, aproveitando a admirável fertilidade do solo; e machinismos e fabricas para o aproveitamento dos productos, poderão ser explorados, sem que forçada inacção entregue á ferrugem esse capital custosamente ganho.

Grandes trechos de terras esterilizados sob a acção das seccas, serão convertidos pela irrigação, em fertes campos de cultura, que em agudas crises, abrigando dezenas de milhares de individuos, fornecerão producção para o consumo de outras dezenas de milhares.

A industria pastoril, então, sob a protecção da grande açudagem, poderá aspirar methodos racionaes para a sua exploração e aperfeiçoamento. Não haverá nas crises a paralyção da vida do trabalho, geradora da miseria; haverá acrescimo de actividade que accarreta abundancia e riqueza.

A imminencia do perigo chamará todos á postos; e o estimulo de debellar velho e mortal inimigo, despertará a energia dos mais fracos.

Taes são os effeitos de uma segura irrigação, como a permite a grande açudagem.

O seu maior escolho é encontrar apropriado local.

Não é pequeno o sacrificio feito para a construcção de grandes açudes; nem são insignificantes as sommas despendidas: é indispensavel que as suas condições garantam completo exito á obra.

E' conhecida a má impressão que a visita do açude do Quixadá produziu no animo do Sr. Presidente da Republica, Dr. Affonso Penna. Nem podia ser de outro forma. Um grande e dispendioso reservatorio para accumular agua, construido em local onde ainda não recebeu o necessario para o seu abastecimento, certamente não merece applausos. Entretanto é muito provavel que o proprio Quixadá ainda venha a pres-

tar o auxilio esperado; é questão de alguns annos, não intercalados de crises proximas.

Havendo, porem, local adequado, com todos os requisitos exigidos para a construcção de grande obra, com certeza será uma das medidas mais beneficicas, das mais salvadoras, das mais compensadoras dos gastos empregados para irrigar a região das seccas.

Por suas peculiares condições, esses açudes não podem ser numerosos. Mas o valor de cada um, não será limitado a pequena localidade; os seus beneficios estender-se-ão a maiores distancias, soccorrendo grandes trechos e nas crises serão ponto de convergencia de toda a vida das regiões adjacentes e mesmo remotas. Os pequenos açudes e lagôas que o sertão possui, têm, nas seccas, a população de suas circumvisinhanças duplicada; e se maior não é o augmento de população é porque as suas proporções não podem abrigar maior numero.

E' esse ponto de apoio ás populações flagelladas, um dos valiosos destinos reservados aos grandes açudes, nas maiores crises.

No sertão do Rio Grande do Norte ha mais de um local, vantajosamente indicando condições para grandes reservatorios. Conhecemos dous, que provavelmente não serão os unicos existentes. Um é no rio Sabugy affluente do Seridó, no municipio do Caicó, e que já tem a sua planta levantada, cremos que pelo incansavel e distincto engenheiro José Leite Junior, da commissão do Dr. Sampaio Corrêa. O outro, que foi ligeiramente observado pelo mesmo engenheiro, é o da Passagem Funda, no rio Apody, no municipio desse nome.

Para a construcção desse «grande e bello lago», expressão do illustre engenheiro Leite Junior, e que, segundo calculos nossos, terá capacidade superior a um bilhão de metros cubicos, faz-se preciso uma barragem apenas com 194 metros, conforme medida tomada pelo Dr. Leite Junior.

As barragens do açude do Quixadá, em todas as secções, excedem de 1.300 metros.

Os terrenos proprios e aptos para irrigações — á justante da Passagem Funda, pode se sem exageros dizer que são tantos quantos se queiram, ou antes, tantos quanto fôr possível confiar á agua armazenada: de Passagem Funda á cidade de Mossoró, ambos esses pontos á margem do rio, são cerca de 70 kilometros, rio abaixo, com um valle plano

e nivelado que principia na garganta com 194 metros, alargando-se irregularmente até alcançar cerca de 15 kilometros, notando-se que não termina em Mossoró.

Essa grande extensão de terrenos, que não pode ser calculada em menos de 20.000 hectares, irrigaveis pelas aguas do reservatorio, sob a sua simples acção de gravidade (os terrenos irrigaveis do açude do Quixadá são 2.572 hectares,) é formada de «c'rôas» e varzeas, terras de alluvião, as mais proprias para agricultura.

Em S. Sebastião de Mossoró os terrenos são tão fertes, que limitando-se a cultura de vazantes ao leito fresco do rio, durante o estio, segundo informações que nos ministrou criterioso commerciante, «casas» (familias de agricultores, residindo sob o mesmo tecto) têm vendido em safras 800\$000 de cebolas e alhos, a principal exploração desse trecho do rio, cujos preços, muitas vezes, não vão além de cem reis o kilogramma: as plantações de vazantes limitam-se rigorosamente ao estreito leito do rio. As terras marginaes do reservatorio ficariam situadas entre o triangulo formado por Passagem Funda á Caráúbas— 30 kilometros; Caráúbas a Apody—36 Apody; a Passagem Funda—18; indo além das duas ultimas linhas, e ficando aquem da primeira. Para esse triangulo confluem, além do rio Apody ou Mossoró, o Umary, seu affluente, e muitos riachos que offerecem baixios do sertão e pedra, as conhecidas terras fertes do sertão.

Sobre esse sonhado açude, publicamos em 1903, um ligeiro memorial que foi sobejamente honrado com referencias feitas pelo illustre Dr. Sampaio Corrêa, em conferencia realizada no Club de Engenharia do Rio de Janeiro.

Quem conhece o afan, o empenho com que nas seccas é procurado insignificante nesga de terreno fresco, de poucos palmos araveis, á margem de pequenos poços; quem já tem visto ser retirada a camada superficial da areia do leito secco dos rios, em dous palmos de profundidade, para sobre esse sólo, assim preparado, lançar mesquinhas sementes, não terá difficuldade de comprehender o inestimavel valor de um reservatorio nas condições desse.

Para que insistir mais nas necessidades e nas vantagens de meios de irrigação para as regiões seccas do norte?

O Dr. João Pinheiro, digno Presidente do glorioso Estado de Minas Geraes, cujos actos e palavras de governo têm tido a significação de principios republicanos, não de caracter regional, mas que em toda a nação podem ser elevados a pro-

grammas, expressou-se ultimamente assim, por occasião da visita do governador da Bahia :

«Neste ponto (Bello Horizonte) de uma nasença do extenso e magestoso S. Francisco a audacia e a energia mineiras construíram esta formosa cidade brasileira que é a capital de Minas, mas d'aqui em diante, e até que o grande estuario entre no mar, o que se tem é o deserto ; e o que o rio leva para o oceano, não é riqueza, menos trabalho, mas o silencio, a desolação de forças deixadas mortas, comparaveis em grandeza sómente á immensidade da nossa incuria.»

O grande, poderoso e rico Estado tem o magestoso S. Francisco para levar e arrastar seus males ; o pequeno, fraco e depauperado Rio Grande do Norte não possui caudaes que possam mitigar seus soffrimentos.

«O silencio, a desolação de forças deixadas mortas» e muitas vezes as angustias, o desespero, e até esqueletos de seus proprios filhos, ahi ficam, ao abandono, disseminados sob a impassibilidade de um formoso céu sem nuvens.

A Estrada de Ferro Central do Brazil, que em suas locomotivas já transforma em força, aguas do grande rio, em breves dias lançará o seu ultimo elo á suas margens. Ainda não alcançou o futuro Estado a grandeza sonhada por seus filhos; mas as bases estão lançadas por mãos seguras : já tem decisivo peso na vida nacional. O Rio Grande do Norte, mesmo sob sua modesta condição, está muito longe de alcançar o logar a que tem direito.

* *

Em materia de estradas, o sertão acha-se no mesmo pé em que se viá no penultimo seculo : caminhos, rio acima que não podem se afastar muito de suas aguadas.

Apenas em boa hora foi iniciada pela commissão do Dr. Sampaio Corrêa, a sua estrada de ferro de penetração de Natal a Caicó. Essa imprescindivel via ferrea, marchando a par do desenvolvimento de trabalhos de irrigação e de açudagem, será um dos fortes elementos para a luta contra os effeitos das seccas. Grande, relativamente grande, é a futura zona do sertão que respirará com desafogo ; e essa região que apesar de todos os tropeços, ao abandono, tem haurido forças para collocar-se na vanguarda da producção agricola do Estado, encetará, francamente, o caminho de seguro avanço.

Em publicações anteriormente feitas já notamos a anomalia de achar-se essa região do Seridó, a mais populosa de todo o Estado, em completa separação commercial da capital, a ponto de não ser quasi conhecido nesse sertão o assucar do Rio Grande do Norte, um dos Estados productores desse genero. Esse estado de cousas ainda perdura ; a estrada de ferro de Natal a Caicó fará cessar essa falha, decorrente de especiaes difficuldades de transporte.

A estrada de ferro Natal a Caicó, servirá aos valles dos rios Ceará-Mirim, Salgado, Assú ou Piranhas e seus numerosos affluentes da margem direita entre os quaes o Seridó e os seus affluentes Barra Nova, Sabugy, Acauã, S. José e Cobra. E em pleno sertão attrahirá o concurso da zona proxima ao Estado da Parahyba, principalmente parte do Riacho de Forcos, Brejo do Cruz, etc.

A zona do norte do Estado, representada pelo fertil valle do rio Apody ou Mossoró, de curso uão inferior a 300 kilometros, e pelo rio Umary, seu affluente da margem direita, afastada toda ella do Caicó em grandes distancias, continuará porém, destituida de transportes, sem os beneficios da linha ferrea, pois a Caicó a Natal, por essa circumstancia de afastamento do valle do Apody, nenhum proveito lhe trará.

De nenhum dos municipios da bacia do Apody ou Mossoró, — Areia Branca, Mossoró, Apody, Caraúbas, Patú, Port' Alegre, Martins, Pão dos Ferros, S. Miguel e Luiz Gomes, dez municipios (o Estado tem 37, como já notamos) em extensa zona do norte, é possivel haver communicação com o Caicó, pelos caminhos usuaes e mais curtos, sem ser preciso atravessar maior ou menor trecho de territorio do Estado da Parahyba.

Esse facto não é occasionado por accidentes de terreno, que careçam ser desviados ou contornados : é devido a uma extravagante divisão territorial, que ainda não vimos assignalada nas cartas geographicas, nem mesmo numa das melhores que conhecemos, impressa sob a direcção do Barão do Rio Branco. (Ainda não conhecemos a ultima do Estado, publicada sob a direcção do Dr. Sampaio Corrêa.)

Da cidade de Mossoró ao norte do Estado, nos limites com o Ceará e proxima ao littoral, é possivel viajar para a cidade do Caicó por tres caminhos differentes, com o seguinte percurso terrestre : de Mossoró a Assú, 108 kilometros, de Assú a S. Miguel de Jucurutú 80, de S. Miguel a Caicó 72 ; total 260 kilometros. Ou então : de Mossoró a Augustó Se-

vero (antigo Triumpho) 108 kilometros, de Augusto Severo a S. Miguel de Jucurutú 60, de S. Miguel a Caicó 72, total 240. E ainda—de Mossoró a Augusto Severo 108 kilometros, desse ultimo aos limites entre Rio Grande do Norte e Parahyba, no divisor de aguas formado pela serra dos Pintos e a serrota do Passarinho, entre as fazendas Pintos e Timbaúba, 35; desse limite a Caicó 72; total 185 kilometros. Ha portanto, uma differença para menos distancia, entre os dous primeiros caminhos e o ultimo, respectivamente, de 85 e 55 kilometros; e esse ultimo, mais curto é o que atravessa um trecho de terra parahybana de cerca de 30 kilometros.

Para os outros municipios citados ha ainda maior differença.

Essa cunha de territorio parahybano que, encravada no amago do Rio Grande do Norte, procura approximar-se do litoral pelo porto de Mossoró, encaminha o commercio dessa nesga de terra, para o referido porto, que pela relativa facilidade de menor distancia é o emporio commercial dessa região.

E' nella que accentua-se a divisão de aguas entre o rio Apody e o Piranhas ou Assú, á margem direita do qual, depois da trincha parahybana, estende-se a zona de Seridó, no Rio Grande do Norte, e mais particularmente o municipio de Caicó.

Essa divisão que tem entre si, de permeio, o grande rio Piranhas, o maior do Estado; essa approximação dos centros e esse natural encaminhamento do commercio, desde longos annos lembraram e mostraram a conveniencia incontestada de ir ao encontro do alto sertão com uma linha ferrea partindo de Mossoró.

E' a velha aspiração de Mossoró, tão antiga quanto justa, da estrada de ferro para Luiz Gomes, em demanda dos centros da Parahyba e Pernambuco.

Era esse o sonho de João Ulrich Graf, a ligação das inexgotaveis salinas de Mossoró ao S. Francisco.

Esse intelligente estrangeiro, de largos descortinos industriaes, a quem Mossoró muito deve, falla dessa via de comunicação num prospecto, com tal ardor e com tanta segurança de exito, que, acreditamos, seria ella hoje uma realidade se a sua morte prematura não o tivesse roubado ao progresso do Estado.

Entretanto parece que a questão hoje acha-se com o seu eixo deslocado, procurando, não propriamente a ligação

de uma estrada central do Rio Grande do Norte ao centro de Pernambuco, mas principalmente essa ligação á estrada de penetração do Ceará, representada pela via ferrea de Baturité; e para esse empreendimento prepara-se a estrada de penetração de Natal a Caicó.

Acreditamos que para a rede geral de viação central dos Estados, o projecto do Sr. Graf seria de maiores, desmesuradamente maiores vantagens para o Rio Grande do Norte, sem nada diminuir a importancia dessa rede, que ha de ligar de uma ou de outra forma, os Estados do norte aos do sul, tomando certamente para ponto de apoio e de convergencia, a arteria fluvial representada pelo S. Francisco.

Sem pretensões a examinar a questão pelo seu lado tecnico, por nossa indiscutivel incompetencia, estamos convictos de que, apesar da estrada de ferro de Natal a Caicó, indispensavel á vida do Estado, e apesar da ligação preferivel ser á estrada de Baturité, estamos ainda convencidos de ser essa ligação mais conveniente por uma linha ferrea de Mossoró a um ponto adequado á de Baturité, embora com pequeno ramal ligando á de Natal a Caicó, do que a directa ligação partindo de Caicó para qualquer ponto escolhido da Baturité.

Para esse modo de pensar actuam varios factores, entre os quaes julgamos não ser de pequena ponderação a distancia a attender.

Duas linhas, partindo uma de Mossoró e a outra do Caicó, ambas ao encontro da estrada de Baturité, mesmo em ponto de pleno sertão cearense, a primeira não terá maior extensão do que a segunda, e se esse ponto procurado for no sertão pernambucano, em busca do S. Francisco, para onde tambem estende vistas a linha de Baturité, então a primeira linha será muito mais curta do que a segunda, que nesse caso terá que atravessar o Estado da Parahyba em toda sua largura.

As ligações pelos centros são mais vantajosas, pois levam incremento a remotas regiões sertanejas.

A linha que partir de Mossoró satisfará plenamente essa condição e uma vez que o Ceará, Maranhão e Piauí, sonham essa ligação central convergindo para o S. Francisco, em nada será prejudicial ao Rio Grande do Norte nem aos interesses da viação nacional que este Estado faça essa ligação por Mossoró, mediante entroncamento na Natal a Caicó.

A zona sul do Estado ficará com a sua viação ferrea de bases assentadas, e as suas urgentes necessidades serão atendidas pela estrada iniciada de Natal á Caicó. Somente com essa os sertões mais distantes da capital do Estado, formados pelos municípios da bacia do rio Mossoró ou Apody, continuarão no estado em que se acham em relação a sua vida commercial, pois é intuitivo que os generos de exportação, tendo um porto marítimo equidistante de uma estação de linha férrea, ainda com um percurso de 300 kilometros, darão preferencia ao porto marítimo.

E' o que acontecerá: os pontos da bacia do Apody, mesmo os mais afastados de Mossoró, são mais proximos dessa cidade do que da cidade do Caicó.

As especiaes condições das zonas seccas a proteger e suas mais urgentes necessidades não podem ser descuradas para apressar a realização de inadiveis medidas.

Para a ligação de Natal, Parahyba, Pernambuco e Alagoas, não foi preciso nem julgado mais viavel buscar os pontos mais centraes das respectivas linhas: cada Estado com a sua estrada de ferro em demanda do centro, tratou de, pelo ponto mais conveniente, effectuar a ligação, sem que essa ligação viesse alterar a necessidade de protecção aos sertões, por meio das linhas de penetração.

E' o que se poderá dar com o percurso que examinamos.

Em vez de procurar ligar a linha Natal a Caicó deste ultimo ponto, á estrada de ferro de penetração do Ceará, ligação que depois do Caicó, só encontrará um município do Rio Grande do Norte, ou talvez nenhum, entrando logo na Parahyba, que, aliás, faz seguir com segurança, para o sertão suas linhas férreas, julgamos mais conveniente, por tudo, procurar nova linha de Mossoró em busca do sertão, a encontrar a linha de Baturité; ligando depois essa primeira á de Natal a Caicó por Assú, talvez.

Assim, não ficara sem a indispensavel dotação de uma linha ferrea, uma grande zona do Estado, completamente sujeita ás seccas, como as que mais o são, capaz de grande desenvolvimento agricola, possuindo as serras mais fertes para a agricultura, do Estado, como as de Martins, Porto Alegre, Luiz Gomes, S. Miguel e Patú.

Essa região do Estado, a vertente do rio Apody ou Mossoró, forma dez municípios, como vimos e margina, quasi toda, os limites com o Ceará, limitando-se parte com a Parahyba, onde, pode-se dizer, estão encravados alguns desses

municípios. Desde longos annos toda essa região e seus limites tem o commercio prezo a Mossoró.

A ligação central a partir do Caicó, significa que toda essa extensa região durante longos annos, ficará entregue ás suas proprias forças, sem o indispensavel auxilio na luta contra as seccas.

A linha por Mossoró, talvez sem o minimo acrescimo de despezas, pois a perpendicular baixada de Mossoró para o centro não encontra sinão um ou dous rios em suas nascenças, será o preparo da ligação, desde logo com o maximo proveito e sem ferir nenhum interesse de zona.

Si o Ceará e a Parahyba procuram estender linhas ferreas por seus centros para que o Rio Grande Norte esforçasse em dar seguimento a sua iniciada linha de penetração por essas mesmas regiões que aquelles Estados se destinam a proteger, deixando em abandono uma de suas principaes e extensas regiões, que representa mais da quarta parte do Estado, com a correspondente população?!

A estrada de ferro de Natal a Caicó, trará naturalmente grande progresso para a capital; a estrada de Mossoró para o centro, sem prejuizo ao porto de Natal, dará tambem grande impulso ao porto de Mossoró.

Certamente é mais acanhado, mais estreito, de mais curto alcance, almejar a prosperidade de um porto, com detrimento de outro, maxime em um mesmo Estado; do que fomentar o commercio e a prosperidade de ambos.

Por ventura ao Estado advirá algum inconveniente pelo desenvolvimento de seus dois portos principaes, cada qual com distinctas e naturaes regiões a servir, um ao sul, outro ao norte?!

A costa maritima do Rio Grande do Norte é de 210 milhas; de Parahyba á Natal são 78 milhas; demos—será o maximo á costa do Rio Grande do Norte, de Natal ao limite sul, com a Parahyba—35 milhas; ficará uma distancia de 175 milhas (210—35) de Natal ao limite norte da costa com o Ceará. Nesse limite acha-se o porto de Mossoró, (Areia Branca); consequentemente os dois principaes portos do Estado—Natal e Areia Branca distam entre si, cerca de 170 milhas.

Nada mais merecedor e digno da atenção dos homens que têm a responsabilidade da direcção do Estado, do que o esforço para incrementar a vida desses dois portos tão distantes; e com certeza nenhum embaraço surtirá á riqueza

nacional, á riqueza regional, nem á prosperidade individual; ao contrario: as vantagens saltam ás vistas mais curtas.

A cidade de Mossoró, é o porto natural. O porto marítimo propriamente é Areia Branca, mas como esta villa é cercada de salinas, dunas, mangues etc., de accesso pouco propicio ao commercio terrestre, este finda em Mossoró. D'ahi em diante toda a movimentação de embarque e cargas, fica exclusivamente á cargo da praça de Mossoró: o sertanejo quasi não houve fallar em Areia Branca) Mossoró é pois, o porto natural, e assim sempre tem sido, não só de grande região do Estado, como tambem de longinquos sertões de outros Estados como Ceará, Parahyba e até Pernambuco.

Uma das circumstancias que lhe assignalam essa preferencia, é a sua posição toda especial.

Basta lançar as vistas para uma carta geographica da região Nordoeste do Brazil, para se conhecer as vantagens offerecidas por Mossoró, ao commercio dos centros; e isso seria mais interessante ainda se as cartas exprimissem rigorosa exactidão.

A costa maritima que de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, até proximo ao Cabo de S. Roque, acha-se em posição leste, desse ultimo ponto busca a posição nordeste, até as proximidades do limite cearense, tomando então nova direcção.

E' justamente nessa linha principiada no Cabo de S. Roque, que se acha, em sua extremidade superior, o porto de Mossoró.

Esse peculiar e singular accidente geographico é que colloca Mossoró mais achegado, mais aproximado de trechos dos altos sertões de Pernambuco, Parahyba e Ceará, do que as capitães e costas maritimas, desses mesmos Estados, pois esses trechos sertanejos avançam e procuram a direcção da perpendicular baixada de Mossoró para o centro.

E, de facto, ainda hoje, apesar das linhas ferreas de penetração que os Estados vão lançando, Mossoró é procurado pelo sertão do Ceará até Icó e Crato. E não ha, no Estado, quem desconheça que, apesar de possuir o Ceará ricas salinas, é o commercio terrestre por Mossoró e Macáo que em grande parte abastece de sal a região do Cariry; o sertão parahybano desde Catolé e Brejo do Cruz, até Patos, Piaçó, Rio do Peixe, Misericórdia, S. José de Piranhas, Souza, Cajazeiras, etc, é quasi que exclusivamente todo feito por

Mossoró; e até de Banito e Exú, em Pernambuco, tem sido feito commercio com Mossoró.

Nas seccas principalmente, de todos esses centros ha grande commercio para Mossoró, que se torna o celloiro intermediario delles e é para onde diariamente afflue a população desvalida.

Para se fazer uma idéa precisa da aproximação de Mossoró do centro parahybano, basta notar que, achando-se essa cidade muito proxima do litoral, no extremo limite norte, ha apenas um pequeno municipio, o de Augusto Severo, separando-o do Estado da Parahyba.

Da capital deste ultimo Estado para alguns de seus municipios ha o duplo da distancia que ha de Mossoró para esses mesmos municipios e isso devido á configuração do litoral, á direcção central do territorio parahybano e tambem porque esse Estado entrou demais pelo Rio Grande do Norte ou porque este invadiu aquelle, como dizem os parahybanos. Esta grande aproximação desse magnifico emporio commercial sertanejo como o centro parahybano, faz com que o commercio de grande zona do Estado da Parahyba, apesar de todos os tropeços fiscaes e esforços para conseguir o contrario, procure sempre o seu escoadouro por Mossoró.

O mesmo, em menor escala dá-se com o Ceará e Pernambuco.

Essa diminuição de distancia de Mossoró para os sertões referidos vae desde $\frac{1}{4}$ até talvez $\frac{3}{4}$ em relação ás respectivas capitães; e nada poderá trazer alterações. E', apenas, possível a cada Estado, diminuir a difficuldade de transportes, offerecendo aos centros regular viação férrea: o percurso não diminuirá porem. Portanto, si o Rio Grande do Norte lançar uma linha ferrea até o seu limite em Luiz Gomes, partindo de Mossoró, continuará a mesma cauza de preferencia a esta cidade—menor distancia de porto de embarque, que então, com as linhas fereas, terá essa vantagem de menor percurso, representada pela capital, questão de menores fretes.

A estrada de ferro de Natal á Caicó, prolongada deste ponto, pouco seduzirá o commercio do sertão parahybano, menos ainda o de Pernambuco, e nada absolutamente o do Ceará, porque o seu percurso para o porto de Natal será igual, ou superior ao de qualquer zona dos sertões referidos para as suas respectivas capitães, donde tambem já se adiantam estradas de penetração. Segundo recentes dados officiaes, em

1º de janeiro de 1907 o Estado de Pernambuco tinha em trafego 792.228 kilometros de linhas férreas cerca de 132 leguas; o Ceará—513.625 kilometros, cerca de 85 leguas, a Parahyba—243.775 kilometros, cerca de 40 leguas, e o Rio Grande do Norte—154.823 kl. cerca de 25 leguas.

A distancia de Mossoró a qualquer ponto da linha de Luiz Gomes é inferior a distancia do Caicó a esse ponto qualquer da mesma linha da bacia do Apody como se verifica.

De Apody	a	Mossoró	78 kl.	a Caicó	198
« Caraúbas	«	«	90 kl.	« «	158
« Patú	«	«	134 kl.	« «	132
« Martins	«	«	144 kl.	« «	165
« Port'Alegre	«	«	132 kl.	« «	165
« Pão dos Ferros	«	«	177 kl.	« «	264
« S. Miguel	«	«	213 kl.	« «	288
« Luiz Gomes	«	«	219 kl.	« «	248

Reduzimos de 21 kilometros a distancia de Mossoró a Apody, Pão dos Ferros, S. Miguel e Luiz Gomes, porque o primeiro trecho é de 78 kl. como foi verificado agora na construcção de uma linha telegraphica entre Mossoró e Apody, e não de 99 kl. como consta de um mappa official publicado sobre as distancias entre localidades do Estado, e que alem dessa contem varias inexactidões.

A sonhada ligacão do Rio Grande do Norte com o Ceará, por suas estradas de penetração, sendo procurada pelo seguimento da Natal á Caicó, ou será feita na zona da Boa Vista, para onde a Baturité se dirige e nesse caso além de desviar-se logo a partir do Caicó, do sertão rio-grandense, não terá menor extensão do que a linha que de Mossoró procurar o mesmo ponto, pois esta ultima occupa quasi posição perpendicular, ao passo que aquellá é obliqua—ou então seguirá de Caicó em demanda do Crato.

Nesta ultima hypothese tambem ou seguirá a linha para o Crato, na recta natural que pelos caminhos usuaes do commercio hoje seguidos segue logo para o Catolé, conservando sempre um certo afastamento do sertão do Rio Grande do Norte, obtendo ainda, de ponto á ponto—segundo os caminhos usuaes—cerca de 430 kilometros; ou então de Caicó, procurará, para servir ao sertão do Estado, approximar-se de Luiz Gomes, obtendo assim um percurso mais ou menos de

246 kilometros (Caicó a Luiz Gomes) mais 250 de Luiz Gomes a Crato, ou total—496 kilometros; sem mesmo assim ser possivel offerecer utilidade a região media da bacia do rio Apody.

Ora, de Mossoró a Luiz Gomes, como vimos, são 219 kilometros, mais 250 de Luiz Gomes a Crato, fazem—469 kilometros de Mossoró a Crato. Si a esse numero juntarmos os 108 do ramal necessario de Mossoró a Assú, teremos 577, isto é, uma differença do total da ultima linha como ramal, sobre a primeira apenas de 71 kilometros.

Com esse augmento de 71 kilometros ficará o Rio Grande do Norte com uma segunda estrada de penetração de Mossoró ao Crato, com certeza de importancia e de rendimento em nada inferiores a de Natal a Caicó, ou mesmo de Natal ao Crato.

As distancias dadas não são rigorosamente calculadas, á excepção do primeiro trecho—Apody—Mossoró—pois tratamos de terrenos nunca medidos nem estudados, e as cartas geographicas que conhecemos são pouco exactas.

O atlas de geographia geralmente adoptado nos estabelecimentos de ensino secundario, Grosselin—Delamarche, pelo menos para o Brasil é um acabado specimen da geographia franceza; dá mesmo o Rio Grande do Norte limitado por Pernambuco...

Não é difficil, em vista do exposto, chegarmos ás seguintes conclusões:

1ª A estrada de ferro de penetração de Natal á Caicó representa uma necessidade inadiavel em beneficio do Estado e da capital, e uma medida das mais urgentes para a protecção de extensa, populosa e progressiva zona sertaneja, contra a devastação das seccas.

2ª A região sertaneja do sul do Estado ficará protegida por essa estrada, terminando no Caicó, e não é indispensavel a sua continuacão para protecção á outros Estados.

3ª Existe, no Estado, extensa zona de dez municipios, com cerca de 1/4 de seu territorio e de sua população que não ficará protegida pela via férrea que do Caicó demanda o alto sertão, afim de effectuar a ligacão do Rio Grande do Norte á estrada de ferro central do Ceará.

4ª Essa extensa faxa abrangenlo 10 municipios do Rio Grande do Norte, formada pela bacia do rio Apody ou Mossoró, que assim continuará no completo abandono em que tem se conservado, das mais flagelladas pelas tremendas

Fortaleza a Janga - 95 kl.
 Caedalle a " - 77 "
 Porto Branco a " - 46 "

seccas, offerece a almejada ligação pelo Crato ou por outro qualquer ponto, com augmento de percurso relativamente insignificante, e com a maxima facilidade do terreno a vencer.

5.ª Essa vantajosa ligação offerecida é a linha que, partindo de Mossoró (feito o pequeno ramal para o Assú) segue até Luiz Gomes dentro deste Estado, entrando ahí em centro parahybano, em demanda do Crato.

6.ª Essa linha corre parallela á grande extensão do sertão cearense, atravessa regiões parahybanas, com ligeiro desvio para o Crato ainda corre parallela a não pequeno trecho do sertão pernambucano, sendo, portanto, protectora de extensas regiões

7.ª A estrada de ferro sob essa linha completará a rede de estradas de ferro de penetração do Ceará, Parahyba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, pela protecção offerecida ás regiões intermedias das mesmas estradas de penetração dos tres primeiros Estados, e pela indispensavel protecção á zona da bacia do Apody, deste.

Essas reaes vantagens da estrada de ferro de Mossoró para o centro exprimem tambem uma necessidade para o plano methodico de serviços e obras contra as seccas.

E além disso, capaz por si só de justificar sua criação offerece grandes outras vantagens, entre as quaes avultam a existencia de um porto em Mossoró, antes, em seu embarcadouro de Areia Branca, com excellentes condições para o commercio marítimo, e elementos para garantir renda certa para o exito da linha férrea.

* *

Vejamos ligeiramente as condições do porto de Areia Branca.

Em certidão que possuímos, requerida ao pratico—mór da Barra, (entre os marítimos o porto de Areia Branca é mais conhecido pelo nome de Barra do Mossoró) assim se expressa elle: «O fundeadouro deste porto, no lamarão, offerece a mais perfeita e completa garantia aos vapores e navios de pequenos e grandes calados. O dito fundeadouro é vasto, com capacidade de abrigar grande quantidade de vapores e navios, offerecendo maximas garantias e abrigo ás embarcações.

Não me consta incidente nenhum, nem avarias nos

vapores que têm ancorado no lamarão deste porto; e seu serviço de carregamento tem corrido com tamanha regularidade que não se registra um dia sequer de interrupção por máo tempo; e são esses mesmos vapores carregados com muita presteza, como nos melhores portos do Brazil

E' este porto frequentado por grandes vapores nacionaes e estrangeiros, recebendo estes dentro de dez dias cerca de 72.000 alqueires de sal á granel, de 40 litros, e mais de 3.000 a 4.000 fardos de algodão, como sejam os vapores—«Jaguaribe» «Aracaty» e «Parahyba» que neste porto têm carregado.

A profundidade da nossa barra varia de 13 a 14 pés. E o rio Mossoró é navegavel até ao porto da Jurema; tendo o mesmo ancoradouro igual ou superior ao da Barra.»

Esta certidão está assignada pelo pratico mór Innocencio Fernandes de Souza.

O porto da Jurema, a que se refere, é um local situado rio acima cerca de 30 kilometros mais proximo de Mossoró do que Areia Branca.

Tambem em certidão authentica, em nosso poder, do capataz da Barra de Mossoró, consta: «Este porto e fundeadouro de Mossoró, tem sido frequentado constantemente por navios e vapores nacionaes e estrangeiros, de pequenos e grandes calados, desde 1879 quando comecei a ser Pratico da respectiva Barra. «... a maior fundura que tem o fundeadouro do lamarão, é de 33 pés, na baixa mar.

«Os carregamentos dos navios e vapores fóra da Barra, tem corrido sempre com muita regularidade não se dando incidente, por temporal ou máo tempo, de modo a interrompel-os sequer um dia.

«... o vapor inglez «Nome» de 2.200 tonelladas de registro, carregou cerca de 3.800 saccos de algodão, fóra da Barra, em tres dias; o «Matador» tambem inglez de 2.000 tonelladas, cerca de 4.400 saccos de algodão em cinco dias; e o vapor nacional «S. Luiz» de 1.925 tonelladas, cerca de 13.000 alqueires de sal na medida de 160 litros, e cerca de 4.620 saccos de algodão, em 8 dias.

«Certifico, finalmente, que a Barra de Mossoró, nas matés vivas em cima do banco contem 13 1/2 pés d'agua, bem como que o rio do mesmo nome é navegavel até o Porto da Jurema, tendo elle fundura superior ao da Barra.»

Essa certidão está assignada por André Corcino de Me-deiros, com a data de 28 de dezembro de 1906.

Não ha duvida portanto sobre as regulares condições do porto de Mossoró, um dos melhores da costa do norte. E' um porto que durante quasi 30 annos, tempo alcançado pela certidão, não deu logar a um só incidente por tempora ou máo tempo.

E quanto á sua capacidade é tambem regular. Na viagem de inspecção do dr. Oswaldo Cruz, o cruzador « Republica », da armada nacional, fundeou no ancoradouro interno e sahiu sem o minimo inconveniente.

E' tambem bastante visitado. Do relatoria da Capatazia do Porto consta o seguinte movimento de 1906: vapores—76; embarcações a véla—124; ou um total de 200 embarcações, com 44.337 tonelladas. A não ser as capitaes, poucos portos do norte têm esse movimento.

O seu commercio de exportação não é, pois, pequeno. Os principaes productos de exportação são sal e algodão.

Segundo estatística obtida na praça de Mossoró—as mercadorias exportadas são fornecidas por essa praça, com excepção de grande parte de sal.

No anno de 1906 foram exportados por Areia Branca 3.484.680 kilogrammas de algodão em pluma, no valor official de 2.149:622\$400, representando para o Estado 121:150\$108 de imposto.

Pouco mais da metade dessa exportação foi de procedencia da Parahyba e do Ceará, entrando o Rio Grande do Norte com o valor de 955:307\$200.

Si compararmos as entradas de algodão no porto do Rio de Janeiro, no anno de 1906, veremos o seguinte resultado: entradas nesse anno—182.794 fardos. Sergipe forneceu—... 29.103; Alagoas—16.559; Pernambuco—33.110; Parahyba 21.236; Natal—14.856; Macau—16.918; Mossoró—41.281; Ceará—8.519; Maranhão e Piahy—1.212.

Segundo essa estatística vemos que Mossoró foi o maior exportador de algodão para o Rio; e a cotação especial do seu algodão foi apenas igualada pela do de Pernambuco. E' porem, de esperar que as condições do algodão de Mossoró continuem a melhorar, obtendo por consequencia superior cotação sobre a de outras procedencias nacionaes, devido á propaganda para melhorar seu cultivo e aperfeiçoar o seu preparo, iniciada nessa praça, tendo á sua frente o activo e intelligente commerciante Miguel Faustino do Monte, auxiliado pela boa vontade e intelligencia de Bento Praxedes.

A cêra de caruaba forneceu para exportação 132.446

kilos com o valor official de 161:594\$000; courinhos—83.388 kilos no valor official de 248.994\$000; couros de sola—43.054 Queijos 2.905 kilos; notamos que nesses ultimos productos não se acham todas as de procedencia parahybana.

Merece especial menção o sal.

Não é ignorada a grande riqueza representada pelas immensas salinas do Rio Grande do Norte em Mossoró e Macau, as quaes por si sós seriam capazes de fazer a prosperidade do Estado.

As salinas de Mossoró, situadas á margem do rio desse nome e do Upanema, têm uma area não inferior a..... 432.000.000 de metros quadrados, tomando sem exagero, para base do calculo, 6 leguas de extensão, sobre 2 de largura.

Seria a industria das salinas que nada soffre com as seccas, pelo contrario com ellas prospera, um dos mais poderosos auxiliares para abrigar a população faminta que nas crises morre a falta de trabalho.

Por circumstancias diversas, das quaes não nos occuparemos agora, ainda não attingiu o desenvolvimento a que tem direito, a industria salineira do Estado.

Entretanto no anno de 1906, segundo certidão da Meza de Rendas Federaes e da Meza de Rendas Estaduaes, de Areia Branca, a quantidade de sal a granel exportada por via maritima elevou-se á 48.140.762 kilogrammas, e o sal que teve sahida por via terrestre attingiu o numero de... 427.623 kilogrammas; ou seja um total de 48.568.385 kilogrammas; e pagando cada kilogramma o imposto federal de consumo de 20 rs. importa em 971:367\$700. A propria repartição arrecadadora de rendas federaes na capital do Estado ainda está longe de dar aos cofres federaes renda igual a essa.

* *

O movimento das repartições federaes da cidade de Mossoró é, tambem, relativamente grande pois é superior ao de todas as cidades do norte, com excepção, apenas, das capitaes dos Estados, o que prova a actividade da sua vida commercial.

Por um bem organizado mappa fornecido pelo sr. Alfredo F. de Abreu competente encarregado da Estação telegraphica de Mossoró, vemos o seguinte movimento do anno

de 1906: foram transmitidos 4.621 telegrammas locais, com 54.696 palavras e 2.977 de transito com 33.793 palavras; dando um total de 7.598 telegrammas, com 88.789 palavras. No mesmo periodo foram recebidos—3.567 telegrammas com 46.160 palavras. A repartição deu uma renda líquida recolhida á Delegacia Fiscal de 13.360\$384.

A agencia do Correio apresentou o seguinte movimento: foram expedidas 6.963 cartas 527 bilhetes postaes, 961 impressos, 1.838 maços de jornaes, 466 registrados sem valor e 154 registrados com valor declarado de 17.528\$220, 68 officios federaes e 126 estaduais.

Recebimento: 55 officios federaes e 76 estaduais, 7.540 cartas 759 bilhetes postaes, 3.208 impressos, 6.441 maços de jornaes, 727 registrados sem valor, 214 registrados com valor declarado de 44.338\$990.

Embora com diminuta renda ainda—2.156\$560, não é insignificante uma agencia de correio que offerece um movimento de 14.503 cartas particulares e por onde transitam 61.867\$210.

Não ha no Estado outra agencia de correio com igual movimento.

O commercio local tem o seu organ na imprensa—*O Commercio de Mossoró* secundado pelo *Mossoroense*, periodicos publicados cada um em typographia propria.

E' a unica cidade do Estado, depois da capital, que tem podido manter um collegio de ensino secundario.

De passagem podemos apontar dous factos de ordem civica que Mossoró com desvanecimento registra. Foi o primeiro municipio do Estado, então provincia, a libertar os seus escravos, e na Republica foi ainda o primeiro sinão o unico, a respeitar a verdade eleitoral.

Com estes dados procuramos dar uma ideia da vitalidade de Mossoró, que em constantes luctas com a crise geral que affecta ao commercio, ás industrias, á vida nacional, asoberbando os mais opulentos centros da União, e, alem disso, victimado ora por outra pelas seccas, que extinguindo a producção dos centros, directamente affectam sua economia, entregue a seus unicos e proprios recursos, tem com esforço, caminhado de vagar, mas com segurança.

O seu commercio de importação não fica inferior ao de exportação.

Nas seccas é o ponto de apoio para grande zona central deste e dos vizinhos Estados

Em 1898 não foi menos de 200.000 o numero de saccos de generos de primeira necessidade importados pelo commercio —farinha, arroz, feijão, xarque, milho, café, assucar, etc. E' alem disso em todos os tempos para o sertão o intermediario importador de mercadorias diversas—fazenda, ferragens, miudezas, kerozene, louça, etc., etc.

Um ponto commercial de primeira ordem para o Estado, gosando de um conjuncto de circumstancias felizes, naturaes, e que, si por meios artificiaes forem desviadas, nunca poderão desaparecer completamente, não é com certeza, para despresar: é, antes merecedor de attentos cuidados afim de auxiliar e alargar essa natural vitalidade.

Não são numerosas as circumstancias felizes que o sólo norte-rio grandense apresenta para o seu progresso; é preciso aproveitá-las, levar-lhes incremento onde quer que ellas se achem.

Apezar dos grandes empecilhos e meios acanhados de que dispõe o commercio terrestre por animaes, nada menos de 4.000 cargas de sal seguem annualmente sobre o dorso de cavalgaduras, das salinas de Mossoró para a zona do Crato, que representa a feira salineira intermediaria para os sertões do Piaulhy.

Hoje vemos algumas vezes em logar do sal, de preço já elevado, serem conduzidos para o Crato mercadorias diversas principalmente café e kerozene.

Tal é a natural e relativa somma de vantagens que o commercio de Mossoró offerece á toda essa extensa linha de Mossoró para o Crato.

Aproveitar e tirar todos os resultados de forças que se apresentam para a expansão as industrias e do commercio certo é prudencia, é sabedoria, é previdencia; despresar essas forças para tentar experiencias de outras que pareçam capazes de bom exito, é agir na incerteza, e constitue uma tentativa, uma aventura que continuamente e por mais de uma vez tem lançado por terra poderosas empresas, e entusiasticos commettimentos

Nenhum mal advirá ao Estado em fomentar a grandeza do commercio de Mossoró. A capital e o porto de Natal nada soffrerão com o desenvolvimento de outro porto, situado em extremo opposto da costa, com numerosas milhas de permeio.

A prosperidade de todos os portos do Estado será indício seguro da sua riqueza. A competencia que cada um

apresentar, filha de suas naturaes e especiaes condições, indirectamente terá benefico resultado para o outro.

Para não fallar na grandeza norte americana, comparando Washington á Nova York e á Chicago, lembraremos o carinhoso zelo que o glorioso Estado do extremo sul emprega em auxiliar o commercio de Pelotas, aliás proximo á sua capital.

Nada de desprezar ou contrariar uteis forças assignaladas pelas circumstancias que se offerecem latentes; gual-as, erguel-as, aproveital-as, é o segredo das grandes creações das industrias.

E o que apresenta a singular posição de Mossoró em relação á suas salinas e aos centros, é um feixe de forças e elementos latentes, diariamente manifestados, que clamam e esperam intelligente impulso.

* * *

Esse poderoso impulso abrange dois commettimentos á realizar; a linha ferrea de que temo-nos occupado em busca das zonas centraes, e os necessarios trabalhos de açudagem e de irrigação da zona á que se destina essa via férrea, em toda a bacia do rio Mossoró ou Apody.

Esses serviços além da necessidade geral que satisfazem de incrementar um porto dos melhores da costa do norte, dando ao mesmo tempo, valor á não pequeno trecho de territorio nacional, entram no plano de medidas inadiaveis a realizar contra os effeitos das seccas. Não é demasiado repetir: ou em obediencia á imperiosa disposição constitucional, ou em acatamento aos reclamos infalliveis da opinião publica nacional, que sempre se manifesta, ou no proprio interesse material da Republica, ou, finalmente, pela absoluta necessidade moral que a nossa patria sente de não perder os fóros já ganhos de uma afeantada civilisação, não é possível, nas crises tremendas que flagellam esta zona secca, deixar morrer á fome e ao abandono centenas de milhares de seus filhos.

A Constituição o prohibe, a opinião nacional vedará, o interesse material a isso se oppõe, e sentimentos de solidariedade humana, erguem-se contra o esquecimento de uma das mais bellas conquistas sociaes.

Nunca hão de faltar, para a nossa honra, elevados sentimentos para lembrar que si no regimen monarchico « o

Brasil não estava em condições de deixar uma sua provincia, morrer á fome», no regimen democratico não pôde deixar ao abandono, á fome, um dos seus Estados.

Nas crises, pois, a União não deixará de sacrificar grandes sommas de recursos.

E' justamente a occasião menos azada para tirar proveitos desse sacrificio nacional. A urgencia da necessidade a attender, a intensidade dos desastres e dos soffrimentos, as condições diffices originadas fatalmente pelo flagello, a desorganisação de todos os serviços, tudo isso fórma um complexo de circumstancias que forçosamente impossibilitam methodico e util aproveitamento dos meios empregados contra a calamidade.

E' então impossivel trabalhar proveitosamente com as populações famintas; e é onerosissimo, sinão impossivel sustentar centenas de milhares de individuos, mesmo empregados em trabalhos uteis com generos em sua totalidade importados de outros Estados. Faltam por completo os meios de transportes e de locomoção.

Na tristemente celebre secca de 1877 viu-se o pungente espectaculo de transportes no dorso humano: individuos famintos, sedentos, organismos depauperados, conduziam ás costas ou á cabeça, mercadoria dos portos para remotos pontos centraes, onde essa tropa humana, escolhida ao partir entre os mais fortes, chegava exausta, estropiada, escaldada pelo rigor da soalleira, para augmentar o numero dos inuteis e invalidos, logo transformados em novas victimas.

E' fatal: qualquer que seja o tino, a probidade, e o methodo empregados durante a calamidade para soccorros ás victimas, mediante trabalhos publicos, estes serão 80 % menos proveitosos do que se fossem realizados em epochas normaes.

Não é nas crises que se pôde offerecer luta aos effeitos das seccas.

E' em epochas normaes que se pôde aparelhar a zona victimada, com elementos capazes de nullificar os effeitos do flagello.

Felizmente não é novidade essa sã e previdente comprehensão do problema. Já vimol-a aceita e exposta pelo Sr. Presidente da Republica, Dr. Affonso Penna; e a missão do Sr. Dr. Antonio Olintho não é mais do que a sua consagração pratica.

As sommas despendidas por causa das seccas do norte seriam, si applicadas em epochas opportunas, sufficientes para dispensar novos sacrificios que já estariam transformados em forças para à vida nacional.

Si, para evitar despezas, o mal não fôr debellado, successivas seccas obrigarão, como tem succedido, a constante reproducção, que nessas condições não evitarão o sacrificio de populações victimadas em suas vidas e riquezas.

Felizmente temos desta vez a cathegórica affirmação do illustrado Ministro da Industria e Viação, o Sr. Dr. Miguel Calmon, que o problema das seccas será atacado com criterio, com segurança e sem desfallecimentos.

Possam e queiram os poderes locais do Estado, secundar a ingente obra encetada, que directa e immediatamente redundará em seu beneficio.

A competencia conhecida do illustre chefe da repartição permanente de estudos e obras contra os effeitos das seccas, mais do que nós, muito mais, sabe os meios de acção a empregar, os serviços a encetar.

* * *

O sertão do Rio Grande do Norte, temos visto, offerece as mais propicias condições para açudagem: todos os seus rios, riachos, correjos, offerecem varzeas, baixios, que mais além se estreitam entre serras e altos. O seu solo é impermeavel, e todo elle offerece fundamento solido a pouca profundidade.

As vantagens da açudagem, da irrigação, nao podem mais ser objecto de discussão.

O sertão tem caminhado vagarosamente, formando entretanto não pequenos nucleos de população, cuja vitalidade e energia diariamente são postas á prova, já em seu meio, já na conquista e no desbravamento das extensas e insalubres regiões do extremo norte.

E essa terra que se tem mostrado digna de suas irmãs, essa população que nunca envergonhou a Patria, tem-se formado por entre soffrimentos de constantes seccas, gosando apenas nas suas epochas mais felizes, de quatro mezés annuaes em que o cultivo agricola, o geral emprego da sua actividade possa recompensar esse esforço.

Nas epochas felizes o sertão é improductivo durante sete

ou oito mezes; a irrigação methodica do solo, trará possibilidade de producção nessa época esteril.

Será pois a producção triplicada; e com certeza ainda mais, porque a segurança de colher o fructo do trabalho animará o seu desenvolvimento, não mais entregue a aventuras preñhes de desastres.

As condições physicas de força e robustez da população sertaneja, forçosamente hão de melhorar as suas já vantajoas condições. Nas circumstancias actuaes é digno de attenção o typo sertanejo; gerações que muitas vezes passam a primeira infancia famintas, tornam se mais tarde homens sadios, robustos, capazes de acção.

Pela salubridade do nosso clima é que essas gerações em prolongadas e successivas crises, nascidas de paes famintos, criadas com alimentação insalubre e insufficiente, não são dizimadas pela tuberculose, nem outras quaesquer molestias constitucionaes.

Os paizes mais poderosos e cultos da Europa, por todos os meios procuram melhorar as condições physicas, a força, a robustez de seus filhos.

A' «brutalidade» da força que de facto ainda constitue para a politica internacional da culta Europa, o mais santo e sagrado principio a respeitar, á imbecilidade perigosa e trefega dos despeitos, partam d'onde partir, tem necessidade a nossa Patria, de apresentar uma raça forte, robusta e energica, tão incapaz de attentar contra a paz, a harmonia, o direito de outros povos quanto apta e prompta para a repulsa de qualquer ataque. Os filhos do pequeno Rio Grande do Norte, com desvanecimento repetimos, não são uns desconhecidos na conquista da integridade da patria brasileira, nem na conquista dos seus idéaes democraticos. São dignos dos seus irmãos.

E não é facil avaliar a sua influencia de futuro na ethnologia nacional. Essa população exuberante da região secca do norte, maxime Jo Ceará e do Rio Grande do Norte, forçosamente continuará a sua expansão para a bacia do Amazonas, que representa um dos maiores centros brasileiros, exposto á cobiça mundial.

A grande região amazonica, maior do que as maiores potencias europeas, tão cheia de riquezas naturaes quanto as mais ricas do globo, tem a sua colonisação, talvez durante seculos ainda, dependente desse pequeno viveiro humano constituido pelo norte secco.

Segundo uma estatística que compulsamos, antes das tres ultimas seccas a população do Estado do Amazonas contava 60 % do elemento "cearense" nome que ao chegar lá recebe o emigrante nortista de qualquer Estado.

Na ultima secca de 1903 a 1904, cerca de 40.000 rio-grandenses do norte abandonaram seus lares em busca das regiões seringueiras.

Não é pois estranho aos mais capitais interesses da Federação o problema das seccas, ainda sob esse ponto de colonização do extremo norte; e esses colonos não sugarão a seiva nacional para diferentes paizes, nem viverão á cata de questiuiculas promissoras de indemnizações pingues...

Preparar esses colonizadores, desenvolvendo suas qualidades phisicas, sua cultura mental, e favorecer o bem estar local que necessariamente accarretará uma super-população local, evitando, ao mesmo tempo, que essa seja devastada aos milhares, ás dezenas de milhares, triste, barbara e ingloriamente, por tremendas calamidades, não é de certo um problema de somenos importancia que mereça ser descuidado por um governo sabio, previdente e pratico. Não haja receio de extinguir-se pela normalização das condições da região secca, a corrente colonizadora do extremo norte.

O crescente e facil augmento da população do norte secco, está provado por factos evidentes, e o seu território, imporá sempre a necessidade de extravasamento. Relativamente ao seu territorio, o Rio Grande do Norte tem grande população, apesar de constante mortandade que directa ou indirectamente as seccas accarretam; e essa população é toda «sua»: não existem em todo o sertão do Rio Grande do Norte, 12 estrangeiros! Entretanto si é difficilimo ver um gaúcho, um paulista, um mineiro, um fluminense, um bahiano, neste pequeno Estado, não é difficil no Rio Grande do Sul, em S. Paulo, em Minas, no Rio, na Bahia, encontrar um filho da terra de Miguelinho, ou no humilde e honesto labor de operario, ou occupando elevada posição social: aos centos acham-se disseminados por toda a vastidão do territorio nacional.

Não é uma phrase empregada á falta de cousa melhor, dizer-se que os sertanejos do norte são caracterisados por tenaz energia e fortaleza de animo.

Essa característica lhe é impressa pela constante luta aberta contra as difficuldades do meio em que nasceu, e em

que se educa; é a dura escola da necessidade que lhe tem ensinado que um momento de desanimo, poderá trazer-lhe a morte. Si essa qualidade que elle possui instinctivamente, não tem dado os fructos de que é capaz, é por absoluta falta de educação e completa ausencia de cultura de espirito. O que podem fazer, pelo progresso consciente e methodico, pobres sertanejos ignorantes, sem a menor disciplina de trabalho, alheios ás ideias de organização de forças para a consecução de almejadoe fins ?!

Depois da devastação de uma calamidade que acabou em sua totalidade seus mesquinhos haveres, victimando parte da familia, a sua interrompida labuta continúa em cansado esforço.

Desse facto houve uma prova pela estatística da entrada de algodão em Mossoró no anno de 1882.

Tres annos apenas, depois da calamidade de 1877—79 a safra de algodão foi extraordinaria, e apesar das grandes difficuldades de transporte, pois o cavallar se havia extinguido por mais de 80 %, as entradas em Mossoró accusaram 48.000 fardos; não sendo possivel transportar talvez a metade que permaneceu nos centros productores.

Si esse facto não é indicador de esforço e energia de uma população inculta, não sabemos como aquilatar essas qualidades.

Exigit que esse povo methodise seu labôr, se acautele com os indispensaveis meios de previdencia contra os effeitos de futuras, embora certas calamidades, seria exigir o impossivel. Açudes, poços artesianos, serviços de irrigação... Mas si o sertanejo não conhecia nem conhece ainda esses trabalhos ?!

Aquelles meios de luta contra as seccas que lhe chegam ao conhecimento, pode-se dizer que por mera intuição, e que se acham dentro de suas forças, elle os tem realizado.

Na secca de 1825 a necessidade urgente fez conhecer a um observador inspirado que o leito dos rios em alguns pontos, conservava humidade capaz de ser utilizada para plantações: d'ahi para cá os leitos arenosos dos rios, nos logares capazes de producção, se têm coberto de vazantes.

Viu que a accumulção de terra atravessando o leito dos riachos, dos correços, produzia represa d'agua, refrescando terreno: os açudes de terra de anno a anno se multiplicam. Ainda não têm as precisas proporções, os disponiveis recursos são insignificantes: si não são bem construidos é porque não

Como?!

já ma.
do seu
cristos an.
K. da.

houve quem ensinasse methodos perfectos. Obras, mesmo rudimentares, de alvenaria são rarissimas no sertão. Os nossos açudes de terra são considerados mais seguros mais duradouros e mais baratos do que os de «pedra e cal» expressão indicadora dessas obras de alvenaria

Melhorar as condições do solo, armazenar as aguas das chuvas, extrahir-as do subsolo, quem ensinou isso aos pobres sertanejos?!

A profusão de estadistas, doutores e sabios, espalhada nos quatro angulos do Estado, não se tem preocupado em inculir no espirito da população meios e methodos para salvaguardar o seu bem estar, a sua vida, os seus interesses.

A sua preocupação tem sido outra, muito diversa... Não conhecemos, não ha no Estado a mais singela monographia sobre tão vitais interesses, sobre tão capital assumpto.

Esse desamor, esse descaso, occasiona o que se vê em toda a zona secca do Estado: apenas serviços rudimentares contra os effeitos das seccas; mas esses serviços não são insignificantes si considerarmos que são feitos com recursos quasi nullos, por entre os soffrimentos e as desvastações trazidas pelas crises.

São uma prova exuberante do vigor e da energia da população sertaneja da zona secca.

Em boa hora o governo da Republica inicia trabalhos, guiados pela competência scientifica de seus executores.

* * *

A bacia do rio Apody ou Mossoró que como vimos, goza em seu termino da vantagem de um bom porto maritimo, é uma região que forma talvez a metade da zona secca do Rio Grande do Norte, e cerca de uma quarta parte do territorio do Estado. O seu solo conta divisões naturaes quasi distinctas, obedecendo porem aos caracteristicos geraes das zonas seccas entre os quaes podemos citar a ausencia completa de cursos d'agua perennes e de mattas, de florestas, se não quizermos dar esse nome á vegetação pobre e enfezada, excepção feita dos carnaúbaes. Essas divisões naturaes e distinctas mais ou menos, são: as dunas da costa, as salinas, as varzeas de carnaúbaes, a caatinga, o «sertão de pedras» e as serras.

As varzeas de carnaúbaes são situadas nos municipios de Mossoró, Apody, e pequena parte em Caraúbas. São os

terrenos mais valorizados do sertão, devido a extracção da cêra da carnaúba.

E são tambem aquelles terrenos em que mais profundo se encontra no subsólo a camada solida ou pétreo, offerecendo por isso talvez, o mais abundente lençol d'agua subterraneo.

A «catinga» é situada no pouco elevado planalto e taboleiros altos de Mossoró, Livramento e Apody.

Sólo ora petreo argilloso, ora arenoso, vegetação densa, cerrada, garranchosa; são as mattas sertanejas. Ahí, e só ahí, ha abundancia da mancambira, que nas crises é o ultimo recurso da população pobre da vizinhança, a amarga buxa dos famintos; vegeta tambem em abundancia o nopal, conhecido entre nós por palmatoria.

«Sertão de pedras» nome pelo qual é conhecido o sertão, propriamente dito, formando a generalidade da zona secca. Terrenos pedregosos, muito pedregosos e argillosos, são os terrenos fortes do sertão; ligeiramente accidentado de altos e baixos, o que dá logar á baixadas maiores ou menores conhecidas pelo nome de baixios, pequenos valles por onde correm as aguas do inverno: são estes baixios onde com as terras arrastadas pelas aguas formam-se as «c'rôas» dos riachos, os terrenos agricolas do sertão de pedra, fertilissimos, os mais ferteis de todo o sertão, aptos para qualquer lavoura, está entendido, quando naturalmente irrigados pelas chuvas, ou refrescados pelos açudes.

Produzem esses baixios até o milagre de sustentar plantações apenas com duas unicas chuvas, que lhes trazem passageiros e oportunos alagamentos.

As serras pouco elevadas—a do Martins é cerca de 600 metros—são tambem extraordinariamente ferteis e são os pontos mais proximos de abastecimento para o sertão, que constantemente dellas se soccorrem.

A serra de Port'Alegre, e principaimente a do Martins, são relativamente frescas, gozando de um clima ameno e agradável. Durante os calores do estio são pontos procurados como estações de verão.

Segundo observações por nós feitas não muito regulares, durante um anno em pleno sertão, em Caraúbas, podemos calcular a temperatura do sertão em 27° (cent.) media. E' provavel que a temperatura da serra do Martins (a mais fresca) seja em media, dous á tres grãos inferior áquella.

O rio Apody de cuja vertente tratamos, nasce nos li-

O contadi-
ta...

"Bormitoda
d'avel"

mítes do Rio Grande do Norte com a Parahyba, e depois de banhar as opulentas pastagens dos bellos sertões de cima, aproxima-se do planalto do Apody e da cidade desse nome até Mossoró; corre ladeado á esquerda por essa serra do Apody, que não é mais do que uma chapada talvez de 30 a 40 metros de altura sobre os valles proximos, e que com uma largura média de 70 kilometros, separa os valles do Jaguaribe, no Ceará, e do Apody.

A' margem esquerda, rio abaixo, com 18 kilometros da cidade do Apody, ha um pequeno nucleo de casas formando o sitio Brejo; dahi até o povoado de S. Sebastião do municipio de Mossoró; á margem esquerda, 45 kilometros dessa cidade, rio acima, o povoado, e 48 kilometros da cidade do Apody, rio abaixo, elle o rio, corre em estreito valle entre a serra do Apody e a do Livramento; á direita desta.

O ponto mais estreito deste valle é situado logo abaixo da Passagem Funda proximo ao Brejo, com 194 metros de largura, entre as duas serras, que talvez ahi offereçam uma altura superior á 35 metros sobre o leito do rio. E' como já dissemos, esse ponto que se offerece para construcção de um grande açude.

Já deixamos dito tambem qual a maxima largura desse valle, e qual a sua extensão até Mossoró.

O rio serpea por tal fórma entre duas serras, que a contar de Passagem Funda até S. Sebastião, menos de 30 kilometros, quem viaja para Mossoró por esse caminho usual do commercio sertanejo, é obrigado a atravessar o 13 vezes! Isso é feito sem embaraços, na estação do verão; nos invernos a estrada segue por cima da «serra», isto é, pela chapada plana do Livramento a S. Sebastião.

As duas ultimas passagens do rio, proximas de S. Sebastião, não deixam de mostrar sempre uma pequena corrente d'agua sobre o leito arenoso; devido á poços alimentados, pensamos, por vertentes subterraneas que descem dos planaltos marginaes.

Da mesma fórma as duas primeiras, proximas a Passagem Funda. Essas correntes que se vêm nessas duas primeiras passagens, são alimentadas pelo «olho d'agua» do Brejo, pouco distante.

O sertanejo chama «olho d'agua» a qualquer fonte mais ou menos perenne, que corre, ou mesmo que apenas se mostra naturalmente, brotando de pedras, de grutas, de

taboleiros, etc.; quando a agua não se mostra naturalmente, mas é extrahida do subsolo, areia ou pedra, mediante trabalhos de excavações, chama cacimba, de areia ou de pedra, conforme a natureza do sólo. O olho d'agua do Brejo, o mais abundante d'agua que conhecemos em todo o sertão do Rio Grande do Norte, talvez com capacidade de 3.000 litros d'agua por minuto, está situado no referido sitio Brejo, á margem esquerda tambem do rio Apody.

A serra do Apody (chapada) que desde as proximidades da cidade desse nome, acompanha o rio, o qual ora pouco se afasta da mesma chapada, ora banha-lhe o sopé, fórma uma orla ás varzeas do Apody — largas de 6 a 18 kilometros, as quaes, do lado direito, o posto, são limitadas pela chapada do Livramento e seus contrafortes, formados por taboleiros arenosos, que se vão elevando gradualmente e por «altos» formados pelo sertão de pedra. Essa chapada do Apody ao approximar se do Brejo adianta-se para a varzea ao encontro da chapada do Livramento, formando logo abaixo do Brejo o apertado da Passagem Funda; e assim correm as serras paralelas e proximas até S. Sebastião, donde se vão novamente afastando até formarem as largas varzeas de Mossoró, que se adiantam até ás salinas.

Essa entrada brusca que a serra faz para a varzea, no Brejo, occasiona-lhe suave depressão que fórma sobre a chapada ligeira differença do nivel plano da chapada, como que um sulco por onde se encaminham as aguas marginaes.

Esse sulco, um riacho quasi sem leito, vem de cima da serra, em busca do Brejo direcção N. O. para S. E., cerca 6 kilometros antes de chegar ao Brejo, ainda sobre a chapada, espraia se numa pequena varzea; e do meio dessa pequena varzea, calçada de pedras, brota de fendas das pedras, um olho d'agua conhecido por «Olho d'Agua do Abreu» que jorra abundante agua, borbulhante, elevando se a cerca de 0m,11 acima do sólo. A agua continúa em corrente pelo sólo até proximo ao Brejo; desaparecendo novamente, para reaparecer, em maior quantidade, bem ao pé da serra, que ahi orla a varzea, em corte vertical. E' nesse sopé que nasce o «Olho d'Agua do Brejo» no limite da serra com a varzea; entre a serra e o rio, proximo a este cerca de 200 metros. Entre um e outro ficam as principaes moradias.

Jorra abundancia d'agua muito limpida, porém um

pouco salobre, capaz de ser uzada como agua potavel, e que serve para os serviços de irrigação do sitio, onde ha, relativamente ao sertão grandes plantações de cannas, coqueiros, bananeiras, etc.

Entretanto essa admiravel abundancia d'agua, não é perenne. Em seguida á uma secca, acompanhada de uma serie de annos pouco invernosos, sécca completamente. O Abreu, de nivel mais elevado sécca primeiro e um ou dois annos depois o Olho d'Agua do Brejo, ao ponto de extinguir totalmente as plantações de canna. Essas alternativas de abundancia e esterilidade, abrangem maiores ou menores periodos. Assim estando «desabrejado», secco, veio a «abrejar» com o abundantissimo inverno de 1875; continuou «abrejado», fertil, através a secca de 1877—1878, principiando a declinar em 1879, vindo á seccar de 1890 para 1881; esteve pois fertil cerca de 6 annos. De 1879 a 1893 conservou-se esteril; no forte inverno de 1894, abrejou novamente; e assim muito fertil conservou-se pelas seccas de 1898 e de 1900, vindo a esterilizar-se em 1903. Assim esteve fertil cerca de 9 annos; dessa ultima data, até o presente, tem se conservado secco.

Acontece porém que, depois de seccar no Abreu, depois de seccar no Brejo, ao pé da serra, ainda jorra agua embaixo, na ribanceira do rio, ao nivel do talwey.

E' esse jorro d'agua que faz correr pelo rio pequena vertente perenne, a partir do Brejo á Passagem Funda, e as vezes até mais adiante, de sorte que quem, no verão, vem do sertão, não vê signal d'agua no rio, e depois de enfrentar com o Brejo, vê pequena corrente até poucos kilometros adiante; d'ondé novamente se esterilisa completamente o leito do rio de tal fórma que até fallham as cacimbas cavadas no leito a cerca de 10 kilometros do Brejo. Nas proximidades de S. Sebastião, como acima vimos, apparecem ou talvez, reapparecem, pequenas correntes que mais adiante de novo desaparecem de uma vez.

Assim quasi que se não pôde dizer—perenne—o olho d'agua do Brejo, o mais abundante que conhecemos no sertão secco. Alguma fonte perenne que existe no sertão, restringe-se a pequenos jorros d'agua. Nessas condições ha uma na serra de Port'Algre, conhecida por "Olho d'Agua da Bica," que tornece excellente agua aos habitantes da villa; não chega porém para irrigações do sólo.

No municipio de Caraúbas ha uma fonte muito conhe-

cida sob o nome de «Olho d'Agua do Milho», distante cerca de 6 kilometros da villa.

Nasce no meio de ligeiros accidentes do terreno. A sua agua é de temperatura tepida, talvez 35 ou 36°; resfriada porem, é utilizada como agua potavel.

Devido a essa sua temperatura anormal é considerada como fonte medicinal, e como tal usada em banhos por muitos; mas a natureza das aguas não é ainda conhecida apesar de varias tentativas feitas para seu exame, e não sabemos se ha factos que confirmem de modo certo aquella sua fama de medicinal. E' pouco abundante essa fonte; não se presta por isso para irrigações agricolas. Entretanto não ha tradição de ter havido diminuição de sua capacidade, nem tambem augmento: qualquer que seja a abundancia d'agua dos invernos, não soffre alteração.

Talvez seja a unica fonte verdadeiramente perenne do sertão do Rio Grande do Norte.

Rio, riacho, correjo, de curso perenne não ha no Rio Grande do Norte. Em outubro a areia do leito de qualquer rio, riacho, ou correjo, pode sem receio, ser atirada sobre uma escripta para enxugar a tinta. O sertanejo só principiou a acreditar em rio caudaloso depois de frequentar o extremo norte.

Ha ainda em Caraúbas um olho d'agua, com alguma abundancia e muito resistente ás seccas, no lugar Picos, cerca de 35 kilometros da villa. Tem sido muito pouco utilizado para irrigações de terrenos.

No municipio do Patú, cerca de 15 kilometros da villa, existe o Olho d'Agua do Borges. E' abundante, resiste a annos seccos, presta bons serviços para irrigações de lavoura, mas tem fallhado algumas vezes.

Ha mais o olho d'agua da Borracha entre municipios de Caraúbas e do Apody.

Brotta longe de serras, como o Olho d'Agua do Milho. E' excellente a sua agua, não é muito abundante e é pouco resistente ás seccas.

Na chapada do Apody, em cima, a 6 kilometros da ladeira e a 12 da cidade, ha uma fonte denominada Olho d'Agua da Soledade.

No terreno plano da chapada apparece um grande tanque natural, irregularmente cavado em grandes lagedos com uma profundidade de 5 metros mais ou menos; nas bordas, no fundo, no plano descendente desse tanque não se

"Ma"
"ho"

"Picos"

"Borges"

"Borracha"

"Soledade"

vê areia, nem argilla; somente pedra, lagedos. Ao redor é também cercado de lagedos—grandes pedreiras, cheias de rugosidades e saliências, formando grandes crivos agudos, ponteados e cortantes.

Ha dessas pedras algumas sonoras, imitando o som de sinos; por isso são conhecidas por «pedras de sino».

Segundo nos informou antigo morador do local, esse tanque enche completamente nos bons invernos; mas apesar da sua grande capacidade, depressa esvasia ficando reduzido á pequena porção d'agua (foi assim que o vimos) que conserva sempre aquelle nivel baixo e escasso, mas que conserva-se sempre o mesmo. Resiste ás grandes seccas e a agua é má. Entretanto é a unica usada pelos moradores da meia duzia de casas situadas no local. E' ahí onde bebe muito gado da serra e também onde «toma agua» todo o commercio, activo aliás, do Rio Grande do Norte para Baturité e outros pontos de Ceará, porquanto depois da Sociedade segue-se uma «picada» que atravessa a serra, com 48 kilometros de percurso, até descer a ladeira opposta na «Bica,» já habitações cearenses da bacia do Jaguaribe.

O «sertão de pedra» tem o solo em pequena profundidade revestido de densa camada de pedras, rochedos, lagedos, julgamos que de origem granitica, e que a cada passo mostram-se a descoberto pela superficie, formando pedreiras, «serrotes» penhascos, grandes pedras isoladas, etc.

Essa formação difficulta o serviço das aguadas, que tem a sua base no lençol d'agua do subsolo.

Todas as aguadas das fazendas, com excepção d'aquellas servidas por açudes e poços e enquanto esses contêm o elemento liquido, são formadas por cacimbas, preparadas e cavadas nos leitos dos rios, dos riachos, dos correjos, raras vezes em alguma baixa.

Nas seccas prolongadas raras são as cacimbas que não «encostam,» isto é que, não dão no *salão*.

Dar no *salão* significa esgotar a camada subterranea de areia que alimenta a cacimba, e encontrar piçarra resistente e esteril. Perfurado esse salão, o que raras vezes é tentado, quasi sempre é em pouca profundidade encontrada a pedra, dura, resistente, difficil de perfurar.

Acontece, menos frequentemente, que depois do salão, ou mesmo antes d'elle, é encontrada uma pedra relativamente molle, mais facil de perfurar; essa rocha menos resistente é conhecida pelo sertanejo por «pedra d'agua» chamando-se

então á agua da cacimba «agua da pedra.» Em geral a «agua de pedra» é mais resistente ás seccas do que a «agua da areia»; isto é, as cacimbas cavadas na areia esgotam-se com mais facilidade do que as cacimbas cavadas na pedra.

Ha varias cacimbas de pedra que resistem a qualquer secca.

Entre estas é de citar a de Sombras Grandes no municipio de Caraúbas, na orla da caatinga, que nunca seccou.

Fornecem abundante agua; que em geral é salobre, quasi intragavel, servindo apenas para os gados; só é usada como potavel em caso de necessidade absoluta; e nunca é empregada para irrigação de plantações, nem para esse fim se presta por causa dos saes que contêm.

Ha muitos riachos considerados riachos seccos, isto é, cujos leitos não fornecem agua no subsolo, inaptos para cacimbas, devido á pouca densidade da camada de areia.

Os leitos dos rios Mossoró ou Apody e Umary são no subsolo abundantes d'agua.

Uma das cacimbas de areia considerada segura, inesgotavel, que tem affrontado todas as seccas até onde abrange a tradição, é a cacimba do sitio «Serrote» no Umary, municipio de Caraúbas.

Entretanto mesmo desses rios ha trechos cujos leitos não fornecem agua no subsolo para cacimbas, ao alcance de elementares methodos de perfuração, empregados pelos sertanejos actualmente, ou porque a camada arenosa seja excessivamente espessa, no rio Apody, ou porque o calçamento de pedra seja á flôr do leito, como em trechos do Umary.

A generalidade das cacimbas sertanejas são de 1 á 5 metros de profundidade; raramente alcançam 10 á 12 metros, algumas na pedra cujos tanques são perfurados á alavanca e á fogueiras.

Nas varzeas do Apody, e pensamos que nas de Mossoró também, ha abundante lençol d'agua no subsolo. No sitio Brejo ha dous cacimbões, cavados proximo ao rio, com a profundidade de 4 á 5 metros em camadas de areia fina, com misturas calcareas, até encontrar a camada de areia grossa.

Cada cacimbão é um poço de um metro quadrado, ou pouco mais, com as bordas de cima á baixo amparadas por travejamento de madeira.

A agua limpida, um pouco salobre, é extrahida por meio de pequenas bombas e é empregada em usos domesticos.

Adiante do Brejo, rio acima 6 kilometros, no sitio

«S. Lourenço» ha um poço que fornece na mesma profundidade excellente agua potavel e que tambem fornece aguada para gados.

Está situado á margem direita do rio. E' esse poço formado por canos de ferro cravados uns após outros no solo, sem previa escavação; a agua é extrahida á bomba, de pequeno diametro. Ha outro, nas mesmas condições, pouco adiante; e ainda outro mais proximo á cidade do Apody.

E' a varzea do Apody muito menor do que a de Mossoró; aquella porém é muito mais abundante d'agua, pelo menos no sobre solo. Ha na varzea do Apody varias lagôas; entre as principaes nota-se a lagôa do Apody.

E' a maior bacia do Apody, e uma das maiores do sertão do Estado. A falta de dados positivos podemos avalial-a com 10 kilometros de extensão sobre 3 de maxima largura e com 1 á 5 metros de profundidade. E' dividida em dois lagos, ligados entre si por estreito canal.

Está situada ao pé da cidade dando-lhe um bello panorama: fica entre o rio, que corre á 2 ou 3 kilometros afastado, e a cidade.

Da extremidade nordeste da lagôa sae um pequeno canal, correndo na mesma direcção do rio, confluindo ambos cerca de dous kilometros adiante da cidade, estabelecendo-se assim uma comunicação entre o rio e a lagôa,

Quando o rio corre com alguma agua, pouca mesmo, essa reflue pelo canal, despejando-se na lagôa: é assim que esta recebe suas aguas; e logo que a lagôa enche, a agua pelo mesmo canal afflue para o rio, obedecendo ao nivel das aguas deste até um certo limite, chegado ao qual cessa a corrente e a comunicação pelo canal, o que dá-se no fim dos invernos, ficando então a lagôa com a sua natural capacidade.

A lagôa obedece pois ao rio; isso indica que as vezes que ella tem seccado completamente, correspondem a periodos em que o rio tem deixado de trazer agua sufficiente. Sabemos ao certo que a lagôa seccou completamente em 1825; enchendo em 1827 seccou em setembro de 1878, só enchendo a 15 de março de 1880. Em 1885 esteve prestes á seccar.

Em 1903 não recebeu agua do rio; e quasi secca, recebeu em principios de 1904 pequena quantidade d'agua, vindo a seccar completamente em meiado de 1904, enchendo em 1905. E' muito fertil e muito piscosa. Suas vazantes são regularmente aproveitadas. A principal producção agricola

é o arroz: suas boas safras podem ser avaliadas em 320.000 litros.

Nas seccas presta inestimaveis serviços aos habitantes do municipio, além do mais fornecendo recursos para salvar parte da sua riqueza pastoril.

Na ultima serie de annos seccos, 1902—1904, foi o ponto de apoio para o commercio entre os sertões proximos e Mossoró: em suas vazantes eram compradas rações que permittiam ao cavallar sustentar as forças para transportes de mercadorias e viagens.

O commercio de peixe é relativamente activo, principalmente para Baturité, no Ceará. São empregadas na pesca diaria 15 a 20 pequenas canôas.

A lagôa do Apanha Peixe, que embora situada no municipio de Caraúbas é em continuação á varzea do Apody, é menor e menos profunda que a do Apody. Talvez por essa pouca profundidade, que faz com que entre dezembro e fevereiro, tempo em que se espera o inverno, os terrenos fiquem todos igualmente seccos, não é aproveitada para cultura de vazantes; é porém muito piscosa e o novo inverno encontra-se sempre secca, ou prestes a seccar.

Está situada entre Caraúbas e Apody, distando 20 kilometros da villa de Caraúbas, 12 da cidade do Apody e 9 da Passagem Funda.

Entre 1890 a 1892 uma comissão de Caraúbas, para soccorros publicos fornecidos pelo poder federal aos indigentes flagellados pela crise, fez ali uma parede de terra, afim de elevar o nivel das aguas, obrigando-as a escoarem-se por um ponto mais alto; o serviço porém não foi dirigido por profissionaes, mediante os necessarios estudos e exames; de sorte que apenas num anno produziu o desejado effeito: duplicar a capacidade da lagôa.

Em 1894 o abundantissimo inverno occasionou, pela nova passagem das aguas, escavações nesse terreno sem fundamento solido á superficie, reduzindo a lagôa á sua primitiva capacidade.

Foram gastos cerca de 11:000\$000.

Recebe agua de varios riachos do municipio de Caraúbas, sangra pela varzea para o rio, e nas cheias deste ha refluxo d'agua.

Proximo a essa existe, tambem no municipio de Caraúbas, ainda em ramificação da varzea do Apody, a pequena agôa do Pacó que embora distante da margem direita do rio

cerca de 7 kilometros, tambem recebe delle e da lagôa do Apanha Peixe, agua pelo refluxo através á varzea. Dista cerca de 8 kilometros de Passagem Funda.

A lagôa da Boa Vista, maior de que a precedente, acha-se á margem esquerda do rio, proxima á serra do Apody; dista cerca de 3 kilometros do rio, onde recebe tambem refluxo d'agua, 6 da cidade do Apody e 12 de Passagem Funda.

Seus terrenos são regularmente cultivados em vazantes. Sécca com oito a dez mezes de verão.

Ha ainda proximas á cidade, duas pequenas lagôas, Secca e Redonda, que conservam agua durante poucos mezes; e os seus terrenos são aproveitados para vazantes.

Proximo ao Brejo ha uma pequena e raza lagôa— do Sacco, que nas seccas é aproveitada em vazantes.

No meio da varzea vê-se ainda a pequena lagôa de S. Lourenço.

Todas essas lagôas, e essa varzea toda, com o grande açude da Passagem Funda ficariam reduzidas a um só grande e bello lago, capaz de resistir ás mais prolongadas seccas; com agua para irrigar terrenos agricolas até Mossoró, aproveitando a simples força de gravidade das aguas; e capaz de formar o maior nucleo de população do Estado, mediante uma barragem apenas de 194 metros!

Não é possível local mais vantajosamente situado para um açude.

Talvez mais de um terço de todas as varzeas do Apody (Apody, Brejo e Caraúbas) nas cheias do rio, ficam alagadas; essa agua porém escoa-se á proporção que o rio baixa, ficando as varzeas resequidas e estereis, porque o seu solo é formado de um massapê escuro que demanda muita agua e constante irrigação para offerecer vantajosa producção agricola. E' o que se vê no Brejo; com olho d'agua abundante, o seu sólo é fertilissimo: temos visto extrahir-se de uma canna dez garrafas de caldo; secco o olho d'agua, o terreno muito perde de sua fertilidade.

São as varzeas orladas por pontas de taboleiros e altos, que ora approximando-se, ora afastando-se, offerecem a configuração de illas, golphos, cabos, etc., augmentando ou diminuindo os carnaúbas, cujas safras podem ser calculadas em um maximo de 45.000 kilogrammas

Por tudo quanto acabamos de ver, não faltam ele-

mentos de vida á extensa região, a quarta parte do Estado, que fórma a bacia do Apody ou Mossoró.

Porto marítimo, riquissimas salinas, varzeas, sertão de pedra e caatingas para a criação de gados, assombrosa exuberancia dos baixios e fertilidade das serras, são poderosos elementos de prosperidade. Perdem grande parte da sua vitalidade nas seccas, que constantemente fazem retroceder os passos dados em avanço.

E esses passos de avanço só pôdem ser tentados com a prudente cautella de quem arrisca pequenos haveres, custosa e difficilmente ganhos, em imminente risco de surpresas capazes de os aniquilar.

Entretanto os meios de remediar tão graves males não são mais secretos; a sciencia e a pratica com segurança os apontam.

Ha quinze annos, em 1892, em ligeiras notas sobre o assumpto, escrevemos: "Ha, á meu vêr, uma triplice medida para a salvação do sertão: a construcção de açudes, de poços artesianos e de estradas de ferro. As duas primeiras garantem a vida do sertanejo; a ultima dá valor aos productos."

Nada, absolutamente nada, conhecemos do nosso subsolo. Quem sabe que surpresas nos poderá offerecer o seu estudo?

Quem conhece as immensas vantagens que poderá trazer o elemento liquido do subsolo, para a irrigação de nossos campos?!

São immensos os resultados offerecidos pelos poços artesianos na America do Norte, conforme se vê do relatorio apresentado pelo Dr. Antonio Olyntho.

Ainda pedimos permissão para uma ligeira transcrição do citado relatorio:

"Nos logares em que os cursos d'agua faltam, ou não se acham em pontos apropriados para sua utilização, torna-se mister procurar as aguas subterraneas, por meio de sondagens. A existencia das aguas no subsolo é um phenomeno geral; ellas acham se cobertas pelos tratos da terra, como o sangue está occulto pela pelle no corpo humano.

A sondagem é um serviço que em qualquer hypothese, dá resultado. Foi ella que revelou a maior parte das riquezas mineraes exploradas no mundo.

Infelizmente nada temos feito ainda em nosso paiz para o conhecimento do subsolo.

Mas si ha entre nós um serviço urgente a fazer se, no

interesse das zonas seccas e da solução de outros problemas nacionaes é incontestavelmente a sondagem.

Em um paiz vasto como o nosso, de escassa população espalhada por todo elle, o problema governamental é complexo; mas para acudirmos a um mal conhecido, com remedios usados com proveito por outros povos, não podemos perder de vista que, principalmente nos Estados assolados pela secca, torna-se mister: a conservação das mattas em torno dos mananciaes, e ao longo dos valles dos cursos d'agua existentes; a armazenagem das aguas dos rios e das aguas pluviaes em poços convenientes para a irrigação dos terrenos ribeirinhos, aproveitando a acção de gravidade; sondagens do terreno em busca das aguas subterraneas, e construcção de poços nos logares onde for encontrado um largo deposito de taes aguas; e construcção de estradas de ferro ou de rodagem, approximando um dos outros povoados, para a permuta de soccorros nos dias de adversidade, e para troca de productos nos dias de abundancia, como meio de fixar as populações no centro do paiz, e de estimular nellas o amor da cultura do solo, pela segurança dos seus resultados.

Essa é a experiencia dos outros povos mais velhos, que nos cumpre aproveitar agora, quando por toda a parte despontam symptomas promissores para o desenvolvimento nacional, que ha de ser uma realidade em futuro mais ou menos proximo."

Essas palavras do illustre engenheiro têm inteira applicação á região que temos analysado. A sua hydrologia reclama estudos, os seus campos se offerecem com a maxima propriedade para a construcção de açudes, e o seu porto que não é nenhum parasita, pois—unico no Estado—tem fornecido annualmente 1:000.000\$000 de rendas aos cofres federaes em sua especial posição geographica, pede uma linha ferrea que levando a prosperidade á longinquos sertões, colloque-o na esphera a que está destinado.

Já é tempo sobrado de pôr um paradeiro ás terriveis calamidades que extinguindo dezenas de milhares de vidas, exigem o sacrificio de dezenas de milhares de contos de réis, extorquidos á riqueza nacional, e cujos fructos são iguaes aos produzidos pelo desaparecimento das victimas que tombaram; a tristeza e o abatimento para os sobreviventes, certos de que novos sacrificios pecuniarios tão indispensaveis e fataes quanto estereis, e novas victimas, continuarão a ser tragados pelos futuros e proximos flagellos...

VI

GRANDE MAL:

GRANDE REMEDIO

Nada mais digno de attenção, pelo ensinamento que fornece, do que o momento critico que o sertão do Estado, ou antes todo o Estado atravessa neste momento de cruel expectativa.

—Virá a secca? Virá o inverno?

São estas as anciosas perguntas que empolgam todos os espiritos.

O socego de uma população inteira, a vida de milhares de individuos humanos, as relações economicas, o movimento commercial, o bem estar de centenas de milhares de brasileiros, tudo isto acha-se a pique para ser decidido dentro de um mez, dentro de poucos dias.

Secca ou inverno?

Dentro de poucos mezes esta população forte, honesta, laboriosa, intelligente, será expulsa de seus lares, rolará pelas estradas, vagabunda, maltrapilha, faminta, até ás cidades onde as epidemias terão a caridade de extinguir-lhe os soffrimentos?

Essa população util, que trabalha, que se aperfeioa, que souha com a elevação de sua patria, ficará reduzida a um amontoado de mendigos, impotentes para o trabalho, animados apenas pelos instinctos de conservação, erguendo suas vozes em maldições? Pestilentas exhalações de cadaveres humanos misturar-se-ão ao apodrecimento de todos esses rebanhos que alastram os campos sertanejos?

Os campos cobrir-se-ão de verdura, jorrará agua em abundancia, fertilizando as sementeiras, a alegria permanecerá no rancho do pobre, continuando no lar do abastado? As estradas se pejarão com o fructo do trabalho sertanejo, cui demanda dos centros commerciaes do Paiz?

A riqueza publica será impulsionada pelo trabalho e pela producção ?

Haverá secca ou inverno ?

O luto, a dôr, a desolação, o desespero, ou a alegria do trabalho, o estímulo que a consciencia do valor produz ?

Secca ? Inverno ? Eis a ánciosa expectativa do momento, já por si um grande mal : a sua primeira consequencia que já se faz sentir é a paralyzação quasi completa da vida economica.

O que é preciso para normalisar esse estado de cousas, esse pesadelo que opprime, que pesa como chumbo sobre uma população ? Agua ! simplesmente agua em abundancia ! Caia uma chuva de ouro, chovam diamantes, a vida do sertão não ficará normalisada ; o campo continuará esteril, o solo improductivo e o torrão natal será abandonado. Venha agua : as flores cobrirão os prados, o trabalho produzirá fructos, o lar será povoado e bendito.

Será realisavel esse sonho de fertilidade, será exequível esse pensamento de pôr á disposição do trabalho a necessaria agua para o exito de seus esforços ?

Certamente. A sciencia dispõe de seguros meios ; a practica e a observação dos factos não deixam mais logar á duvidas. Jorre dos poços o precioso liquido ; permaneçam como protecção segura e efficaz as grandes reservas sob poderosos diques e a penuria, os temores, o flagello, a esterilidade do solo, serão riscados dos calculos da população inteira.

Si desgraçadamente acentuar-se a crise que ameaça, dos mil açudes do Estado 90 % em meados do anno estarão seccos, pois desde abril de 1907 não recebem supprimentos; e os 10 % restantes estarão reduzidos a pequenos charcos, incapazes de resistencia ao flagello.

Só os grandes depositos d'agua, capazes de poderem irrigar longos trechos de terrenos, poderão sobrepujar o feroz inimigo que tão impiedosamente assola, devasta e esterilisa grande trecho da bella patria brasileira, habitado por um povo que sob a humildade dos anonymos, tem a energia sufficiente para fornecer, talvez, mais da quarta parte de toda a renda da União, pelo seu trabalho exaustivo no extremo norte, onde, por mais de uma vez, com o seu sangue, tem feito conhecer á estrangeiros ambiciosos o valor da nacionalidade brasileira.

O momento actual fornece esse ensinamento : só, exclusivamente os grandes açudes, poderão arcar com as grandes sêccas.

VII

A LAVOURA

O assumpto de que vamos tratar—o milho forragem—foi-nos lembrado por um bom artigo do "Boletim" da União dos syndicatos agricolas de Pernambuco, em novembro de 1907. A' primeira vista parece que entre nós, no actual momento, é um disparate dar attenção a tal assumpto. Examinar as qualidades do milho como forragem, isto é, dar a conhecel-o como tal, em seus multiplos productos, como um dos alimentos principaes para o sustento e criação de diversas especies irracionaes, numa epoca em que elle não chega para as mais urgentes necessidades de estomagos humanos, parece uma inutilidade, ou mais ainda—um escarneo.

Entretanto não o é como se vae ver, pois os roçados de «milho perdido», isto é, as plantações de milho que por falta de chuvas não chegam a produzir o grão, sendo convenientemente aproveitados, mesmo «perdidos», darão, como forragem, maxime nos annos escassos, resultados ainda capazes de deixar favoravel lucro.

A nossa questão primordial, a nossa «delenda Carthago», o problema basico do sertão, é a irrigação do solo. Antes de obtido esse resultado, antes dessa victoria, para a qual devem convergir todos os esforços sertanejos, qualquer outro trabalho, qualquer tentativa, qualquer esforço para tonificar o depauperado organismo sertanejo, será aventuroso palliativo, as mais das vezes inutilizado ante a devastadora esterilidade das seccas.

O doentio heroismo de D. Quixote creava perigos para affrontal-os ; muitas vezes, porém, tundas cruentas, coroavam tão caros ideias. Não precisamos, nós outros communs mortaes, imaginar inimigos para affrontar : o grande mal ahi está e não nos abandona — a secca. Mas é preciso, para não imitar o immortal cavalleiro da Triste Figura, não tentar batel-o a golpes de enferrujada lança, com assomos de investidas de loucos sonhadores.

E' entretanto indispensavel que a par do perseverante trabalho para melhorar o solo, o sertanejo vá aproveitando todos os recursos, fracos e vacillantes embora, que as condições proprias do seu meio apresentam.

A cultura do algodão é uma das mais recommendaveis, pois em certas circumstancias offerece capacidade para prosperar em irregulares estações.

Entretanto é urgente não descuidar a criação de gados, pois esta é ainda, inquestionavelmente, a base da vida sertaneja. Fornece alimentação vigorosa, renda ao rico que vende suas boiadas, e ao pobre que só tem para vender o cabrito que «apartou» da cabra que dá leite para sustento do seu filhinho.

Alimenta a vida das cidades centraes que vêm os comboios carregados de mercadorias abastecendo o mercado; e serve de arrimo ao pobre matuto que se emprega em transportes. Nas condições actuaes do sertão do Estado é impossivel a vida social sem o animal de carga: é o unico elemento de transportes; tanto serve para conduzir os ricos e pomposos noivados, como para carregar a ingrata macambira do faminto. Conduz o vigario que faz a festa parochial, o juiz que abre o jury no districto, e o vaqueiro que arrebanha o gado.

Merece mesmo zelos e cuidados. E' a criação digna de carinhos. Quem viaja em tempo de secca, não examina se encontrará bom agasalho nesse ou naquelle pouso. Busca cuidadosamente, fôrça mesmo a viagem para alcançar o ponto em que encontrará comida e agua para os animaes da conducção.

E' pois da maxima importancia cuidar de forragem para a criação. O milho é a principal, em todas as suas fórmas.

Dessa utilissima planta tudo é aproveitavel. «E' de incalculavel valor para o criador. Que cada criador se convença, do Boletim, esta citação, é de que necessita de alimento certo para seus animaes. O milho pela riqueza de alimentos que encerra, pela rapidez de vegetação e rusticidade que apresenta, está destinado a ser a base sobre a qual devemos a transformação da nossa pecuaria.

A grande riqueza pastoril dos Estados Unidos pode-se dizer que repousa no cultivo assombroso do milho.

Na alternativa de abundancia e de fome, o bom tempo mal dá para reparar os estragos que a secca produz no orga-

nismo, e os animaes se tornam rachiticos, degenerando cada vez mais.

Todo criador deve estar prevenido para combater este mal, conservando sempre os animaes, na peor epoca, em condições de se manterem com saude e vigor.

Suppõem que é mais vantajoso lançar 500 rezes em 300 ou 400 hectares, obtendo bois de 150 kilos, do que possuir somente 100 cabeças de gado em prados abundantes e cuidados, obtendo animaes de 400 e mais kilos de peso liquido. Para chegar a este resultado cada criador precisa ter bons prados, naturaes ou artificiaes, e dispor de alimento sufficiente para fornecer ao seu gado nos dias de verão.

Este alimento se encontra no milho combinado com a canna e a mandioca."

E esse artigo citado aconselha que deve se cortar os pés de milho ainda verde, e arrumal-os verticalmente para seccar, com as espigas. Depois de seccas assim, leval-as a uma machina apropriada, dentre ellas cita o desintegrador Carlos Botelho, que vae reduzindo a farello o caule (o «talo») e as folhas, deixando cahir ao lado as espigas já desfolhadas. Para formar uma forragem perfeita pode-se lançar algumas espigas na machina, e tambem cannas em pequena quantidade, para adoçar o farello, que assim é mais facilmente aceito pelos animaes.

Da maneira exposta não seria tão vantajoso aproveitar um roçado de «milho perdido»? Essa forragem assim preparada mesmo sem espigas, e sem canna, aproveitados até os talos da planta, não compensaria em annos escassos, todas as despesas?

Sabe-se que no tempo critico os nossos animaes comem tudo, quanto mais esse farello.

Não resta a menor duvida que em um anno escasso, essa forragem assim aproveitada de um roçado de «milho perdido» teria muito maior valor do que o proprio milho se fosse colhido em anno regular.

E' preciso experimentar. A grande dificuldade é fazer conhecer o machinismo aperfeiçoado. Ali é que se faz necessaria a intervenção dos governos. E deve ser esse o seu fim: auxiliar, amparar e ensinar a população.

E' para isso que cobram impostos. As proprias municipalidades, deviam esforçar-se para mostrar, expor a seus municipes, todas as medidas uteis e praticas para melhorar as industrias.

Não é para sustentar parasitas que a população paga imposto. E' preciso que isso fique bem compreendido: é para beneficio geral. Os municipios agricolas principalmente, os mais interessados, não se devem descuidar.

Ataquemos a secca pela base: irriguemos o sólo; mas emquanto não é conseguido esse resultado, lancemos mão de todas as medidas auxiliares e complementares do desenvolvimento do depauperado organismo do Estado.

1968

VIII

AGUADAS

Não é facil a quem não tem experimentado a vida sertaneja, não essa vida sertaneja cheia de flores nas campinas, amenos regatos e perenne concerto da passarada, sob o sombrio das mattas, qual descrevem os poetas, mas a vida que se desenrola nos sertões seccos, em crises agudas—não é facil conhecer a sua realidade.

Em vez de verdejantes mattas, esqueleticos arbustos, sem uma folha, em grande parte já mortos, sendo preciso para distinguir algum resto de vida cataleptica, quebrar um galho que ateste a presença ou a ausencia de qualquer seiva. Uma gotta d'agua á superficie, o olhar não descobre, mesmo no leito de rios com percurso de 300 e 400 kilometros.

Para obter miseravel razão d'agua é preciso cavar, remover areia, furar o granito, para estabelecer cacimbas.

No leito dos grandes rios, a cavação é facil: e quasi sempre o elemento liquido apresenta-se a pouca profundidade.

Para aquelles, porém, que não residem á margem dos rios, o problema é mais difficil. Quasi sempre com pouca profundidade vêm camadas resistentes, e logo o granito, duro, secco, estanque. Entretanto é preciso continuar, redobrar de esforços: o supprimento diminue e o gado berra á sêde.

A marreta e a alavanca, arrancam fagulhas das rochas; mãos callosas, dorsos alagados de suor, dentro de tanques cortados na rocha viva, já com doze, vinte palmos de profundidade, de quasi igual superficie quadrada, manejam os ferreos instrumentos, com desespero e com desalento.

E-o granito resistente, ingrato, vae largando pequenas lascas, insignificantes cascalhos; de alguma fenda brota tenue gottejamento, insignificante "choro": é a esperança de rouffper a camada de granito para encontrar a "pedra molle", a "agua de pedra". Mas... até onde irá o granito?

Qual a sua profundidade?

Muitas vezes depois de penosos esforços, é preciso abandonar o tanque, que se foi tornando mais esteril á proporção que era aprofundado, e encetar nova cacimba em outro lugar, perto!

El gado berra á séde, definha, morre, e o cansaço, o desalento invade a todos. A crise é aguda; os recursos estão esgotados; os braços para o trabalho escasseiam: os retirantes morrem nas estradas e nos portos!

Como se vê são os mais rudimentares possíveis os meios empregados para a perfuração de cacimbas. Instrumentos próprios ao trabalho, aconselhados e usados por populações mais adeantadas, estão ainda fóra do poder de aquisição e de emprego do sertanejo.

Não os conhecem, não sabe empregar-os, ignora a sua utilidade. Ainda não houve uma alma caridosa e providente que os approximasse delles.

E as mensagens officiaes affirmam, ha annos, que o problema das seccas entrou na phase de sua decisiva solução!

Ignora o sertanejo ainda, o modo de empregar o explosivo como auxiliar para quebrar pedras! Essas cousas practicas não são aprendidas por intuição, por meio de dons enviados pelo céo clemente! Uma viagem ao Rio de Janeiro para ver simples cavouqueiros arrebentar pedreiras, não é difficil ser executado: nada mais facil, nada mais simples do que enviar dous homens practicos no serviço, dous simples operarios acostumados a modicos salarios, sem escriptorios e sem pessoal tecnico, para em um mez apenas, ensinar ao sertanejo a rebentar o seu sólo granitico por meio de explosivos!

Não é certamente esse o meio mais apropriado para a abertura de poços, mas é sem duvida o unico que no angustioso momento poderá acudir á grande falta de aguadas que se faz sentir na presente secca.

Si ficar o sertão á espera dos poços artesianos, é muito possivel que uma ou duas gerações ainda tenham os mesmos soffrimentos das actuaes.

Em 1831— fazem portanto 77 annos— a regencia trina promulgou um decreto que dizia em seu art. 1º: "O governo mandará abrir fontes artesianas podendo empregar neste trabalho Engenheiros naturaes ou mandar vir da Europa Engenheiros bastantemente habeis em as fazer."

Dous ou tres annos depois, vimos, foi contractado um inglez para esse serviço, no Ceará.

Já lá se vão setenta annos, e a marreta e a alavanca ainda são os unicos meios possíveis para o sertanejo cavar a agua. Não será tempo de enveredar em um terreno mais practico?

Os sentimentos de humanidade não obrigarão a socorrer de verdade esse pobre povo?

1908

Nossas Terras

As condições especiaes da vida, dos costumes, do sólo e da natureza desta parte sertaneja sujeita ás seccas, não têm sido devidamente apreciadas e estudadas; não são mesmo conhecidas. D'ahi os disparates de certas medidas, aconselhadas para solução do problema das seccas, algumas vezes até por aquelles que são chamados a dar a palavra official sobre o empreendimento. Medidas verdadeiramente extravagantes que nós, os incompetentes de cá, não podemos levar a serio, têm sido patrocinadas e apresentadas por profissionaes competentissimos e de reputações firmadas. E essas extravagancias, que têm o prestigio official dos governos, em nome do qual são apresentadas, augmentam a confusão e difficultam medidas praticas, simples, mas capazes de proficuos resultados. E isso é mal velho. Na secca de 1877 vemos a alta capacidade de André Rebouças, que não póde ser posta em duvida, aconselhando ao governo enviar para o Ceará «alambiques» afim de destillar agua do mar. Aqui mesmo no Estado vimos um seu representante, o Dr. Pereira Reis, nome respeitado entre os scientista, aconselhando aos fazendeiros a construcção de açudes de terra com argilla amassada e molhada, transportada a necessaria agua para o serviço em vias ferreas adrede construidas; e terminada a obra, cobrir a parede com uma couraça de ferro e aço para evitar os estragos de formigas e de talús! Por ultimo ha um professional apregoando pelos jornaes do Rio a canalisação do S. Francisco mineiro, como unica medida de salvação contra as seccas, sendo preciso, porém, que numerosas barragens e canalisações em rios sertanejos formem um completo systema de distribuição de aguas fertilizando toda á area das seccas!

A este ultimo podemos sem medo de errar, responder que se forem dadas ao sertão das seccas esse systema de barragens e canalisações em seus rios, poderá ficar em paz, rolando suas magestosas ondas, o S. Francisco mineiro, evitando talvez ainda um seculo de estudos para sua canalisação.

Essas ligeiras considerações foram suggeridas ao vermos um questionario enviado pela Repartição de Estatística, pedindo entre outros, qual o valor medio das terras, neste municipio (Mossoró). Ora, neste municipio, a propriedade territorial recebe valores tão diversos que uma media não pôde dar idéa clara sobre essa gradação. Assim (sem nos occuparmos por enquanto com o valor das salinas) as terras do municipio podem ser divididas em tres classes diversas: terras seccas (é a maxima parte) terras de carnaúbal e terras de vazantes. Examinemos os valores segundo os preços communs. As terras seccas são geralmente, entre nós, compradas e vendidas a 2\$000 a braça, o que dá 909 reis para cada metro; arredondemos o preço para 910 reis cada metro.

Esse modo de dizer, porém, braça a 2\$000 ou metro a 910 reis, significa, respectivamente, o preço de uma braça ou de um metro de frente com um fundo de uma legua, 2.400 braças ou 5.280 metros. Nas condições expostas essa superficie representa o preço de 0,172,—172 millesimos do real para cada metro quadrado ou—1\$720 para cada hectare.

Examinemos o carnaúbal. O preço medio do carnaúbal é de 15\$000 a braça ou 6\$818 o metro; mas essa braça ou esse metro com um fundo de 600 braças, ou 1.320 metros (os carnaúbaes deste municipio têm pouca largura) indicam para cada metro quadrado o preço de 5,165 réis,—5 réis e 165 millesimos do real, o que dá para o hectare do terreno de carnaúbal o preço de 51\$650.

Vejamos o valor dos terrenos de vazantes. Primeiramente faz-se mister notar uma originalidade quasi incrível: neste municipio os terrenos de vazantes, ou por outras palavras que só entre nós têm significação, os terrenos mais regularmente cultivados, que melhores rendimentos têm produzido por sua cultura agricola, são representados pelo talweg do rio Mossoró, rio que tem cerca de 300 kilometros de curso. Isto é, o leito do rio maior do municipio, e principalmente em sua parte mais profunda, é o terreno mais regularmente cultivado e que melhores lucros deixa! E por isso mesmo são os mais valorisados, pois no municipio não ha açudes.

Queira alguém comprar vazantes em S. Sebastião (leito do rio) talvez não encontre quem as queira vender a 4\$000 a braça, isto é, a 1\$818 o metro; mas essa braça ou esse metro no leito do rio, representa uma largura de 20 braças

ou 44 metros, respectivamente, o que dá para cada metro quadrado o preço de 41,318 réis — 41 réis e 318 millesimos do real ou finalmente 413 180 para cada hectare. Resumindo: o hectare de terra secca custa 1\$720; hectare de terreno de carnaúbal custa 51\$650, e o hectare de vazantes, no leito do rio, 413\$180. Por esses simples dados deduzidos do valor real e commum da propriedade territorial, é facil ver que uma media, si exprime rigorosamente um calculo numerico, não dá, no caso, uma idéa siquer approximada de gradação de valores das terras. E note-se que fizemos exclusão de quaesquer bemfeitorias.

Salta ainda aos olhos a immensa valorisação que a irrigação traz ás terras entre nós.

*
**

Já vimos o valor das terras do municipio: terras seccas 1\$720 cada hectare, de carnaúbal 51\$650 e de vazantes, no leito do rio Mossoró, 413\$180. Esses valores podem ser generalisados á todo o sertão do Estado. Si, por exemplo, no Assú, a braça de terreno de carnaúbal tem alcançado até 50\$000, essa braça exprime um fundo de uma legua, 2.400 braças, o que dá para o hectare o valor de 43\$044. E' preciso notar que essa expressão—terra secca não exprime, entre nós, terra arida, impropria para a cultura. Nos invernos regulares as terras seccas do municipio de Mossoró, e de todo o sertão, são fertilissimas: produzem admiravelmente algodão, milho, feijão, fumo, mandioca, fructas, etc. Tornam se estereis nas crises de secca.

O seu aproveitamento depende unicamente de irrigação. Além disso são essas terras seccas que constituem a generalidade dos campos de criação. Não são consideradas terras seccas os terrenos situados ás margens de rios, com suas co-roas, os baixios de alguns riachos, e algumas serras.

Toda a chapada de Mossoró, Upanema e Apody é terra secca; e assim tambem até trechos marginaes do rio Mossoró. O vâlle desse rio, dos limites deste municipio com o do Apody até esta cidade, tem cerca de 50 kilometros de extensão, com uma largura media de 3 kilometros, ou 150 kilometros quadrados, ou 15.000 hectares.

Esse valle é composto de carnaúbaes, embora em alguns trechos seja o carnaúbal pouco deuso e escasso.

Esses 15.000 hectares de carnaúbaes, ao preço que vimos, representam o valor de 774:750\$000 !

Si esses terrenos fossem convenientemente irrigados, adquiririam valor superior aos terrenos do leito do rio. Formados de «corôas» ás margens do rio, não estariam sujeitos aos riscos que as vazantes do rio soffrem por qualquer enxurrada; e o carnaúbal pouco denso, quasi nenhum nas corôas, não prejudica á lavoura. Admittamos, porém, que o seu valor não fosse além do valor dos terrenos de vazantes do leito do rio. Ainda assim os 15.000 hectares attingiriam a 6.197:700\$000, isto é, teriam um augmento de valor de 800% ! Esse accrescimento de valor attinge a proporções incríveis na comparação de terrenos seccos com terrenos de vazantes. Com effeito, já vimos que o hectare de terra secca custa entre nós 1\$720 e o hectare de terra de vazantes 413\$180. Nesse ultimo caso, simples irrigação regular de um terreno secco eleva a sua valorisação á taxa espantosa de 24.022% !!

O sertão do Estado é composto de terras férteis, admiravelmente férteis. O milho e o feijão, no terceiro dia depois de plantados, já «apontam» nas covas, e ao quarto dia já estão «todo de fóra». Em outros Estados o tempo é duplo.

Em algumas serras, Martins, João do Valle, etc, ha plantações de algodão, feijão, milho, feitas em terrenos tão pedregosos que é preciso que os plantadores conduzam uma mochila com terra para cobrir a cova, pois esta muitas vezes é aberta apenas pelo afastamento, com o canto da enxada, de pequenos seixos. Entretanto, quem desconhece a encantadora perspectiva e a exuberancia da agricultura de nossas serras? ! Quem não está habituado a ver e a soffrer as extremas alternativas de aridez e de pujança productora das terras sertanejas não pode sequer imaginar que um trecho de terra que agora vemos esteril, coberto de cascalho, de cardos, escaldando á inclemencia da soalheira, seja capaz de uma fertilidade fóra do commum em propicia estação !

Si tivéssemos de responder qual a área cultivavel neste município, responderíamos sem medo de errar: Com excepção dos terrenos de salinas, e dos blocos desnudos e inteiriços de rochas, raros, toda ella é apta para a producção agricola. A questão é de humidade. Si, porem, aquella palavra—cultivavel—implica terrenos com humidade sufficiente para cultura agricola, neste caso responderíamos, tambem com segurança: A não ser em alguns trechos do leito do rio, em sua parte mais profunda, não ha terrenos regularmente cultiva-

veis, pois tem muitas e muitas vezes fallado humidade sufficiente para qualquer cultura agricola; e neste anno ate a parte cultivavel do leito do rio está reduzida a menos da metade!

Essas respostas podem ser generalizadas a todo o sertão, levando em conta a irrigação fornecida pela pequena açudagem que não se faz sentir no municipio de Mossoró, onde não ha um só açude.

Fóra do meio sertanejo é um disparate fallar em agricultura da parte mais profunda do rio; entretanto, sempre, mesmo em annos de estações regulares, os leitões dos rios, os depositos das lagoas e dos açudes, representam terrenos cuja producção já influe no viver sertanejo; e nas crises é a mais segura sinão talvez a unica.

O sertão deste Estado apresenta condições especiaes, especialissimas. E' preciso fazel-as couhecer, para que os remedios que reclamam attingam o seu fim, e as vantagens que offerecem sejam convenientemente aproveitadas.

*
**

Não nos cansaremos de repetir, seja embora já conhecida verdade: não ha terras mais férteis, nem mais proprias para a cultura agricola do que as do nosso sertão secco.

Conhecemos terrenos com mais de cincoenta annos de cultura ainda em toda sua pujança, sem que a mais diminuta porção de adubo tenha sido empregada. O unico adubo de que necessita para sua fertilidade é humidade sufficiente. As terras do sertão são assim. D'ahi a grande importancia que ligamos á irrigação do solo.

Não temos inundações nem ventos destruidores; não ha saraivas nem geadas. Oblida a necessaria irrigação, estes sertões, ora desolados e devastados pelas seccas, poderão fornecer o exemplo raro, talvez singular, de uma producção de colheitas continuas e ininterruptas de qualquer das especies proprias do clima: algodão, feijão, milho arroz canna, etc.

Conhecedor dessa excepcional pujança deste trecho de terra, que só poderá ser levada a effeito com geral e regular systema de irrigação, temos fé e crenças firmadas que si esta terra merecesse o patriotico sacrificio que o governo da União fez de recursos financeiros com o Acre, tambem ella, em curto praso, indemnizaria esse capital empregado, não só em rendas e riqueza publica como tambem com grandes contingentes para augmentar a população. O clima é saluberrimo.

Só assim é possível explicar o phenomeno de gerações nascidas e criadas desde o berço nas mais tristes e precarias condições de alimentação, mais adequada a formar organismos depauperados do que homens validos, não serem essas gerações, em massa, presas da tuberculose e de toda a negra comitiva de molestias que fazem farta colheita nos arraiaes da miseria.

Sómente a falta de irrigação é a terra desvalorizada.

Vimos que o hectare de terra secca tem o valor de 1\$720. Imaginemos um municipio como o de Caraúbas, pequeno e formado quasi em sua totalidade de terras seccas. Calculamos approximadamente a area desse municipio em 66 kilometros de N. a S. sobre 50 de E. a O., ou 3.300 kilometros quadrados, isto é, 330.000 hectares. Formado elle de terras seccas ao valor de 1\$720, tem essa area o valor de 567:600\$. Vimos tambem que o valor do hectare de terreno regularmente irrigado é de 413\$180. Admittamos, porém, na hypothese, que a abundancia de terreno irrigado fez baixar o seu valor para 200\$000 o hectare, menos de metade. Ainda assim aquelles 567:600\$ de terras seccas elevar-se iam, irrigados, a 66.000:000\$000. Eis ahí, só pela irrigação, um municipio elevando assombrosamente o valor de suas terras.

Ora, a systematisação de irrigação não pertence mais ao dominio das theorias : é um facto possível, humanamente praticavel, e de facto já praticado em mais de um paiz. Ainda mesmo, é claro, que não seja possível irrigar a totalidade da area das seccas, é possível levar essa providencia a tal gráo de desenvolvimento que os terrenos não irrigados alcancem o seu justo valor. Em qualquer caso o accrescimo é enorme. Não são desconhecidos os meios de levar a effeito as medidas capazes de debellar as seccas ; é do dominio de todos, os beneficios que d'ahi advirão. Acreditamos que si aquelles que dispõem dos destinos desta patria, conhecessem de perto os soffrimentos e a miseria que nas crises flagellam esta população soffredora, já teria sido saldada, na phrase de Euclides da Cunha, esta divida secular para o caboclo do norte.

Nas seccas até a vida do individuo fica desvalorizada. Feriu-nos profundamente a imaginação, ao tentarmos soccorrer uma creança, victima de um desastre, em uma dessas ultimas seccas, a exclamação que na palhoça ouvimos e pae, afficto e amargurado:

— Ora ! senhor doutor, essa não pádecerá mais fome !

Entretanto esse povo assim desalentado, logo que as pri-

meiras chuvas fertilisem as terras, elle, faminto, esqualido, andrajoso, esmolando a semente, vae lançar ao solo a incerta e duvidosa esperanza de seu proximo bem estar, talvez novamente crestada por inclemente verão. Quantas vezes temos visto faces cavadas, membros cambaleantes e exangues, preparando sementeiras que os acodirão, talvez, longos dias adiante ? ! Para assim proceder é preciso ser verdadeiramente um forte !

Os nossos sertanejos não concebem como possam coexistir miseria e uberdade do solo. Não acreditam que «em terras em que não ha seccas» possa haver miseria. Homens que apesar de incultos, assim agem e assim procedem, genuinos, embora inconscientes guardas de fortes caracteristicos da forte raça brasileira, merecerão menos para a Patria do que a immigração estrangeira ? !

Até onde chegará essa raça, quando efficazmente protegida em seu desenvolvimento material e com o espirito cultivado por uma solida e racional instrucção, capaz de preparar a para todos os problemas da vida ? !

Industria Pastoril

Não é muito facil fallar de industria pastoril em epoca em que o gado sertanejo morre á falta de alimentação e á mingua de um gole d'agua.

Receíamos imitar sapiente diplomado, filho do sul, que na secca de 77 invectivava nesta cidade os infelizes sertanejos, victimas da calamidade, querendo forçal-os a voltar aos sertões afim... de plantarem café! O homem attribuiu os soffrimentos dos retirantes á grande preguiça que não lhes permittia cultivar a famosa rubiacea... em uma area rese- quida onde os proprios cardos morriam...

Não é pois, tarefa facil aconselhar o emprego de capitaes e esforços, para melhorar a criação de gados, numa zona em que as forças da natureza intermitentemente destroem os rebanhos. Esses melhoramentos pedem conhecimentos e recursos especiaes; a sua iniciativa, mesmo nos centros prósperos, livres do espantelho das seccas, tem partido dos poderes publicos, cuja bolsa mais potente, recheiada pela communnidade não se esgota á primeira tentativa mallograda.

Emquanto o criador sertanejo, do norte secco, não se collocar ao abrigo dos devastadores assaltos das seccas, a industria pastoril não poderá começar desassombradamente a elevar-se acima da rotina. E, seja dito de passagem, isso applica-se tambem ás industrias agricola e fabril, á vida do individuo e á propria vida social. E' por isso que consideramos como o primeiro problema para a vida deste Estado, o problema da irrigação. Sem esta o sertão será, maxime no tocante á criação "deserta sit regio." Entretanto, para notar o contraste, não deixamos de mostrar a prosperidade da industria em outras regiões. Alli perto, no Rio da Prata, entre os nossos amigos argentinos e uruguayos, á 15 ou 20 dias de viagem, pouco mais da conta de uma viagem para vender sal e comprar rapaduras no Cariry, a criação toma proporções que nós sertanejos taxamos de fabulosas. Em

artigo publicado no *Paiz* pelo sr. Manoel Bernardez, e que por muito longo, não transcrevemos, vê-se que na Argentina a raça flamenga, cuja cultura foi empreendida ha 25 annos, com um nucleo de 20 vaccas e um touro, cuidada e seleccionada com esmero, alcançou inexcédível perfeição.

Dá tanto leite quanto a hollandeza, mas com uma porcentagem de gordura duas vezes maior. O novilho é de desenvolvimento precoce, podendo ser vendido aos tres annos, com um peso de 800 a 1.000 kilos. Em 1903 foi premiada em Buenos Ayres uma vacca pintada de branco e vermelho, que deu diariamente durante oito dias 54 garrafas de leite com 5% de manteiga!

No Uruguay tem sido cultivada a raça "Devon" tambem boa leiteira. Só numa fazenda (cabana Loraine) são criadas 3.000 dessas vaccas, podendo fornecer 1.000 touros, puros, por cruzamento, lindos, de esqueleto pequenino e grandes massas de carne superior, sadios, de admiravel aptidão para reproductores, a ponto de cada um delles poder encarregar-se de 150 vaccas. "Além disso são criados a campo, com pastos muito semelhantes aos do Brasil, pois são principalmente gramineas, que em certa epôca amadurecem e convertem-se em palha secca. Quanto aos caracteristicos da raça "Devon" são, em synthese, estes: a melhor carne, como qualidade, a mais alta aptidão para nutrir-se com qualquer forragem, a ponto de conservar-se invariavelmente gordo, e isto em parte porque sua carne é «filetada» de gordura fina, e não como o zebú de massas de sebo que se derrete ao primeiro jejum e deixa o couro sobre os ossos. Onde as raças bovinas mais afamadas degeneram por falta de alimento abundante o "Devon" desenvolve-se perfeitamente. Em uma recente exposição de novilhos gordos, em Paysandú, houve decisivas comparações a esse respeito. Os novilhos Durham deram um peso medio de 642 kilos, os Hereford 654, e os Devon 658 kilos."

Além dessas vantagens goza o Devon de grande immunidadade contra o mal triste. Raramente é atacado por esse mal. Em 1907 na Argentina, um novilho de dois annos de nascido, (raça flamenga) pesou 967 kilos, isto é um garrote passando a novilhote, segundo a classificação sertaneja, pesou 64 arrobas e 7 kilos! Compararemos ligeiramente esses dados com os que fornecem a nossa industria. O peso medio dos bois sertanejos de 5 annos é 120 kilos ou 8 arrobas. O mesmo é o peso medio das vaccas

de qualquer idade. Para as vaccas leiteiras, recolhidas na mais favoravel estação aos curraes sertanejos, a media de 6 garrafas de leite por dia já é, talvez, excessiva!

Podereimos sonhar com aquelle gráo de adiantamento da criação do Prata? Podemos, não resta duvida: as pastagens são riquissimas... quando medram. E' preciso porém, irrigar o sólo, ajudar em grande escala e em grandes proporções o sertão, não só para evitar as grandes hecatombes das seccas, como tambem para evitar que, mesmo como acontece nos annos regulares, o gado definhe durante mezes e mezes, ruminando uma pastagem cujos principios nutritivos tem desaparecido, sob a acção destruidora dos ventos e da canicula.

O Problema das Seccas

O phenomeno das seccas que flagellam os Estados Nordeste do Brasil, e suas consequencias, são apresentados sob a figura de um problema cuja solução tem sido procurada, debatida, discutida... no papel, desde longos annos. Comissões de scientistas, pareceres doutos e valiosos discutem o tal problema, encaram-n'o por todos os lados, offerecendo-lhe soluções. Qualquer, porém, que seja a solução apresentada, por mais complicado e complexo que seja o conjuncto de medidas aconselhadas, pensamos que em ultima analyse ou em primeira analyse, é impossivel deixar de acceitar um ponto para base da solução: para debellar a secca é indispensavel o supprimento d'agua. Dentro das forças que os actuaes conhecimentos offerecem, não se pôde imaginar solução capaz de dispensar o fornecimento d'agua.

E assim nos exprimimos com essa segurança, porque repellimos por absurda e disparatada, a idéa do abandono da zona das seccas, pela mudança da sua população para regiões mais felizes. Seria attestador da ineptia e incapacidade dos brasileiros, o facto do abandono de immensa região feracissima, com as mais honrosas tradições seculares na historia, por surgirem phenomenos naturaes que demandam applicações de medidas conhecidas, relativamente simples e já de efficacia provada entre povos mais zelosos da sua grandeza. Aquelles, felizmente raros, que aninham em seus espiritos a idéa do abandono da região das seccas, semelham o bronco selvagem de nossas matas, de aljava ao hombro, guiando seus passos pelos faciles recursos de uma natureza virgem, incapazes, elles, de amoldal-a á suas necessidades. São degenerados e enfraquecidos filhos dos heroicos luzitanos, que além de "mares nunca d'antes navegados" domaram a natureza rude de um mundo virgem e a ferocidade de hordas selvagens, para lançar sob o cruzeiro o pedestal da pujante nacionalidade brasileira.

Não são irmãos dos heroicos bandeirantes que fincaram

os marcos das fronteiras patrias nos mais remotos sertões do continente. Não lhes corre nas veias o sangue do nortista, que braço a braço luta contra a mais extensa e a mais pujante floresta do universo, dilatando ainda em plena expansão de trabalho a fronteira de sua soberania.

Despovoar, systematicamente, como medida salyadora empregada pela publica administração, a extensa região das seccas!... Mas, é preciso examinar quanto de ineptia, de cobardia moral e de vileza, encerra essa medida. A região das seccas, restringindo esse trecho de terra áquella que parece condemnada a soffrer constante repitição do flagello, é formada pelos sertões do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Parahyba. Esses sertões tão pouco carinhosamente tratados por aquelles que deviam correr em seu auxilio, representam, talvez, a parte mais vital, mais pujante de todo o Brasil.

Essa assersão de apparencia paradoxal, só nos atrevemos a lançar porque é amparada por testemunhos insuspeitos, e rigorosos dados estatísticos.

O sertão das seccas, periodica e fatalmente soffre crises mais ou menos intensas, que abalam fundamentalmente a sua economia. O producto do trabalho da população, accumulado em alguns annos, é insufficiente, em cada crise, para evitar-lhe grandes soffrimentos; fique embora tudo esgotado, tudo atirado para outros Estados: nem um real fica em previdente reserva. O obituario accusa um augmento assustador; e esse numero verificado está muito longe de indicar o decrescimento da população: o parto prematuro, o nascido morto, o que pouco sobrevive ao nascimento, representam valioso elemento numerico, que na desorganização e na angustia das crises não é levado em conta. Seria curioso verificar, vinte annos depois de uma secca, quantos individuos nascidos sob a crise ainda viveriam. O decrescimento da população occasionado pela retirada, pela emigração que se estabelece, principalmente para o norte, tambem não é inferior ao produzido pelos que morrem victimados pelo flagello. Basta notar—dados muito conhecidos—que mais de 60% da população da Amazonia é constituída pelo elemento das zonas das seccas. E' indispensavel notar ainda que pelo menos 25% dessa população que emigra para o norte desaparece ao chegar, victimada pelas condições mortíferas do clima do norte, auxiliadas pelo abandono a que é atirada.

O desfalque da população é, pois, immenso: não é facil

um calculo approximado. Maior ainda é o prejuizo nas forças productoras, na riqueza publica cu particular. O decrescimento da população notado acima, é bastante para confirmar.

O abalo economico é profundo. O sertão secco fica uma especie de taboa rasa sobre a qual se tenha passado uma esponja.

A industria pastoril fica reduzida á menos de 40% e essa pequena porcentagem foi salva a custa de sacrificios e de gastos não inferiores ao seu valor. A industria agricola desaparece totalmente. Em outras regiões do Brasil é possível uma epizootia dizimar os rebanhos; o prejuizo porém, nunca é tão grande, nem tão generalizado: si é dizimado o bovino, é salvo o cavallar, o suino, etc.; na zona das seccas, porém, nada escapa á hecatombe.

E' possível que a geada creste e estrague a floração, accarretando diminuição de safra; as plantações porém continuam de pé, em florescimento; a inundação poderá estragar lavouras marginaes; uma crise de superabundancia poderá fazer decrescer o valor do producto: a lavoura porém, continuará de pé, produzindo, auxiliando, á espera de melhores tempos. Na plaga das seccas, tal não succede. Ha uma verdadeira devastação. A lavoura extingue-se, mas extingue-se porque morre a planta, seja herva, seja arbusto; no anno seguinte, nada restará; será preciso... começar de novo.

Esse "começar de novo" exige um esforço, um valor de animo pouco commum. Não é a teimozia inconsciente e instintiva da abelha recomeçando seu trabalho destruido. E' a acção consciente e intelligente do ser humano procurando melhorar e aperfeiçoar.

Certo, esse aperfeiçoamento, esse melhoramento á cargo de uma população sem a necessaria instrucção, sem a indispensavel aprendizagem, sem recursos, não poderá accelerar a marcha para a consecução de medidas garantidoras do trabalho.

A região das seccas, e principalmente os sertões do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Parahyba, estão sujeitos fatalmente a essas temerosas crises, que por mais de uma vez occasionam os males que temos apontado. Nenhuma outra região é tão flagellada. O que poder se ia esperar das condições de vida, de adiantamento, de prosperidade dessa infeliz região? Completo acabamento, rareamento da sua população, esgotamento de recursos, atrophamento de todas as forças materiaes.

E' isso o que se vê? Não. Essa infeliz região das seccas não se tem distanciado muito na marcha evolutiva do paiz. Si não apresenta as galas com que outros se ornã, tambem não apresenta apprehensivos sacrificios lançados sobre o futuro; si a sua população não duplicou, tambem não diminuiu, embora desfalcada de centenas de milhares de seus filhos, que fornecem ao orçamento da União talvez um terço da sua renda, haurida nos seringaes do Norte. Grande contingente de homens ainda fornece a região das seccas, para as forças nacionaes, e para as milicias de muitos Estados. Não ha recanto do Brasil em que deixe de ser notada a figura caracteristica do nortista das seccas.

Esse povo que assim se porta, nunca achou um guia seguro que pela elevação do nivel da sua cultura, orientasse essa energia, quasi instinctiva, muitas vezes inefficazmente empregada. Si tudo isso é verdade, e são factos notorios na vida nacional, não é disparate, nem chega ás raias do paradoxo, affirmar que a região das seccas, ao Nordeste, é uma das mais pujantes da Republica.

Qual o auxilio que essa região tem obtido? Minguados, mínguadíssimos. Não se lhe lance em rosto os 50 ou 60 mil contos dispendidos durante a secca de 1877. Essa enorme somma dispendida naquelle anno representa valiosa esmola que a magnanimidade do imperador enviou em soccorro de uma população que morreria faminta, mas não exprime um factor ou um elemento capaz de impulsionar a região: toda ou quasi toda essa quantia voltou para os centros productores, que a bons preços forneciam os viveres, as fazendas, os transportes, fazendo companhia ás grandes sommas então accumuladas na região flagellada, em periodo superior a trinta annos de relativa bonança. Os 60 mil contos gastos em 77 não circularã nos sertões seccos: foram introduzidos sob a forma de generos, insufficientes para o consumo. Nada podia ser comprado no theatro dos acontecimentos, porque ali nada existia para ser comprado.

Não envolvem essas palavras queixas ou recriminações incabidas: são apenas analyses de factos. Seria injustiça desconhecer a solidariedade manifestada em todo paiz, todas as vezes que os soffrimentos do norte secco appellam para a generosidade de seus patricios. Apenas queremos mostrar que uma região que por cima dos maiores tropeços, lutando quasi só, sustenta com galhardia o seu papel, não merece ser condemnada como um estorvo á vida nacional.

Urge debellar o mal; o mal é a secca; secca é falta d'agua. E' preciso, pois, organizar o supprimento d'agua, e para esse fim o meio mais elementar, mais simples, mais intuitivo e ao mesmo tempo mais efficaz, é a construcção de reservatorios d'agua capazes de resistencia ás seccas.

Açudagem, pequena e media, é da maxima importancia para o desenvolvimento da região das seccas; é impossivel desconhecer e negar-lhe vantagens; quanto mais desenvolvida, quanto maior numero de açudes, maiores serão os proveitos; é questão resolvida por conhecimentos intuitivos sobre numero e quantidade: si uma unidade produz dez, duas produzirão duas vezes mais; tres produzirão tres vezes mais; cem produzirão cem vezes mais: mil, etc.... Quanto maior for o numero de açudes, maior será a capacidade apresentada nas crises, para a producção.

A incapacidade de produzir a que fica, nas crises, reduzido o solo sertanejo é a causa unica de todos os males conhecidos que acompanham as seccas. Portanto o desenvolvimento da açudagem, creando a capacidade de produzir, é um meio de apagar os males conhecidos que acompanham as seccas.

E' tambem evidente, não admittê discussão, que o valor productivo do açude depende dos terrenos irrigados de que dispozer, aptos para a cultura. E é claro ainda que o poder de irrigação de um açude, depende do volume d'agua: quanto mais agua, maior potencia de irrigação, maior resistencia offerecida ás seccas.

Não precisa, pois, esforço para chegar a conhecer que quanto maior for o açude, maior será a sua efficacia e o valor que representa. Si a agua do açude é nas seccas o unico material indispensavel para produzir, claro é que quanto maior porção desse material, maior será a capacidade productora.

Não haja receio da grande açudagem: é a medida mais efficaz, e unica mesmo, para debellar as grandes crises. Seria loucura entrar em combate contra temeroso inimigo, sobejamente preparado e provido de inexgotaveis reservas contando apenas com a escassa munição das patronas.

Levando a cada predio de uma cidade, erguendo a cada canto, mínguados supprimentos d'agua, é impossivel abastecel-a com esse elemento, que se esgotará em curto espaço de tempo: faz se indispensavel preparar reservatorios capazes de efficaz resistencia. Assim é em relação a açudagem. E' preciso encarar o temeroso inimigo—a secca—com pingues mu-

nições; essa munição é agua, que só os grandes açudes poderão fornecer.

Os pequenos açudes esgotar-se-ão ao primeiro assalto; é preciso que os grandes açudes abasteçam os campos com a indispensavel irrigação. Querer debellar as seccas—sem effectos—sem o recurso da grande açudagem, é por-se ao abrigo das pequenas crises, ficando a descoberto nas grandes, nas mais calamitosas. E' portanto uma medida que si já offerece grande alcance, ainda é manca, acanhada, e não resolve o problema: o espantalho continua; a desorganisação, os soffrimentos da região das seccas, continuarão latentes.

O sacrificio exigido para a grande açudagem será compensado: isso não soffre contestação por aquelles que conhecem a vida da zona das seccas. E será mesmo preciso algum sacrificio pecuniario por parte do poder publico, para a construcção de um grande açude? Não; nenhum.

A pequena açudagem, por parte do poder publico será mais dispendiosa do que a grande açudagem; esta ultima talvez possa ser realizada trazendo saldos orçamentarios, mesmo sem contar com a esperada producção.

A pequena açudagem, de incontestaveis vantagens, não offerece plena e segura garantia contra todas as crises—grandes e pequenas. Por esse motivo, e pela relativa exiguidade de terrenos irrigados, não offerece margem a uma desapropriação de terras que possam, divididas em lotes, despertar procura para compra ou arrendamento. Aquelle que já tem sua propriedade, reflecte:

«Não vale a pena abandonar esta minha situação, já preparada, para arrendar ou comprar terreno marginal áquelle açude, que ao apertar-se uma crise, falhará tambem».

Em taes condições aquelles terrenos serão apenas adquiridos pelos que residirem mais proximo ao pequeno açude; e que sem abandonar situação já possuida, explorarão cumulativamente o novo terreno.

Na grande açudagem o raciocinio seria outro; quem na zona das seccas, possuir terrenos capazes de produzir em qualquer crise, estará tranquillo quanto á sua vida material. A linguagem é, pois, outra:

—« Si adquirir um lote de terras acolá, poderei firmar minha residencia, meus meios de exploração da lavoura e da criação. Não seria incommodado por seccas; pelo contrario, a secca decuplicará o valor do que produzir.»

Assim, todos procurarão firmar-se ao abrigo do açude.

De passagem façamos notar, repetindo: o sertanejo das seccas não admite nem accredita existir miseria onde possa criar e plantar. Nas condições expostas, construido um grande açude, desapropriados todos os terrenos, inclusive os marginaes e revendidos em lotes, de valor então adquirido pelos mesmos, cem e até milhares de vezes mais do que tinham, como já demonstramos no capitulo «Nossas Terras» sobejamente será sufficiente para cobrir todas as despezas feitas.

Na remodelação do Rio de Janeiro houve lotes de terrenos que revendidos em leilão, produziram quantia superior ao custo da desapropriação. E' o que se daria com a açudagem, principalmente com a grande açudagem. Imaginemos que um açude medio cuja construcção esteja orçada em cem contos de reis, exija mais a metade dessa quantia para desapropriações, isto é, cincoenta contos. Ficará assim elevado o orçamento a cento e cincoenta contos. Admittamos que dos cincoenta contos, a metade represente valor de terrenos aptos para uma revenda em lotes, ou sejam vinte e cinco contos. Sabemos que esses terrenos assim valorizados, centuplicam o seu custo.

Admittamos porem, uma valorisação apenas decuplicada: hypothese aliás gratuita para o sertão, essa pequena valorisação.

Argumentaremos entretanto com ella, para não escandalizar aquelles que não conhecem as especiaes condições sertanejas. Assim os cincoenta contos gastos em desapropriações, produzirão pelo menos duzentos e cincoenta contos, isto é, muito mais, quasi o duplo da quantia dispendida com a obra toda.

Examinemos agora um grande açude a construir em local de boas condições. E nessas condições offerecemo-nos a apontar dois ou trez, nos sertões do Rio Grande do Norte. Seja esse grande açude orçado em dois mil contos de reis; exigindo mais uma metade ou mil contos para desapropriações. Ficaria assim a obra orçada em trez mil contos de reis. Sob as mesmas bases e proporções do açude medio acima calculado, ficariam quinhentos contos para os terrenos marginaes aptos para a revenda em lotes, que ainda sob as mesmas bases, produziriam cinco mil contos, ou quasi o duplo do valor de toda a obra. Acresce que o grande açude, inmenso reservatorio d'agua, seria capaz de levar longe, alem dos limites das desapropriações, a sua irrigação, aug-

mentando assim em grande escala seu poder de produção.

Nada têm de phantásticos os dados acima expostos; não são dados optimistas.

Não é também imperdoavel atrevimento ao sertão do Rio Grande do Norte sonhar com o auxilio de tres mil contos, que serão immediatamente recompensados, para a construção de um grande açude. Os jornaes do Rio noticiaram ter o Tribunal de Contas registrado, legalizando, despesas superiores a tres mil contos, feitas em preparativos para a recepção dos reis de Portugal, em visitar á Exposição Nacional de 1908. Pelo tragico assassinato de D. Carlos não realizou-se a esperada visita; as despesas porem, foram pagas.

Não é grande atrevimento portanto, nós, do norte secco, sonharinos com a despeza de tres mil contos de reis para pôr ao abrigo de uma calamidade, numerosa população que por si mesma, e immediatamente, indemnitaria o sacrificio.

Não tenhamos receio da grande açudagem; pelo contrario: trabalhemos por ella.

Os inglezes não podem ser suspeitados de sonhadores e chimericos. Não estão presos ao Egypto pelo sentimento de solidariedade de raça; pois ninguem ignora a diversidade das duas raças. Os interesses britannicos no Egypto não são mais do que interesses puramente commerciaes. Pois bem: para aproveitamento de terrenos, elles lá construíram immenso reservatorio em um braço do Nilo, reservatorio já inaugurado ha meia duzia de annos, com uma represa de cerca de cento e quarenta leguas; sendo dispendido na obra cerca de trinta mil contos de réis. Foi dada tal importancia ao facto, que lemos em telegraphia desse tempo: «A esquadra do almirante sir A. G. Cursoc—Houwe, composta dos couraçados Magnificent, Mars e Prince, e cruzadores Doris, Furrous, Juno, Minerva, Niobe, Prometheus, Rainiow e Sulig, com uma flotilha de torpedeiras, avisos e transportes, chegou a este porto (Alexandria) procedente de Suda-Bay, na ilha de Creta, com o fim de tomar parte nos festejos da conclusão do açude do Assuan».

Apezar da gigantesca obra realizada, o mesmo governo inglez resolveu augmentar-lhe muito as proporções. E' o que se vê da noticia publicada no Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura, do Rio, de julho de 1907, sob o titulo «Barragem do Assuan»:

«Sabido é que as grandes obras de irrigação, que a

Inglaterra tem realizado no Egypto, não conseguindo transformar em verdadeiro emporio de riqueza, immensas extensões de terrenos, outr'ora estereis e improductivos. Entre os trabalhos decretados ultimamente pelo Governo Britannico, sobressahem os que tendem augmentar a altura da barragem de Assuan, com o que crescerá de sete metros o nivel de suas aguas, recolhidas nos depositos contiguos á mesma barragem. Calcula-se que o valor das colheitas de algodão, depois de terminadas as obras projectadas, ascenderá a uns quatro milhões de libras esterlinas por anno. Para esse desideratum commercial será entretanto mister sacrificar um pouco o interesse artistico da terra dos Pharaós, pois, segundo parece, será necessario soterrar em parte o templo de Philae e outros magnificos monumentos da Nubia. O governo do Egypto, porem, providenciará para que o damno artistico fique reduzido ao menos possivel. O custo da elevação da barragem de Assuan é calculado em um milhão e meio de libras esterlinas. As obras deverão ficar concluidas em 1913.»

Os inglezes fazem isso (milhão e meio esterlinos, ao cambio de quinze, são vinte e quatro mil contos) nas inhospitas regiões africanas, para favorecer seus interesses commerciaes. Os nossos homens ficam estatelados de assombro ante a idéa de uma obra de vulto, nas livres plagas americanas, nas uberrimas regiões brasileiras; obra que favorecendo o progresso geral, viria salvar da morte, da miseria, milhares e milhares de compatriotas!

Não haja medo de grandes açudes. Não é uma simples aventura de valorisação de productos... E' uma operação cujos dados conhecidos levam infallivelmente, com a certeza de um calculo mathematico, a uma solução, a um resultado que implica a salvação de vidas e augmento da riqueza nacional. Não haja receios de favorecer a população da zona das seccas com melhoramentos; ella saberá dar-lhes valor e tirar o possivel proveito.

Segundo dados colhidos no «Parecer» apresentado em junho de 1907 ao Club de Eugenharia, no Rio, pelo Dr. Raymundo Pereira da Silva, vê-se que o saldo da exportação, nacional sobre a importação regulou em 1904 — 14\$710 para o nortista, e 10\$480 para o sulista; em 1905, 14\$360 para o nortista e 7\$860 para o sulista em 1906 — 18\$260 para o nortista e 12\$330 para o sulista.

Entretanto não ha quem desconheça que todos os melhoramentos de vulto têm sido distribuidos ao Sul; que a

immigração estrangeira entra em menos de 20 % para o Norte, e em mais de 80 % para o Sul; portanto o trabalho nortista é todo nacional, esse trabalhador julgado imprestável, pela maioria dos patriotas; e que finalmente mais da metade da exportação nortista é representada pela borracha, producto em sua quasi totalidade fornecido pelo nortista das seccas.

Só a grande ajuda poderará amparar a lavoura, desenvolvendo-lhe meios racionaes e fóra da rotina para aproveitamento da riqueza.

E' exacto que o soerguimento da lavoura, tanto ao norte como ao sul soffrerá os grandes erros e preconceitos do analfabetismo geral da Nação, e a grande falta de preparo tecnico d'aquelles que a ella se entregam, annos ainda. Já é balda atirar a responsabilidade desse ultimo mal ao bacharelismo, que seduz a mocidade, lançando-a atraz de um titulo scientifico, que muitas vezes é, de facto, apenas um titulo. Mas é esse mal arraigado nos habitos nacionaes, sobre o qual os governos lançam seus escoujuros em pesados relatorios, procurando entretanto fomental-o por todos os meios.

A mocidade e principalmente os paes dos educandos, vêm ministros, deputados, governadores, atirarem baldões contra a bacharelise que rouba talentos e aptidões á agricultura, capazes de eleva-la ao pé em que deve ser collocada. Um sorriso ironico assoma-lhes aos labios.

D'onde vieram esses grandes sabios, esses trovejantes patriotas, que refestelados em commodas e inuteis sinecuras, têm o patriotismo de engulir fartos rendimentos, para nada fazer?

Não vieram do céu, esses entes privilegiados: em geral são fructos das Academias; são officiaes do officio de explorar as classes productoras, e que nem sempre seguros no officio, procuram arredar concurrentes.

Um paiz que tenha filhos a educar e deseja encarreiral-os a uma profissão honesta perante a sociedade em que vive, mas que seja capaz de garantir-lhe futuro, bem estar material, olha, e examina o meio que o cerca. De um lado vê uma classe de productores que trabalha sem cessar, ao abandono, e cujas mais palpitautes necessidades não são attendidas; sobrecarregada com todos os encargos necessarios para sustentar a engrenagem pèrra da administração e a inutil e pernicioso vida da politicagem; seus productos são em mais de metade absorvidos por transportes difficultosissimos; se tenta fazer-

se ouvir e representar ali está a falsificação do direito politico para ludibriar seus intuitos; supporta todo o onus, sem relativa compensação. De outro lado, vê uma classe relativamente privilegiada. Os desta ultima são os dominadores; dispõem a seu talante da riqueza publica, e da particular que arrancam sob o nome de impostos; si trabalham seis horas por dia, estão esalfados. Si aumenta o calôr, ganham as estações de recreio; si adoecem são licenciados com vencimentos; si morrem o Estado ampara-lhes a familia. Vivem nas grandes cidades, onde não escasseiam meios de educação para os filhos. Uns intitulam-se representantes da nação e fazem o que um operario honesto envergonhar-se-ia de praticar: dobram o tempo determinado para dar conta do serviço, com o fim de dilatar os ganhos. Outros são chefes que põem os subalternos a trabalhar, enquanto passam vida de malandros.

Nem sempre os dinheiros publicos acham fieis guardas em suas mãos.

Quando as classes productoras fazem exangues pela sobrecarga de impostos, soutram, os outros, com augmento de ganho.

Nessas condições, qual será o pae que vacille em afastar o filho d'aquella classe soffredora? Qual o espirito joven e ardente que não aspire brilhar, gozar, dominar? A educação nacional, maxime ao norte onde a agricultura é mais pobre, ainda está falseada a tal ponto, que o mais bronco titulado recebe mais considerações do que pobre e honesto agricultor. Não nos insurjamos, porém, contra uma classe, nem contra o bacharelismo. Ninguem poderá negar que quasi todas as uteis obras levadas ao organismo nacional são dos bachareis.

O jesuita auxiliou efficazmente a domar o selvicola; o bacharel, espalhado pelos mais remotos sertões do antigo imperio, percorria immensas comarcas, corrigindo, aconselhando, ensinando principios sociaes, cabindo algumas vezes victimado pela ferocidade de truculentos mandões.

Não é em incutir principios juridicos que está o mal: é em falseal-os. Aquelles que negam o valor das regras sociaes dos principios juridicos, são como os que negam a utilidade do sol, durante o dia. E' impossivel progresso em uma sociedade, sem principios reguladores de suas relações: é possivel, apenas, discussão sobre os meios de firmal-os. Na sociedade brasileira, não têm sido os bachareis os protogo-

nistas das grandes pipineiras, escandalisadoras da opinião publica.

Para erguer as forças productoras da Nação, não é preciso extinguir uma classe; é porém indispensavel instruir, mas instruir racionalmente, todas as camadas sociaes. Só assim será possível a defesa de todas os direitos; só assim não se verá uma enorme multidão de trabalhadores e de productores, tangida, despresada, abandonada, roubada, por milhares que a exploram.

Infelizmente podemos ainda repetir as palavras de Olavo Bilac: «E' vergonhoso, é humilhante, é horroroso, dizer que o Brasil é uma terra de analfabetos. Mas que havemos de fazer, si isso é uma flagrante, uma evidente, uma indiscutiavel verdade?!»

Eis ahí porque a nossa educação nacional, ou antes, a falta de educação nacional, faz com que o titulado seja olhado como uma entidade acima dos communs mortaes que produzem; eis ahí porque agalooado soldado, acolchoado em vistosa farda, olha de cima para baixo o homem do trabalho que fornece-lhe dinheiro para enfeitar-se.

Já temos sentido acanhamento quando ao apertar a mão callosa de honesto agricultor, até então nosso desconhecido, vemos que elle enche de attenção o titulo com que nos decoramos, elle cujo honesto e esforçado labor vale mais do que qualquer epigraphe a ornamentar um nome individual. Não é, porém, só o doutor que recebe esses favores da attenção publica, maxime nos sertões.

E' empregado do governo?... — Aquelle é feliz, diz o pobre sertanejo, tem o seu roçado seguro, nem secca, nem lagarta devora-lhe a planta. Não precisa remontar cercas, fazer açudes, tratar de gados; não sentirá bater-lhe á porta atraz do imposto; não porá o pé na lama; tem quem lhe pague até as viagens. Queixa-se de mesquinhos vencimentos—..... 2.000\$000. Realmente é dos menos remunerados; mas representa o juro de 10% sobre o capital de vinte contos, valor que minha propriedade não alcança. E da minguada renda desta ainda tenho que dar mais uma parte para sustentar esse feliz.

Com esse raciocinio, que o sertanejo reputa irrespondivel, o seu sonho dourado é abandonar a sua rude, digna e honesta vida da agricultura para encaixar-se na burocracia.

Para evitar esse estado de cousas, conducente a preparar a ruína de um povo, é indispensavel instruir, educar todas

as camadas sociaes, e principalmente proteger a producção, não por meio de impostos que encareçam a vida, mas por meio de auxilios, de melhoramentos, de vias de communicação, de portos, de transportes, e principalmente, ainda, pela diminuição dos encargos. Ninguém entrega-se a uma profissão, de boa vontade, sabendo que os seus encargos e as difficuldades são grandes, e suas compensações diminutas.

Si o bacharelismo e a burocracia são um grande mal, só ha um meio de combatel-o: tornando a vida industrial, e principalmente a vida da agricultura, apta a produzir compensações, diminuindo-lhe difficuldades e tributos.

Ha uma classe que rouba tambem muito pessoal á agricultura: o commercio. Ora, o commercio, maxime o retalheiro, é uma profissão totalmente parasitaria; nada produz, e os seus encargos são pagos pelo consumidor. A oppressão que soffre recabe indirectamente sobre o consumidor e sobre o productor. Diminuir-lhe pois os tributos, é auxiliara producção.

Emquanto a agricultura não tiver a protecção que merece e que lhe é rigorosamente devida, não a protecção dada nos relatorios, mas protecção de facto e de verdade, não poderá tornar-se uma profissão attrahente para aquelles que almejam melhorar suas condições de vida.

Não é certamente tirando á agricultura grande parte de suas rendas, que se conseguirá tornal-a profissão desejada. Não ha quem ignore que a hourozissima profissão do agricultor precisa de pessoal numeroso e habilitado, pois a vida da sociedade repousa na producção agricola: é preciso não tratar a agricultura como são tratadas as colmeias, que o industrial cerca de cuidados e de zelos, mas rouba-lhes todo o mel produzido.

Si todo o territorio nacional, na phase de desenvolvimento em que se acha, reclama urgente protecção, nenhuma porção mais precisa do que a zona das seccas. E para essa zona das seccas a mais inadiavel necessidade é a irrigação do solo, que, entre nós, só poderá ser conseguida pela açudagem, principalmente pela grande açudagem. Isso é intuitivo, é claro, é evidente: aos primeiros ataques da secca, os pequenos açudes cedem; ao segundo e ao terceiro anno, quando a crise é indiscriptivel e angustiosa, quando a vida sertaneja apresenta um verdadeiro becco sem sahida, e acham-se os recursos da industria pastoril, os meios de transportes e as minguadas fontes de producção na exclusiva dependencia dos

açudes, estes si não forem de grandes proporções, nada poderão dar, inúteis então e exhaustos. Para as grandes crises, só, só e exclusivamente os grandes açudes, poderão offerecer efficazes recursos.

Só tambem, sob a protecção de grandes açudes, poderão ser tentadas medidas complementares contra as seccas, entre as quaes aponta-se a arborisação. Os que aconselham a arborisação do sólo sertanejo, mesmo antes da grande açudagem, nunca viajaram nos campos e nas mattas (?) sertanejas, depois de uma secca, ao começar um inverno; por entre o novo ramo que brota, por entre a copa do arvoredo que reverdece, contrasta o tronco resequido, o galho mirrado, sem vida, attestando um sem numero de victimas do flagello que acaba de passar.

Essas arvores mortas, são arvores alli naturalmente nascidas, sob todas as condições de resistencia e de adaptação em longos annos alcançada. Sem açudagem impossivel é tentar arborisação regular.

Não é possivel desconhecer a importancia e a influencia das arvores sobre as condições climatericas de uma região. Julgamos entretanto hypothese aventurosa querer attribuir as seccas, as nossas seccas, á devastação de mattas.

A devastação das mattas não tem tido influencia sobre as nossas seccas, por uma simples razão: nunca esta zona das seccas teve mattas para devastar.

Desde os mais remotos tempos do Brasil colonial, tradições e chronicas referem invasões do littoral pelos selvagens dos sertões, acoçados pelas seccas.

E a secca mais calamitosa e mais duradoura de que ha noticia, foi a de 1723 a 1727, nos sertões do Ceará.

O sólo sertanejo apresenta quasi a nú o seu petreo esqueleto; a camada de terra que mostra não é apta a produzir florestas, mattas; a vegetação é quasi toda representada por arbustos, mais ou menos desenvolvidos.

Para admittir a hypothese de dar a devastação das mattas como causa das seccas, é preciso fazer remontar essa devastação á remotissima epoca, da qual não são conhecidos indícios, tão remota que possa dar margem ao desrevestimento do sólo, da sua primitiva camada de terra. E' preciso procurar a causa das seccas em phenomeno outro.

Não temos competencia. E' porem de acreditar que antes da camada de terra produzida sobre a superficie do globo, chegar ao estado de apresentar aptidões a receber

florestas, já o regimen dos ventos—si é permittida essa expressão—gosava de uma tal ou qual regularidade. Sob esse regimen desenvolveram-se então as riquezas vegetaes dos continentes, que em milhares de annos aquinhoadas pela humidade, pelas chuvas que lhes eram destrribuidas pelas correntes aereas, puderam chegar ao estado que actualmente apresentam. O regimen dos ventos, na hypothese que atrevidamente aventuramos, nunca permittiu, *ab initio*, a esta zona das seccas, regular e methodica distribuição d'agua. D'ahi a sua falta de florestas, e a pouca densidade de sua camada de terra; d'ahi a secca, causa e não consequencia desses dous ultimos aspectos da região.

Não é porem a causa das seccas que actualmente deve chamar nossa attenção e sim o meio de corrigil-as, ou antes de diminuir-lhes, obstar-lhes os máos effectos.

Entretanto como é innegavel a influencia do regimen florestal sobre o regimen das aguas, citaremos duas opiniões que de algum modo amparam o que acabamos de dizer.

Alfred Kirchhoff, no seu opusculo *O Homem e a Terra*, assim se exprime: «Mesmo nesta economia d'agua temos de reconhecer o papel capital da matta. Que a derrubada deva sempre levar á decadencia de um paiz, não se pode certamente admittir. Isso depende inteiramente de sua dotação natural. As ilhas britannicas foram por seus habitantes convertidas no membro mais desguarnecido do corpo europeu, e entretanto continuam um dos membros mais chuvosos, porque o S. W. impelle da corrente do golpho nuvens de chuva em abundancia, que estas encontrem mattas, ou pastos irlandezes, ou campos inglezes, ou terra de parques. A derrubada de mattas em qualquer região nemorosa é o primeiro e indispensavel acto de civilisação do colono, pois este precisa de sólo limpo para construir sua casa e fazer suas plantações. Mas ai do povo que sem intelligencia para a peculiaridade de de seu lar, esbanja presumpçoso seu patrimonio de matta! Na Africa Allemã de S. W. vamos agora acompanhar o exemplo dos inglezes da Australia, zelosamente colligir em cisternas ou açudes o thesouro de aguas das chuvas locais do verão, que até aqui corriam inaproveitadas, para servirem á criação e á lavoura.

A madre natureza em espaços terrestres mais favorecidos, abriga a agua distribuida do céu em forma de chuva ou de neve sob o tecto verde da mata amiga contra a evaporação

demasiado rapida, contra o escorrimento devastador, principalmente em montanhas.»

Em interessante artigo publicado no *Jornal do Commercio* do Rio, em 30 de setembro de 1893, e que por extenso não transcreveremos todo, lê-se: «A destruição desapidada que soffreram (na Rússia) as florestas durante longos seculos, tem afinal produzido effeitos graves pela diminuição da media pluviometrica. D'antes, as zonas das mattas atrahiam e suspendiam a humidade que por consequencia se distribuia lenta e gradualmente em beneficio da agricultura; agora, porém, sobre vastas regiões — aquellas cobertas pela terra vegetal apenas se avista uma ou outra arvore isolada.

«Na Rússia estão-se repetindo as infaustas experiencias da Asia Central, que na antiguidade era um jardim de fertilidade e hoje não é senão um grande deserto, povoado somente por tribus nomadas.»

Tenho mais especialmente em mira ao escrever este artigo os interesses das regiões aridas do Brasil; mormente dos Estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, aos quaes tenho durante muitos annos prestado especial attenção, em relação ás causas das seccas, e aos preventivos dos seus effeitos funestos.

«Nesta região como na Rússia, cahe pouca chuva durante alguns mezes do anno, chegando as vezes em occasiões inopportunas, ou em certos annos, cessado de todo.

Durante outros annos, apesar da quantidade das chuvas cahidas ser mais do que sufficiente para abastecer o solo, estas são de tão curta duração que as aguas não podendo escoar-se com bastante rapidez transbordam dos leitos, produzindo medonhas inundações nos terrenos planos dos valles. As aguas das chuvas excessivamente grossas, como muitas vezes são, depois de varrer o terreno argiloso dos «carrascos» arrastando do solo todo o humus e junto com este as sementes cahidas das arvores existentes, acabam infiltrando se no subsolo arenoso dos leitos, e desaparecendo de todo da superficie do terreno, quasi sem beneficial-o. A rajada diaria dos alisios, fortes e quentes durante a secca, vaporisa em curto espaço de tempo toda a humidade da vegetação, murchando as frondes e seccando a superficie do solo, sendo tambem adustados pelos raios abrazadores do sol.

«A destruição das mattas tem indubitavelmente influindo, em larga escala, para o depauperamento gradual e final extincção de algumas das raças antigas do globo.

«O abalisado autor Kranitz, no seu «Etude sur les Murs des Reservoirs» diz: «Em consequencia de causas complexas das quaes as principaes parecem ser as derrubadas das mattas na cultivação do solo, o regimen dos nossos cursos d'agua, especialmente no Sul (França) torna-se de mais a mais desigual.» «O professor Durand-Claye, no seu tratado «Hydraulique Agricole» declara que as florestas não têm acção alguma sobre o clima geral de um paiz, quanto á temperatura, á altura da chuva cahida etc. sendo sua influencia sob este ponto de vista inteiramente local e de fraca importancia. Porem a arborisação e a plantação da relva com certeza intervem para retardar o affluxo das aguas torrencias, creando um solo onde fica impedido á nascença de regueiros, e vaporizando ou retendo pela folhagem uma parte da agua cahida.» Em outro lugar diz o mesmo autor: «As variações das alturas pluviometricas, no seu conjuncto são independentes das incidencias locaes e notavelmente da visinhança das mattas. Em certos pontos se tem accusado a destruição das mattas de ter trazido um augmento da altura da chuva, porem esta acção das mattas não parece nada estabelecida, ao contrario á rearborisação dos laudes, parece ter trasido a Bordéos um augmento da altura pluviometrica annual.» Ainda em outro lugar diz: «A acção das florestas sobre o regimen das aguas tem dado lugar a muitas discussões. O certo é que as mattas exercem uma acção salutar, reguladora e conservadora sobre as fontes, e affloramentos da agua nos terrenos impermeaveis—pela formação da ferrugem que ellas produzem até sobre a rocha, tornando menos denso os solos argilosos, e desaggregando-os; nos terrenos permeaveis—em retardar a infiltração demasiado rapida das aguas para as fontes, impedindo assim as enchentes excessivas do lençol d'agua. As mattas e as culturas reagem, não somente em retardar o escoamento das aguas das chuvas, mas em oppor-se ao escarpamento dos terrenos.»

Esse artigo do qual acabamos de transcrever trechos e citações, é assignado por R. J. Callander.

Como vemos as opiniões, os factos mesmos, não são muito accordes em attestar que a altura pluviometrica de uma região, o cahimento de chuvas, esteja na exclusiva dependencia do regimen florestal; é por isso que subordinamos o regimen das florestas ao das chuvas, dominados ambos pelo regimen dos ventos.

E' preciso evitar o circulo vicioso: não chove, porque não ha mattas; não ha mattas porque não chove.

Onde o regimen dos ventos *ab initio* permittiu a formação de florestas, sendo estas depois pelo povoamento da região, devastadas, veio a aridez, por causa da acção directa dos raios solares sobre o sólo nú; por causa do arrastamento das terras, de suas camadas superficiaes, etc. etc. E' o caso da Palestina, Asia Central, etc.

E mesmo assim sob regimen de ventos mais favoraveis; e sob a acção protectora de outras cousas taes como latitude, natureza e configuração especial do terreno, a devastação das mattas não produzia a aridez.

E' o caso das Ilhas Britannicas, segundo atesta A. Kirchoff. Aquella região porem onde um regimen de ventos é mais desfavoravel, não conseguiu ver sua superficie coberta de florestas.

E' o caso dos grandes desertos como o Sahara onde nunca (não é facil affirmar esse nunca, pois a historia geologica do planeta perde-se nas mais recuadas eras) houve florestas; não foram ainda encontrados vestigios.

A nossa zona das seccas tem o seu regimen especial de ventos; cahem sobre ella chuvas, mas a configuração do sólo, bastante inclinado para o littoral, parece ter sempre arrastado a rocha que se ia desaggregando do seu esqueleto petreo, não permittindo camada de terra sufficiente para espontaneas mattas. Não resta duvida que a arborisação artificial seria um correctivo; entretanto essa arborisação reclama medidas preparatorias que venham em auxilio da natureza; e entre estas a principal é a construcção de diques que retenham as aguas, fornecendo a necessaria humidade, e diminuido progressiva e methodicamente aquelle declive para o littoral, pela retenção da terra arrastada, e quebraimento das torrentes.

Si todos são concordes em apresentar a arborisação do sólo, o seu revestimento de vegetação, indispensavel para reter as aguas e para conservar e augmentar a camada de terra da superficie, então conservada pela protecção da vegetação que impede o seu arrastamento, é ainda a açudagem capaz de prover a essas palpitantes necessidades. Mais do que as arvores, retem aguas, evitando o escoamento: é claro. E mais do que as arvores, retem as terras. Ninguem ignora que a cabo de longos annos, o leito dos açudes é alteado por sedimentos nelle depositados. Uma systematisação de açudes

e de barragens nos rios e ribeiros, é pois meio rapido e efficaz para modificar a natureza do solo sertanejo.

Esse processo já em pequena escala, rudimentarmente, principia a ser empregado. Uma parede de pedras soltas, atravessada em pequena grota ou escavação produzida por escoamento de aguas pluviaes, em pouco tempo nivela o terreno, pela retenção de terras arrastadas pelas aguas; offerecendo excellente terreno de alluvião para plantações.

Sob esse aspecto é pois a açudagem ainda, o melhor meio de corrigir o desnudamento da superficie do sólo. Um açude secularmente feito, si deixar de armazenar agua, representará uma superficie de terra cultivavel, ganha e alteada sobre o esqueleto petreo do solo. Isso importaria pois, constante e progressivo augmento da camada de terra sobre o sólo petreo do sertão, favorecendo suas condições para a lavoura, e tornando praticavel desenvolvida arborisação.

Ha muitos sitios nos quaes a plantação de coqueiros morre facilmente porque em annos seccos, as raizes que aprofundam-se em procura de humidade, topam camadas petreas do subsolo. Esse facto, aliás commum no sertão secco, prova a pouca espessura da crosta de terra, e afasta do terreno de hypotheses gratuitas, esses ultimos phenomenos que temos analysado.

Uma outra medida complementar para a luta contra as seccas é o armazenamento de forragens. Ainda essa medida que representa utilissima providencia só poderá ser methodizada com a açudagem; e principalmente com a grande açudagem.

Um fardo de feno pesando 60 kilogrammas poderá alimentar diariamente quatro animaes—bovino ou cavallar. Um pequeno criador possuindo cem animaes, precisará portanto de 25 fardos diariamente, ou 750 por mez, ou 3.000 em quatro mezes. Essa fenação só poderá ser feita em junho ou julho. Admittindo que cada fardo possa ser obtido em deposito, pela quantia de \$200, os 3.000 fardos representam pois ~~6000~~ 600\$000. E' uma despesa pesada para ser supportada pelos rendimentos que poderá dar a pequena fazenda, sujeita á perdas, e outros encargos. Acontece alem disso, que essa fenação feita em julho de um anno, sendo o anno seguinte secco, esgotar-se-á logo nos primeiros mezes da crise, pois não foi possível renovar a, uma vez que o solo não produziu forragem sequer para um fardo. Na Europa essa providencia de armazenar forragens é indispensavel e facil, pois as estações são certas,

regulares e curtas. Entre nós o que predomina é a incerteza. Entretanto com o açude, maxime com o grande açude, o mal será removido. Esgotou-se a provisão armazenada? Ali está o açude; ali está um poder productor; pela irrigação e pelo aproveitamento dos residuos da lavoura, a produção será constante; é possível sem sacrificios, supprir os depósitos de feno, além de obter forragens verdes.

E' impossível a um criador com 500 rezes, sem auxilio de poderoso açude, estar preparado para alimentar o gado em dous annos consecutivos de secca. Ainda mesmo que fosse preciso alimentar o gado á feno apenas alguns mezes, seria preciso, sob as bases acima, uma despeza mensal de 750\$000 sem incluir despesas com o pessoal do trabalho, com aguidas, accommodações, etc., o que elevaria a despeza a mais de um conto de réis por mez. O açude além de garantir a forragem, reduz a menos de metade taes gastos.

Armazenar forragens é uma medida de grandes vantagens, felizmente já principiada a ser executada com muito proveito. Para ser praticavel porem, é indispensavel a açudagem, pois é preciso ter bem em vista que, nos annos de secca, a pastagem dos campos não é renovada não nasce nos campos.

Admittamos que um fazendeiro com cem rezes em um anno regular queira precaver-se contra o seguinte que pelas suas *experiencias* previu que será secco. Teria que formar depositos para doze mezes, pois entrando o anno secco, em fevereiro já precisaria tratar do gado; e esse trato irá até fevereiro do anno futuro. Pelos dados já apresentados seriam precisos 9.000 fardos. Ora, isso como medida regular e generalisada, é absolutamente impossivel no sertão secco. Os minguados recursos não o permitem, a falta de pessoal não consente; e em um município de 10.000 rezes, seriam precisos 900.000 fardos, o que significaria pellar os campos, estabelecendo assim logo a crise de pastagem, para prevenir futura e incerta crise.

No sertão secco, já vimos, não ha em um mesmo anno, renovação nem augmento de pastagem; se esta for colhida no fim do inverno em julho, só virá outra em fevereiro do anno seguinte, havendo inverno; no caso de secca, será preciso esperar mais doze mezes. Sob a protecção porem, de açude capaz de irrigação, as pastagens se reproduzirão continuamente; serão utilizadas á proporção das necessidades, auxiliadas efficazmente pela propria exploração agricola.

Um só homem não pode preparar nos pedregosos campos sertanejos, forragem para mais de dous fardos por dia—oito arrobas; em capinzal de açude, poderá preparar tres ou quatro vezes mais. E' o açude o melhor deposito de forragens de feno.

Sob qualquer aspecto que seja encarado o problema das seccas, a açudagem será a sua solução mais simples, mais praticavel, mais segura e mais de accordo com as condições naturaes offercidas pela região assolada.

Para que vacillar pois? Porque não atacar logo obras capazes de dar golpe mortal na calamidade, em vez de deixar cahirmigalhas orçamentarias que nunca poderão produzir resultados efficazes, pois só permitem serviços incompletos, palliativos que ao cabo de annos, com tal methodo de serviços apresentarão enorme dispendio, sem relativa compensação? Não acreditamos que seja por um requinte de crueldade esse satânico prazer de prolongar os soffrimentos de uma população.

Depois de 1877 o sertão tem sido victimado por series de annos de invernos maus seccos mesmos alguns; entretanto não houve a repetição de dois annos consecutivos de tigrrosa secca, o que caracteriza as grandes desgraças da zona das seccas. E' de esperar, é de suppor, que a repetição dessa grande desgraça que se tem manifestado uma ou duas vezes por seculo, se approxime; não ha pois tempo a perder. Urge dia a dia obstar os effeitos dessa calamidade que as chronicas e as tradições nos autorisau a esperar. Durante a calamidade é impossivel remediar o mal.

Bastam mesmo essas crises menos horrorosas, para obrigar a medidas serias e urgentes. Em 1908 a secca foi terrivel; entretanto o sertão ainda salvou-se porque em 1909 houve algum inverno. Si porem continuasse 1909 em crise, seria possivel imaginar os horrores que se desdobrariam, o increditavel esphacelamento da vida de toda a região?

Na secca que acaba de findar o padecimento foi cruel, a miseria pesou duramente sobre a população. Não é do seculo em que a solidariedade humana parece querer accentuar-se, o indifferentismo pela desgraça alheia, e menos pela desventura collectiva.

Registramos aqui um artigo do *Commercio de Mossoró* de 28 de março de 1909. Si em uma das mais importantes cidades do Estado o soffrimento chegou ao ponto que nelle vemos,

é fácil imaginar o que succedeu no alto sertão ! Eis o artigo :
«A Fome no povo.»

«A fome está se generalizando. Já não é só a população pobre que soffre os seus effeitos. Ella está sahindo da camada inferior para invadir tambem o lar de familias respeitaveis. Sabemos de familias das melhores relações sociaes, que estão soffrendo privações de alimento, passando fome. A principio mandaram vender trastesinhos de casa, objectos sem valor que lhes foram adiando as agonias do estomago. Esgotado este triste recurso, estão reduzidos á penúria e á miséria.

Contrista o espectáculo da fome, e apavora o receio estremo a que vae chegar. O nosso illustre director recebeu a seguinte carta de uma professora desta cidade: «Ha dias li em sua folha a noticia da morte das filhas do Cachico; mas morando elle em logar deserto, nas brenhas, e faltando-lhe o recurso para comprar o pão, não é tanto para admirar, como morrer tambem de fome duas pessoas já velhas no meio de uma cid. de civilisada, habitada por gente christã. Estas duas pessoas a quem me refiro, são: eu e meu velho marido; elle não pode mais trabalhar, tanto pela idade, como por doente; eu tenho trabalhado muito para não mendigar de porta em porta. Eusitava a ler a alguns meninos; os meus ganhos eram muito poucos, porem eu sempre ia passando; hoje porem que os meninos tem sahido quasi todos da escola, pois são filhos de homens pobres, por esta razão vejo-me a ponto de morrer de fome. Ha muitos dias me sustento com uma banda de pão, e dias ha que vou dormir em jejum natural. Nestes dias se Deus não tiver compaixão de mim, e eu morrer. V. S. pode escrever sem medo de errar, em seu jornal, mais uma victima da fome, pois destes meus dizeres tomo a Deus por testemunha.

Já me sinto muito abatida e o corpo todo me treme de fraqueza; não peço esmola de porta em porta porque tenho muita vergonha mas como já estou dizendo a V. S. o estado em que me acho, peço-lhe por caridade uma esmola para meu sustento de hoje, confiando na bondade que o distingue, e na caridade, virtude esta inherente a todo verdadeiro christão. Deus que paga até um copo d'agua dado em seu nome, lh'o pagará; e eu muito agradecerei.»

Possam echoar, despertando a consciencia do dever, essas singelas, amargas e verdadeiras palavras de obscura e

humilde educadora do filho do povo, já que nossas pallidas expressões não o podem.

Mossoró—Maio 1909.

*
*
*

Os artigos da serie *Contra a Secca* foram publicados no *Diario do Natal* a começar de 22 de agosto de 1907.

As *Nossas Terras* no *Commercio de Mossoró* de 27 de Setembro de 1908.

Erratas

Alem de varias incorrecções facilmente notadas é preciso dar attenção ás seguintes :

Pagina	Linha	Erro	Certo
11	30	culto	inculto
12	28	Timbainha	Timbaüba
13	22	regulamento	regularmente
15	14	purullenos	parvulos
27	21	peixes	feixes
32	17	Pirahú	Paraú
36	28	interno	intenso
51	18	carnaüba	Caraübas
62	14	felizmente	infelizmente
62	41	mupembo	mufumbo
80	33	fortuna	fartura
84	36	Ipanema	Upanema
102	16	B	C
108	10	sobre	sob
109	28	prepara-se	preparam-se
119	11	duzentos mil	duzentos, mil
121	35	4.000	40.000
128	14	sertejas	sertanejas
134	5	Faz-se	Fazem-se
136	15	se vende	vendem-se
154	17	discos	alísios
164	10	inutil	util
170	26	prissão	pressão
187	29	avidez	aridez
191	3	lesivia	lesiria
«	9	dobrado	o brado
«	18	soffrera	soffrea
213	9	possam	podem
280	34	talwey	talweg
281	6	reduzidos	deduzidos
298	28	leguas	milhas
304	11	capa	copa
306	12	aroeira	arvore
307	27	ferrugem	terrugem
309	35	6\$000	600\$000

REIMPRESSO NO CENTRO GRÁFICO
DO SENADO FEDERAL — 1980